Maria Lúcia de Oliveira Lopes Afonso

O Porto segundo o Livro de Vereações de 1559

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2002

Maria Lúcia de Oliveira Lopes Afonso

O Porto segundo o Livro de Vereações de 1559

Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós- Graduados em História Medieval e Renascimento

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2002

À Inês, Carolina e Ana

Índice

Introdução 7

1. 1550 – 1560 9
1.1 O País 9
1.1.1 D. João III, o Homem e o Rei 14
1.1.2. A actuação política nos últimos anos de reinado.....15
1.1.3. A protecção dada à Universidade 19
1.1.4. A regência de D. Catarina 21
1.2. O Porto: um olhar breve 25
1.2.1. Um burgo sem fidalgos 30
1.2.2. As relações com a corte e o poder 32
1.2.3. As relações com o exterior 34

2. A vereação de 1559 36
2.1. A Fonte 36
2.1.1. As reuniões camarárias 37
2.1.2. Onde se reuniam 42
2.1.3. O horário das reuniões 43
2.1.4. A ordem de trabalhos 44
2.2. A Elite do Poder 46
2.2.1. Os oficiais de 1559 48
2.2.2. As competências da Vereação 57
2.2.3. O Procurador da Cidade 58
2.2.4. O Escrivão da Câmara 60
2.2.5. Os oficiais de nomeação régia: o Juiz Fora e o Corregedor 61

2.2.6. O Tesoureiro 64
2.3. Outros ofícios camarários 66
2.3.1. O Almotacé 66
2.3.2. O Porteiro e o Pregoeiro 70
2.3.3. O Juiz dos Órfãos 72
2.3.4. Os Guardas-Mores de Saúde 73
2.3.5. O Alcaide e os Quadrilheiros 74
2.3.6. O Trombeteiro 77
2.4. A Jurisdição do Termo 79
2.4.1. Os Ouvidores e Juizes 80
2.4.2. Os Meirinhos 81
2.4.3. Os Jurados e os Quadrilheiros 82
2.5. Os Mesteres 91
2.5.1. Os Procuradores dos Mesteres 92
2.5.2. Os Juizes dos Ofícios 93
2.6. Os que colaboram com a Vereação 96
2.6.1. Os Procuradores à Corte 96
2.6.2. Contracto de um " Letrado" 98

3. Alguns aspectos da vida Económica e Social 99
3.1. As Finanças Municipais 99
3.1.1. As Receitas 100
3.1.2. As Despesas 107
3.2. O Abastecimento 109
3.2.1. Mercados e feiras 116
3.2.2. Os Almocreves 118

4. Saúde e Assistência 121
4.1 A Misericórdia 123

4.2. Os Enjeitados 126
4.3. Os Mamposteitos dos Cativos 127

5. A Festa e a Religiosidade 132
5.1. As festividades religiosas no Porto de 1559 132
5.2. A Confraria de Jesus 134
5.3. A Procissão do Corpo de Deus 136

Conclusão 141

Apêndice Documental 144
Algumas notas introdutórias 144
Livro 21 de Vereações (1559) 146

Índice de Gráficos e Quadros 379

Fontes e Bibliografia 382
1. Fontes 383
1.1. Fontes Manuscritas 383
1.2. Fontes Impressas 383
2. Bibliografia 385
2.1. Obras Auxiliares 385
2.2. Estudos 386

Introdução

A presente dissertação integra-se num projecto de investigação sobre *História dos Concelhos*. Tendo como principal impulsionador o Professor Doutor Baquero Moreno, foi orientada na fase final pelo Professor Doutor Luís Miguel Duarte, no âmbito do *Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em História Medieval e do Renascimento.*

Este projecto visa conhecer o funcionamento da vereação da cidade do Porto ao longo dos séculos XV e XVI, cuja principal fonte documental são os Livros de Vereações da Câmara Municipal, que fazem parte do espólio do Arquivo Histórico da cidade.

O manuscrito que nos foi atribuído para estudo tem como referência de arquivo o número 21 e recolhe as actas do ano de 1559. Composto por 346 fólios, alguns dos quais em branco, o seu estado de conservação é mau, dificultando bastante a leitura.

Um pouco como nota introdutória e para nos ajudar a enquadrar o ano em estudo, optámos por iniciar o nosso trabalho com uma análise da conjuntura política do país, na década em que o ano se inseria e reflectir sobre a influência que teria na vida da cidade.

Resumimos assim os últimos anos do reinado de D. João III, de 1550 até ao ano da sua morte, em 1557, fazendo uma breve análise da política económica e social seguida no país e nas possessões ultramarinas. As alianças matrimoniais com reinos estrangeiros e a influência da rainha nos acordos internacionais e em algumas medidas tomadas no país merecem também a nossa apreciação, procurando entender algumas decisões tomadas através das causas que as originaram, quer com D. João III, quer depois até 1560, com a regência de D. Catarina.

Depois olhámos um pouco para a cidade imaginando o que seria viver no Porto no alvorecer da modernidade, carregando ainda toda a herança deixada pela Idade Média.

Mas o tema fulcral do nosso trabalho era a investigação das actas de vereação de 1559 e foi através delas que, aliando o estudo da estrutura concelhia à interpretação das informações que nos prestavam sobre a actividade da vereação, tentámos fazer uma análise da administração económica e social e da sua influência no quotidiano da cidade.

Com o título, "*O Porto segundo o Livro de Vereações de 1559*", pretendemos resumir, da forma mais simples, o intuito do nosso trabalho.

E finalmente, porque pensámos que a divulgação da documentação transcrita é importante, originando outro tipo de análises ou servindo de alavanca para outros estudos, optámos pela publicação na íntegra, em anexo, do livro de actas de vereação de 1559.

Resta-me agradecer a todos os que, com o seus conhecimentos, com o seu interesse e a sua amizade, contribuíram para realização deste trabalho.

Assim cabe-me agradecer ao Professor Doutor Baquero Moreno a sugestão de estudar um livro de actas de vereação, sem a qual eu nunca teria conhecido este Porto que só podemos encontrar escondido atrás das velhas muralhas e nas vielas escuras da Ribeira; ao Professor Doutor Luís Miguel Duarte a sua preciosa orientação metodológica, mas também a paciência e a amizade que sempre nos dispensou e acima de tudo a força e entusiasmo com que conseguia transformar os dias mais sombrios; à Dr.ª Odete Ramos a colaboração prestimosa, a amizade e o apoio; aos meus colegas de trabalho, a abnegação com que suportaram as minhas ausências; a todos os meus familiares e amigos o incentivo, a paciência e a disponibilidade.

Finalmente ao Berto, onde quer que esteja, um obrigado especial por me ter ensinado a gostar de História.

1.1550 – 1560

1.1 O País

O período quinhentista, com o maior contacto da Europa com civilizações até aí pouco ou nada conhecidas, origina uma transformação profunda quer nas tradições quer na mentalidade da sociedade europeia, levando-a ao encontro de outros povos através das armas, do comércio ou da evangelização. O nosso País teve um papel preponderante e a contribuição dada foi de tal ordem grande que o valor dos feitos enevoou, por vezes, a crueza dos erros.

Em meados do século XVI Portugal encontrava-se no auge da fama e da glória. A Europa olhava-nos com assombro pelas façanhas cometidas em terras distantes e com inveja pela quantidade de riquezas que afluíam ao nosso país.

As artes, as ciências e as letras atingem o apogeu e sob esses aspectos o período quinhentista foi a Idade de Ouro da História Nacional.

Contudo, nem as condições sociais, nem as condições económicas ou morais do país acompanhavam tal brilhantismo.

Portugal a abarrotar de pimenta, canela, cravinho, rubis, diamantes, esmeraldas e safiras, mas sem pão, arrastava-se numa indigência dourada e dissoluta, alquebrado e pervertido, minado pela cobiça, pela concessão e pelo peculato[1].

Entre 1545 e 1552 verifica-se uma profunda crise económica internacional que leva a uma viragem de posicionamento da economia portuguesa. O país

[1] BASTO, Artur de Magalhães – *Estudos Portugueses,* vol. I, Biblioteca Municipal do Porto, Porto 1962, pág.67.

debatia-se com graves dificuldades de organização de um vastíssimo e fragmentado Império.

A partir de 1550, Portugal ficava apenas com três praças em Marrocos: Ceuta e Tânger, a norte e Mazagão a sul. D. João III depois de consultar os seus colaboradores mais próximos, decide-se pelo abandono de algumas das praças de defesa mais difícil e de menor interesse para a navegação ou para futuras operações neste território[2]. Perdera Arzila nesse mesmo ano mas acabara por conquistar a cidade de Fez.

A política de abandono das praças marroquinas foi ditada por uma série de causas que tornavam impossível a manutenção do Império na sua globalidade. Dentro dessas causas, ressalta, pela sua evidência, a carência de homens e a falta de recursos financeiros e militares. A defesa das fortalezas exigia guarnições numerosas e bem armadas. Assegurar a substituição das tropas era uma tarefa cada vez mais difícil, quer pela falta de homens quer pela atracção cada vez maior pelo Oriente onde muitos enriqueciam[3].

O exército não tinha carácter regular. O que existia eram contingentes integrados por camponeses e alguns combatentes com uma certa especialização, geralmente chefiados por comandantes quase sempre pertencentes à elite, competentes e com bastante experiência na arte de guerrear[4]. Necessitávamos pois de armamento e equipamento bélico que nos conferisse uma certa credibilidade e que mascarasse um pouco a nossa falta de homens e de armas. Se nas nossas abordagens dos outros continentes encontrávamos indígenas quase indefesos como em África e no Brasil, o

---

[2] FARINHA, António Dias – *A Política de D. João III em Marrocos,* in "História da Expansão Portuguesa", dir. de Francisco Bethencout e Kirti Chaudhuri, Vol. I, Ed. do Círculo de Leitores, Navarra 1998, ISBN 972-42-1600-4, pág. 131.

[3] *Idem. Ibidem.*

[4] SANTOS, João Marinho dos – *A construção do Império,* in "Memória de Portugal. O Milénio Português", coord. Geral Roberto Carneiro, coord. Científico Artur Teodoro de Matos (Centro de Estudos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa), Ed. do Círculo de Leitores, 2001, ISBN 972-42-2594-1, pág.283.

mesmo não se podia dizer do Oriente, onde existiam exércitos bem armados e treinados.

No Oriente, os conflitos histórico-geográficos português e turco, após haverem durante largo tempo entrado em confronto, com vista a consolidarem o seu poderio político e económico, optaram por apaziguar as suas discórdias pela via da coexistência pacífica.

As especiarias e drogas orientais retomam antigas rotas comerciais, que as conduzem às repúblicas italianas. Os preços das mercadorias, até então fixados por Lisboa, sofrem a concorrência desses Estados, com o que diminui a margem do nosso lucro.

Devido à crise que toda a Europa atravessava, o monarca português decidiu fechar a feitoria da Flandres. Sevilha e Amsterdão passaram a ser os principais entrepostos do comércio português. Contudo, quem quisesse especiarias teria agora que se deslocar a Lisboa para as comprar, o que encarecia grandemente o produto.

Tendo em conta a protecção dada aos mercadores venezianos em Portugal e igualmente dispensada aos nossos pela Sereníssima República, foi proposto pelos embaixadores de Veneza que os seus mercadores continuassem a manter os privilégios que até aí tinham e servissem ainda como intermediários entre Lisboa e o Norte da Europa nas transações por nós efectuadas[5].

O fluxo comercial da rota do Cabo diminui. A escassez de metais preciosos, necessários à compra dos produtos orientais, é uma constatação. Daí a retracção da nossa expansão mercantil[6].

Realizam-se tentativas para descobrir novas minas de ouro ou prata na América e na África.

---

[5] OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de – *Veneza e Portugal no séc. XVI. Subsídios para a sua História*, C.N.C.D.P., Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 2000, ISBN 972-27-1006-0, págs. 62-67.

[6] GODINHO, Vitorino Magalhães – *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. III, 2ª Ed., 1982, págs. 57-79.

Chega-se pela primeira vez ao Japão, faz-se os primeiros contactos com Macau e dá-se o restabelecimento das relações Sino-Portuguesas, estabelecendo-se uma feitoria em Sanchuang, local onde virá morrer, em 1552, S. Francisco Xavier.

Em 1557 os portugueses obtiveram Macau numa espécie de arrendamento perpétuo e fixaram-se em colónias de mercadores por várias outras cidades chinesas.

No Brasil enceta-se uma nova política económica, abandonando uma economia de subsistência e pequenas trocas, por uma economia de produção, assente essencialmente na mão de obra escrava, obtida através do tráfico negreiro, em que o cultivo da cana do açúcar se torna uma das principais fontes de rendimento e de riqueza[7].

A carência de produtos agrícolas que bastassem à alimentação da população fazia com que grande parte das reservas de ouro fossem parar aos cofres dos reinos do norte da Europa.

A burguesia mercantil não cessava de progredir, desafiando o monopólio do Estado e o poder da nobreza. Dominava a praça de Lisboa e o comércio entre o ultramar e a Europa. Grande parte destes homens eram descendentes de judeus convertidos à força, no tempo de D. Manuel. Isto levou a que o círculo do poder, a pretexto da prática clandestina do judaísmo, instituísse os tribunais do Santo Ofício, cujo regimento foi autorizado em 1553, estabelecendo a discriminação contra os "Cristãos-Novos", que eram efectivamente os senhores da economia do país e os principais intervenientes nos grandes negócios do reino, tentando impedir o seu acesso a postos de direcção no Estado, na Igreja e na Universidade, ao mesmo tempo que, através do fisco inquisitorial, lhes expropriavam os bens.

---

[7] GODINHO, Vitorino Magalães, o*bra cit.*, Vol. IV, págs. 46-50; SANTOS, João Marinho dos – *A cana e o Atlântico,* in "Memória de Portugal. O milénio Português", pág. 286.

Por outro lado, a nossa sociedade apoiava-se numa estrutura hierarquizada, que se verificava não só na família, como ainda, num sentido mais amplo, na cidade e no Estado.

Esta sociedade, estruturada numa base de relações pessoais, que partia do rei, exercia-se tanto a nível político como a nível económico, através de clientelas, que actuavam como grupos de pressão perto do monarca, com vista à satisfação dos seus interesses pessoais[8].

O número de nobres residentes na corte era enorme, acumulando títulos, honras, mercês, tenças e comendas. Entre estes eram geralmente escolhidos os elementos necessários ao provimento de cargos de administração metropolitana e ultramarina, do exército, da marinha, da diplomacia e os encarregados das tarefas das descobertas e da colonização.

A nobreza cortesã indigitada para ocupar postos de funcionalismo ultramarino detinha, nesta altura, cargos governativos de grande autonomia, como eram os de governadores, vice-reis, capitães de fortaleza e donatários.

Contudo, as altas funções públicas desempenhadas até aí por ricos-homens eram já nesta altura gradualmente exercidas por legistas, classe em ascensão e indispensável à complexidade crescente de um Estado centralizado e de um Império em expansão. Esta substituição progressiva vai originar reacções dos sectores privilegiados, até então detentores destes cargos, nada interessados em perder o poder e os privilégios que tinham adquirido ao longo de várias gerações[9].

A par da protecção dada às letras, patente na publicação das obras de Tomé Pires, Bernardim Ribeiro, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e tantos outros, na remodelação da Universidade e no aumento dos bolseiros que no estrangeiro adquiriam preciosos conhecimentos nas mais prestigiadas universidades da Europa, são movidos processos inquisitoriais contra alguns

---

[8] JUNQUEIRO, Maria Clara – *Marrocos na política expansionista portuguesa (1481-1578),* in "História de Portugal", dir. de José Hermano Saraiva, Publicações Alfa, Ed. das Selecções do Reader's Digest SARL, 1983, págs. 517– 525.

professores do Colégio das Artes. Este acabaria por ser entregue aos Jesuítas que se tinham estabelecido em Portugal alguns anos antes, adquirindo grande influência junto do rei, dominando aos poucos quase todo o ensino que se ministrava no país.

Em 1551 é publicado o "Rol dos Livros Defesos" sendo inquisidor-mor o cardeal D. Henrique.

O estado geral do país quer a nível político quer a nível económico era gravíssimo. A dívida interna e externa era enorme. O povo estava completamente depauperado pela carência de alimentos e pelas pestes.

No horizonte avistavam-se já algumas nuvens negras, prenúncio de que se aproximavam tempos difíceis e um futuro incerto.

1.1.1. D. João III, o homem e o rei

Em 1550 D. João III governava havia já vinte e nove anos. A sua personalidade e a sua acção governativa têm merecido ao longo dos tempos os comentários mais variados.

Se uns nos dizem ser o rei "*liberal* ", " *grande a sua bondade no remediar, o seu entendimento no repartir e a sua equidade em não faltar a nenhum* ", no que toca à virtude "*merecedor de lugar entre os reis mais santos* " e no que é "*valor e prudência de governo entre os mais sábios* "[10], outros há que o definem como[11]: um fanático religioso, que nutria um ódio de morte contra a raça hebreia, com uma inteligência abaixo do medíocre e inábil para governar. E se era de grande demora em tomar decisões, por

---

[9] *Idem. Ibidem*.

[10] SOUSA, Frei Luís de – *Anais de D. João III*, prefácio e notas do prof. Rodrigues Lapa, Vol. II, 2ª Ed., Lisboa 1954, págs. 42–43.

[11] HERCULANO, Alexandre – *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. 18, Ed. do Círculo de Leitores, 1987, pág. 112.

culpa dos seus conselheiros ou da sua falta de rasgo e da sua inteligência pouco viva, era, contudo, persistente nos seus ódios[12].

Contudo, a sua exaltação religiosa é muitas vezes enaltecida e apontada como paradigma do homem da sua época[13].

O visconde de Santarém e Gomes de Carvalho retratam-no como um hábil diplomata que teve sempre como prioridade a paz do reino e a expansão ultramarina[14], ao passo que Silva Dias[15] salienta a sua valorização da cultura nacional e considera-o como um mecenas incomparável.

Mas se foi um governante fanático, curto de vistas, inteiramente nas mãos da Companhia de Jesus e dos defensores da Contra-Reforma[16], se não foi um rei à altura das circunstâncias do seu tempo, teve sob outros aspectos um reinado positivo, nomeadamente no que diz respeito à difusão da cultura e da arte[17].

1.1.2. A actuação política nos últimos anos de reinado

Quando D. João III assumiu o governo do reino arcou com a responsabilidade de uma herança em que se acumularam dívidas ao longo dos cinco reinados anteriores. O país chegara ao extremo da decadência. O rei estava pobre, com uma enorme dívida pública, dentro e fora do reino, pela qual era obrigado a pagar juros altíssimos.

---

[12] MAGALHÃES, Joaquim Romero de – *D. João III*, in "História de Portugal", Vol. III, dir. José Mattoso, Editorial Estampa, ISBN 972-0924-6, pág. 535.
[13] MARTINS, Oliveira – *História da Civilização Ibérica* , Lisboa 1879, pág. 246.
[14] SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, Vol. III, 2ª Ed., Editorial Verbo, 1988, pág.57.
[15] DIAS, Sebastião da Silva – *A política cultural da época de D. João III* , Vols. I, Coimbra 1969, págs. 411-631.
[16] MARQUES, A. H. de Oliveira – *História de Portugal*, Vol. I, 12ª Ed., Lisboa 1985, pág. 370.
[17] SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *obra cit.* , pág. 58.

Desde 1528 que se vendiam títulos de dívida pública, os chamados padrões de juros[18], para com as somas obtidas preparar as armadas que partiam para o Oriente. Mais tarde este modo de contribuir para as despesas do Estado tornou-se obrigatório, e em nome do soberano eram dirigidas cartas às pessoas mais ricas, mandando-lhes as garantias com que deviam concorrer no empréstimo, cuja distribuição era feita pelos agentes do fisco.

Em 1552 a dívida elevava-se a três milhões de cruzados, tendo neste ano o monarca obtido um empréstimo por adiantamento sobre géneros a chegarem da Índia. Isto constituía um risco, pois muitas das vezes as mercadorias acabavam por ficar pelo caminho, devido à contínua onda de assaltos de que estas eram alvo, por parte da pirataria que infestava os mares.

Antes da morte de D. João III já os títulos de dívida da coroa tinham perdido todo o seu crédito nas praças onde se realizavam os principais negócios bancários.

A empresa da Índia que tantas riquezas tinha prometido e contribuíra para a completa mudança da face da Europa, redundara, pois, no mais completo fracasso económico.

A administração foi sempre dispendiosa, não faltando funcionários que atendiam mais a negócios próprios que às convenções do Estado.

Os gastos militares, indispensáveis para manter subjugada uma numerosa população hostil ao poder que lhe era imposto, absorviam enormes rendas, tornando-se necessário acudir com avultadas somas à defesa de todo o Império. Os ganhos que se obtinha nas operações comerciais consumiam-se nas explorações.

O desengano provocado pelos fracassos da Índia fizera com que o monarca experimentasse no Brasil o modelo que anos antes se aplicara no povoamento e exploração das ilhas do Atlântico, fomentando a agricultura.

[18] MAGALHÃES, Joaquim Romero – *A Fazenda* in "História de Portugal", Vol. III, dir. de José

Mas o país debatia-se com problemas de vária ordem: faltava gente para emigrar, faltava indústria para valer às necessidades básicas, faltava o empenho no afinco do trabalho. O desejo de enriquecer rápida e facilmente aliciava tanto o povo como as classes dominantes.

A falta de braços para o trabalho era uma constante, principalmente depois dos sucessivos surtos de peste, que, como o de 1557, dizimou grande parte da população de Coimbra, e da catástrofe que foi o terramoto de 1551, que matou mais de duas mil pessoas[19].

D. João III vai continuar a política de construção de um aparelho burocrático mais eficaz, como vinha já a ser feito pelos monarcas anteriores. Divide o reino em novas correições, cria novas dioceses e novos tribunais, redefine as funções do chanceler-mor, do chanceler da Casa da Suplicação e do juiz da Chancelaria e dá um novo regimento aos desembargadores do Paço. Manteve, contudo, um governo restrito praticamente só com funções administrativas, mais voltado para os assuntos políticos, muito especialmente os de política externa e ultramarina. Ouvido o conselho , o rei tomava as decisões com a opinião de muito poucos: Pedro de Alcáçova Carneiro, o infante D. Luís, seu irmão, os condes de Vimioso e da Castanheira e quase sempre da rainha.

Em 1551 são incorporados na coroa os mestrados de Avis e de Santiago, que juntou ao título de mestre da Ordem de Cristo que herdara de seu pai, o que torna D. João III o maior proprietário do país, ficando grandemente fortalecido o poder real, centralizando-se cada vez mais o governo na mão do monarca e do núcleo restrito dos seus conselheiros.

Em matéria de política externa, quase sempre influenciada pelas relações de parentesco com a coroa espanhola, Portugal manteve com as cortes europeias uma intensa actividade diplomática durante todo o reinado de D.

Mattoso, Editorial Estampa, ISBN 972-0924-6, págs. 94-98.

[19] AZEVEDO, José Lúcio de – *Organização Económica*, in "História de Portugal", Vol. III, dir. de Damião Peres, págs. 647-649.

João III: alianças de casamento, tratados de comércio, acordos marítimos, tréguas, nomeações e dispensas para cargos religiosos[20].

Depois do casamento da filha com o herdeiro do trono do país vizinho, em finais de 1552 celebram-se os esponsais do príncipe D. João com sua prima, também ela filha do Imperador Carlos V, a infanta D. Joana. Esta dupla aliança acabaria por se tornar funesta para a sucessão da coroa portuguesa. Em Janeiro de 1554, morre o príncipe herdeiro, poucos dias antes do nascimento de seu filho, o futuro rei D. Sebastião.

Também a política seguida em relação à França se encontra intimamente ligada com a de Carlos V. Contudo, a Portugal convinha a manutenção da paz com Francisco I, que pretendia instalar colónias de povoamento no Brasil e comerciar com a África equatorial. Para a navegação portuguesa era indispensável que o corso francês não fosse um constante flagelo para as nossas caravelas. Isto fez com que D. João III mantivesse sempre uma atitude neutral durante a contenda que opôs o Imperador Carlos V ao rei de França, afastando assim o país da guerra[21].

A grande potência internacional com a qual D. João III teve mais dificuldades foi o papado. A corte portuguesa não alinhava pelas facções italianas e internacionais que procuravam controlar a cúria romana. A ruptura religiosa alemã e a impossibilidade de se chegar a um entendimento vieram extremar os campos de conflito, ficando de um lado os que cortam radicalmente com o papado e do outro os de obediência à tradição católica.

D. João III tenta contornar as situações, nunca seguindo um caminho de obediência cega ao papa em detrimentos dos seus interesses e dos do reino. Mas nunca, como até então, tantos lugares de confiança régia tinham sido ocupados por clérigos.

---

[20] *Dicionário de História de Portugal*, Vol. II, dirigido por Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto 1971, págs. 616–617.
[21] *Idem. Ibidem.*

O rei sempre tentou manter uma convivência sem conflitos com a Igreja. Isto permitiu-lhe colocar os irmãos, D. Afonso e D. Henrique, nos mais rendosos lugares eclesiásticos, sem se esquecer de lhes atribuir comendas das ordens militares. Inclusive o filho bastardo D. Duarte foi presenteado com duas das melhores rendas do país: o arcebispado de Braga e o lugar de prior-comendatário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Mas se conseguiu fazer cardeais os dois irmãos, ficou pelo caminho o sonho de conseguir o papado para D. Henrique.

A Companhia de Jesus também entrou em Portugal pela mão do monarca, que pediu ao papa a sua criação tendo em vista a missionação ultramarina. Os jesuítas, pelos métodos utilizados e com o entusiasmo de um organismo recentemente fundado, mostraram-se os mais adequados para aquela tarefa.

D. João III morre em 1557, amargurado pelo desaparecimento sucessivo de todos os seus filhos e com a incerteza do futuro do reino. O único herdeiro do trono era seu neto, com apenas três anos de idade e uma saúde débil. Inicia-se a regência da rainha viúva, D. Catarina de Áustria, que durará até 1562.

1.1.3. A protecção dada à Universidade

O gosto pelas letras que D. João III sempre demonstrou, levou-o a querer que o nosso país tivesse uma universidade que não desmerecesse no confronto com as suas congéneres estrangeiras. Com uma sociedade em plena transformação e com a vaga de reformas que tinham sido levadas a cabo pelo monarca, era grande a necessidade de magistrados bem preparados, de clérigos bem formados e de uma nobreza culta.

Enceta assim uma grande reforma no ensino, a partir de 1537, principiando, apesar da oposição de certos meios, com a transferência da universidade de Lisboa para Coimbra.

Para levar a bom porto esta mudança, procura aliciar portugueses que já tinham adquirido renome e prestígio ensinando nos grandes centros intelectuais da Europa, tenta trazer alguns mestres estrangeiros dos que mais nomeada tinham atingido e dota a universidade de rendimentos suficientes para fazer face às despesas com estas contratações.

Em 1555 o Real Colégio das Artes passava para as mãos da Companhia de Jesus. Com uma pedagogia completamente inovadora, acabando por influenciar todo o ensino que se ministrava em Portugal, mantinham um enorme conservadorismo ideológico que agradava aos seguidores da Contra-Reforma.[22]

Com a instalação definitiva da universidade em Coimbra, verificam-se modificações de fundo no plano dos estudos preparatórios. As humanidades foram inseridas no esquema da Faculdade das Artes desde a sua instalação em Santa Cruz. O ensino público das humanidades foi circunscrito aos estabelecimentos crúzios, com a proibição do seu exercício em qualquer outro local. Em vez de uma organização privada do ciclo humanístico, fiscalizada por autoridades universitárias, temos uma organização oficial, mantida e orientada pelo Estado.

Pela primeira vez, no nosso país, o Estado assume o direito e o dever da responsabilidade da cultura de base.

A par do ensino das humanidades era também ministrado o ensino da filosofia, que abrangia a lógica, a física, a ética e a metafísica.

D. João III não se limitou pois a transferir a universidade para Coimbra. Remodelou-a profundamente, deu-lhe um novo plano de estudos e um novo espírito científico, integrou-a no quadro de uma reorganização geral dos

[22] MAGALHÃES, Joaquim Romero, *obra cit.,* pág. 539.

serviços de ensino, fazendo dela a alavanca das estruturas ideológicas do país.[23]

1.1.4. A regência de D. Catarina

A morte de D. João III, a 11 de Junho de 1557, trouxe a lume um certo número de problemas políticos, sociais e económicos que para além de afectarem a sociedade portuguesa, acabaram também por a dividir.

D. João III não deixara testamento nem fizera jurar o neto, em cortes como herdeiro. Se reinava a incerteza no país quanto ao que se iria passar, na corte espanhola também não eram unânimes as posições dos membros da família real castelhana quanto à sucessão em Portugal: D. Joana pretendia defender a posição do seu filho D. Sebastião; o Imperador visava abrir caminho à integração dos reinos peninsulares; D. Filipe pretendia obter uma declaração a favor de seu filho , o príncipe D. Carlos, como legítimo herdeiro da coroa de Portugal[24].

D. João III teria pedido à rainha antes de morrer que regesse e governasse o reino com muito amor e sem "*escândalo*", sugerindo ainda que D. Catarina, o Cardeal D. Henrique e o Conselho fizessem "*os despachos de maior*"[25].

O secretário de Estado, Pedro de Alcáçova Carneiro, tinha em seu poder uns apontamentos redigidos pelo Chanceler-mor, Dr. Gaspar de Carvalho, ditados pelo monarca falecido, sem assinatura régia nem data, que deveriam ser tomados como a sua última vontade. Assim D. João III deixava

---

[23] DIAS, José Sebastião da Silva, *obra cit.*, págs. 501-568.
[24] CRUZ, Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de Azevedo – *As Regências na menoridade de D. Sebastião. Elementos para uma história estrutural*, Temas Portugueses, I.N.C.M., 1992, ISBN 972-27-0527-X, pág. 16.
[25] *Idem. Ibidem*, pág. 21.

expresso que, devido à tenra idade de D. Sebastião, a sua tutoria fosse confiada à rainha, bem como a regência do reino.

Com um talento e um gosto enorme pela política, o governo do reino não constituía qualquer problema para D. Catarina, pois nos últimos meses de vida do rei, como a doença não o deixava muitas vezes manter a lucidez, era ela que, de acordo com o Conselho, tomara a cargo o despacho dos assuntos mais graves e importantes.

D. Catarina procurou agir com cuidado e ponderação nos primeiros actos do seu governo, exortando os ministros, principalmente quando se tratava de casos de justiça, a atender aos merecimentos das causas, e não à qualidade das pessoas litigantes[26]

O povo tinha plena consciência de que a rainha fora a mentora dos casamentos dos seus filhos com os do Imperador Carlos V, seu irmão, facto que, por riscos de sucessão, poderia conduzir à perda da independência nacional. Por isso era completamente adverso à política acentuadamente castelhana, que ela conduzia.

Na corte, embora fosse reduzido o número de nobres que aí permaneceram durante a doença do rei, o partido contrário à rainha ia aumentando a sua força. Desiludidos com a influência cada vez maior que os altos dignatários do clero tinham junto de D. Catarina, viram-se arredados de alguns dos cargos de mais prestígio.

A crise era de toda a ordem. À morte de D. João III, a dívida flutuante e a dívida interna, consolidadas nos padrões de juro, eram de tal maneira elevadas que nem a administração as conseguia apurar.

Para o desequilíbrio económico do país contribuiu não só a errada orientação concedida à acumulação da riqueza angariada, voltada sobretudo para aquisição da propriedade fundiária ou de bens de consumo, como o nefasto papel desempenhado pela Inquisição tanto em Portugal como na

[26] *Idem. Ibidem,* pág. 46.

Índia: no Oriente, afastando das áreas do domínio português as redes dos circuitos comerciais indígenas; no país, cerceando e reprimindo, impedindo assim o crescimento de uma classe burguesa, com poderio económico e social.

O quadro socioeconómico do país apresentava-se esfacelado por um sem-número de intermináveis crises: à lavoura faltavam os braços, aos ofícios os mestres, às indústrias o incentivo e os capitais[27].

Quanto às relações com as outras cortes estrangeiras, D. Catarina seguiu a orientação política de D. João III. A identificação com a política externa espanhola garantia a Portugal o benefício de se ver incluído e considerado nas negociações internacionais.

Um dos primeiros actos do governo da rainha foi pedir ao papa Paulo IV a criação de dois bispados na Índia: Cochim e Malaca, passando a metropolitana de Goa, a Sé.

Procurando agradar a seu cunhado, o cardeal D. Henrique, arcebispo da diocese de Évora e inquisidor-mor do reino, de quem se dizia não ver com bons olhos a regência entregue a D. Catarina, aquiesceu em que o cardeal rogasse ao papa a criação de uma universidade em Évora, pedido que anteriormente ele fizera ao rei seu irmão e que este negara. O papa acedeu, passando as respectivas bulas, tomando os jesuítas posse delas para se encarregarem do ensino da Universidade em 1 de Novembro de 1559[28].

Em 1560 volta D. Catarina com novo pedido a Roma. Assim, já que tanto fora da vontade do marido a criação do tribunal do Santo Ofício, entendeu a rainha alargar o domínio deste tribunal ao Oriente, pedindo ao papa a sua criação em Goa. Acedeu o Sumo Pontífice ao pedido, nomeando D. Henrique dois licenciados em Cânones para aí exercerem a sua actividade.

---

[27] LOUREIRO, Francisco de Sales – *D. Sebastião e Alcácer Quibir*, in "História de Portugal", dir. José Hermano Saraiva, págs. 532 - 534.

[28] VELOSO, J. M. de Queiroz – *Na menoridade de D. Sebastião: regência de D. Catarina de Áustria*, in " História de Portugal", Vol. V, dir. Damião Peres, págs. 26 - 27.

Em Dezembro de 1560, quando detinha o poder há já três anos e meio, a rainha mandou chamar D. Henrique para lhe anunciar a sua resolução de lhe ceder o governo do reino, querendo recolher-se a um convento para tratar da salvação da sua alma que certamente não demoraria a entregar ao Criador. Tentou o cunhado demovê-la de tal, argumentando que seria melhor para a estabilidade do reino que continuasse a governar. Como a rainha mostrasse firmeza na sua decisão, e o cunhado nenhum interesse em acatá-la, resolveu D. Catarina enviar uma carta circular a todos os prelados, representantes da nobreza e às câmaras das vilas e cidades com assento nas cortes, dando-lhes conta do que decidira e pedindo-lhes um parecer. Todos os que foram consultados responderam, sendo favoráveis à continuação da rainha no poder.

Para alguns historiadores isto não passou de um ardiloso estratagema para criar uma auréola de confiança à sua volta, contrariando as intrigas de D. Henrique que sempre ambicionara o poder[29]. Contudo em 1562, quando as críticas à sua actuação começaram a ser mais fortes, D. Catarina acabaria por abandonar definitivamente a regência, cedendo-a a seu cunhado, o cardeal infante, com a cláusula expressa de este entregar o reino a D. Sebastião logo que ele completasse catorze anos de idade.

[29] *Idem.Ibidem.*

1.2. O Porto: um olhar breve

Cidade sobre "*pedra*", "*lugar áspero*", "*terra estéril e maninha*", "*sem abastança de mantimentos*"[30], eram os epítetos mais ouvidos em cortes pelos seus moradores, como modo de requerer mais privilégios ou de manter os antigos, afastando do burgo fidalgos e altos clérigos.

Contudo o Porto era um centro vivo e dinâmico, onde se movimentava um considerável número de gentes e mercadorias, com uma vida interna complexa e com um relacionamento difícil com o termo, donde vinha a maioria das provisões necessárias ao sustento dos seus habitantes[31].

Apesar da importância do seu comércio e comparando-a com outras cidades europeias também com grande actividade comercial na época, a área citadina era exígua e a sua população reduzida[32], mas ao nível das cidades do reino era já notória a sua importância e dimensão.

Sob o ponto de vista geográfico, o Porto tinha uma situação privilegiada, que desde tempos remotos atraiu as populações. Elo de ligação entre o Norte e o Sul do País, possuía uma razoável rede viária com estradas e carreteiras que a ligavam a outros centros urbanos importantes como Braga, Guimarães, Penafiel, Gondomar e por Lordelo até perto de Vila do Conde[33].

Com o rio Douro navegável, embora traiçoeiro[34], numa extensão de mais de cem quilómetros, servindo como "via natural" para o transporte de pessoas e mercadorias, possibilitando, por cabotagem, a comunicação com

---

[30] SOUSA, Armindo de – *Tempos Medievais*, in "História do Porto", dir. de Oliveira Ramos, 3ª Ed., Porto Editora, ISBN 972-0-06276-2, pág. 122.
[31] CARVALHO, Sérgio Luís – *Cidades Medievais Portuguesas. Uma introdução ao seu estudo*, col. Perspectivas Históricas, Livros Horizonte Lda., Lisboa 1989, pág. 47.
[32] BASTO, Artur de Magalhães – *Estudos Portugueses*, Vol. I, Biblioteca Pública Municipal, Porto 1962, pág. 67.
[33] SOUSA, Armindo de, *obra cit.*, pág. 125.
[34] DUARTE, Luís Miguel; BARROS, Amândio Jorge Morais – *Corações aflitos: navegação e travessia do Douro na Idade Média e no início da Idade Moderna*, in "Douro – Estudos & Documentos", Vol. II(4), 1997 (2º), págs. 77-118.

outros rios do norte e centro desde o Minho até ao Vouga, beneficiava do facto de possuir um porto, por onde se escoavam os excedentes do norte do reino e onde aportavam as mercadorias estrangeiras que por estas paragens já se consumiam com frequência[35], vindas da Biscaia, de Castela, da Flandres, da França, de Inglaterra e da Irlanda.

No alto da Pena Ventosa, onde nasceu o burgo primitivo, resistiam ao tempo, olhando altivas a cidade, as velhas muralhas com as portas de Vandoma, Mentiras, Santa Ana e S. Sebastião. A partir daqui a cidade foi crescendo pelas encostas, descendo até às margens do rio Douro, aproveitando os seus moradores todos os espaços livres da área limitada pela nova cerca dita " fernandina " - habituados como estavam a confiarem nela como meio de defesa[36] - para construírem as suas casas.

Entre o morro da Sé e o da Vitória corria o rio da Vila, que não passava de um riacho imundo e mal cheiroso que a população utilizava como esgoto público. Os franciscanos vieram estabelecer-se no Porto em 1233 e edificaram a sua casa perto da foz do rio da Vila, junto ao Douro. Talvez um pouco por despique, em 1237 o bispo portuense D. Pedro Salvadores convidou os dominicanos a virem estabelecer-se também na cidade. Em redor destes dois mosteiros, e por estímulo principalmente dos dominicanos, começou a urbanização da margem direita do rio da Vila, que muito mais tarde conhecerá um grande impulso com o romper da rua Nova e da rua das Flores.

Abertas ao longo das novas muralhas ficavam as principais portas da cidade como a Porta Nova ou de Miragaia, a da Ribeira, aberta na praça com o mesmo nome, a de Cimo de Vila, a dos Carros, a do Olival que ficava

---

[35] GONÇALVES, Iria – *Defesa do consumidor na cidade medieval: Os produtos alimentares (Lisboa – séculos xiv-xv),* in "Um olhar sobre a cidade medieval", Patrimonia Historica, Série: Estudos, Cascais 1996, ISBN: 972-744-019-3, pág. 145.

[36] CRUZ, António – *Evolução Topográfica da Cidade durante o século XVI* in "História da Cidade do Porto", Portucalense Editora, pág. 147; BASTO, Artur de Magalhães, *obra cit.,* pág. 69; SOUSA, Armindo de, *obra cit.*, págs. 122-155 .

voltada para a Cordoaria Nova e a das Virtudes[37]. Para além destas, havia vários postigos como o dos Banhos, o do Pereira, o do Terreirinho, o do Carvão, o do Peixe, o do Pelourinho, o da Forca, o dos Carvalhos, o da Madeira, o da Fonte da Natividade e o de Nossa Senhora da Esperança[38], junto dos quais o povo se juntava para " *feirar* " ou para se divertir[39].

Muitas dessas portas tinham parapeitos com depósitos de pólvora para as peças de bronze que defendiam as muralhas e eram geralmente encimadas por imagens piedosas diante das quais ardiam perenemente lamparinas votivas.

Dentro do recinto das muralhas cabiam mosteiros e conventos, moradias, hortas sempre viçosas e ruas estreitas e escuras, com nomes que lembravam as velhas origens da cidade[40].

As ruas das Oliveiras, do Moinho de Vento, do Laranjal e das Hortas, faziam, pela sua toponímia, referência ainda à antiga vocação rural destes lugares[41]. Outras como a dos Caldeireiros, da Ourivesaria, dos Pelames e dos Mercadores, tomavam os nomes dos ofícios que aí se estabeleciam.

Na sua maioria, eram íngremes, sinuosas, estreitas e escuras, húmidas e tenebrosas como antros, mantendo um aspecto soturno e imundo. As excepções eram a rua Nova ou rua Formosa, mandada rasgar por D. João I e a rua de Santa Catarina das Flores, feita no tempo de D. Manuel, construídas já com um traçado recto e mais largas.

Os animais - cães, galinhas e porcos – misturavam-se livremente com as pessoas que por elas deambulavam. Pelas janelas das casas eram lançados os

---

[37] SILVA, Francisco Ribeiro – *O Porto e o seu Termo (1580 – 1640) Os Homens, as Instituições e o Poder*, I Vol., Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XLVI, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto 1988, pág. 80.

[38] MARQUES, A. H. de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia Aguiar – *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas (Século XII – XV)*, Vol. I, 1ª Ed., Série: História Medieval –1, 1990, ISBN 972-667-111-6, pág. 23.

[39] PEREIRA, Firmino – *O Porto d'outros tempos. Notas Historicas – Memorias – Recordações,* Livraria Chardron, Lelo e Irmão, Porto 1914, pág.42.

[40] *Idem. Ibidem*, pág. 43.

[41] BASTOS, Artur de Magalhães, *obra cit.*, pág.70.

dejectos e águas sujas sem qualquer cerimónia, contribuindo para que a imundície se acumulasse e o cheiro fosse nauseabundo. Apenas nas datas solenes, principalmente nos dias das grandes procissões, é que a câmara mandava proceder à limpeza das ruas. Outras vezes eram os lavradores que, com o intuito de arranjar estrume para os seus campos dos arrabaldes, recolhiam por conta própria o lixo acumulado[42].

Sobre a paisagem, sobressaíam, pela sua imponência, as torres das igrejas mais importantes como as da Sé, Santa Clara, S. Bento da Avé Maria, Santo Elói, S. Francisco, S. Domimgos e S. Nicolau[43] e os edifícios dos conventos e mosteiros.

De dimensões avantajadas, feitos em pedra, eram as construções maiores que a cidade possuía. Destacavam-se do resto do casario em que predominavam as casas térreas, construídas de materiais modestos e bastante perecíveis, que se iam amontoando em fiadas compactas, ao longo das principais ruas, muitas vezes projectando sobre a via pública balcões e sacadas, que dificultavam a passagem de homens a cavalo ou de carroças com cargas elevadas[44].

À noite, depois do toque das Avé Marias e das badaladas do "*sino de correr*", que era o sinal para que se fechassem todas as portas da cidade, esta caía no silêncio e poucos se aventuravam a deambular pelas ruas. Se não havia luar tudo ficava mergulhado nas trevas, apenas se vendo de onde a onde o bruxulear de lamparinas de azeite, penduradas nas paredes, para alumiar alguns nichos de santos.

Se as ruas fervilhavam de gente – a vida desenrolava-se praticamente toda na rua – as praças, principalmente em dias de festa ou de mercado, enchiam-se, não só com a gente da cidade, mas com os forasteiros que dos arrabaldes

---

[42] *Idem. Ibidem*, pág. 74.
[43] CRUZ, António, *obra cit.*, pág. 156.
[44] ANDRADE, Amélia Aguiar - *Um Percurso Através da Paisagem Urbana Medieval*, (Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa) Universidade Católica, Lisboa 1987, pág. 73.

e do alfoz vinham até aqui aproveitando a ocasião não só para vender animais e alimentos mas também para se divertirem.

Encontravam-se em vários pontos da cidade, situadas geralmente perto das portas que ficavam na confluências das estradas principais, dentro ou fora das muralhas e nos espaços frente a alguns mosteiros e igrejas[45]. Embora situada numa zona completamente diferente da cidade, a praça da Ribeira era uma das mais movimentadas e devido à sua proximidade do rio transformou-se num centro comercial por excelência, beneficiando do movimento de mercadorias que todos os dias chegavam e partiam nos barcos acostados ao cais.

Nos arrabaldes havia já núcleos com certa importância de povoado como Santo Ildefonso, Miragaia, S. João da Foz, Nevogilde, Aldoar, Ramalde, Paranhos, Cedofeita, Lordelo, Massarelos e Campanhã.

O termo foi aumentando em tamanho e influência ao longo dos séculos. Era composto pelas terras de Bouças, Gondomar, Maia, Refojos, Aguiar de Sousa, Penafiel, Melres, Gaia, Vila Nova, Azurara, Mindelo, Honra de Sabrosa e os Coutos de Leça[46]. Bem povoado e muito fértil, era social e economicamente muito importante para a cidade que dependia quase exclusivamente do seu alfoz para se abastecer de homens que a povoassem e de provisões que lhe matassem a fome[47].

Até aos finais do século XVI houve na cidade do Porto apenas uma freguesia, a da Sé. Embora vários bispos, devido ao crescimento da cidade, já tivessem aventado a conveniência da divisão paroquial em mais freguesias, esta teve sempre a oposição do Cabido da Sé que temia, com tal divisão, a diminuição de rendas e privilégios. Os próprios cidadãos se mostravam

---

[45] SILVA, Francisco Ribeiro da, *obra cit.*, págs. 86-87.
[46] MARQUES, A. H. de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia Aguiar, *obra cit.*, pág.23.
[47] SOUSA, Armindo, *obra cit.*, pág. 155.

contra, pois temiam um acréscimo de contribuições que o sustento de novas paróquias acarretaria[48].

1.2.1. Um burgo sem fidalgos

A cidade medieval surgiu como uma comunidade em que a luta era constante pela defesa dos seus privilégios e pela supremacia do seu comércio e indústria[49]. O Porto não era excepção.

Com características muito próprias, cresceu e progrediu junto de um grande rio, tendo o seu desenvolvimento sido facilitado pela proximidade do mar.

Se não deve a sua fundação aos senhores do poder eclesiástico, deve-lhes sem dúvida o engrandecimento e a prosperidade.

Aproveitando a sua localização vantajosa, rodeada de muralhas para facilitar a sua defesa, ambicionava possuir uma organização o mais autónoma possível.

Desde muito cedo que a sua população pugnava por se colocar em condições políticas e sociais análogas às das classes que lhe eram superiores. Os fidalgos, esses, eram arredados da cidade e, mesmo possuindo grandes herdades no termo e arrabaldes, só lhes era permitido permanecer no burgo até três dias, findos os quais só com autorização régia, e por motivos que o justificassem, poderiam prolongar a sua estadia.

A partir de meados do século XIV começa a notar-se a ascensão de uma classe recentemente enriquecida, que vai tomar em mãos as rédeas do governo da cidade: a burguesia.

---

[48] SILVA, Francisco Ribeiro da, *obra cit.*, págs. 80-81.

[49] FERREIRA, J. A. Pinto - *O Porto e a Residência de Fidalgos*, in "Boletim Cultural", C.M.P., Vol. XI, fasc. 3-4, Setembro a Dezembro de 1948, pág. 272.

De grande actividade e iniciativa, enriquecidos com os lucros do comércio marítimo, os burgueses do Porto rapidamente fizeram fortuna e conquistaram privilégios. Era do seu meio que saíam os homens que integravam a elite municipal, preferentemente escolhidos para os cargos de juizes, vereadores ou procuradores. O povo e os mesteirais nem sempre virão com bons olhos o aparecimento desta aristocracia do concelho.

Ser cidadão do Porto era estar quase a par da nobreza em privilégios, e com ela ombrear em luxo. Cabiam-lhe todas as liberdades de que beneficiavam os antigos infanções e ricos-homens e igualmente gozavam das graças que haviam sido outorgadas aos cidadãos de Lisboa.

Entre os privilégios e regalias que auferiam conta-se o gozarem de amplas isenções fiscais, trajar galas de seda bordadas a ouro e prata, usar armas em todo o país, de noite e de dia, se presos sê-lo-iam sobre sua própria menagem como os fidalgos, isto é em suas casas, só podiam ser metidos a torturas na medida dos que eram aplicados aos nobres, os seus caseiros não podiam ser obrigados a ir à guerra, excepto quando eles, cidadãos, fossem servir em pessoa, não seriam obrigados a dar pousada, gozavam do direito de presença em todas as juntas ou assembleias municipais e do direito de voto quando se tratasse de reuniões especiais, como as de eleição dos homens da governação, os capitães da milícia urbana ou os procuradores às cortes, seriam poupados ao exercício de cargos menos honrosos estando-lhes reservados os cargos de topo da governação da cidade .

Apenas era cidadão quem exercesse ou tivesse exercido algum ofício da governança da cidade ou descendesse de cidadão. A alguns oficiais mecânicos bastou o facto de terem servido como almotacés para subirem socialmente e alcançarem o galardão tão cobiçado e de tanto valor, que por vezes era concedido pelos monarcas, mesmo a estranhos à cidade, a título de prémio por algum serviço relevante prestado à coroa ou ao país.

Esta ascensão de classe dos oficiais mecânicos e dos pequenos comerciantes de retalho nunca foi bem aceite pelos burgueses, justificada pela argumentação da falta de conhecimentos dos problemas cívicos da gente humilde dos ofícios. Opuseram-se sempre que puderam a que os mesteirais conseguissem gozar dos privilégios que tinham em outras cidades do reino.

Os mesteirais não formavam, contudo, um grupo coeso, economicamente homogéneo ou politicamente mobilizado. Entre os oficiais mecânicos havia dezenas de profissões, inúmeros graus de riqueza e grandes divisões estatuárias[50].

Durante o reinado de D. João III foram-se pouco a pouco relaxando os privilégios do Porto, principalmente quanto à expulsão de fidalgos, que, a pretexto de terem empregos públicos, ou de serem negociantes, se foram subrepticiamente estabelecendo na cidade.

Mas no que respeita ao sentimento de liberdade da gente do Porto, se desde sempre abominou quem lhe oprimisse o trabalho e a sobrecarregasse com exagerados tributos, cedo manifestou um sentimento altivo de independência e uma rebeldia a todas as sujeições, facto que constitui, através da história do burgo uma das suas mais vincadas características.

1.2.2. As relações com a corte e o poder

Com o reforço da política de centralização do poder, sobretudo a partir de D. João II, os concelhos são os principais lesados. As formas de que o poder régio se serve para diminuir a autonomia do poder municipal são várias.

Começando pela imposição de leis gerais a todo o reino, que se vão a pouco e pouco sobrepondo aos costumes locais, prosseguiram nomeando

[50] SOUSA, Armindo de, *obra cit.*, págs. 202–203.

funcionários para levarem junto do poder local a autoridade régia, como os corregedores, ainda nos anos quarenta do século XIV, a quem cabia inspeccionar a justiça da administração concelhia, e os juizes de fora, instalados juntos das vereações, de onde não sairiam mais[51].

O Porto teve sempre dificuldades em aceitar a autoridade dos funcionários impostos pelo poder central e várias vezes, ao longo do tempo, manifestou o seu desagrado por esta ingerência junto da vereação local.

Competia aos membros da autarquia comunicarem com a corte sempre que as circunstâncias da governação o exigissem, ou os vereadores o achassem necessário.

A via normalmente utilizada em tais circunstâncias era a epistolar, tendo as cartas que ser assinadas em Câmara e por todos os oficiais concelhios, tais como os juizes ou o juiz de fora , os vereadores e o procurador da cidade.

Muitas vezes porém, quando a importância dos assuntos a tratar assim o exigia, era decidido enviar emissários à corte, escolhidos geralmente entre os cidadãos ou procuradores dos mesteres. Tais deslocações saíam caras à administração municipal, pois eram elevadas as ajudas de custo que os emissários cobravam[52].

Se sempre que necessário os cidadãos do Porto estavam na primeira linha para auxiliar os monarcas na manutenção da ordem, na defesa do território ou da liberdade, era com dificuldade que acatavam a submissão às leis impostas pelo poder central, e a intromissão na administração da sua cidade.

[51] CARVALHO, Sérgio Luís, *obra cit.*, págs. 99–100.

1.2.3. As relações com o exterior

Nos finais da Idade Média o burgo do Porto era já, pela sua importância económica a segunda cidade do reino. Era como uma activa colmeia de mercadores, artífices e marinheiros[53].

A pujança da vida marítima estava bem patente na franca actividade que tinham os estaleiros de Massarelos, Lordelo e Vila Nova.

Com a Flandres, a França, a Inglaterra e ainda com vários países e cidades do Mediterrâneo e do Oriente, o burgo mantinha intensas e antiquíssimas relações comerciais[54].

Pela barra do Douro saíam os produtos agrícolas das províncias do Norte e Nordeste com destaque para o vinho, o sal de Aveiro, o peixe dos pescadores da Lada, Miragaia, S. João da Foz, Matosinhos e Leça.

Estes géneros levados pelos próprios negociantes aos portos estrangeiros eram aí trocados por tecidos - principalmente os dos Países Baixos (Ipres) e Londres – e por matérias primas depois manufacturadas nas oficinas da cidade.

Nas lojas da Rua Nova e da Rua dos Mercadores, encontravam-se à venda as especiarias do Malabar, do Ceilão e da Samatra, tecidos preciosos da Índia, tapetes da Pérsia, charões e porcelanas da China, de mistura com mil artefactos da Flandres, cristais de Veneza, móveis da Alemanha, louças de Talavera e de Sevilha.

Apesar de sempre ocupados com a actividade comercial, não ficaram os habitantes do Porto indiferentes aos movimentos de cultura que empolgavam o século XVI. Assim, alguns partiram para Itália, donde trouxeram o novo

---

[52] SOUSA, Armindo de, *obra cit.,* pág. 351.
[53] BASTO, Artur de Magalhães – *Estudos Portuenses,* Vol. I, Biblioteca Pública Municipal, Porto 1962, pág. 114.
[54] DUARTE, Luís Miguel – *Um burgo medieval que muda de senhor. Episódios da vida do Porto medievo,* in "Ler História", nº 5, 1985, pág. 12.

estilo literário e artístico. Outros sairam para França e Espanha e para além de aprofundarem os seus estudos, tornaram-se professores de renome nas Universidades destes países[55].

O intercâmbio contínuo de mercadorias e gentes facilitou a aceitação franca de várias doutrinas políticas e filosóficas e do trato com povos de diferentes línguas e credos, cresceu o respeito pelas opiniões e crenças alheias.

[55] BASTO, Artur de Magalhães, *obra cit.*, págs. 118–119.

2. A Vereações de 1559

2.1. A fonte

O livro número 21 das actas de vereação da Câmara do Porto, guardado no Arquivo Histórico da Câmara Municipal, é referente ao ano de 1559. Composto por 346 fólios (dos quais perto de 100 estão em branco, apenas assinados no canto superior direito, como aliás todo o resto do livro, pelo doutor Dinis Pires Pinto, vereador da câmara), está dividido em duas partes distintas: a primeira onde estão exaradas as actas das reuniões e a trasladação de documentos régios recebidos na cidade; a segunda onde aparecem descritas as listas de almotacés, quadrilheiros, ouvidores, meirinhos e outros funcionários nomeados para a cidade e termo.

Devido ao seu mau estado de conservação, apresenta alguns dos primeiros fólios rasgados e a maior parte com manchas de humidade, dificultando a leitura e tornando por vezes a compreensão dos textos num processo espinhoso.

O livro começa no dia 1 de Janeiro e vai registando as actas das sessões que se realizaram até 30 de Dezembro. Na segunda parte, como atrás dissemos, descreve a eleição dos vários funcionários, acompanhando mais ou menos a cronologia seguida no princípio do livro.

Se em grande número de actas se faz apenas referência à presença dos homens da governação, e se acrescenta numa fórmula repetida que "*despacharão partes e pratycarão nas cousas da governança da repubryca*"[56], outras há que através dos pedidos, das queixas e das decisões tomadas nos

[56] Ver *L.V.* 21, fls.4, 6v., 9 v., 12, 13, 13v.,23 v., 34, 37 v., 49, 53 v., 57 v., 61, 62, 84, 89, 96v., 97, 102, 104v. e 106v..

dão a conhecer um pouco o pensar e o sentir da gente que fazia pulsar as ruas desta cidade[57].

Cremos denotar-se já um certo cuidado na estruturação e arrumação do livro. O facto de os fólios que se encontram em branco marcarem mais ou menos o meio do códice, faz-nos pensar que tal foi propositado, com o intuito de fazer uma demarcação entre o registo das actas das sessões ordinárias da câmara e o registo das nomeações dos funcionários, para exercerem a sua actividade na cidade e no termo.

Contudo, aparecem algumas actas truncadas, outras incompletas, frases ou palavras repetidas e rasuras.

2.1.1 As reuniões camarárias

Até ao século XVI o ano camarário tinha início a 24 de Junho, dia de S. João, e terminava no ano seguinte no mesmo dia. Só a partir de 1518 é que aparece pela primeira vez o registo do ano camarário a coincidir com o ano civil[58].

Os oficiais da câmara faziam as suas reuniões às quartas-feiras e sábados, prática mais ou menos corrente em todas as câmaras do país, visto serem os dias estipulados pelas Ordenações do reino para a sua realização.

---

[57] Luís Miguel Duarte e João Alberto Machado, na introdução ao seu livro *Vereaçoens 1431/1432*, chamam a atenção para o carácter ilusório que as decisões tomadas nas actas têm em relação ao transporte que nos fazem para o quotidiano medievo, devido tratar-se, na maioria, de propostas de lei e não de normas com carácter vinculativo (DUARTE, Luís Miguel; MACHADO, João Alberto – *Vereaçoens 1431-1432*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XLIV, Arquivo Histórico, C. M. P., Porto 1985, págs.12-13).

[58] MACHADO, Maria de Fátima Pereira – *O Porto de D. Manuel a D. João III (1518 – 1530)*, dissertação de Mestrado, F. L. U. P., Porto 1997, pág. 28.

Distribuição anual das reuniões da vereação

MESES	NÚMERO DE REUNIÕES
Janeiro	9
Fevereiro	6
Março	8
Abril	10
Maio	9
Junho	7
Julho	10
Agosto	4
Setembro	11
Outubro	10
Novembro	8
Dezembro	9
Total	101

Quadro 1.

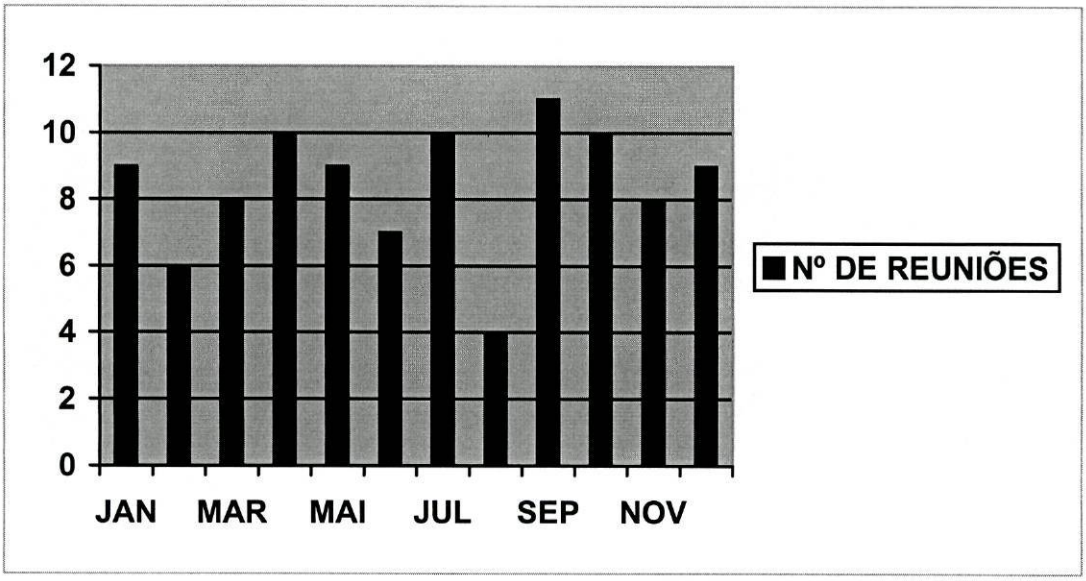


Gráfico 1.

Por motivos vários havia reuniões extraordinárias, que decorriam em qualquer um dos outros dias da semana[59]. A primeira, datada de 14 de Março, dá-nos conta da chegada do juiz de fora trazendo da corte as listas com a nomeação dos oficiais que haviam de servir na câmara por esse ano, sendo dada de seguida posse aos que se encontravam presentes. A segunda realiza-se cinco dias depois para dar posse a um vereador que estava ausente e para ser lida uma carta do rei que cria o novo ofício de " *deposytareo* ". Outras têm a ver com problemas de franquia, substituição de funcionários falecidos, envio de procuradores à corte, ausências da cidade dos almotacés nomeados, aprovação de imposições do vinho, nomeação de funcionários ou aprovação das sisas do pão e da carne.

[59] Ver *L. V.* 21, fls. 15, 19 v., 25, 35, 45 v., 52, 84, 88, 89, 100 v. e 102 v..

Distribuição das reuniões camarárias pelos dias da semana

DIAS DA SEMANA	NÚMERO DE REUNIÕES
Segunda-feira	10
terça-feira	2
Quarta-feira	42
Quinta-feira	2
sexta-feira	2
Sábado	42
Domingo	1
Total	101

Quadro 2.

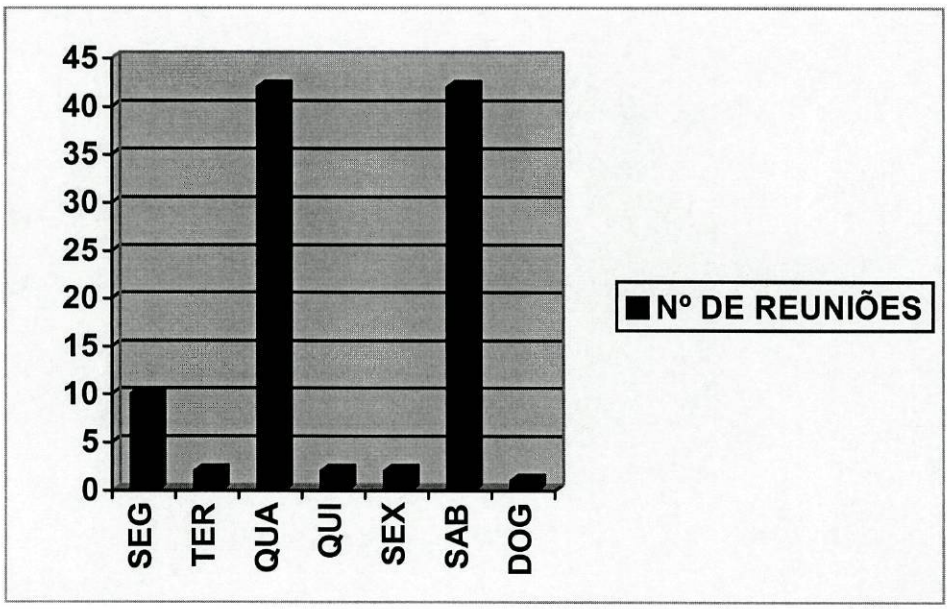


Gráfico 2.

Muitas vezes as reuniões também não ocorriam nos dias agendados, ou por ser dia Santo[60] ou por os vereadores terem outros afazeres[61].

Quartas e sábados em que não se realizaram reuniões

DATA	JUSTIFICAÇÃO POR NÃO SE TER REALIZADO REUNIÃO	FONTE
08 Fev. 4ª-feira	Por ser dia de Cinzas	Fl. 8 v.
11 Fev. Sábado	Falecimento de Gaspar Pais	Fl. 9
03 Maio 4ª-feira	Dia da Vera Cruz	Fl. 30
10 Maio 4ª-feira	Os vereadores foram distribuir pão	Fl. 32 v.
03 Jun. Sábado	Falecimento de Aires Miranda	Fl. 39 v.
26 Jul. Sábado	Dia da Madalena	Fl. 57
13 Agost.4ªfeira	Não havia vereadores na cidade	Fl. 60 v.
20 Agost.4ªfeira	Não havia vereadores na cidade	Fl. 61 v.
09 Set. Sábado	Vereadores estavam em devassas	Fl. 66 v.
04 Out. 4ª-feira	Dia de São Francisco	Fl. 83
19 Out. 4ª-feira	Dia de São Lucas	Fl. 91 v.
26 Out. 4ª-feira	Não havia vereadores na cidade	Fl. 93
29 Out. Sábado	Dia de São Simão e São Judas	Fl. 93 v.
01 Nov. Sábado	Dia de Todos os Santos	Fl. 94
04 Nov. Sábado	Dia de São Martinho[62]	Fl. 94 v.
25 Nov. Sábado	Dia de Santa Maria	Fl. 100
13 Dez. 4ª-feira	Dia de Santa Luzia	Fl. 105
27 Dez. 4ª-feira	Dia dos Santos Inocentes	Fl. 109v.

Quadro 3.

[60] Ver *L. V.* 21, fls. 30, 57, 91 v., 93 v., 94, 94 v., 100, 105 e 109 v..
[61] Ver *L. V.* 21, fls. 32 v., 39 v., 60 v., 61 v. e 93.
[62] Julgamos haver um engano na data, pois o dia de S. Martinho já nesta altura se festejava no dia 11 de Novembro. Ver GOUVEIA, António Camões – *Controlo do Tempo,* in "História Religiosa de Portugal", coord. de João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Vol. II, Ed. do Círculo de Leitores S.A. e Autores, Lisboa 2000, ISBN 972-42-2359-0, págs. 319-320.

A assembleia, principal órgão de gestão municipal, tinha capacidade deliberativa e poder de ratificar ou anular decisões anteriormente tomadas. Os assuntos tratados e postos a discussão eram os mais diversos. Vamos tratá-los nos capítulos subsequentes.

2.1.2. Onde se reuniam

A necessidade de cercar o exercício do poder de um prestígio e uma dignidade que o tornasse credível aos olhos da população fez desde cedo consciencializar estes homens para a exigência de um edifício condigno para as suas reuniões, onde pudessem estar guardados em segurança os documentos mais importantes da cidade, garantes da perenidade do poder, e onde os assuntos fossem tratados com seriedade e ordem.

Desde o século XIV que existia no Porto a chamada *Casa da Rolaçom*, local onde se reuniam, para as sessões ordinárias, os "*homens da governança*".

Tendo passado ao longo de décadas por várias vicissitudes[63], era já, no século XVI, um edifício com uma certa imponência – a *Casa Torre* – localizado entre a Rua de S. Sebastião e o Pátio da Sé, bem no coração da cidade[64].

De construção granítica e encimada por ameias, estava dividida, interiormente, numa loja térrea com a entrada voltada para a Rua de S. Sebastião, e dois sobrados, com acesso para o Pátio da Sé por uma entrada do primeiro piso[65].

---

[63] COSTA, Adelaide Lopes Pereira Millan da - *«Vereação» e «Vereadores» O Governo do Porto em finais do século XV*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XLIX, Arquivo Histórico, C.M.P., 1993, págs. 36-37.

[64] BASTO, Artur de Magalhães – *Os Diversos Paços do Concelho da Cidade do Porto*, in "Vereaçoens – Anos de 1390-1395", col. Documentos e Memórias para a História do Porto II, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto, págs. 247-267.

[65] *Idem. Ibidem.*

Neste primeiro sobrado tinham lugar as audiências de todos quantos apareciam na câmara para expor os seus problemas. Uma escada de madeira fazia a ligação com o piso superior, destinado exclusivamente às reuniões dos oficiais da câmara, onde era tratado tudo o que pertencia ao regimento da cidade.

Tendo-se pretendido conferir a esta sala a respeitabilidade que as reuniões impunham, era, contudo, parca a sua decoração. Um armário, onde eram guardados os documentos e a mesa grande da vereação constituíam os principais móveis[66]. Esta era coberta por um pano verde[67] que de três em três anos era substituído e dado o velho, segundo o costume, ao guarda da câmara[68]. Aqui sentavam-se o juiz, os vereadores e o procurador da cidade. Um pouco afastada havia uma pequena mesa para o escrivão e outra colocada frente à mesa dos oficiais para os procuradores dos mesteres[69].

A sala de audiências do primeiro piso servia por vezes de tribunal, quando os julgamentos eram feitos pelo Corregedor ou pelo Juiz dos Órfãos[70]. Durante a festa do Corpo de Deus era também aqui que se realizava o banquete que terminava os festejos[71].

---

[66] COSTA, Adelaide Lopes Pereira Millan da, *obra cit.,* pág. 38.
[67] Em 1520 e 1522 foi mandado vir de Londres tecido verde para forrar a mesa. Ver MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 27.
[68] BASTO, Artur de Magalhães – *Os Diversos Paços do Concelho...,* págs. 253 – 267; SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo ...* págs. 357- 361.
[69] MACHADO, Maria de Fátima Pereira – *obra cit.*, pág. 27.
[70] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, pág. 360.
[71] GONÇALVES, Iria – *As festas do Corpus Christi do Porto na Segunda metade do século XV: A participação do Concelho,* in "Um olhar sobre a cidade medieval", Patrimonia Historica, Série: Estudos, Cascais 1996, ISBN 972-744-019-3, pág. 167.

2.1.3. O horário das reuniões

Na acta da reunião de 1 de Julho os oficiais decidiram que a partir daquele dia e até ao fim de Setembro desse ano estariam juntos na câmara desde as seis horas "*pera bom despacho das partes*"[72]. De Outubro a Março as reuniões passaria a ser às oito horas.

Mesmo quando o juiz não estivesse presente (presumindo-se que o juiz referido seja o juiz de fora, que algumas vezes tinha que se ausentar da cidade), ficariam igualmente juntos na câmara para deliberarem sobre os assuntos postos a despacho.

As reuniões tinham lugar logo ao romper do dia, como vimos por volta das seis horas no período de Verão e um pouco mais tarde, pelas oito horas no Inverno, certamente para aproveitar ao máximo a luz natural. A sua duração devia estar dependente da diligência com que eram tratados os assuntos agendados.

Para além das interrupções normais destinadas às refeições, haveria, possivelmente, reuniões com mais do que uma paragem, como constatamos pela elaboração das actas, bem como uma certa mobilidade nos cidadãos que, juntamente com os oficiais, assistiam a algumas sessões da câmara, e nela participavam quando a gravidade ou importância do assunto a tratar o exigia. As assinaturas que terminam os vários registos por vezes diferem ao longo da mesma acta[73], levando-nos a supor que estariam presentes conforme o interesse que tinham no assunto que iria ser tratado.

---

[72] Ver *L. V.* 21, fls. 50 e 50 v..
[73] Ver *L.V.*, 21, fls. 25, 25v., 26, 26 v., 27,50, 50v.,51, 51v.,74, 74v.,75, 75v.,76,77, 77 v.,78, 78 v., 79 e 79 v..

2.1.4. A ordem dos trabalhos

Tinham presença obrigatória nas sessões ordinárias o Juiz de Fora, os Vereadores, o Procurador da cidade, os Procuradores dos mesteres e o Escrivão.

Através da leitura das actas nada nos é transmitido sobre o modo como se ordenavam os temas a discutir ou se os oficiais deles tinham conhecimento prévio. A participação de outros cidadãos com "*voz* " na assembleia leva-nos a pensar que sim, constatando-se casos em que eles eram chamados no próprio dia, por pregão[74].

Em grande parte das sessões os oficiais presentes limitavam-se a despachar "*partes e feitos de imjuria* " que lhes eram apresentados pelos moradores da cidade[75], respondiam a "*pityçoes* "[76] ou tratavam dos problemas apresentados pelos ouvidores, quadrilheiros e jurados[77].

Contudo, quando os assuntos a tratar requeriam uma análise mais aturada, participavam, para além da vereação nomeada, cidadãos de reconhecido valor, como: na fixação dos preços, no abastecimento e distribuição de alimentos, na aplicação de sisas e coimas, na escolha ou substituição de funcionários, na decisão sobre as obras de reparação a efectuar, na análise de documentos recebidos da corte e envio de procuradores para tratar de negócios da cidade, na fiscalização do fabrico de certos produtos e ainda nos procedimentos a ter na procissão do Corpo de Deus.

---

[74] Ver *L. V.* 21, fls. 25, 63, 74, 86 e 95.
[75] Ver *L. V.* 21, fls. 3 v., 6 v.,12 v., 14, 18, 24, 24 v., 33, 33 v., 48, 48 v., 56, 59v.,60 e 84.
[76] Ver *L. V.* 21, fl. 98.

2.2. A Elite do Poder

No século XVI, o governo da cidade do Porto era garantido por um grupo de homens, pertencentes às famílias mais poderosas do burgo, que, quer pelo poder económico quer pelo poder político, impunham o respeito e salvaguardavam a continuidade da defesa das liberdades e dos privilégios conquistados.

Esta elitização começa a tomar-se mais evidente no final do século XIV, quando D. João I instituiu um novo sistema de eleição, passando o nome dos elegíveis a constar do rol a partir do qual eram preenchidos trienalmente[78] os papéis dos pelouros[79]. Numa rotatividade aparente, os cargos eram quase transmitidos de geração em geração, garantia-se ao longo de décadas a permanência das mesmas famílias nos postos de mais destaque do governo da cidade, sustentando o seu prestígio e conferindo-lhes as maiores honras e proveitos económicos[80].

---

[77] Ver *L.V.* 21, fls. 2, 2v., 3 e 6.

[78] *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título XLV, Ed. fac-similada da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1992, págs. 316-317.

[79] Fortunato de Almeida diz na sua *História de Portugal* que, segundo o regulamentado nas Ordenações Afonsinas, a eleição camarária era feita da seguinte forma: o corregedor mandava chamar à câmara os juizes, vereadores, procurador e homens bons do lugar, que conferenciando escolhiam seis homens bons, divididos depois em três grupos de dois. Cada grupo faria uma lista de pessoas que achava competente para exercer os referidos cargos (com as Ordenações Manuelinas estas listas passam a ser válidas por três anos). Organizadas as listas, eram entregues ao corregedor, que na presença da vereação em exercício, procedia ao seu ajustamento, evitando reunir no mesmo grupo pessoas da mesma família. Os nomes escolhidos eram lançados num livro rubricado pelos seis homens bons. Faziam-se depois os pelouros, que se guardavam em sacos diferentes conforme os cargos. Os sacos eram conservados numa arca fechada com duas chaves, uma das quais guardada pelo juiz, outra por um dos vereadores. Na altura de substituir os oficiais da câmara, um menino cerca de sete anos tiraria de cada saco tantos pelouros quantos os oficiais que haviam de servir (ALMEIDA, Fortunato – *História de Portugal*, Tomo III, Coimbra 1925, 382-385.). A partir de D. João III estas listas tinham de ir à corte para aprovação régia. Ver COELHO, Maria Helena da Cruz; MAGALHÃES, Joaquim Romero – *O Poder Concelhio: Das Origens às Cortes Constituintes. Notas da História Social*, Ed. do C.E.F.A., Coimbra 1986, págs.18-19; MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, págs.8-11.

[80] O licenciado Francisco Dias, corregedor no Porto a partir de 1538, diz-nos nas suas memórias que honra para os portuenses era: serem vereadores, levarem tochas na procissão

Mas quem podia fazer parte do rol dos elegíveis? Teria que ser filho e neto de cidadãos, de preferência que também tivessem exercido cargos concelhios, ter mais de vinte e cinco anos[81], ser homem de boa consciência[82], ter poder económico suficiente para garantir a sua isenção e se possível alguns conhecimentos dos meandros económicos, financeiros e judiciais, sem que para isso fosse necessária uma formação específica[83]. Desconhece-se, na maioria dos casos, a experiência ou o grau de instrução que estes homens possuíam, aparecendo raras vezes, a anteceder o nome, a designação de "*doutor*", "*letrado*" ou "*licenciado*"[84]. A sua nomeação devia basear-se mais na sua idoneidade e prestígio social do que propriamente na competência[85].

Apesar dos privilégios e honrarias que ocupar um lugar na hierarquia da cidade podia conferir, isto não obstava a que alguns tentassem escusar-se a aceitá-los, devido a ficarem sem tempo para tratar dos seus próprios negócios[86]. Tal não era muito provável, pois as Ordenações determinavam que os eleitos para os cargos de vereadores, procuradores e almotacés não deviam recusar os lugares nem deles ser dispensados, a não ser que o motivo invocado fosse devidamente justificado[87].

---

do Corpo de Deus e levarem as varas do pálio nas procissões e festas anuais.(DIAS, Francisco – *Memórias Quinhentistas Dum Procurador Del-Rei no Pôrto*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto IV, C. M. P, Porto 1937, pág.102).

[81] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 7.

[82] MAGALHÃES, Joaquim Romero – *Os Concelhos* in "História de Portugal", dir. de José Mattoso, Vol. III, Editorial Estampa, ISBN 972-0924-6, pág.176.

[83] No fl. 51 os vereadores pedem que seja contratado um letrado para tratar " *do despacho dos negoceos*", visto eles não serem letrados e terem dificuldades na resolução de tais negócios (Ver *L. V.* 21).

[84] SILVA, Francisco Ribeiro da – *Níveis de Alfabetização de Oficiais Administrativos e Judiciais dos Concelhos de Refojos de Riba d'Ave e da Maia, na 1ª Metade do Séc. XVII*, in "Separata de Actas do Colóquio de História Local e Regional", Santo Tirso 1979, págs. 307-336 e do mesmo autor -*A Alfabetização no Antigo Regime. O caso do Porto e da sua região (1580-1650)*, "Revista da Faculdade de Letras – História", II Série, Vol. III, Porto 1986, págs. 101-160.

[85] FERREIRA, Maria da Conceição Falcão – *Gerir e julgar em Guimarães no século XV – Subsídios para o Estudo dos Ofícios Públicos*, A. M. G., Braga 1993, pág.48.

[86] Ver *L. V.* 21, fl. 82.

[87] *Ordenações Afonsinas* , Livro I, Título XXVII, Ed. fac-similada da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1984, págs. 173–179 e Título XXVIII págs. 179-187; *Ordenações*

2.2.1. Os Oficiais de 1559

No princípio do ano de 1559 estavam ainda em funções os oficiais nomeados no ano anterior, devido a não ter chegado da corte a aprovação dos nomes, sorteados nos pelouros, para o ano corrente.

Só no dia 14 de Março chegam as listas, dando-se de imediato posse aos que estavam presentes[88].

Vejamos quem eram os oficiais que estavam em funções e os que a seguir tomam posse.

Oficiais que estão em funções

até 14-03-1559

NOME	CARGO NA CÂMARA
Nuno Rebelo	Juiz de Fora
Diogo Brandão	Juiz-Vereador
Dinis Pires Pinto	Juiz-Vereador
Vasco Leite	Vereador
Gaspar Pamplona	Vereador
Custódio Correia	Proc. da Cidade
Gaspar Riscado	Escrivão

Quadro 4.

Manuelinas, Livro I, Título XLV, Lisboa 1992, pág. 286-314, Título XLVI, pág. 322-334 e Título XLIX, págs. 339-356. Ver *L. V.* 21, fls. 84 v., 85, 85 v., 86, 86 v.,88 e 88 v.,

Oficiais que estão em funções

a partir de 14-03-1559

NOME	CARGO NA CÂMARA
Nuno Rebelo	Juiz de Fora
António Rodrigues	Juiz – Vereador
António de Sousa	Juiz – Vereador
Diogo Leite	Vereador
António Correia	Vereador
Cosme Aranha	Proc. da Cidade
Gaspar Riscado	Escrivão

Quadro 5.

Pelos quadros 4 e 5 podemos intuir a ligação familiar existente entre esta vereação e a anterior. O Juiz de Fora, de nomeação régia, e o Escrivão mantêm-se os mesmos. Os outros oficiais mudam, havendo contudo uma continuidade familiar.

Mas analisemos mais detalhadamente os laços de parentesco que unem alguns dos oficiais[89].

[88] Ver *L. V.* 21, fls. 14 v., 15, 15 v., 16.

[89] BRITO, Pedro – *Patriciado Urbano Quinhentista: As Famílias Dominantes do Porto (1500-1580)*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto L, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto 1997, págs. 33-140.

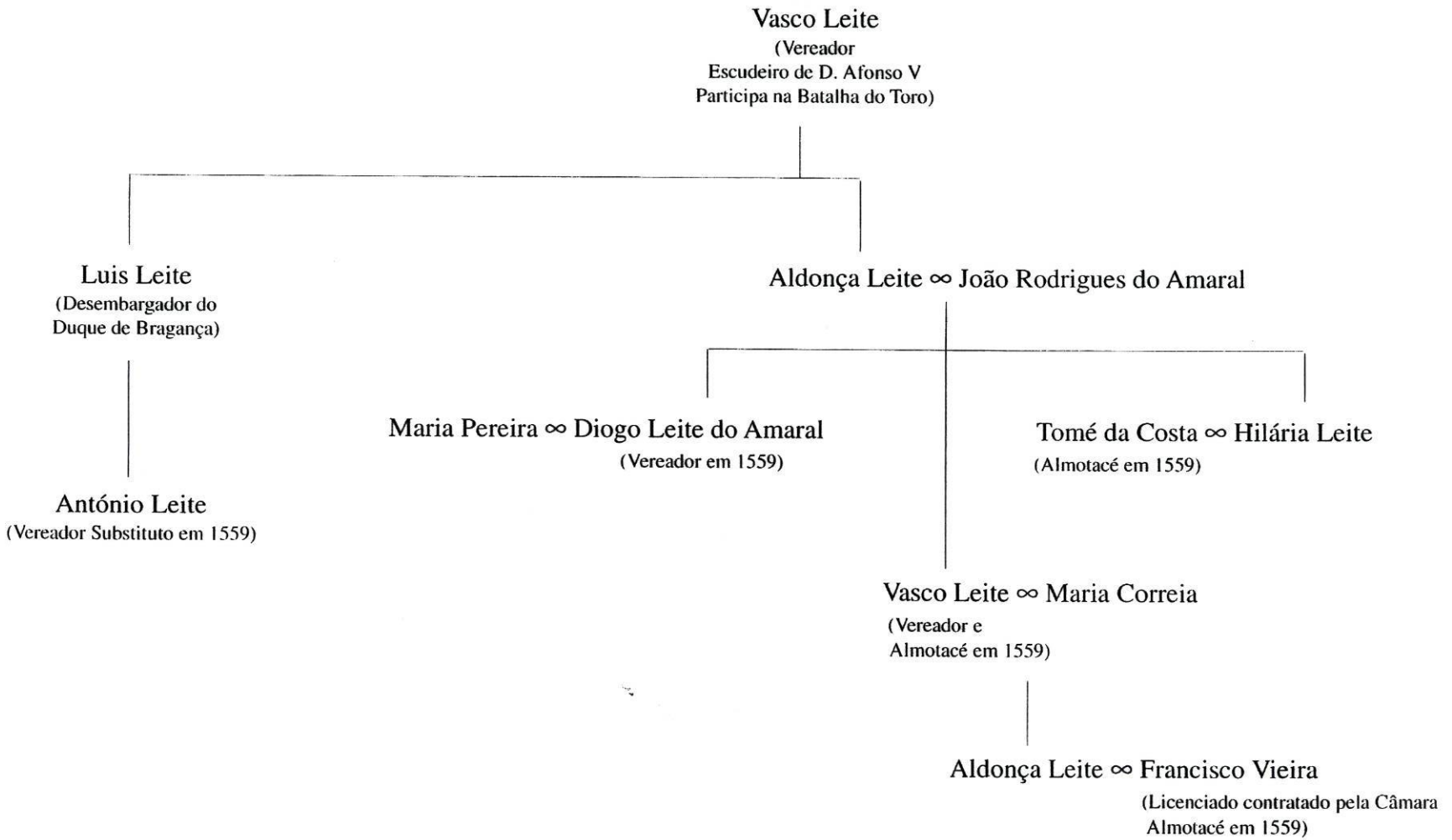
1 — BRANDÕES SANCHES

João Sanches ∞ Isabel Brandão

Diogo Brandão ∞ Catarina Ferraz
(Vereador e Almotacé em 1559)

Maria Madureira ∞ Rui Brandão
(Mordomo da Confraria de Jesus
Vereador substituto em 1559)

2 — LEITES


Vasco Leite
(Vereador
Escudeiro de D. Afonso V
Participa na Batalha do Toro)
Luis Leite
(Desembargador do
Duque de Bragança)
Aldonça Leite ∞ João Rodrigues do Amaral
António Leite
(Vereador Substituto em 1559)
Maria Pereira ∞ Diogo Leite do Amaral
(Vereador em 1559)
Tomé da Costa ∞ Hilária Leite
(Almotacé em 1559)
Vasco Leite ∞ Maria Correia
(Vereador e
Almotacé em 1559)
Aldonça Leite ∞ Francisco Vieira
(Licenciado contratado pela Câmara
Almotacé em 1559)

3 — CARNEIROS

Gil Carneiro ∞ Leonor Enes Machucho

Diogo Carneiro ∞ Maria Vieira

Afonso Carneiro
(Abade de Monte Córdova)

Luis Álvares Rangel ∞ Leonor Carneira

Francisco de Sousa ∞ Maria Carneira
(Alcoprado)

Cecília Miranda 1.° ∞ António de Sousa Alcoforado
Isabel Madureira 2.° ∞ (Vereador em 1559)

Leonor Carneira ∞ João Álvares Parplona

Brites Carneira ∞ Fernão Soares Albergaria

Maria Teixeira ∞ Manuel Albuquerque Soares

Ana de Sousa ∞ Gaspar Parplona
(Vereador e
Almotacé em 1559

Filomena Moreira ∞ Pantalião Carneiro
(Mordomo da Confraria
de Jesus
e Escrivão substituto em 1559)

João Álvares Riscado ∞ Isabel Carneira

Garpar Ricardo
(Escrivão em 1559)

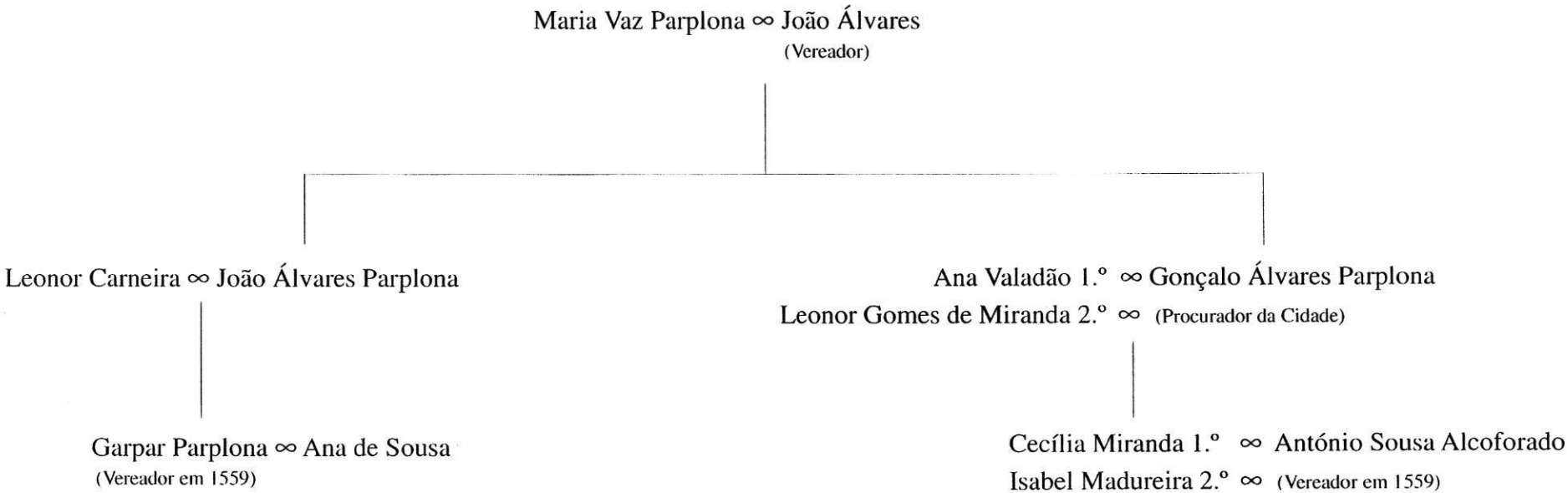
Diogo Garcez ∞ Maria Carneira
(Boticário e
Procurador da Cidade)

Diogo Aranha ∞ Margarida Carneira

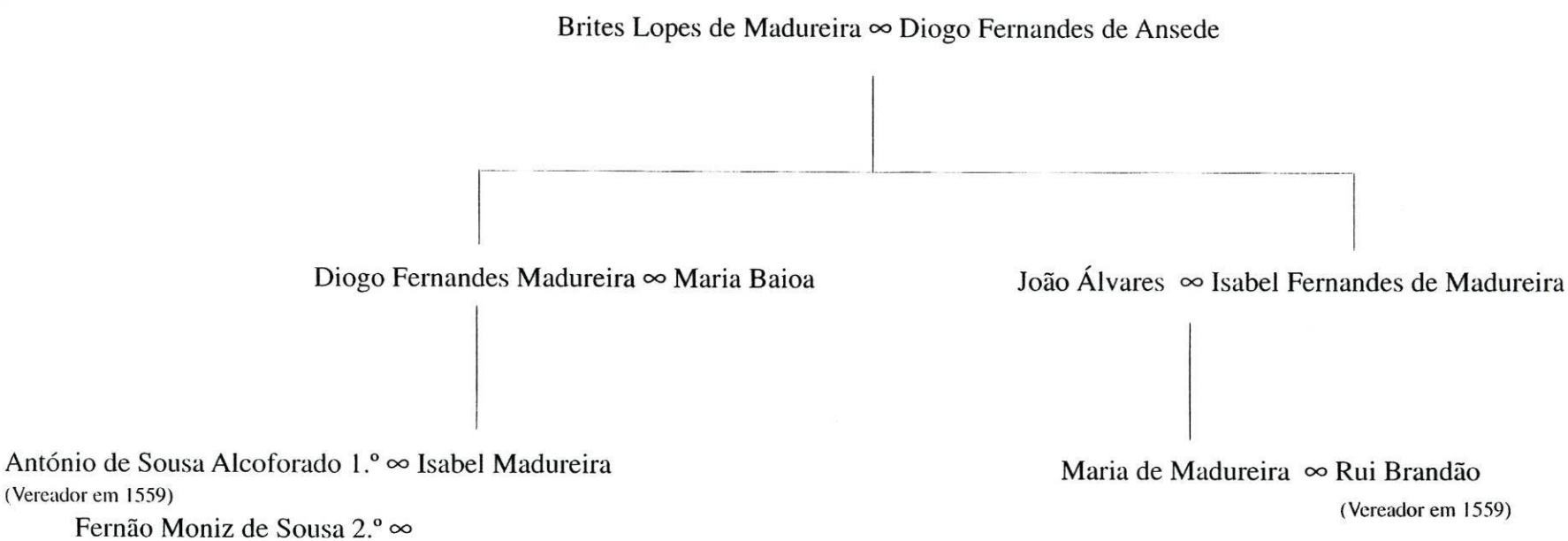
Diogo Ribeiro ∞ Maria Aranha

Cosme Aranha
(Procurador e Recebedor da
Imposição do Vinho em 1559)

4 — PARPLONAS


Maria Vaz Parplona ∞ João Álvares
(Vereador)
Leonor Carneira ∞ João Álvares Parplona
Garpar Parplona ∞ Ana de Sousa
(Vereador em 1559)
Ana Valadão 1.º ∞ Gonçalo Álvares Parplona
Leonor Gomes de Miranda 2.º ∞ (Procurador da Cidade)
Cecília Miranda 1.º ∞ António Sousa Alcoforado
Isabel Madureira 2.º ∞ (Vereador em 1559)

5 — MADUREIRAS



Através da leitura das actas, concluímos ser esta pequena oligarquia urbana uma equipa coesa nas suas decisões, não parecendo haver demonstrações de conflitos[90] ou de grandes incompatibilidades na resolução dos problemas da cidade. Certamente que o peso dos laços familiares influenciaria na hora de decidir, mas garantia também uma continuidade linear na gestão camarária, familiaridade com o poder e experiência política, transmitidas geracionalmente ao longo de décadas.

Fazer "carreira municipal" era uma herança familiar- caso dos Brandões, dos Carneiros e dos Leite - ocupando cargos na vereação ao longo de vários mandatos, tendo como limite apenas uma doença prolongada ou a morte.

Absorvendo grande parte das suas vidas, o que se constata pela assiduidade com que assistiam às reuniões, certamente que, como alguns se queixavam, o cargo não os deixava tratar da sua fazenda nem cuidar como deviam dos seus bens. Sem serem remunerados, tinham que possuir bens de raiz que lhes permitissem manter o estatuto e o prestígio inerentes ao cargo.

Presença dos oficiais em exercício até 14-03-1559

NOME	CARGO	Nº. DE PRESENÇAS
Nuno Rebelo	Juiz de Fora	9 presenças
Diogo Brandão	Vereador	14 presenças
Dinis Pinto	Vereador	18 presenças
Vasco Leite	Vereador	18 presenças
Gaspar Pamplona	Vereador	8 presenças
Custódio Correia	Proc. da cidade	15 presenças
Gaspar Riscado	Escrivão	18 presenças

Quadro 6.

[90] Pensamos que caso existissem divergências, elas não eram registadas nas actas.

Presença dos oficiais em exercício a partir de 14-03-1559

NOME	CARGO	Nº. DE PRESENÇAS
Nuno Rebelo	Juiz de Fora	35 presenças
Antonio Rodrigues	Vereador	73 presenças
Diogo Leite	Vereador	49 presenças
Antonio Correia	Vereador	58 presenças
António Sousa	Vereador	35 presenças
Cosme Aranha	Proc. da cidade	60 presenças
Gaspar Riscado	Escrivão	74 presenças

Quadro 7.

Mas até que ponto a concentração duradoura do poder nas mãos de tão poucos não podia tornar-se ameaçadora? Isto parece não ter incomodado grandemente as gentes da cidade do Porto. Não há noticia de conflitos entre a população e o poder que tivessem gerado ondas de descontentamento e originado mudanças bruscas nesta década.

Devido às prolongadas ausências motivadas por doença ou viagens de carácter particular, alguns oficiais tiveram que ser substituídos ao longo do mandato. Assim foi "*acordado que se emlegese hum vereador que syrva na ausencia dos dictos vereadores ate vir o que deles mais tardar*[91]", bem como eleger outro procurador da cidade devido a Cosme Aranha estar ausente. Só o escrivão Gaspar Riscado pede oficialmente para ser substituído devido a ter que estar algum tempo fora[92].

[91] Ver *L. V.* 21, fls. 45v.,46 e 46 v..
[92] Ver *L. V.* 21, fl. 66.

Oficiais Substitutos

NOME	CARGO	Nº DE PRESENÇAS
Simão Correia	Vereador	22 Presenças
António Leite	Vereador	1 Presença
Pero Betencour	Vereador	1 Presença
Duarte Carneiro	Proc. da cidade	2 Presenças
Pantalião Carneiro	Escrivão	8 Presenças

Quadro 8.

2.2.2. As competências da Vereação

A estrutura da vereação, como toda a sociedade da época, estava fortemente hierarquizada. O critério seguido era o da idade, rigorosamente respeitado, cabendo a cada posto o poder e a honra inerentes à ordem que tinham na escala etária.

Os lugares na mesa de reuniões eram distribuídos segundo o mesmo critério: o vereador mais velho ocupava o primeiro lugar, depois o juiz de fora, seguido dos outros vereadores por ordem da data de nascimento. O escrivão registava as presenças pela mesma sequência e não pela chegada[93].

Embora o juramento de investidura e o compromisso fossem assumidos individualmente, o exercício do poder municipal funcionava de uma forma colegial, pois nenhuma deliberação podia ser válida se não fosse obtida por maioria de votos. Quando era necessário recorrer à votação, o processo era inverso e votava em primeiro lugar o vereador mais novo.

Na ausência do juiz de fora, era aos dois vereadores mais velhos que competia assumir as funções deste.

---

[93] SILVA, Francisco Ribeiro da, - *O Porto e o seu Termo...*, I Vol., pág. 403.

Aos vereadores mais velhos cabia ainda assistirem às pompas fúnebres dos monarcas falecidos, proclamar na câmara e nas ruas o novo monarca, servir de almotacés no ano seguinte ao mandato, nos dois últimos meses do ano e ocuparem posições de destaque nos actos públicos mais importantes[94].

Eram muito variadas as atribuições dos vereadores estipuladas pelas Ordenações. As principais consistiam em: administrar e fiscalizar os bens do concelho; lançar fintas; reformar e incrementar as infra-estruturas do concelho; reformular as antigas ordenações e posturas; prover à boa organização da vida da comunidade; julgar e sancionar quando necessário; nomear funcionários; comunicar com a corte através dos meios instituídos[95].

Eram obrigados a comparecer nas sessões da câmara às quartas e sábados, sem se poderem escusar por nenhuma causa. O que não fosse pagaria cem reis brancos por dia para o concelho, quantia que o escrivão logo devia lançar em receita ao procurador, sob pena de os pagar anoveados (isto é nove vezes). Se o vereador estivesse doente ou a tratar de negócios que o impedissem de comparecer, seria dispensado, mas devia avisar atempadamente[96]. Quando era necessário deslocarem-se em serviço do concelho, receberiam por cada dia quatrocentos reis.

2.2.3. O Procurador da Cidade

O procurador fazia parte integrante do governo da cidade, intervindo na resolução dos problemas da governação, não ao nível das competências dos vereadores, mas sim na defesa das liberdades e garantias dos moradores do

---

[94] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, I Vol., págs. 404-406.
[95] ALMEIDA, Fortunato de, - *História de Portugal*, Livro VI, págs. 389-392.
[96] *Idem - Ibidem.*

burgo. Representava a voz da população, que, por seu intermédio, fazia chegar até à câmara os problemas do dia a dia.

A eleição era análoga à da vereação e a duração do mandato a mesma.

Competia-lhe zelar pelos bens comuns do concelho, cuidando para que não fossem danificados, fiscalizar a transgressão das posturas municipais e providenciar a cobrança das rendas e das multas aplicadas. No caso de não existir tesoureiro nomeado, esta função era desempenhada pelo procurador.

Quando por qualquer motivo não havia almotacés na cidade competia-lhe substituí-los interinamente[97].

No final do mandato tinha que elaborar um relatório onde ficavam expressas todas as informações sobre os casos pendentes de resolução, de modo a poderem prontamente ser resolvidas pelo seu sucessor[98].

Assuntos propostos à Câmara pelo Procurador

DATA	ASSUNTO	FONTE
31-05	A venda ilícita de hortaliças	Fl. 38 v.
23-09	Queixas sobre a colocação de bancas na rua	Fl. 72
23-09	Queixas sobre a aplicação das portagens	Fl. 72 v.
23-09	Queixas sobre penhoras ao Domingo	Fl. 73
30-09	Pedido de reparação de um muro	Fl. 79 v.
11-10	Pedido para lançar pregão	Fl. 86

Quadro 9.

[97] SILVA, Francisco Ribeiro da, - *O Porto e o seu Termo...*, págs. 451-473.
[98] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 18. Ver *L. V.* 21, fl. 345v.

2.2.4. O Escrivão da Câmara

Era eleito pela câmara por um período de três anos e apresentado ao rei para confirmação.

Contudo o caso do escrivão que servia em 1559 parece ter sido bem diferente. Gaspar Riscado, moço de câmara de D. João III, foi proposto pelo monarca, em carta enviada ao município a 31 de Dezembro de 1553[99], para servir por um período de três anos. Tendo obtido o cargo sem eleição[100], o seu trabalho agradou à cidade, sendo reconduzido muito para além do prazo habitual. Em 11 de Junho de 1561 apresentou provisão por mais seis anos, que foi aceite em face dos bons serviços prestados, sem contudo a câmara abdicar da prerrogativa de nomear os seus escrivães. Faleceu em 1576, segundo parece quando ainda se encontrava em funções, ano em que é nomeado Francisco Baião para exercer o cargo[101].

Como acontecia com os vereadores, tinha que ser cidadão do Porto, descendente de famílias de reconhecida idoneidade e, acima de tudo, suficientemente instruído para poder desempenhar cabalmente as funções que lhe eram confiadas.

Sem ter forçosamente que ser abastado, pois era um cargo remunerado, era útil que possuísse um considerável pecúlio que lhe permitisse emprestar dinheiro ao concelho sempre que disso houvesse necessidade[102].

Para além da sua competência profissional, era importante que fosse da total confiança da vereação em exercício. O facto de ter conhecimento de tudo quanto era dito e decidido nas reuniões e ser responsável por toda a documentação existente na câmara, tendo na sua posse uma das chaves das

---

[99] BRITO, Pedro, *obra cit.*, pág. 261.
[100] DIAS, Francisco, *obra cit.*, pág. 63.
[101] BRITO, Pedro, *obra cit.*, pág. 261.
[102] SOUSA, Armindo de – *Conflitos Entre o Bispo e a Câmara do Porto nos meados do século XV*, C.M.P., Porto 1983, págs. 23-24.

arcas do concelho onde eram guardados os forais, tombos, privilégios e demais registos das escrituras da cidade[103], acrescia-lhe os deveres e a importância.

Embora sem poder de decisão, o escrivão era imprescindível nas reuniões camarárias. Tinha como principal tarefa elaborar as actas, registar as receitas e despesas do município, anotar os acórdãos, mandados e despachos dos processos de injúrias verbais, copiar cartas testemunháveis de requerimentos feitos aos vereadores que devessem levar a assinatura destes e o selo da câmara, redigir os alvarás que houvessem de ser assinados pelos oficiais e lavrar termos de fiança.

Devia também registar as eleições dos oficiais presididas trienalmente pelo corregedor e ler, aos vereadores e almotacés, o Regimento dos seus ofícios, requerendo que estes o assinassem depois de feita a leitura[104].

2.2.5. Os oficiais de nomeação régia: o Juiz de Fora e o Corregedor

O juiz de fora e o corregedor representavam a autoridade régia nos concelhos[105].

Remontando ao tempo de D. Dinis a sua instituição, o cargo de juiz de fora foi criado com o intuito de garantir maior isenção na aplicação da justiça. Beneficiando do facto de serem estranhos à terra, não estariam, por isso, tão expostos à influência das clientelas[106].

---

[103] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 19.
[104] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, págs. 496-497.
[105] COELHO, Maria Helena da Cruz; MAGALHÃES, Joaquim Romero – *O Poder Concelhio: Das Origens...*, pág. 29.
[106] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 12.

Foi com o reinado de D. Afonso IV que o estatuto de juiz de fora acabou por tomar forma, apresentando o monarca nas cortes de Lisboa de 1352, aos procuradores dos concelhos, os motivos que originavam tal nomeação. O rei alegava que o bom desempenho das funções judiciais exigia pessoas com preparação especial, que os eleitos pelo povo não tinham, e estes, devido ao facto de não serem remunerados, mais facilmente se deixariam corromper caindo no desleixo e na venalidade[107]. O surto de peste negra que tinha assolado o país, causara inúmeras vítimas, havendo muitas heranças para serem tratadas e muitas disposições testamentárias para serem cumpridas. Tornava-se pois urgente que oficiais bem preparados no âmbito do foro judicial fossem enviados para todo o país, o que reforçava a necessidade da criação do cargo de juiz de fora.

Os grupos dirigentes locais manifestaram sempre uma certa relutância em aceitar a imposição destes oficiais. Cerceava-lhes o poder e diminuía-lhes a autoridade.

A sua nomeação não foi logo generalizada a todo o país.

O primeiro juiz de fora designado para o Porto é referido numa carta do rei D. Fernando de 9 de Fevereiro de 1375[108].

D. João I, reconhecido pelo apoio da gente do Porto, autoriza, em carta de 27 de Fevereiro de 1392, que de novo os oficiais concelhios e os homens bons escolham pessoas idóneas para ocuparem o cargo de juiz ordinário. Só em 1397 aparece outra vez no Porto um juiz de nomeação régia[109].

Recrutados entre os muitos letrados que saíam da Universidade, os cargos eram de provimento trienal, podendo ser reconduzidos. No final do mandato

---

[107] SOARES, Torquato Brochado de Souza – *Subsídios para o Estudo da Organização Municipal da Cidade do Porto durante a Idade-Média*, Ed. fac-similada (subsidiada pelo BPA), Livraria Civilização, Barcelos 1989, págs. 123-132.

[108] *Idem. Ibidem.*

[109] *Idem. Ibidem.*

era feita uma inquirição sobre o seu desempenho, os chamados " autos de residência"[110].

Tutelando um amplo território, tinham que se ausentar com frequência da sede dos municípios onde exerciam funções, contribuindo assim amplamente para a difusão e circulação das leis gerais.

Durante a sua ausência, eram substituídos em funções pelos dois vereadores mais velhos, os *juízes pela ordenação*, que assumiam as suas competências quer em matéria administrativa, quer na aplicação da justiça[111].

O leque das suas competências era grande, cabendo-lhes: castigar malfeitores, investigar casos de homicídio, defender os direitos régios, mandar tocar o sino de correr, ordenar o policiamento das ruas pelo alcaide-mor e quadrilheiros, fiscalizar a actividade dos almotacés e acudir a desordens e tumultos, podendo punir os culpados[112].

Para além de bem remunerada, a Judicatura do Porto era extremamente cobiçada, pelo prestígio que concedia e pelo acesso que dava a promoções na carreira da magistratura, ascendendo quase todos os magistrados que passaram pelo Porto ao cargo de corregedores no fim do seu mandato.

Embora não sendo oficiais da câmara como os vereadores, estavam presentes, por direito próprio e como representantes do rei, em todos os actos públicos, tendo lugar de destaque em todos os eventos da cidade.

Os corregedores, funcionários da administração central, aparecem com carácter permanente a partir do reinado de D. Afonso IV, datando o primeiro regimento que regula a sua actividade de 1332.

Como os juízes de fora, também eles não foram aceites de ânimo leve pelos representantes do poder local, sendo múltiplos os conflitos que se

---

[110] MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *O central, o local e o inexistente regional* in "História dos Municípios e do Poder Local [Dos finais da Idade Média à União Europeia]", dir. de César de Oliveira, Ed. do Círculo de Leitores, 1996, ISBN 972-42-1300-5, págs. 84-85.

[111] *Idem. Ibidem.*

[112] SILVA, Francisco Ribeiro da – *Tempos Modernos,* in "História do Porto", págs. 343-345.

geraram, muitas vezes provocados por actos discricionários perpetrados pelos próprios magistrados[113].

Os corregedores tinham competências diversas, destacando-se essencialmente o poder de julgar pleitos que envolvessem poderosos, em relação aos quais os juízes não se achassem com capacidade para julgar e averiguar se nas localidades existiam contendas entre moradores e o alcaide-mor ou o juiz[114]. Outro dos aspectos que requeria a sua actuação consistia em fiscalizar como era administrado, pelos oficiais da autarquia, o dinheiro proveniente das rendas concelhias.

Eram obrigados a fazer correição pelo menos uma vez por ano, não podendo permanecer no mesmo local mais de trinta dias, salvo mandato régio em contrário.

Todas as sentenças por eles proferidas deveriam ser anotadas por um tabelião ou escrivão, de que habitualmente se faziam acompanhar[115].

O corregedor em funções para a comarca, em 1559, era o licenciado Francisco Pais, presente na sessão da câmara de 26 de Maio. Nesta reunião procedeu-se à substituição de Tomé da Costa, que havia falecido, um dos homens que tinha à sua guarda o Cofre dos Órfãos[116].

2.2.6. O Tesoureiro

Sem ser uma figura muito "visível" através da leitura das actas de vereação de 1559, acreditamos que uma câmara com a envergadura da do Porto, não

---

[113] MORENO, Humberto Baquero – *A presença dos Corregedores nos Municípios e os conflitos de Competências (1332-1459)* in "Revista de História", Vol. IX, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos da U.P., Porto 1989, págs. 77-79.
[114] *Idem. Ibidem.*
[115] *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título XXXIX, pág. 262.
[116] Ver *L. V.* 21, fl. 35.

poderia prescindir de um oficial que desse todo o suporte burocrático à organização financeira do município.

As Ordenações Manuelinas previam a existência, em cada concelho, de um tesoureiro, encarregado de gerir e registar todas as receitas e despesas do erário público.

O processo de eleição e a duração do exercício do cargo eram similares ao dos vereadores e procurador. O ofício era igualmente de aceitação obrigatória, recebendo o tesoureiro vencimento pelo seu exercício[117].

Quando num concelho não existia um tesoureiro nomeado, estas funções eram desempenhadas pelo procurador.

A sua presença na câmara era esporádica, apenas sendo obrigado a comparecer na sessão de tomada de posse da vereação[118].

Recrutado entre os cidadãos abastados da cidade, tentando assim, de certa maneira, afastá-lo da cobiça dos dinheiros públicos, tinha muitas vezes de fazer face às despesas com o seu próprio pecúlio, devido à insuficiência das rendas municipais relativamente aos gastos[119].

Tinha como principal função arrecadar e guardar todas as rendas do concelho e utilizar o dinheiro apenas no que os vereadores mandassem. Além das rendas normais, deveria recolher também as multas aplicadas pelo juiz e vereadores, quer na cidade quer no termo, acompanhando os oficiais quando eles se deslocavam para efectuar esse trabalho.

No fim do seu mandato devia prestar contas de todo o dinheiro recebido e justificar as despesas efectuadas.

Sem ter um papel de grande alcance administrativo, limitando-se a executar ordens dos vereadores, as funções que desempenhava eram importantes, pelo suporte, em matéria financeira, que dava a toda a gestão camarária.

---

[117] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, págs. 503-516.

[118] Ver *L. V.* 21, fls. 15, 74 e 77. A assinatura de Manuel Gonçalves aparece em algumas actas, embora não seja referido no texto. Ver fls. 20v., 26, 27, 41v., 47, 53 e 103v..

2.3. Outros ofícios camarários

Tratámos até ao momento do estudo dos oficiais que geriam, no topo da hierarquia, a administração e finanças da cidade e do termo. Contudo, a sua actividade estaria certamente muito dificultada, se não existisse uma série de outros funcionários que, sem terem participação activa na governação, desempenhavam funções imprescindíveis para que todo o aparelho burocrático funcionasse e a cidade fosse gerida sem grandes sobressaltos.

2.3.1. O Almotacé

Desde muito cedo que há registos, nas actas de vereação do Porto, da existência de almotacés.

Eleitos pelos oficiais camarários, aos pares e por um período de dois meses, as opiniões divergem quanto ao modo como esta eleição se processava. Enquanto Francisco Ribeiro da Silva e Maria de Fátima Machado são de opinião que eram eleitos no princípio de cada ano camarário, após a tomada de posse dos novos oficiais a "*mais vozes*", Jorge Araújo diz-nos que nas actas que estudou, referentes ao ano de 1510, os almotacés foram escolhidos pelo sistema de pelouros[120].

Nas actas de 1559 é dito que a eleição dos almotacés se processa "*a vozes*"[121], sendo os estes eleitos por um período de dois e três meses[122], e inclusive para o termo chegam a ser eleitos por um ano[123].

---

[119] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*págs. 503-516.
[120] *Idem. Ibidem*, pág. 577; MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, págs. 10-11; ARAÚJO, Jorge Filipe Pereira de – *A Administração Municipal do Porto (1508-1511)*, dissertação de Mestrado, F.L.U.P., Porto 2001, pág. 19.
[121] Ver *L. V.* 21, fl. 45.

Contudo, na acta de 3 de Julho[124], os procuradores dos mesteres dão conta de um requerimento apresentado à vereação anterior, pedindo que em vez de se nomear almotacés por três meses, se repusesse o costume antigo e se passasse a nomear para o período de um mês, o que foi aceite pois estava conforme a Ordenação. Apesar de aprovado, nas eleições para os meses subsequentes continua a verificar-se o mesmo processo anteriormente seguido.

Em alvará régio de 24 de Setembro de 1559 é disposto que: cada par de almotacés exerça a função durante dois meses; nos primeiros seis meses serviriam por sorteio três pares de indivíduos eleitos pelos oficiais da câmara no início do ano; em Julho e Agosto serviria um outro juntamente com o procurador da cidade cessante e nos quatro meses finais o cargo seria ocupado pelos vereadores do ano anterior, os dois mais novos em Setembro e Outubro e os mais velhos nos últimos meses[125].

Deviam ser recrutados entre os " *melhores* " da terra, de preferência filho e neto de cidadão, com uma certa instrução – alguns dos nomeados para 1559 são licenciados – morador na cidade e casado[126].

A nomeação para almotacé era muitas vezes vista, por pessoas de condição inferior, como um modo de ascender socialmente e como trampolim para fazer parte das listas da vereação, podendo assim partilhar com a elite concelhia o poder e as maiores honrarias.

Tinham como principais funções: providenciar o abastecimento da cidade, fiscalizando a actividade dos carniceiros, padeiras, regateiras e almocreves; inquirir os rendeiros e jurados; fazer respeitar pelos mesteirais as taxas e as normas de fabrico estabelecidas; cuidar para que a todos chegassem os bens

---

[122] Ver *L. V.* 21, fls. 42v e 50.
[123] Ver *L. V.* 21, fl. 225.
[124] Ver *L. V.* 21, fl. 53.
[125] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, pág. 575.
[126] *Idem. Ibidem*, págs. 579-580.

de primeira necessidade; superintender na limpeza da cidade; fiscalizar as obras públicas[127].

Se, como atrás dissemos, o cargo poderia representar uma ascensão social, alguns viam-no como um entrave, sendo vários os pedidos de substituição e até os pedidos de escusa, por vezes rejeitados, alegando o prejuízo que tal causava às suas fazendas.

Almotacés nomeados para a cidade em 1559

DATA	PERÍODO	NOME	FONTE
15-03	Março	Francisco Vieira / Tomé da Costa	Fl.16v.
01-04	Abril/ Maio	Custódio Correia / Francisco Tavares	Fl.21
07- 06	Junho	Custódio Correia / Pantalião Moreira	Fl.43v.
10-06	Junho	Pantalião Moreira/ Sebastião Gonçalves	Fl.45
08-07	Jul./Agost./ Set.	Vasco Leite / Gaspar Pamplona	Fl.50
29-07	Jul./Agost./Set.	Vasco Leite / Beraldo Pereira	Fl.59
-09	Setembro	Vasco Leite / Pantalião das Santas	Fl.64v.
06-09	Setembro	Pantalião das Santas / Jorge Velho	Fl.65 v.
11- 09	Setembro	Jorge Velho / Jorge Pereira	Fl.67v.
02-10	Out. / Nov.	Diogo Brandão / João Pedrosa	Fl.82v.
09-10	Out. / Nov.	Baltazar Nogueira / Manuel Soares	Fl.85v.
13-10	Out. / Nov.	Baltazar Nogueira / Afonso Barros	Fl.88
29-11	Dezembro	Heitor de Moura / Pantalião das Santas	Fl.101v.
30-12	Jan. / Fev.	Duarte Cerqueira / Jorge Machado	Fl.117

Quadro 10.

[127] *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título XLIX, págs. 339-356.

Almotacés nomeados para o termo 1559

DATA	PERÍODO	NOME	LOCALIDADE	FONTE
30-12	Ano[128]	Bento Gonçalves	Valongo	Fl. 116
30-01	Janeiro Fevereiro	Pedro Fernandes Rodrigo Alvares	Pov. Nova e Gaia	Fl. 202
01-02	Ano	António Alvares	Valongo	Fl. 225
01-03	Março Abril	Vicente Gonçalves Gregório Barbosa	Arrifana	Fl. 234
04-03	Março Abril	Cristóvão Rodrigues António Ramos	Pov. Nova e Gaia	Fl. 235
23-04	Maio Junho	Domingos Gonçalves Francisco Pires	Arrifana	Fl. 241
06-05	Maio Junho	Cristóvão Rodrigues João Gonçalves	Pov. Nova e Gaia	Fl. 242v.
01-06	Julho Agosto	Afonso Fernandes Gaspar Rodrigues	Arrifana	Fl. 247
30-06	Julho Agosto	João Martins Gonçalo Anes	Pov. Nova e Gaia	Fl. 247v.
02-08	Ano	Pedro Afonso	Alfena	Fl. 250
02-09	Outubro Novembro	João Anes Liado Heitor do Couto	Arrifana	Fl. 250v.
02-09	Out./ Nov.	Francisco Pires	Gaia	Fl. 251
04-10	Novembro Dezembro	Francisco Rodrigues Gaspar Fernandes	Arrifana	Fl. 256v.
08-11		António Ramos Cristóvão Afonso	Gaia e Pov. Nova	Fl. 259v.

Quadro 11.

[128] Há uma divergência entre o ano de 1559 e 1560.

2.3.2. O Porteiro e o Pregoeiro

Nas actas de 1559, a figura do porteiro e do pregoeiro confundem-se a maior parte das vezes, não havendo uma separação muito nítida entre as funções de cada um, levando-nos a acreditar serem vários os contratados, exercendo indistintamente os dois ofícios.

Os porteiros seriam certamente recrutados entre as camadas mais baixas da sociedade, o mesmo acontecendo com os pregoeiros, de poucas posses e possivelmente recomendados por algum cidadão conhecedor da sua honradez. O facto de ser exigida uma fiança e um fiador para acautelar e prover os prejuízos que, por negligência ou descuido, poderiam causar a terceiros enquanto ocupassem o cargo[129], leva-nos a acreditar que as nossas suposições têm fundamento. Sendo, como é de crer, pessoas de parcos rendimentos, dificilmente arranjariam um fiador, se não fosse por eles proposto ou do seu conhecimento .

Não havia tempo estipulado para se manterem em funções, dependendo a sua nomeação ou o seu despedimento inteiramente da vereação. Também não eram muito rigorosos os critérios de admissão, exigindo-se apenas que morassem no Porto, fossem casados e tivessem bom nome[130].

A sua principal obrigação consistia em cumprir ordens dos oficiais da câmara[131], tendo obrigatoriamente que estar presentes nos dias das reuniões da vereação, pela necessidade que muitas vezes havia de convocar cidadãos por pregão ou de particularmente os avisar para comparecerem na câmara. Como eram vários, deveriam muito possivelmente distribuir e escalonar tarefas conforme as necessidades.

Para além de apregoarem pelas ruas e praças da cidade os acórdãos e posturas municipais, o leilão anual das rendas, os concursos para obras

---

[129] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, pág. 624.
[130] *Idem. Ibidem.*
[131] "...*mandarão chamar*...", ver *L. V.* 21, fls. 16v., 19v., 22, 28v. e 50.

públicas e as condições de fornecimento de bens alimentares à cidade, deveriam ainda, os porteiros, penhorar quem transgredisse as posturas municipais[132].

De cabal importância numa sociedade maioritariamente analfabeta, os pregoeiros espalhavam-se pela cidade, tendo cada um o seu local determinado para lançar o pregão, preocupando-se por levar as notícias ao maior número de pessoas possível, dando disso " *fé* " mais tarde ao escrivão.

Porteiros e Pregoeiros

LOCAL	NOME	FONTE
Câmara, Cidade	Gonçalo Gil	Fl.25,63,71,72,74,80v
Rua Grande	Gonçalo Fernandes	Fl.27,73 v.
Cidade	Pedro Gois	Fl.46
Ponte S. Domingos, Cruz do Souto, Porta do Olival	João Novais	Fl.79v.,81,110
	Manuel Lopes	Fl. 78
Cidade	Pero da Deveza	Fl. 110
Praça da Ribeira, Rua do Cais, Rua dos Banhos	Pedro Rodrigues	Fl. 79v.,80v.

Quadro 12.

[132] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, págs. 625-627.

Pregões Lançados

DATA	ASSUNTO	FONTE
17-04	Convocar cidadãos para discutir franquias do pão	Fl.25
15-04	Convocar cidadãos para discutir a imposição do vinho	Fl.27
12-06	Convocar cidadãos para eleger vereadores substitutos	Fl.46
01-09	Convocar cidadãos para discutir sisas do pão importado	Fl.63
23-09	Discutir a proibição de colocar bancas na rua	Fl.73v.
23-09	Notificação a Francisco Martins por infracção cometida	Fl.73v.
30-09	Decidir o preço do vinho, dos frangos, bacalhau, coelho	Fl.79v.
30-09	Obrigação de ajudar os almocreves na escrita	Fl.80v.
11-09	Juntar cidadãos para ler provisões reais	Fl.86
08-11	Convocar cidadãos para decidir o contrato do trombeteiro	Fl.95
23-12	Convocar cidadãos para discutir a imposição do vinho	Fl.110

Quadro 13.

2.3.3. O Juiz dos Órfãos

Com o intuito de proteger os bens dos jovens, menores de vinte cinco anos, a quem os pais tinham falecido, e fiscalizar se o tutor ou o progenitor sobrevivo os administravam como deviam, foi criado o cargo de juiz dos órfãos, nos núcleos habitacionais de maiores dimensões[133].

A eleição era feita em simultâneo com a dos outros oficiais da câmara e o seu nome mencionado nas listas enviadas à corte para aprovação[134].

---

[133] DIAS, João José Alves – *Gentes e Espaços (em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI)*, Ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, ISBN 972-31-0710-4, pág. 158-159. *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título LXVII, pág. 475.

[134] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 21.

O mandato era de três anos e, como os demais oficiais concelhios, o magistrado escolhido entre os cidadãos mais importantes da cidade.

Para poder desempenhar as suas funções, o titular do cargo tinha de apresentar uma fiança de 400 mil reais (o que obrigava a que o escolhido fosse um homem de posses) para, na eventualidade de causarem qualquer prejuízo, por negligência ou incúria, aos bens dos órfãos, estes poderem ser repostos[135].

As actas de vereação de 1559 apenas fazem referência à presença do juiz dos órfãos quando tomam a decisão de aumentar para 2500 reais por ano, pelos bons serviços prestados, o salário que pagavam a Manuel Lopes, porteiro, por cuidar dos "*emgeytados*" da cidade e arrabaldes e saber se "*tinham paees e maees e asy lhes buscar os mais que os crem*"[136].

Numa acta anterior (fl. 35), refere-se a substituição, na presença do corregedor, dos três homens que guardavam o cofre dos órfãos, devido ao falecimento de um deles. Não conseguimos apurar na nossa investigação, se o dinheiro guardado nesta arca estaria dentro da alçada das atribuições e vigilância do juiz dos órfãos, ou, embora estando relacionado com os órfãos da cidade, se destinava a ser utilizado com fins diferentes, como por exemplo, a atribuição de dotes às jovens das famílias mais carênciadas do burgo.

2.3.4. Os Guardas-Mores da Saúde

No dia 22 de Abril os oficiais da câmara elegem Afonso Barros e Pedro Jácome de Betencour, cidadãos, para exercerem o cargo de guardas-mores da saúde pelo período de um ano[137].

---

[135] *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título LXVII, págs. 515-516.
[136] Ver *L. V.* 21, fl. 78.
[137] Ver *L. V.* 21, fls. 28 e 28v..

Eram recrutados entre os cidadãos mais ilustres, com o intuito de defender a cidade contra possíveis agressões da saúde pública[138]. Tinham como principais competências: organizar o serviço de vigilância das portas da cidade, tendo à sua guarda as chaves destas; fazer visitas de saúde às embarcações estrangeiras que aportavam na barra, mantendo-as de quarentena quando desconfiavam que poderiam trazer algum perigo para a saúde pública; acompanhar o cirurgião e o médico municipais nas suas visitas quando havia suspeitas de peste[139].

Escolhidos entre os cidadãos, como atrás dissemos, era um dos cargos, segundo nos diz o licenciado Francisco Dias, que " *os homens mais prezão nesta cidade do Porto*" a par, claro está, com o de vereadores[140].

2.3.5. O Alcaide e os Quadrilheiros

A segurança do burgo estava a cargo do alcaide-mor, que, em nome do rei, a quem fazia juramento de fidelidade, exercia a autoridade dentro dos muros da cidade. Por inerência do ofício teria de pertencer às classes superiores, estando entregue a alcaidaria-mor do Porto desde 1392 à família dos Sás[141], uma das mais prestigiadas da cidade.

Era coadjuvado nas suas funções pelo alcaide-pequeno, a quem cabia a segurança das ruas da cidade. A escolha do alcaide-pequeno era feita pelos oficiais concelhios a partir de três nomes indicados pelo alcaide-mor, escolhidos entre os moradores da cidade, exigindo-se que fosse casado e natural do reino[142].

---

[138] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, págs. 644-645.
[139] *Idem. Ibidem.*
[140] DIAS, Licenciado Francisco, *obra cit.*, pág. 102.
[141] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 147.
[142] *Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título LVI, pág. 382.

O alcaide-pequeno exercia as funções por um período de três anos, podendo ser reeleito, sendo obrigado a apresentar uma fiança de 3 mil reais antes da tomada de posse. A ele cabia guardar as chaves da cadeia da cidade e cuidar da boa ordem das ruas do burgo, principalmente durante a noite, função em que era auxiliado por quatro homens jurados, fazendo-se acompanhar por um tabelião ou escrivão, que serviria de testemunha nos casos em que era necessário resolver contendas ou efectuar prisões.

Na reunião de 30 de Dezembro, é apresentada à câmara uma certidão de João Roiz de Sá, alcaide-mor, com os nomes dos propostos para alcaide-pequeno. Os escolhidos tinham sido os cidadãos Cristóvão Mendonça, Pedro Ferreira e Bartolomeu de Arouca, optando os oficiais da vereação por escolher Cristóvão Mendonça para servir nos três anos seguintes[143].

Os quadrilheiros ou chefes de quadrilha eram nomeados pela câmara, tendo a seu cargo vinte moradores que os auxiliavam nas funções de policiamento, patrulhando as ruas, principalmente durante a noite, prevenindo possíveis desacatos que perturbassem a vida das gentes da cidade, bem como tentando evitar incêndios nocturnos que desbastassem as precárias moradias do velho burgo.

Escolhidos pelos oficiais a partir dos róis de moradores, serviam por três anos e os seus nomes eram registados no livro da câmara[144].

O rei D. Fernando instituiu, nos finais do século XIV, as primeiras leis sobre a organização, nomeação e atribuições dos quadrilheiros, para servirem nos municípios que mais problemas tivessem em disciplinar a ordem pública[145].

Com autoridade para prenderem quem provocasse desacatos, usavam como símbolo uma vara pintada com as cores da cidade e o respectivo brasão, colocada à porta de sua casa e sempre à vista das pessoas da área,

---

[143] Ver *L. V.* 21, fls. 111v. e 112.
[144] ALMEIDA, Fortunato – *História de Portugal*, págs. 318-319.

que faziam parte da sua quadrilha. Como armas deveriam possuir duas lanças, uma de 18 palmos e outra de 9, podendo ser multados pelo meirinho em 200 reais, caso as utilizassem indevidamente[146].

Sujeitos à fiscalização do meirinho e dos alcaides, o cargo era de aceitação obrigatória e não remunerado, o que provavelmente não incentivava ninguém a exercer uma missão tão espinhosa.

Tendo como principal função prender criminosos, recebiam do juiz, quando tomavam conta do cargo, um rol dos principais suspeitos a perseguir na área em que actuavam, que na cidade se reduzia quase sempre à rua em que moravam. Com plenos poderes, podendo inclusive entrar em casa e terras de senhores poderosos, apenas alguns dignatários da igreja eram a excepção, a coberto da imunidade que a sua situação lhes conferia[147].

Os homens que compunham a quadrilha formavam como que uma espécie de rede de informadores muito útil para a prevenção de pequenos delitos, fornecendo dados sobre furtos, casas de jogo, vadiagem, prostituição e outros comportamentos suspeitos, que posteriormente eram denunciados ao juiz e corregedor.

---

[145] BORGES, Major António G.G. – *História da Polícia do Porto*, Ed. do Autor, Porto 1980, pág. 40.

[146] *Idem. Ibidem.*

Quadrilheiros nomeados para a cidade em 1559

LOCAL	NOME	PROFISSÃO	FONTE
Rua da Bainharia	Gaspar Gonçalves		Fl.242
Congostas	Vicente Gonçalves	Sapateiro	Fl.244
Rua dos Chãos	António Pires		Fl.331
Porta de Vandoma	Francisco Álvares	Alfaiate	Fl.331
Viela da Cadeia	Pedro Anes		Fl.331
Rua Nova	Gaspar Gonçalves	Sapateiro	Fl.331v.
Viela do Forno	Luís Pereira	Sapateiro	Fl.331v.
Praça da Ribeira	Bartolomeu Gonçalves	Barbeiro	Fl.331v.
Praça da Ribeira	Luís Gonçalves	Barbeiro	Fl.331v.
Rua Ponta de Cima	Manuel Lopes		Fl.331v.
	Gonçalo André	Alfaiate	Fl.331v.
	Pedro Ferreira	Tanoeiro	Fl.331v.

Quadro 14.

Pelo quadro anteriormente apresentado, podemos aferir que os quadrilheiros recrutados para a cidade eram escolhidos entre os mesteirais, que devido às profissões que exerciam, certamente seriam homens respeitados nas ruas onde moravam e que iriam policiar.

2.3.6. O Trombeteiro

A 8 de Novembro, com a presença de vários cidadãos chamados por pregão, os oficiais decidiram contratar João Gonçalves natural de Azurara e agora a morar na cidade, para exercer as funções de trombeteiro. Acordaram

[147] SILVA, Francisco Ribeiro da – *A cidade do Porto e o seu Termo...*, pág. 678.

pagar-lhe um salário de 2000 reais, com a condição de ele ensinar a outros o seu ofício[148].

A câmara possuía sempre um corpo de trombeteiros, contratados para abrilhantarem as festas, as procissões ou recepções a personalidades importantes. Na procissão do Corpo de Deus o seu lugar, como os demais figurantes, estava previamente estabelecido.

Eram 7 os trombeteiros contratados e de dois em dois anos a câmara fornecia-lhes fardas novas[149].

---

[148] Ver *L. V.*, fl. 95.

[149] COUTO, P. Luís de Sousa – *Origem das Procissões da Cidade do Porto*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto, C. M. P., pág. 38.

2.4. A Jurisdição do Termo

Para além de administrarem a cidade, os oficiais da câmara tinham a seu cargo toda a jurisdição do termo.

Competia-lhes nomear os funcionários que administravam, policiavam e exerciam a justiça nas várias localidades do alfoz.

Pelo menos uma vez por ano o juiz e vereadores, acompanhados pelo procurador da cidade e pelo escrivão, eram obrigados a fazer correição pelo termo[150], para fiscalizarem o cumprimento do preço dos produtos tabelados e averiguar e despachar os diversos "*casos*" ocorridos ao longo do ano[151].

Distribuição dos julgados do Termo pelos Vereadores para correição

VEREADORES	JULGADOS
Diogo Leite	Lamego
Pero Jácome de Betencour	Maia e Refojos
Cosme Aranha	Penafiel
Simão Correia	Gaia
António Rodrigues	Bouças

Quadro 15.

No fólio 75 dizem ser necessário fazer correição para "*proverem*" as desordens que se faziam pelo termo. Para tal os vereadores foram investidos com poder de julgar os culpados, dando depois conta à câmara das penas aplicadas. Deviam ainda informar-se nos julgados se havia pessoas que "*tomão algums caminhos amtygos per fazerem canadas e rosyos*".

---

[150] O que nem sempre deveria ser cumprido, pois no fl. 75 diz-se que "*avya ja annos que se não fazia correiçã*o". Ver *L. V.* 21, fl. 75.

[151] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*págs. 59-61.

2.4.1. Os Ouvidores e Juízes

Os ouvidores e os juízes eram os oficiais nomeados pela câmara, por o período de um ano, que administravam a justiça e garantiam o bom funcionamento da vida pública, no julgado para onde eram nomeados.

Os ouvidores podiam julgar acções cíveis até 400 reis, em processo sumário e mandar prender malfeitores[152].

Eram auxiliados na administração da justiça e execução das sentenças pelos meirinhos, estes também nomeados pela câmara, para o termo.

Ouvidores nomeados para o Termo

LOCALIDADE	OUVIDOR	FONTE
Gondomar	Jordão Fernandes João Anes	Fl.106 Fl.199v.
Penafiel	Tomás Fernandes Fernão Pires	Fl.113v. Fl.203
Refojos	Artur Anes Rodrigo Anes	Fl.115 Fl.200v.
Gaia	Domingos Jorge	Fl.200
Azurara	Francisco Ferreira	Fl.206v.
Aguiar	António Neto	Fl.207
Maia	João da Maia	Fl.209
Alfena	João Afonso	Fl. 209v.
Bouças	João Pires	Fl.211v.
Vila Nova	Manuel Gonçalves	Fl.240
Valongo	João Luís	Fl.228
Arrifana	Manuel Barbosa	Fl.245v.

Quadro 16.

Para este período, o livro de actas apenas faz referência à nomeação de Gonçalo Anes, natural da Madalena e *juiz* de Matosinhos e a João André Gramacho *juiz* de Leça[153].

2.4.2. Os Meirinhos

Todos os concelhos e localidades com alguma importância, pertencentes ao temo do Porto, tinham um meirinho.

Oficiais de justiça, nomeados também pela câmara, por igual período de um ano, auxiliavam os ouvidores e juizes a aplicar a justiça.

Tinham como principal função efectuar prisões e recolher as multas aplicadas.

Não recebiam qualquer salário pelas suas funções e estavam sujeitos, quando exerciam a actividade por período superior a um ano, a sindicâncias que averiguavam a sua actuação e indagavam se durante o seu exercício tinham praticado abusos de poder[154].

---

[152] *Idem. Ibidem.*
[153] Ver *L. V.* 21, fls. 205 e 212.
[154] *Idem. Ibidem*, págs. 673-676.

Meirinhos nomeados para o Termo

LOCALIDADE	NOME	FONTE
Matosinhos	Francisco Gonçalves[155]	Fl. 112v.
Penafiel	António Pires	Fl. 113
Refojos	Manuel Gonçalves João Gonçalves	Fl. 115v. Fl. 206
Maia	Pedro Domingos	Fl. 199
Gondomar	Pedro Anes	Fl. 201v.
Aguiar	João Brás	Fl. 202v.
Gaia	Bartolomeu Gonçalves André Gonçalves	Fl. 203v. Fl. 249v.
Bouças	João Gonçalves	Fl. 214
Alfena	Gonçalo Gonçalves	Fl. 215
Azurara	Pedro Afonso	Fl. 218
Valongo	Afonso Gonçalves	Fl. 230v.
Arrifana	Gregório Delgado	Fl. 243v.

Quadro 17.

2.4.3. Os Jurados e os Quadrilheiros

Dentro das competências que lhe estavam adstritas, a câmara deveria escolher funcionários administrativos para todo o termo, exceptuando-se os Coutos ou Honras onde a nomeação dos funcionários estava a cargo dos Senhores donatários.

Assim, cabia pois à câmara nomear os jurados e quadrilheiros, estes com funções de policiamento iguais aos da cidade.

Os jurados, nomeados por o período de um ano, para toda a freguesia ou parte dela quando o seu tamanho o justificasse, tinham como principais funções administrar e velar pela aplicação da justiça na Juradia[156].

Jurados nomeados para o Termo em 1559

LOCALIDADE	NOME	FONTE
Vilar do Andorinho	João Fernandes	Fl. 297
Cedofeita	Pantalão Gonçalves	Fl. 297
Serzedo	Gonçalo Afonso	Fl. 297v.
	Álvaro Pires	Fl. 297v.
Madalena	Domingos Gonçalves	Fl. 298
	Afonso Gonçalves	Fl. 309v.
Parada da Castanheira	Gonçalo Gonçalves	Fl. 298v.
Rebordosa de Aguiar	Pedro Fernandes	Fl. 298v.
	João Gonçalves	Fl. 311
Sanfins	Fernão Dias	Fl. 298v.
	Pedro Anes	Fl. 299
	Adão Rodrigues	Fl.312
Canidelo	Domingos Francisco	Fl. 299
Bougado	João Domingues	Fl. 299v.
	João Anes	Fl. 299v.
São Salvador de Ramalde	João Afonso	Fl. 300
Lordelo	Afonso Gonçalves	Fl. 300v.
	João Fernandes	Fl. 312

[155] Francisco Gonçalves aparece nomeado novamente no fl. 205v., António Pires no fl. 201, Pedro Anes no fl. 262 e Gregório Delgado no fl. 261. Pensámos referir-se sempre às mesmas pessoas.

[156] *Idem. Ibidem*, pág. 60.

	Pedro Gonçalves	Fl. 312v.
Valbom	Gonçalo Gonçalves	Fl. 300v.
Moreira	João Afonso	Fl. 300v.
	Diogo Gonçalves	Fl. 300v.
Gondim da Maia	João Domingues	Fl. 302
Fânzeres	João Gonçalves	Fl. 300v.
Fornelo	Bartolomeu Gonçalves	Fl. 301
Santo Estêvão	Duarte Pires	Fl. 301
Vilar	Gonçalo Gonçalves	Fl. 301
	João André	Fl. 304v.
Covelo	Gonçalo Anes	Fl. 301
Ramalde	Gonçalo Martins	Fl. 301
	Simão Afonso	Fl. 308v.
Santa Maria de Avioso	Manuel Pires	Fl. 301v.
	Sebastião Gonçalves	Fl. 304
	Gonçalo Martins	Fl. 304
Santiago de Bougado	Francisco Afonso	Fl. 301v.
	Simão Pires	Fl. 308
Couço	João Pires	Fl. 301v.
S. Pedro de Avioso	Pedro Domingues	Fl. 301v.
	Sebastião Gonçalves	Fl. 304
	Gonçalo Martins	Fl. 304
	Martim Luís	Fl. 304v.
Nogueira	António Gonçalves	Fl. 302
Mindelo	Rodrigo Álvares	Fl. 302
	Luís Marques	Fl. 302
Guifões	Domingos Fernandes	Fl. 302v.

Vagos	António Pires	Fl. 302v.
Sendim de Bouças	Gonçalo Pires	Fl. 302v.
Nevogilde	Gonçalo Pires	Fl. 302v.
	Gonçalo Martins	Fl. 307v.
S. Gonçalo do Mosteiro	Pedro Gonçalves	Fl. 303v.
Santa Cristina de Cornes	António da Costa	Fl. 303v.
	Pedro Álvares	Fl. 303v.
Alvarelhos	Pedro Costa	Fl. 304
	Duarte Pires	Fl. 304
	António Pires	Fl. 304
Modivas	António Afonso	Fl. 304
Trás Leça e Alfena	Afonso Anes	Fl. 304v.
Perosinho	Simão Pires	Fl. 304v.
Santa Maria de Vilar	Domingos Gonçalves	Fl. 304v.
Covelas da Maia	João Pires	Fl. 304v.
Coreiças	João Gonçalves	Fl. 305
Vila Verde	Gonçalo Gonçalves	Fl. 305
Santo André de Sobrado	António Fernandes	Fl. 305
Santo Estêvão da Maia	Manuel Afonso	Fl. 305
Sanfins da Ferreira	Gonçalo Anes	Fl. 305
Mouriz	Francisco Pires	Fl. 305
Duas Igrejas	Diogo Fernandes	Fl. 305
Vilela	Diogo Dias	Fl. 305
Santiago de Figueira	Sebastião Fernandes	Fl. 305
Santa Maria de Codeços	Marcos Pires	Fl. 305
São Paio de Guimarei	Ambrósio Dinis	Fl. 306
Gemunde	Gonçalo Domingues	Fl. 306
	Baltazar Gonçalves	Fl. 306

São Cristóvão do Muro	Francisco Matos	Fl. 306
S. Paio de Casais	João Anes	Fl. 306
Santiago da Carreira	João Anes	Fl. 306v.
	João Gonçalves	Fl. 306v.
Arcozelo	Duarte Anes	Fl. 306v.
Santa Maria das Neves	Cristóvão Álvares	Fl. 306v.
Santiago [...] de Aguiar	André Manuel	Fl. 306v.
Santiago da Lourosa	Domingos Gonçalves	Fl. 307
	Ambrósio Dinis	Fl. 307
Valongo	Jorge Anes	Fl. 307v.
	Pedro Anes	Fl. 308v.
Baguim de Alfena	Baltazar Gonçalves	Fl. 307v.
Santa Maria da Retorta	António Afonso	Fl. 307v.
Vila Nova de Caios	António Álvares	Fl. 307v.
São Salvador da Árvore	Jorge Álvares	Fl. 308
Guidões	António Gonçalves	Fl. 308
Folgosa	Gonçalo Pires	Fl. 308
	Pedro Anes	Fl. 309v.
	Pedro Pires	Fl. 311
São Salvador de Figueiras	João Gaspar	Fl. 308
	João Pires	Fl. 309v.
Cabeda	Pedro Brás	Fl. 308v.
Guilhabreu	Gonçalo Anes	Fl. 308v.
Vilar do Paraíso	Sebastião Afonso	Fl. 308v.
Sanfins da Marinha	André Gonçalves	Fl. 309
Varrão	Álvaro Anes	Fl. 309
	Jordão Pires	Fl. 309
Fajozes	Sebastião Gonçalves	Fl. 309v.

	João Álvares	Fl. 309v.
Franelo	Afonso Fernandes	Fl. 309v.
Ni[...]	André Nunes	Fl. 309v.
Águas Santas	Gonçalo Nunes	Fl. 309v.
Santa Cruz	João Afonso	Fl. 309v.
Sanfins de Aguiar	Brás Gonçalves	Fl. 309v.
São João de Aires	Gonçalo Fernandes	Fl. 309v.
Bitarães	Lourenço Fernandes	Fl. 309v.
Vila Nova da Maia	Afonso Pires	Fl. 309v.
São Miguel da Palmeira	Gabriel Gonçalves	Fl. 309v.
Vila Nova	Baltazar Dias	Fl. 309v.
Besteiros de Aguiar	João Anes	Fl. 310v.
Parada de Aguiar	Miguel Dias	Fl. 310v.
Gândara	Luís Eanes	Fl. 310v.
Lavra	João Anes Diogo Dias António Anes Salvador Anes	Fl. 311 Fl.312 Fl. 312 Fl. 312
Cabanelas	João Gonçalves	Fl. 311
Candal	João Afonso	Fl. 311
São Mamede do Coronado	Francisco Gonçalves	Fl. 311
Francelos	João Pires	Fl. 311
São João de Refojos	Pedro Pires	Fl. 311
Perafita	Domingos Anes Jorge Anes	Fl. 311 Fl. 311
Aveleda	Domingos Anes João Martins	Fl. 311 Fl. 311
São Martinho de Covelas	João Anes	Fl. 311

Barros de St. Maria de Bougado	João Pires	Fl.311v.
Vermoim	Pedro Afonso	Fl. 312
St. Luzia do Monte do Corvo	João Álvares	Fl. 312
Canelas de Gaia	Gonçalo Pires	Fl. 312
Lagoa de Santiago de Bougado	João Álvares	Fl. 312
Santa Maria de Lordelo	Diogo Lourenço	Fl. 312
São João de Covas	Jerónimo Jorge	Fl.312
Mouriz	Diogo Pires	Fl.312
Valadares	João Gonçalves	Fl. 312
[...]	Gonçalo Martins	Fl. 312

Quadro 18.

Os quadrilheiros eram nomeados por um período de três anos, com funções iguais aos da cidade, policiando e mantendo a ordem na freguesia, coadjuvados por um grupo de vinte homens que formavam a sua quadrilha.

Quadrilheiros nomeados para o Termo em 1559

LOCALIDADE	NOME	FONTE
Gemunde	Cristóvão Afonso	Fl. 204
Igreja de Baixo de Avintes	Afonso Gonçalves	Fl. 208
Santo Estêvão da Maia	Brás Eanes	Fl. 208v.
Santo Estêvão	Álvaro Anes	Fl. 210
Couto de Avintes	Diogo Gonçalves	Fl. 210v.
Baguim do Monte	João Pires	Fl. 211
Arcozelo	Sebastião Pires	Fl. 212v.
Pedroso, juradia da Lavra	João Lopes	Fl. 213
Paradela do Monte de Pedroso	António Gonçalves	Fl. 213v.

Santa Cristina da Maia	Gonçalo Afonso	Fl. 215v.
Santa Marinha da Retorta	João Anes	Fl. 216
Oliveira	André Gonçalves	Fl. 216v.
Paço de Sousa	António Gonçalves	Fl. 217
	João Gonçalves	Fl. 217v.
	Gonçalo Martins	Fl. 219v.
Leça de Matosinhos	João Gonçalves	Fl. 218v.
Perosinho	André Afonso	Fl. 219
	Afonso Gonçalves	Fl. 254
São Martinho, julgado da Maia	Afonso Brás	Fl. 220
Pedroso, juradia da Venda Nova	Sebastião Álvares	Fl. 220v.
Retorta	João Anes	Fl. 221
Souto	Baltazar Martins	Fl. 221v.
Arrifana	Gonçalo Anes	Fl. 222
São Salvador da Árvore	João Martins	Fl. 222v.
Vairão	Pedro Anes	Fl. 223
Vila Nova, na rua Direita	Pedro Anes	Fl. 223v.
Sanfins de Gaia	Nicolau Gonçalves	Fl. 225v.
Paraíso	António Gonçalves	Fl. 226
Leça de Matosinhos	António Anes	Fl. 226v.
Parada de Guilharreu	Francisco Gonçalves	Fl. 227v.
São Miguel da Palmeira	Miguel Pires	Fl. 229v.
Santa Maria de Alvarelhos	Pedro Afonso	Fl. 230
Duas Igrejas de Aguiar	António Pires	Fl. 233
Tougues da Maia	Gonçalo Gonçalves	Fl. 223v.
Canelas, julgado de Penafiel	Sebastião Gonçalves	Fl. 234v.
Entre Ambos os Rios	João Pires	Fl. 236
	João Gonçalves	Fl. 236v.

Santiago da Carvalhosa	Francisco Pires	Fl. 237
Santiago da Capela	Brás Gonçalves	Fl. 239
São João de Luzim de Penafiel	João Álvares	Fl. 343
Azurara	António Pires João Anes	Fl. 246 Fl. 251v.
Lordelo	Domingos Anes	Fl. 248v.
Valbom	Gonçalo Anes	Fl. 252v.
Guilhufe	João Afonso	FL. 253v.
Santa Eulália de Oliveira	Pedro Anes	Fl. 254v.
Sanfins de Moinhos	João Afonso	Fl. 255
São João da Foz	Pedro Gonçalves	Fl. 255v.
Monte Corrada	Gabriel Gonçalves	Fl. 256
São Miguel de Barreiros de Leça	Pedro Gonçalves	Fl. 257
Sosino de Leça	Jorge Afonso	Fl. 257v.
Gatões, couto de Leça	João Afonso	Fl. 258
Guifões, couto de Leça	Francisco de Sousa	Fl. 258v.
Casal de Reguenga	Gonçalo Gonçalves	Fl. 259

Quadro 19.

2.5. Os Mesteres

Desde o princípio do século XIV que os ofícios mecânicos sofreram um grande desenvolvimento em todo o país.

Os mesteirais, organizados em corporações, tornaram-se uma força activa nos principais centros urbanos, procurando intervir directamente na administração municipal, reagindo contra a prepotência dos homens que monopolizavam o poder, abalando de forma significativa a organização tradicional dos concelhos[157].

Os cidadãos, enriquecidos com os lucros obtidos no comércio marítimo, cumulavam honras e privilégios[158]. O povo opunha-se, cada vez com mais firmeza, a esta "*aristocracia do concelho*", que tentava impor a sua vontade e fazer valer os seus direitos, governando a cidade da forma que lhe era mais conveniente.

Os reis, cientes da importância que os mesteirais iam adquirindo nos concelhos, foram os principais impulsionadores da organização das corporações de ofícios.

Assim, a exemplo do que D. João I fizera em 1383 na cidade de Lisboa, o rei D. Manuel, em 1518, manda que se constitua no Porto a Casa dos Vinte e Quatro.

Alguns documentos anteriores, referem já a participação dos oficiais mecânicos em sessões da câmara onde se debatiam assuntos que lhes diziam directamente respeito, embora sem terem assento oficial.

Nem sempre foi fácil a convivência entre os representantes dos mesteres e a vereação, não conseguindo os mesteirais do Porto os privilégios que

---

[157] SOARES, Torquato Brochado de Souza – *Subsídios para o estudo da Organização Municipal da Cidade do Porto durante a Idade Média*, Ed. fac-similada (subsidiada pelo BPA), Barcelos 1989, pág. 164.

[158] *Idem. Ibidem*, págs. 166-167.

alcançaram noutras cidades, certamente por aqui se fazer sentir mais a oposição dos burgueses.

2.5.1. Os Procuradores dos Mesteres

Em 1519 uma carta régia informa a vereação de que os Vinte e Quatro estão constituídos, ordenando D. Manuel que estes escolhessem todos os anos dois homens de bem e da melhor consciência, que saibam requerer as coisas do povo, com toda a justiça, nas vereações[159].

Os procuradores tomariam assento numa mesa afastada, frente aos oficiais da câmara, participando assim activamente nas reuniões camarárias. Contudo em 1535 os procuradores protestavam por não lhes serem facultados, na sala da vereação, os lugares a que tinham direito[160].

Durante o tempo que exercessem funções estavam isentos de todos os cargos e serviços do concelho. O rei autorizou ainda que tivessem um letrado que os aconselhasse e que seria consultado pelos mesteres sempre que o necessitassem, podendo acompanhá-los à câmara e em nome deles requerer benefícios para o povo[161].

Os procuradores dos mesteres deveriam estar presentes, tornando inválidas as resoluções tomadas caso não comparecessem, sempre que houvesse eleições dos vereadores e demais oficiais da câmara, se fizessem posturas ou ordenações, se lançassem fintas, se concedessem tenças ou se assumissem encargos relevantes para a cidade[162].

---

[159] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 24.
[160] CRUZ, António – *Os Mesteres do Pôrto. Subsídios para a História das Antigas Corporações dos Ofícios Mecânicos*, Vol. I, Ed. do Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdência Social, Porto 1943, pág. XXXIX.
[161] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 24.
[162] *Idem. Ibidem.*

Quando os mesteirais demoravam a eleição dos Vinte e Quatro e dos procuradores, a câmara intervinha, estabelecendo o prazo em que haviam de cumprir o regimento.

Em 1559 os procuradores dos mesteres têm uma participação muito activa ao longo de todo a ano, tomando parte na maioria das reuniões camarárias.

Procuradores dos Mesteres em 1559

NOME	Nº. DE PARTICIPAÇÕES
Gonçalo Anes	48 sessões
Gonçalo Luís	23 sessões
Gonçalo Gonçalves	1 sessão
Gregório Gonçalves	26 sessões
Sebastião Gonçalves	7 sessões

Quadro 20.

Em 28 de Junho[163] são empossados como procuradores dos mesteres Gregório Gonçalves e Gonçalo Anes, pelo juiz e vereadores, prestando juramento aos Santos Evangelhos.

2.5.2. Os Juízes dos ofícios

Uma carta régia de 20 de Abril de 1487 estabelece que sejam nomeados dois juízes ou vedores dos ofícios por cada mester, para que entendessem nos "*agravos*" e diferenças que ocorressem, principalmente quando se tratava

[163] Ver *L. V.* 21, fl. 246v..

da aplicação das taxas e na definição dos preços a praticar pelos artefactos dos mesteirais[164].

A sua importância advinha-lhes da competência profissional que tinham, o que levava a que, pela sua fama, fossem escolhidos entre os seus pares para examinarem os aprendizes, que no final do seu ensinamento se candidatavam a oficiais e mais tarde a mesteirais[165].

Cada ofício elegia os seus representantes, confirmados depois pela câmara, nomeados por um período de um ano.

As resoluções tomadas e os alvarás passados pelos juízes dos ofícios tinham que ser submetidas à aprovação da vereação[166].

Juízes dos Ofícios nomeados em 1559

OFÍCIO	NOME	FONTE
Ourives	Belchior Nogueira	Fl. 114
	Duarte Gonçalves	Fl. 114
Carpinteiros	Gonçalo Martins	Fl. 118
	Manuel Dias	Fl. 118
Pedreiros[167]	João Pires	Fl. 204v.
	Domingos Afonso	Fl. 204v.
Sapateiros	João Dias	Fl. 214v.
	André Afonso	Fl. 214v.
	André Afonso do Souto	
Ferreiros[168]	António Fernandes	Fl. 232v.
	Gonçalo Gonçalves	Fl. 232v.
Tanoeiros	Diogo Anes	Fl. 238

[164] CRUZ, António – *Os Mesteres do Porto...*, pág. LXX.
[165] SILVA, Francisco Ribeiro – *A Casa dos Vinte e Quatro*, in "História do Porto", pág. 332.
[166] CRUZ, António – *Os Mesteres do Porto...*, pág. LXXI.
[167] Estes dois oficiais aparecem novamente referidos no fl. 231v..
[168] No texto da acta é referido "*Antonio Fernandez d'allcunha o Frade e Gonçalo Gonçalvez ferreiros e juizes do oficyo dos feytos*".

	Estêvão Gonçalves	Fl. 238
Alfaiates	Francisco Álvares	Fl. 239v.
	Pantalião Fernandes	Fl. 239v.
Barbeiros	Gomes Anes	Fl. 244v.
	Pedro Tomé	Fl. 244v.

Quadro 21.

Quando as pessoas escolhidas não demonstravam ter capacidade suficiente para exercer o cargo, a câmara podia intervir substituindo-as por aqueles que achasse mais aptos para o desempenho das funções. O município intervinha também na fixação dos preços[169].

No dia 2 de Julho[170] Lourenço Nunes, que tinha o ofício de barbeiro, presta juramento na câmara tomando posse como "*guarda dos cargos*". Pensámos que estará relacionado com os ofícios, mas não encontrámos qualquer referência a esta função.

[169] CRUZ, António – *Actividades das instituições: a) A reforma do foral; b) A reorganização da Casa dos Vinte e Quatro,* in "História da Cidade do Porto", págs. 208-209.
[170] Ver *L. V.* 21, fl. 249.

2.6. Os que colaboram com vereação

Se até aqui analisámos os homens que participavam activamente na vida camarária, nomeados para cargos que de há muito faziam parte da sua actividade diária, vamos agora tratar algumas funções que, sem terem a ver directamente com a governação da cidade, eram, contudo, colaborações essenciais para o seu bom funcionamento.

Sendo nomeados pela necessidade da resolução de alguns casos esporádicos ou pelo aparecimento de novas situações, também estes homens fazem parte da história da cidade que tentámos construir através do Livro de Actas de Vreação de 1559.

2.6.1. Os Procuradores à Corte

A resolução de alguns problemas de maior gravidade ou que exigiam aprovação régia necessitavam da mediação de intermediários entre a câmara e a corte, evitando assim que os vereadores se ausentassem da cidade.

Logicamente as pessoas escolhidas para desempenhar tais funções teriam que ser da maior respeitabilidade, da total confiança da vereação e com alguns dotes de diplomacia. A missão que lhes era confiada, de na corte intercederem, perante o rei ou quem o representava, em favor das aspirações da cidade ou das suas necessidades mais prementes, exigia certamente, para além do sigilo, uma certa argúcia e facilidade de expressão que lhes permitisse com maior presteza poderem desempenhar a função de que tinham sido incumbidos.

Em Fevereiro de 1559, encontrava-se na corte a "*negocios da cydade*", Manuel Barbosa. No dia 18 desse mesmo mês, a vereação pronuncia-se sobre uma carta endereçada por ele, em que dava conta da vontade da Rainha em comprar pão a António de Soveral para dele fazer esmola à Misericórdia da cidade. A vereação congratula-se com a oferta, mas como resposta, escreve-lhe pedindo que o pão seja antes distribuído pelos pobres da cidade[171].

A 3 de Julho Manuel Barbosa aparece na câmara para reclamar os honorários que lhe são devidos por ter ido à Corte, e que até aquele dia ainda não tinham sido liquidados. Ele afirma que o corregedor deu ordem para que o tesoureiro lhe pagasse com dinheiro das rendas da cidade[172].

No mesmo dia a vereação dá conta aos cidadãos, convocados para a reunião, da intenção de enviar dinheiro das rendas da cidade a Romão da Costa, escrivão na câmara do Rei, como pagamento do "*trabalho e negocios que faaz dellaa na Corte*", o que foi aprovado por todos a "*huã voz*".

Gonçalo Seabra comparece na câmara a 8 de Julho, vindo informar-se do dinheiro que poderia levar para gastar por dia, na sua ida à corte como procurador. Decidiu a vereação que lhe fossem atribuídos 290 reais para gastar por dia ("*do dia que partyr desta cydade ate chegar*"), bem como uma "*besta*" e dois homens para o acompanhar[173].

---

[171] Ver *L. V.* 21, fls. 10 e 10v..
[172] Ver *L. V.* 21, fls. 52 e 52v..
[173] Ver *L. V.* 21, fls. 54 e 54v.. No fim do fólio é referido que ele partiu a 10 de Julho.

2.6.2. Contrato de um "Letrado"

Como já anteriormente referimos, desconhece-se, afora algumas excepções, o grau de instrução que possuíam os homens da vereação.

A maioria, tirando certamente o saber ler, não devia possuir grandes estudos, tendo consciência, como nos dá conta o fólio 51, da sua falta de preparação para a resolução de problemas e negócios de maior envergadura[174].

Assim, decidem contratar, para despacho dos negócios da cidade, o licenciado Francisco Vieira, "*por ser boom letrado e pessoa para isso*", sendo-lhe atribuídos 10 cruzados por ano, pelo seu trabalho e servindo durante o tempo que eles estivessem em funções.

3. Alguns aspectos da vida Económica e Social

3.1. As Finanças Municipais

Certamente não seria fácil gerir as finanças locais naquela época, sendo tão escassos os recursos a que a vereação poderia deitar a mão para fazer face às despesas municipais. A escassez de dinheiro parecia ser uma constante no país e as câmaras não eram excepção.

A principal fonte de receita da câmara do Porto para as despesas da rotina administrativa, provinha dos rendimentos dos bens do concelho e da tença régia. Contudo este dinheiro não era suficiente para cobrir todas as despesas que o município tinha, recorrendo por isso ao dinheiro arrecadado com as sisas, a imposição do vinho e a algumas ofertas que os rendeiros faziam para obras pias[175].

Mesmo assim muitas vezes o dinheiro continuava a escassear, sendo necessário recorrer a empréstimos. Os tesoureiros da câmara, pertencentes à elite endinheirada da cidade, cobriam com o seu próprio pecúlio, muitos destes buracos financeiros, sendo reembolsados quando a câmara tivesse solvência financeira para tal[176]. Ser credor da câmara certamente contribuiria para aumentar o prestígio social, que o cargo já conferia.

---

[174] SILVA, Francisco Ribeiro da – "*Níveis de Alfabetização de Oficiais ...*", págs. 307-336, e do mesmo autor "*Alfabetização no Antigo Regime...*", págs. 101-160.
[175] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, vol. II. Pág. 830.

3.1.1. As Receitas

A principal fonte de receita municipal consistia, pois, nos rendimentos dos bens próprios do concelho.

Os foros dos prédios rústicos e urbanos eram a receita mais certa, sem grandes oscilações, estando contudo muitos deles arrendados a preços baixos e raramente actualizados. A maior parte era aforada por prazos perpétuos ou em três vidas, só sendo possível a sua actualização quando o foreiro pedisse autorização para efectuar obras ou alguma modificação[177].

Por motivos vários estas rendas podiam também sofrer algumas baixas principalmente provocadas pela deterioração dos prédios, pela sua demolição para o alargamento de ruas e outros benefícios públicos ou pela caducidade dos contratos.

A propriedade municipal espalhava-se por quase toda a cidade, saindo fora do espaço muralhado e chegando a Miragaia, Vila Nova e Gaia. A zona onde havia maior concentração de bens concelhios ficava bem no coração da cidade, nas ruas que convergiam para a Porta do Olival, a Cordoaria, os Pelames, a praça da Ribeira, a rua de S. Miguel, a rua do Souto e a rua das Taipas.

Às rendas anteriores juntavam-se as que provinham do aluguer das bancas de venda e as das licenças para a utilização de locais públicos para fins diversos, indo estas desde a colocação de mós à construção de alpendres sobre a rua[178].

Quando caducavam os prazos os foros eram apregoados pela cidade e cedidos a quem fizesse o lance mais alto.

---

[176] GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais do Porto na Segunda Metade do Século XV*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XIV, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto 1987, págs.15-16.
[177] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 102.
[178] GONÇALVES, Iria – "*As Finanças Municipais...*", págs. 22-23.

No dia 20 de Setembro veio à câmara Maria Fernandes, devido certamente ao facto de o prazo de três vidas que tinha da sua barraca ter terminado. Ela alegava que os pregões já tinham passado e caso "*nhua pesoa mais lançar*", ela pretendia que a câmara lhe fizesse um contrato "*fateosym*"[179].

Nesse mesmo dia apresentou-se também António Jorge dizendo que "*estava comcertado com Bramqua Teyxeira*" para lhe comprar o prazo de uma barraca que esta tinha fora da Porta da Ribeira, pedindo autorização à câmara para o fazer. A vereação pediu-lhe que apresentasse o prazo que Branca Teixeira tinha da cidade, alegando ele que este se tinha perdido. Contudo sabia que Branca Teixeira pagava pela dita barraca 920 reais, mas que ele ofereceria mais, ao que os vereadores responderam que aguardasse pelo pregão e, depois de este passar, lhe fariam o prazo "*fateosym*" como ele pretendia[180].

Outra das fontes de receita da câmara eram as sisas.

Imposto lançado sobre tudo o que se comprava e se vendia, sendo paga metade pelo comprador e outra metade pelo vendedor, dele apenas estavam isentos o ouro, a prata, o pão cozido, os cavalos e as armas[181].

No Porto o imposto aplicava-se principalmente sobre as mercadorias que entravam e saíam da cidade, com maior incidência sobre as que atravessavam a barra do Rio Douro.

Uma das grandes preocupações da vereação era não permitir a fuga ao seu pagamento.

Como manter uma rede de funcionários para executar a sua cobrança, bem como a de outras coimas, se tornaria bastante oneroso para os municípios, a forma adoptada para todo o país era a de colocar a sua cobrança à arrematação.

---

[179] Ver *L. V.* 21, fls. 71 e 71v.. Os contratos de fateosim eram perpétuos, por isso raramente aceites.
[180] Ver *L. V.* 21, fl. 71v..
[181] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, vol. II, pág. 851.

Assim, no fim de cada ano, na praça da Ribeira, perante a presença do juiz de fora, da vereação e dos procuradores da cidade e dos mesteres, as diferentes sisas e coimas, da cidade e do termo, eram arrematadas, depois de andarem vários dias em pregão[182].

O rendeiro que as arrematasse teria que apresentar fiador no prazo de 8 a 15 dias, cabendo-lhe suportar todas as despesas e encargos necessários à sua cobrança. As entregas de dinheiro eram feitas depois ao tesoureiro da câmara, tratando-se de rendas municipais, ou a quem a vereação designasse para as do termo.

Enquanto a cobrança das coimas era arrematada geralmente por oficiais mecânicos, a cobrança das sisas, que atingiam sempre valores mais elevados, era feita por ricos mercadores e cidadãos, que para além dos recursos próprios que asseguravam os valores em causa, mais facilmente conseguiam encontrar dentro do seu meio fiadores à altura dos montantes que a fiança das sisas exigia.

Na reunião de 1 de Setembro[183], a vereação manda, por pregão, chamar alguns cidadãos para lhes comunicar que os rendeiros da sisa do pão não tinham cobrado as sisas a quem trazia pão "*de fora do reino pola bara de Matosinhos*", o que causava grande "*dano e prejuizo desta cydade*" e que seria "*causa de naom vir nenhum paão a ela*". Por este motivo o faziam saber aos seus "*parentes*" e "*todos a hua vooz acordarão que a cydade se posese aviso e se fezese demanda*". Esta acusação era grave, não só por constituir uma infracção à cobrança da sisa, o que prejudicava os rendimentos da cidade, mas também porque poria em causa o abastecimento do burgo, sendo por isso necessário punir, com urgência, os culpados.

As sisas aplicadas às entradas de vinho, pão e carne são várias vezes discutidas na câmara ao longo do ano em estudo[184].

---

[182] *Idem. Ibidem*, pág. 835.
[183] Ver *L. V.* 21, fl. 63.
[184] Ver *L. V.* 21, fls. 26, 26v., 40, 40v., 41, 63, 63v., 89v., 90, 90v. e 104.

Na reunião da vereação de 7 de Junho, é acertada, com os cidadãos, a possibilidade de pedir ao rei que seja criada uma imposição do vinho, possibilitando assim a eliminação das sisas do pão e da carne, as mais altas que se praticavam no Entre Douro e Minho, e principalmente que o pão deixasse de pagar as "*culheres*"[185], sendo assim a cidade mais facilmente abastecida destes produtos de primeira necessidade, sem que isto acarretasse algum prejuízo para as receitas do município[186].

Em 25 Novembro chega a resposta do rei com a autorização para ser aplicada a imposição, ficando assim estabelecido que passariam a cobrar, por um período de três anos, mais um ceitil por cada quartilho de vinho que se vendesse "*atavernado*". Nesta sessão são eleitos como recebedor e escrivão da imposição respectivamente Cosme Aranha e Pantalião de Azevedo[187]. A 23 de Dezembro é lançado o pregão da imposição[188].

A aprovação e entrada em vigor da imposição do vinho vai originar um problema com André Gonçalves[189]. Este tinha arrendado as sisas do pão e da carne e de Janeiro em diante não poderia cobrá-las. Assim a vereação decide dar-lhe vinte mil reais, das rendas da cidade, para colmatar o prejuízo.

As coimas eram outra fonte de receita importante para o município. Estas eram aplicadas aos que transgrediam as posturas municipais estabelecidas e contabilizadas em quatro grupos diferentes.

As multas que provinham da infracção aos regulamentos de almotaçaria, relacionadas portanto com os preços praticados na venda dos géneros alimentícios e com os pesos e medidas utilizadas no mercado, eram aplicadas e recebidas pelos almotacés no desempenho do cargo, de acordo com os

---

[185] Tributo que se pagava de todo o pão, farinha, nozes, castanhas e legumes, que de fora (por terra ou pelo Douro) viessem para vender no Porto. Ver LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VII, Ed. fac-similada de Cota d'Armas Editores e Livreiros, pág. 452.
[186] Ver *L. V.* 21, fls. 40, 40v. e 41.
[187] Ver *L. V.* 21, fls. 98v., 99, 99v., 116v. e 117.
[188] Ver *L. V.* 21, fls. 107, 107v., 108, 108v., 110, 110v. e 111.
[189] Ver *L. V.* 21, fls. 102v.,103 e 103v..

regulamentos do concelho e com a legislação geral do país. Os almotacés em função elaboravam todos os meses um rol das coimas recebidas, prestando contas no final do seu mandato ao concelho[190].

No fim do mês de Maio, devido aos abusos praticados pelas "*regateiras*", a vereação acorda que "*toda a pesoa que vender ortalyça não sendo dono della e sendo na segunda mão pague de cadea setecentos reaes pera a cydade e catyvos e quem o acusar*"[191].

As multas que, embora relacionadas com a transacção de produtos alimentares, não cabiam no âmbito do rol da almotaçaria, porque derivavam da desobediência às posturas municipais que incidiam sobre a fuga de géneros necessários ao abastecimento da cidade ou aos locais da sua venda por grosso, eram registadas e cobradas individualmente. Incidiam, na maior parte das vezes, sobre a compra e venda de carne e peixe[192].

As multas decorrentes da ofensa a quaisquer outras determinações municipais, nomeadamente as chamadas coimas "*das bravas*"(de que não se conhece muito bem a origem mas que se pensa estar relacionado com as bulhas entre regateiras), a de "*água-val*" e outras, eram normalmente arrendadas por ramos de actividade, para serem cobradas[193].

As multas praticadas fora da cidade, isto é as que diziam respeito às infracções correntes do alfoz, eram cobradas de maneira diferente. Assim em cada julgado, o ouvidor eleito tinha a seu cargo fiscalizar o bom cumprimento das disposições concelhias e a aplicação das respectivas penas pecuniárias. Em regra eram pouco elevadas as receitas trazidas dos julgados, certamente porque os ouvidores, como membros da comunidade, eram pouco zelosos na aplicação das coimas devido certamente aos laços de parentesco e vizinhança que os ligavam às circunscrições para onde eram eleitos[194].

---

[190] GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais...*, págs. 46-48.
[191] Ver *L. V.* 21, fls. 38v. e 39.
[192] GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais...*, págs. 46-48.
[193] *Idem. Ibidem.*
[194] *Idem. Ibidem.*

Simão Correia, vereador, comunica à câmara, na sessão de 13 de Setembro, que tendo ido pelo termo "*honde se faz a telha a prover e olhar se as pessoas que fazem a dicta telha se a fazem comforme a gramdura e grusura da marqua que lhes era dada da câmara*" e achando que ela não era feita conforme o padrão, pedira aos meirinhos das respectivas localidades que apresentassem as marcas que ele mandara fazer, para serem comparadas com uma marca de ferro existente no concelho de Gondomar. Assim foi-lhes comunicado pela vereação que os fabricantes de telha todos os anos, antes de começarem o fabrico, têm de comparecer na câmara para mostrar as "*bitollas*", sendo-lhes aplicada uma multa de 2 mil reais e cadeia se não a fizerem "*bem fecta e bem cozida e da dicta marqua*". Nomeiam ainda João Pires de São Miguel, da freguesia de S. Cosme, para o cargo de "*olhar e prover as formas e telhas que se faz no dicto comselho de Gondomar se he da marqua que lhes he dada e se he perfecta*". Caso ele ache que não está dentro dos parâmetros previstos, pode quebrá-la, comunicando ao meirinho do concelho a infracção para a pessoa em causa ser penhorada pelo valor da multa estabelecida[195].

A cobrança das portagens constituía outra das fontes de receita da cidade. Pagavam o direito de portagem os géneros que entravam na cidade para ali serem vendidos. Estavam isentos o pão cosido, queijadas, ovos, leite, prata lavrada, palha, vides, vassouras, pedra, barro, lenha e os géneros de toda a espécie vendidos para a armada real.

Localizada num ponto de convergência das vias que ligavam o Norte e o Sul do país, tendo o rio Douro como estrada natural por onde todos os dias circulavam pessoas e mercadorias, exigia-se uma fiscalização apertada nos locais por onde estas entravam e saíam da cidade.

Como acontecia com as sisas e as coimas, também estas eram postas a leilão para serem arrematadas. A condição social dos portageiros deveria

[195] Ver *L. V.* 21, fls. 68v. 69 e 69v..

variar conforme a importância e o movimento que tinha a portagem que arrematassem. Assim, se por um lado nos aparece um cavaleiro com moços por sua conta a cobrarem a portagem, também nos aparece uma portageira que não sabia ler, tendo que pedir a uma pessoa da sua confiança que assine a acta por sua vez.

No livro de actas de vereação estudado aparecem-nos referências diversas a ilegalidades cometidas pelos portageiros, a queixas e a conflitos entre estes e a câmara.

Duarte Carneiro, procurador da cidade, apresenta no dia 23 de Setembro, perante a vereação, uma queixa contra os portageiros que mandavam moços, menores de catorze anos, cobrar as portagens, pedindo estes mais do que o devido. Assim, a requerimento do procurador da cidade, esta mandou o escrivão notificar o portageiro sobre o assunto, advertindo-o de que as portagens tinham de ser cobradas por pessoas maiores, arriscando-se ao pagamento de uma pena de 1000 reais, e cadeia para o moço que cometia a infracção. O escrivão confirma posteriormente ter notificado o portageiro em causa, tratando-se de um tal João Pires, cavaleiro[196].

No dia 27 de Novembro, mandam chamar Clara Pires, moradora na porta do Olival, para lhe comunicar que a partir daquela data não sirva mais como portageira da porta do Olival " *nem use do tall officyo*" sob pena de pagar 10 cruzados para a cidade e cativos[197].

A tença paga pelos reis à cidade a partir de 1460, constituía outra das receitas fixas do município.

D. João I transformou as sisas em imposto permanente da coroa, retirando assim aos municípios parte das rendas que arrecadavam com as sisas. Para colmatar este prejuízo e porque as receitas nunca conseguiam cobrir todas as despesas que o município tinha, o rei instituiu o pagamento de uma tença

[196] Ver *L. V.* 21, fls. 72v., 73 e 73v..

anual, a ser paga pelo erário público ao município. Esta, quando paga, era sempre com grande atraso, e por vezes, em ano de grandes crises, nem sempre em dinheiro[198].

3.1.2. As Despesas

As despesas municipais, numa cidade com a importância que o Porto tinha, eram muitas e variadas.

O trabalho administrativo mobilizava já um considerável número de funcionários com um leque variado de funções, absorvendo estes uma quota importante das receitas camarárias.

O concelho tinha alguns funcionários com vencimentos fixos como: o procurador da cidade, o escrivão e os porteiros da câmara.

Para além destes, havia tarefas com vencimentos previamente estabelecidos, tais como o pregoeiro, o encarregado de manter o relógio em funcionamento e de o tanger (despesa dividida com o bispo da cidade), os homens que tinha a seu cargo o sino de correr e a balança colocada no açougue para pesar a carne para venda[199].

Eram igualmente pagos os serviços eventuais, prestados pelo escrivão e pelos tabeliães na execução das escrituras, e aos vereadores eram concedidas, por certas tarefas, gratificações.

Havia também o salário do juiz de fora e a sua hospedagem, que ficava a expensas da câmara, bem como o alojamento do corregedor, quando vinha fazer correição à cidade, e de todos quantos o acompanhassem.

---

[197] Ver *L. V.* 21, fl. 100.
[198] GONÇALVES, Iria – *Finanças Municipais...*, págs. 49-51.
[199] *Idem. Ibidem*, págs. 60-61.

As despesas dos gastos da viagem e estadia na corte dos procuradores da cidade, também corriam por conta do município como atrás já referimos, tornando-se por vezes estas viagens bastante onerosas devido ao longo tempo que era preciso permanecer na corte para resolver os problemas da cidade[200].

A aplicação da justiça e a sua manutenção eram outros dos encargos municipais.

A instauração de processos, os inquéritos públicos quando se praticavam crimes graves, a nomeação dos advogados oficiosos quando os réus não tinham meios para pagar a sua defesa, os presos e a sua guarda, todas estas despesas estavam a cargo do município.

Algumas despesas de carácter mais burocrático como a confirmação dos magistrados municipais, para desta forma legalizar a sua entrada em funções, constituíam outras das despesas da cidade.

Depois havia ainda as pequenas despesas decorrentes da gestão municipal, como seja o papel e a tinta para fazer os livros da câmara, o pergaminho para as capas e para documentos que era necessário preservar por mais tempo, como por exemplo os tombos da cidade, a cera verde para a confecção dos pelouros, os pesos e medidas que serviam de padrão e algumas refeições que a vereação oferecia em ocasiões especiais[201].

Para o abastecimento da cidade, apenas participavam com as rendas do município em casos pontuais de aprovisionamento de cereais em épocas de crise.

A cargo do município estavam também as obras de construção, manutenção e reparo dos edifícios e vias públicas.

A 5 de Abril, os vereadores dão conta aos cidadãos e procuradores dos mesteres que na rua de S. Bento estavam a cair algumas paredes e a rua era já muito estreita para o movimento que tinha, principalmente quando nela

[200] Ver *L. V.* 21, fls. 52, 52v., 54 e 54v..

passavam procissões. Por isso "*lhes parecia bem fazerse mayor e de maneira que ficase nobre*". Acordaram todos a uma voz dizendo que se fizesse "*como lhes a eles juizes e vereadores bem parece e quanto que niso fizese fose a custa das rendas da dicta cydade*"[202].

Cosme Aranha, procurador da cidade em 30 de Setembro, requeria que tivessem em conta o muro do cais, em Vila Nova, onde os barcos desembarcavam, que estando muito aberto e perigoso poderia cair, principalmente perto da porta Nova, e caindo seria grande a perda, requerendo-lhes que "*em tempo provesem niso e asy olhasem pello que comprya ao proveito da repubryca da dicta cydade*". Pedia ainda ao escrivão que assim escrevesse, para que "*em todo o tempo se podese ver e a elle não ser lançada a culpa dyso*"[203].

3.2. O abastecimento

Um dos problemas prementes da vereação era sem dúvida a distribuição dos alimentos e dos bens necessários ao dia a dia da população.

Bens essenciais como o pão, a carne, o peixe, o vinho, e os legumes, deviam chegar a todos e a preços justos.

Se desde sempre a população se queixou em cortes da fraga agreste em que vivia e da sua escassez de bens, não podemos esquecer que pela toponímia da cidade são vários os nomes que fazem alusão à existência de hortas, olivais e pomares certamente nos quintais que rodeavam as casas, e nos terrenos pertencentes aos vários conventos que existiam espalhados pela cidade.

---

[201] GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais...*, págs. 72-73.
[202] Ver *L. V.* 21, fls. 22 e 22v..
[203] Ver *L. V.* 21, fls. 79v. e 81v..

Mas se isto era escasso para o seu abastecimento, o alfoz era suficientemente fértil e rico para a população temer que a fome grassasse no concelho. Por outro lado, ao seu porto chegavam todos os dias as barcas que desciam o Douro, carregadas de barris de vinho, frutas e pão, e pelo mar vinham, de paragens mais longínquas, o sal o peixe e outros cereais[204].

Contudo, apesar disto, nem sempre houve abundância e fartura de alimentos na cidade, principalmente quando a peste fazia a sua incursão no concelho, dizimando muitos braços necessários ao trabalho, ou as expedições marítimas lhe roubavam homens.

A sua localização, facilitando o intercâmbio comercial com o resto do país e com o exterior, levava a uma concentração, cada vez maior, de pessoas que escolhiam a cidade do Porto para se fixar, o que aumentava o número de bocas para alimentar.

Era pois necessário que a vereação estivesse atenta a estes problemas, coordenasse eficazmente o armazenamento e distribuição dos produtos, fiscalizasse os preços, reduzindo ao máximo a intervenção dos intermediários e velasse pela qualidade com que chegavam ao consumidor[205].

Quanto ao pão, alimento base das populações desde tempos imemoriais, a sua carência era sinónimo de fome, principalmente entre os mais pobres.

Não admira pois que a sua distribuição constituísse uma das preocupações constantes da vereação de 1559.

É provável que não abundasse na cidade neste ano, pois, como atrás referimos, a rainha D. Catarina faz mercê à cidade, por carta recebida na vereação a 18 de Fevereiro, do pão que António Soveral tinha comprado para os lugares da Feira, pretendendo que fosse dado à Misericórdia. Contudo, certamente porque a vereação teria conhecimento de que a Misericórdia se encontrava bem abastecida, ou não fazia redistribuição justa, pediram à

---

[204] SOUSA, Armindo de – *Tempos Medievais* in "História do Porto", págs. 183-187.
[205] GONÇALVES, Iria – *Defesa do consumidor na cidade medieval: Os produtos alimentares (Lisboa – séculos XIV-XV)* in "Um olhar sobre a cidade medieval", págs. 97-116.

rainha que este fosse antes distribuído pelos mais pobres da cidade[206], "*por que ysto parecia mais serviço de Deus e remedio do povo*", ocupando-se pessoalmente os homens da vereação da sua distribuição a 26 de Abril, acabando, por isso, mais cedo os trabalhos na câmara[207]. Uns dias mais tarde, a 10 de Maio, é novamente referido que os vereadores foram repartir "*o pão d'Ell-Rei*", não havendo, por esse motivo, reunião camarária nesse dia[208].

Alguns meses mais tarde, a 11 de Setembro, os vereadores mandam chamar à câmara o referido António Soveral, cavaleiro, e Francisco Aleixo, da casa de El-Rei. Intervenientes no negócio do pão que a rainha oferecera à cidade, os vereadores queriam saber se estes homens tinham contrato com Sua Alteza para comprar esse pão, pedindo-lhes ainda que declarassem o preço porque o tinham comprado, para eles comunicarem à rainha. António Soveral declarou ser feitor de sua majestade e, como tal, não ter contrato, nem nunca dele ter precisado, visto que "*tynham escrito da dicta feitoria que era já na Corte com os lyvros pera dar as comtas e que sempre escrevia a Sua Alteza e aos vereadores de Sua Alteza a como lhe custara e elles lhes mandaram que ho comprase*". António Rodrigues, vereador em exercício, não parecia acreditar muito no que eles diziam, mas António Soveral acrescentou que não tinha satisfações a dar-lhes porque comprara ao melhor preço e já não se lembrava do nome das pessoas que o venderam, mas estava escrito no livro que enviara para a corte. Não acreditando muito nas palavras dele, os vereadores mandaram ao escrivão que tudo ficasse registado em acta[209].

Noutro fólio, que infelizmente se encontra em muito mau estado, sendo difícil a sua leitura, os vereadores mandam chamar por pregão os cidadãos e os representantes dos mesteres, para lhes dar conta de uma informação trazida à câmara por Manuel Bem Talhado, que dizia estarem dois barcos

---

[206] Ver *L. V.* 21, fls. 10 e 10v..
[207] Ver *L. V.* 21, fl. 29.
[208] Ver *L. V.* 21, fl. 32v..

para seguir rio acima com pão, possuindo ele cartas de mandas de fiança, e que se todos estivessem de acordo, ficasse esse pão para ser "*regatado*", na cidade, sendo pago com as rendas da mesma[210].

Tão imprescindível como o pão era o vinho, que já nesta época abundava na região.

Sem terem certamente uma variedade grande de alimentos nas suas mesas, o pão e o vinho constituíam a base da alimentação dos mais pobres que, seguramente, só em dias festivos se podiam dar ao luxo de variar um pouco e de melhorar os seus repastos.

Abundante na região, como atrás referimos, era principalmente pelo rio que chegava ao burgo, em barcas carregadas de pipas, que desciam o Douro para abastecer a cidade e dali, o excedente, ser transportado para o resto do país e estrangeiro, contribuindo para que anos mais tarde, pela sua qualidade, se tornasse conhecido no mundo inteiro.

Já nesta época deveria gerar importantes receitas para os mercadores, beneficiando a cidade das rendas cobradas com a sua entrada e a coroa do recebimento da sua sisa[211]. Isto obrigava a vereação a legislar frequentemente sobre os seus preços de venda e a ter em atenção as possíveis fugas à declaração de entrada na cidade, arriscando-se todos os que metessem vinho em suas casas ou o vendessem sem o declararem, a perder todo o vinho e a pagar uma pena de 2000 reais para a cidade e cativos e cadeia[212].

Na reunião de 17 de Abril é decidido que cada pipa de vinho que entrasse na cidade pagasse 70 reais de entrada, acordando que não se vendesse senão conforme o foral[213]. Alguns dias mais tarde, a 27 de Maio, devido aos

---

[209] Ver *L. V.* 21, fl. 67 e 67v..
[210] Ver *L. V.* 21, fls. 25 e 25v..
[211] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 69.
[212] Ver *L. V.* 21, fl. 108v..
[213] Ver *L. V.* 21, fls. 26, 26v. e 27.

protestos de alguns cidadãos que declaravam estar a ter prejuízo com a sua venda, foi acordado que se vendesse a 4 reais o quartilho.

Como atrás fizemos referência, a vereação pediu ao monarca que criasse uma imposição do vinho para a cidade, com o intuito de poder acabar com a sisa do pão e da carne. O pedido foi aceite, a imposição criada e posta em prática a partir de Janeiro de 1560, por um período de três anos. O vinho passaria assim a ser vendido por mais 1 ceitil por quartilho.

O ano de 1559 deve ter sido um bom ano de produção vinícola.

A 27 de Setembro a vereação manda chamar por pregão os cidadãos à câmara, para lhes fazer saber que tinha informação de que havia muito vinho em Riba Douro e na cidade. Por esse motivo entendiam que se deveria fazer "*acordo sobre o dicto vinho antes que os regatães e outras pesoas o fosem comprar para depois não terem rezão de diserem que lho comprarão caro e asy tambem a que preço se devia de por o quartylho do vinho o mylhor*"[214]. Assim decidiram que se vendesse "*o mylhor vinho vermelho*" a 3 reais o quartilho, sendo daí para baixo almotaçado pelos almotacés, "*segumdo vyrem que ho vinho merece ser gasto*". Quem infringisse o estipulado pagaria de pena 3000 reais e cadeia, a terça parte para quem o acusasse e duas partes para a cidade e cativos.

Quanto ao vinho velho, seriam cumpridos os acordos anteriormente firmados, até ao dia de S. Martinho, sendo vendido por 4 reais o quartilho, o que fosse de melhor qualidade. Daí em diante seria vendido por 3 reais[215].

O vinho tinto velho e de qualidade, certamente por ser o mais procurado, era o mais caro. Só com a abertura das pipas do vinho novo, pelo S. Martinho, o preço baixava, sendo equiparado com o melhor vinho da colheita do ano.

No que respeitava ao vinho branco, os que abrissem as pipas sem primeiro serem vistas pelos almotacés, incorreriam numa pena de 2000 reais e cadeia.

---

[214] Ver *L. V.* 21, fls. 74, 74v., 75 e 75v..

Estes preços seriam praticados não só na cidade e arrabaldes, mas também passariam a vigorar em todo o termo.

Em Dezembro, na reunião do dia 16, a vereação vai aplicar penas a vários comerciantes por venderam vinho por preços superiores aos almotaçados ou por o terem adulterado. Assim, os que infringissem os acórdãos, tendo sido apanhados a "*calabrear*"[216] o vinho ou a vendê-lo por um preço mais alto, pagariam as penas anteriormente acordadas e não venderiam mais vinho sob pena de serem encarcerados[217].

O peixe também abundaria decerto numa cidade toda voltada para o rio e tão fortemente ligada ao mar.

Descarregado na barra e comercializado principalmente na zona da Ribeira, era grande a variedade de peixe que entrava na cidade, indo desde a simples sardinha acessível às bolsas mais pobres, até ao sável e à lampreia que adornavam as mesas dos mais abastados.

Consumido ao longo de todo o ano, era pela altura do jejum imposto pela quaresma que a sua procura se tornava mais frequente.

O preço do peixe comercializado sobre as águas era fixado pelos oficiais da cidade, tendo os mestres dos navios que apresentar uma amostra de cada espécie na vereação; quando se tratava da sardinha, essa amostra era constituída por duas dúzias, que depois de vendida toda a carga do barco eram dadas ao porteiro da câmara[218].

O peixe era vendido fresco logo que era descarregado. Devido à rapidez com que se tornaria impróprio para consumo, era muitas vezes salgado e seco, podendo assim ser conservado por mais algum tempo.

No livro em estudo apenas aparece referido o bacalhau, vendido a 5 reais o seco e a 3 reais o "*molhado*"[219].

---

[215] Ver *L. V.* 21, fls. 77v. e 78.
[216] Misturar diferentes qualidades de vinho, "adulterar", "alterar".
[217] Ver *L. V.* 21, fls. 273, 273v. e 274.
[218] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 75.
[219] Ver *L. V.* 21, fl. 80.

O abastecimento de carne constituía outra das preocupações da vereação.

A câmara estabelecia contratos com os carniceiros, sendo estes obrigados a fornecer carne à cidade, por um determinado período de tempo e pelo preço fixado.

A 5 de Abril a câmara faz contratos com vários fornecedores, que ficavam obrigados a abastecer a cidade até "*dia de Pascoella do ano que vem*", com vinte bois ao sábado e sete durante a semana, de boa qualidade, pelo preço acordado no ano anterior[220]. Francisco Gonçalves ficava obrigado a entregar 3 bois cada sábado e 1 durante a semana ao Cabido da Sé[221] .

A 29 de Novembro comparece perante a vereação Gonçalo Pires, da terra da Feira, que lhes comunica a intenção de trazer porcos para "*cortar*" na cidade[222].

O gado bovino, porcino, ovino e caprino era abatido e esquartejado no açougue da cidade. Ali a carne era vendida perante o olhar atento dos almotacés, que para além de fiscalizarem os preços, zelavam pela qualidade dos animais abatidos. Os coelhos e as aves de capoeira podiam ser abatidos e comercializados sem terem de passar pelo açougue[223].

Numa reunião camarária que teve lugar a um sábado, a 29 de Julho, a vereação debate-se com o problema da distribuição de carne à cidade. Os almotacés nomeados tinham-se ausentado da cidade para tratar de assuntos particulares, não havendo por isso quem procedesse à sua distribuição. Assim a única solução foi nomear um almotacé substituto, para que os cidadãos não ficassem, no Domingo, privados da carne nas suas mesas[224].

Os legumes também entravam na alimentação dos portuenses e, a par do pão e do vinho, deveriam fazer parte das refeições diárias dos mais pobres. Cultivados certamente nos quintais e pequenas hortas da cidade e arrabaldes,

---

[220] Ver *L. V.* 21, fls. 271, 271v. e 272.
[221] Ver *L. V.* 21, fl. 272v..
[222] Ver *L.V.* 21, fl. 316.
[223] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 72.
[224] Ver *L. V.* 21, fls. 58, 58v. e 59.

contribuíam com a sua venda para aumentar os parcos recursos dos menos afortunados.

Para impedir que os ganhos com a sua venda fossem parar aos bolsos dos intermediários, a câmara proíbe que sejam vendidos em "*segumda mão*", porque "*era grande trabalho dos pobres*". Quem o fizesse sujeitava-se à cadeia e a pagar 700 reais de multa para a cidade, cativos e para quem o acusasse.

3.2.1. Mercados e Feiras

A chegada das mercadorias à cidade, quer as trazidas por terra, no dorso dos animais, quer pelo porto e descarregadas na Ribeira, bem como as que se produziam dentro de portas, impunha que todos os portuenses tivessem acesso a eles e a um preço tão baixo quanto possível. Era forçoso também que as pessoas não fossem defraudadas, tanto no que respeita às quantidades adquiridas como à qualidade dos produtos[225].

A vereação tinha pois, aqui, uma palavra importante a dizer, como única entidade que no concelho podia zelar pela defesa dos consumidores.

A primeira preocupação da edilidade era a de conseguir que todos pudessem ter acesso aos bens de que careciam e os tivessem à sua disposição em lugares determinados. Nesse sentido as vereações tentaram criar postos de venda em locais centrais ou junto às portas da cidade, facilitando assim a compra, principalmente dos produtos de primeira necessidade.

---

[225] GONÇALVES, Iria – "*Defesa do consumidor...*", págs. 99-116.

Outra das preocupações era a mediação de intermediários que encarecia os produtos, apostando as câmaras em reduzi-los o mais possível[226].

O principal mercado da cidade era o da Ribeira, onde se vendia peixe, legumes, frutas e fressuras[227]. Noutros pontos da cidade mercava-se de tudo um pouco como no da Sé, no do Olival e no das Aldas. Muitos produtos tinham ruas próprias para serem comercializados como a dos Pelames e a dos Caldeireiros. O largo de S. Domingos tinha uma série de "*boticas*" com produtos variados.

As rainhas do mercado eram as "*regateiras*", que se dedicavam à venda da criação doméstica e à dos produtos que adquiriam aos produtores dos arrabaldes da urbe. Hábeis negociantes, aproveitavam-se dos períodos de carestia para inflacionarem os preços dos produtos, obrigando os almotacés a uma vigilância constante.

A realização de feiras era importante para o abastecimento da cidade; por vezes eram isentas de encargos fiscais para atrair mais vendedores. Assim, nestes dias acorriam à cidade muitos lavradores dos arrabaldes e termo, que traziam para vender o seu gado, aves de capoeira, legumes e frutas, levando em troca as alfaiais, vestuário e outras coisas de que necessitavam.

No primeiro dia de cada mês, no largo de S. Domingos feirava-se o pão. Outras feiras importantes eram a do gado, a dos criados, que se fazia em dois períodos, a primeira todas a terças-feiras de Abril, para os contratados para o Verão, a segunda nas terças-feiras de Novembro, para os contratos de Inverno, realizando-se no largo dos Ferradores[228], a de S. Miguel, que era anual e se fazia no campo do Olival, fora de muros. Para além destas havia uma feira semanal à qual se chamava feira franca, que usufruía do privilégio da isenção da sisa[229].

---

[226] Idem, *ibidem*.
[227] Miúdos e tripas de animais.
[228] LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Pinho, *obra cit.*, vol. VII, pág. 389.
[229] SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu Termo...*, II vol., págs. 702-703

Alguns dos preços praticados em 1559

PRODUTO	PREÇO	FONTE
Vinho Tinto	3 reais o quartilho	Fl.77v.
Vinho Branco	3 reais o quartilho	Fl.77v.
Vinho Velho	4 reais o quartilho	Fl.77v.
Trigo	110 reais o alqueire	Fl.67v.
Carne de Vaca	1 vintém 3 arráteis	Fl.271 e 271v.
Galinha	30 reais	Fl.78
Galo	Entre 15 e 25 reais	Fl.78
Frango	10 reais	Fl.78
Ovos	400 ceitis o ovo	Fl.78
Coelho	15 reais	Fl.80
Bacalhau Fresco	3 reais	Fl.80
Bacalhau Seco	5 reais	Fl.80
Hortaliça	4 ceitis o molho	Fl.39
Alface	2 reais o pé	Fl.38v.

Quadro 22.

3.2.2. Os Almocreves

Essencial ao permanente abastecimento da cidade era a celeridade com que as mercadorias deviam ser transportadas do termo, e de outros concelhos, para os mercados da urbe.

Com uma rede viária absolutamente deficitária e sem meios de transporte capazes de enfrentar os piores caminhos, o intercâmbio de mercadorias era em grande medida feito pelos almocreves. Estes homens, de condição modesta, transportavam no lombo dos seus animais de carga todo o tipo de

mercancias, sós ou em caravanas (recova), circulando pelos concelhos, enfrentando as intempéries e os malfeitores, de quem muitas vezes eram vítimas[230].

Todas as localidades com um mínimo de importância dispunham de um corpo de almocreves. Competia aos almotacés garantir o número consignado, procedendo à substituição de todos os elementos que por falecimento ou outro motivo abandonassem a actividade[231].

Como forma de os atrair, os concelhos obrigavam-se a montar infraestruturas indispensáveis à sua hospedagem e ao tratamento adequado dos seus animais de carga.

O preço do transporte das mercadorias era influenciado por três factores essenciais: a estação do ano, a distância donde provinham e as taxas que lhes eram aplicadas ao entrar nas localidades, principalmente as sisas e as portagens[232].

O seu papel, no que concerne ao desenvolvimento das comunicações inter-regionais, era de tal maneira importante que levou a coroa e os municípios a conceder-lhes alguns privilégios. Assim, estavam isentos do serviço militar e de dar hospedagem na sua residência.

Tentando precaver-se contra possíveis fraudes praticadas pelos almocreves, sendo muitas das vezes eles os enganados, os municípios legislaram no sentido de evitar que certos abusos fossem cometidos. Em alguns concelhos, entre os quais se encontrava o Porto, o almocreve só podia levar da cidade bacalhau, sardinha e outro tipo de peixe fresco, seco ou salgado, desde que tivesse trazido para a cidade, em troca, outra carga, sob

---

[230] MORENO, Humberto Baquero – " *A importância da Almocrevaria no Desenvolvimento dos Concelhos durante a Idade Média*" in "Os Municípios Portugueses nos Séculos XIII a XVI – Estudos de História", 1ª Ed., Editorial Presença, Lisboa 1986, págs. 167-171.

[231] MORENO, Humberto Baquero – *A Acção dos Almocreves no Desenvolvimento das Comunicações Inter-Regionias Portuguesas nos Fins da Idade Média*, Brasília Editora, Porto, pág. 15.

[232] *Idem. Ibidem*, pág. 18.

pena de, caso fosse descoberto, pagar uma multa de 200 reis[233]. Era igualmente interdito aos almocrevres mandar salgar peixe, porque tal poderia dar azo a que, depois de lavado, o vendessem como peixe fresco.

Na reunião camarária de 30 de Setembro, a vereação decide que, para os almocreves não terem que esperar pelo escrivão da câmara para fazer o registo das mercadorias que transportavam, o que os obrigava a ficar muito tempo parados, o almotacé, ou qualquer outra pessoa que o pudesse fazer, as registasse no livro respectivo, sem contudo lhes levar dinheiro pelo trabalho[234].

[233] *Idem. Ibidem,* págs. 31-32.

4. Saúde e Assistência

Uma das grandes preocupações das populações era, sem sombra de dúvida, o espectro da peste.

Depois de vários surtos terem dizimado grande parte da população da Europa, de que Portugal não foi excepção, vivia-se num constante desassossego, tentando evitar-se qualquer pequeno surto que fizesse ressurgir a endemia que a todos atemorizava.

A deficiente higiene pessoal, o lixo que se amontoava nas ruas e a contaminação das águas de abastecimento público, eram os principais factores para o aparecimento e propagação das epidemias e outras doenças de fácil contágio.

Cabia às autoridades concelhias reforçarem as medidas de higiene, proibindo o lançamento de sujidades e dejectos pelas janelas das habitações, ordenarem a limpeza das ruas e a remoção das esterqueiras que se amontoavam por toda a cidade.

Quando a peste reaparecia era grande a preocupação da edilidade em circunscrevê-la o mais rapidamente possível, isolando os afectados em suas casas, pondo familiares e vizinhos de quarentena e chegando mesmo a entaipar ruas inteiras. Da memória desses acontecimentos conserva o Porto, na sua toponímia, a rua das Taipas.

Os barcos que atracavam no porto estavam sujeitos a visitas de saúde, levadas a cabo pelos guardas-mores da saúde e pelo cirurgião contratado pela câmara, averiguando estes qual a situação da tripulação; em caso de qualquer pequena desconfiança, era posta de quarentena alguns dias.

Outro dos flagelos era a lepra. Altamente contagiosa devido igualmente à falta de higiene, os doentes tinham que ser isolados para evitar o contágio. A

---

[234] Ver *L. V.* 21, fls. 78v. e 79.

leprosaria, situada primeiro na zona da Ribeira, passou depois para o campo de S. Lázaro, assim chamado certamente divido à existência do lazareto, na zona de Mijavellhas[235], onde a gafaria da cidade se manteve em actividade durante largas décadas. Este foi o único estabelecimento de saúde que permaneceu sempre sob direcção da câmara.

Depois dos flagelos passarem, era necessário vigiar as chusmas de mendigos, tratar os enfermos e cuidar dos órfãos e enjeitados. A assistência estava essencialmente a cargo dos mosteiros, das confrarias e da Misericórdia.

Embora sempre com intuitos piedosos e intrinsecamente ligada à religiosidade, a assistência foi principalmente organizada, localmente, por iniciativa de particulares, através da criação de hospitais pelas confrarias, de alguns benfeitores que mantinham albergarias e posteriormente pela participação da coroa na fundação da Misericórdia.

A salvação da alma depois da morte, através das esmolas e dos actos piedosos que se praticavam em vida, levava muitos a redimir os seus pecados através da doação de parte ou da totalidade dos seus bens, pós-morte, para obras pias e principalmente para a assistência aos doentes.

A caridade dependia pois, quase exclusivamente, das doações de particulares, que faziam sobreviver muitas instituições e serviços.

Contudo cabia à municipalidade o poder de averiguar quais os verdadeiros pobres e os que mereciam ser ajudados, em detrimento dos vadios, que se esforçava por manter afastados da cidade para evitar desordens e arruaças.

A 16 de Novembro de 1558, a rainha regente D. Catarina proibia as pessoas fisicamente aptas de pedir esmola. Os que estivessem impossibilitados de trabalhar, teriam as suas áreas de peditório circunscritas

---

[235] PASSOS, Carlos de – *O Campo de Mijavelhas e a Quinta do Reimão*, in "Boletim Cultural" da C.M.P., Vol. XVIII, Março – Julho 1955, fasc. 1-2, pág. 85.

às zonas de onde eram naturais ou onde viviam. Fora deste espaço, só com autorização dos oficiais locais poderiam praticar a mendicidade[236].

A par destes foi criada a figura de "pedinte profissionalizado", o mamposteiro, autorizado a pedir para os conventos, para remissão dos cativos ou para obras de caridade[237].

Os mosteiros, embora prestassem assistência hospitalar aos mais desfavorecidos, estavam essencialmente vocacionados para darem apoio sanitário aos peregrinos e romeiros que por estas paragens passavam, principalmente a caminho de Santiago de Compostela.

Criando enfermarias exteriores, geridas por um membro da comunidade titular, cujas funções e horário de funcionamento dependiam das suas obrigações no contexto da instituição a que pertencia, vários mosteiros da cidade e do termo prestavam os primeiros socorros e alimentavam todos quantos batessem às suas portas, no percurso da penitência que faziam para salvação das suas almas, ou em agradecimento por alguma graça recebida[238].

4.1 A Misericórdia

No ano seguinte ao da fundação da Misericórdia de Lisboa, em 1499, D. Manuel enviou uma carta à edilidade portuense, manifestando o seu desejo de criar no Porto uma confraria semelhante à já existente em Lisboa.

D. Manuel propunha-se reunir num amplo edifício os vários hospitais da cidade, a exemplo do que fizera D. João II na capital, com a construção do

---

[236] SÁ, Isabel dos Guimarães – *Assistência – Época moderna e Contemporânea,* in "Dicionário de História Religiosa de Portugal", dir. de Carlos Moreira Azevedo, Ed. Círculo de Leitores AS e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 1ª Ed., Agosto 2000, ISBN 972-42-2313-2, págs. 140-141.

[237] *Idem. Ibidem.*

[238] MARQUES, José – *A Assistência aos Peregrinos no Norte de Portugal, na Idade Média,* in "Revista de História" do Centro de História da U. P., Vol. XI, I.N.I.C., Porto, 1991, págs. 9-22.

Hospital de Todos-os-Santos. Beneficiando da faculdade que lhe concedera, em 1501, o papa Alexandre VI, pretendia incorporar as rendas dos hospitais menores de cada terra num só[239].

Um ano mais tarde, em 4 de Março de 1502, o monarca aprova a planta para o edifício e é escolhido o local onde será edificado.

Como as rendas dos estabelecimentos hospitalares não bastassem para pagar a construção, o monarca propõe à edilidade lançar uma imposição sobre o vinho e a carne, a vigorar durante um ano, para fazer face a tão grandes despesas. Contudo, temendo que uma vez estabelecido o imposto este permanecesse para sempre, a vereação opôs-se, preferindo pagar por "*finta*" as despesas que coubessem à cidade e ao termo, acabando o rei por aceder[240].

O primeiro local onde se instalou a Confraria da Misericórdia foi na capela de Santiago, no claustro velho da Sé, passando mais tarde para o edifício construído na rua das Flores. Crê-se ter sido também o rei D. Manuel que ofereceu, para servir de retábulo da capela de Santiago, o magnífico painel conhecido como o "*Fons Vitae*"[241].

Deviam fazer parte da confraria 100 Irmãos que, ricos ou pobres, eram considerados como iguais. Todos tinham direito a voto e todos poderiam ser eleitos para desempenhar qualquer cargo, com excepção do provedor, que teria de ser pessoa de condição elevada.

Em 29 de Maio de 1510, D. Manuel concede à confraria portuense os mesmos privilégios e liberdades de que gozava a da cidade de Lisboa. Assim, ficava com o monopólio dos peditórios para presos, entrevados e "envergonhados".

---

[239] BASTOS, Artur de Magalhães – *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Vol. I, Ed. da Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1934, págs. 165-168.
[240] *Idem. Ibidem*, pág. 170.
[241] *Idem. Ibidem*, pág. 236.

Um ano mais tarde o rei autorizava a Misericórdia a nomear 10 mamposteiros para fazerem peditórios por todas as cidades, vilas e lugares pertencentes ao Bispado do Porto.

Durante a semana, os Irmãos da confraria distribuíam esmolas pelos doentes e pobres, levavam conforto e alimentos aos cativos e visitavam os doentes dos hospitais. Outra das suas funções era o acompanhamento dos condenados que expiavam os seus crimes na forca, procedendo ao seu enterramento ao cair da noite.

Nos princípios do século XVI existiam vários hospitais na cidade. Em 1521 foram anexados à Misericórdia o de Santa Clara, o de Cimo de Vila e o de Rocamador.

Cada um dos hospitais era administrado, gratuitamente, por um Mesário ou Mordomo, que era obrigado a estar presente quando o cirurgião visitava os doentes, para depois fazer cumprir o que havia sido prescrito por este. Devia assistir às refeições dos enfermos e velar para que fossem bem confeccionadas. Piedosamente deveria visitá-los o mais que lhe fosse possível[242].

A assistência à velhice também não era descurada, possuindo alguns destes hospitais enfermarias onde permaneciam idosos sem recursos.

Devido às campanhas de África e aos muitos homens que por lá perdiam a vida, existiam na cidade muitas raparigas órfãs, sem dote para casar ou seguir a vida religiosa. Com medo de que, ficando votadas ao abandono, entrassem na prostituição, a Misericórdia instituiu, a partir de 1541, um dote que contemplava anualmente 2 raparigas, naturais da cidade e em idade casadoira. As jovens introduziam as suas petições numa arca fechada, durante oito dias a partir do primeiro domingo da Quaresma. Analisados os

[242] *Idem. Ibidem*, págs. 330-339.

pedidos, depois de atribuídos os dotes teriam que contrair matrimónio no espaço de um ano[243].

Isto leva-nos a pensar que possivelmente o "*cofre dos órfãos*" de que se fala no fl. 35 referir-se-ia à arca onde as órfãs introduziam os seus pedidos.

Existiu sempre uma ligação estreita entre a Misericórdia e a vereação, tendo muitos dos homens que passaram pela câmara ocupado vários cargos na sua administração, principalmente o de provedor. Como exemplo disso referimos o facto de, no ano de 1559, desempenhar as funções de provedor o vereador Diogo Brandão[244].

4.2. Os Enjeitados

Os recém-nascidos indesejados ou incómodos, devido quer à miséria em que viviam os seus progenitores quer ao facto de serem fruto de amores ilícitos, eram muitas vezes abandonados às portas das igrejas e conventos ou em locais onde facilmente fossem entregues à caridade pública. A responsabilidade da sua criação recaiu sempre sobre a edilidade. Como a cidade não possuía nenhum estabelecimento vocacionado para a sua criação, a câmara contratava amas de leite, remuneradas, para que os educassem até aos 7 anos, altura em que eram procuradas famílias que os pudessem adoptar[245].

Se a mortalidade infantil era elevada, maior ainda seria no caso destas crianças absolutamente privadas dos cuidados e carinhos familiares.

Mesmo depois da fundação da Misericórdia, esta nunca quis tomar a seu cargo a criação dos enjeitados.

---

[243] *Idem. Ibidem*, págs. 444-447.
[244] *Idem. Ibidem,* pág. 418.
[245] MACHADO, Maria de Fátima Pereira, *obra cit.*, pág. 143.

Numa provisão de 1519, D. Manuel autorizava a câmara a gastar todos os anos, nesta obra de assistência, metade do que sobejasse dos rendimentos dos hospitais, devido as rendas da câmara serem escassas para fazer face a estas despesas.

Quando alguns dos hospitais passaram a ser administrados pela Misericórdia, esta deixou de contribuir com as rendas desses estabelecimentos para a criação dos enjeitados.

Mais tarde, D. João III obriga a Confraria a dar todos os anos 10 mil reais à câmara para a criação destas crianças. Em 1540, a Irmandade pedia ao rei que a desobrigasse de metade do pagamento, pois a câmara arrecadava da imposição do sal 5 mil reais destinados à assistência aos órfãos.

No livro de Posturas de 1559 é referido um Manuel Lopes, porteiro, que tinha a seu cargo e cuidado enjeitados, a quem a câmara, devido aos bons serviços prestados, resolve aumentar 500 reais à renda de 2000 que recebia anualmente[246].

4.3. Os Mamposteiros dos Cativos

A remissão dos cativos que resultavam das campanhas de África e da pirataria constituía uma das obras de assistência da maior importância.

O cativeiro trazia inúmeros problemas de ordem familiar, sendo sempre difícil as famílias de menores recursos conseguirem o montante necessário para se efectivar o resgate.

[246] Ver *L. V.* 21, fl. 78.

À Ordem da Santíssima Trindade, estabelecida em Portugal desde o século XII, com o objectivo de prestar assistência religiosa e hospitalar aos cativos, cabia, em princípio, a recolha das esmolas destinadas aos resgates[247].

Posteriormente o rei D. Afonso V, devido ao aumento crescente do problema, decide que teria que ser a coroa a tomar em mãos a remissão destes homens. Cria o Tribunal da rendição dos Cativos e institucionaliza os mamposteiros pelo Regimento da Rendição dos Cativos de 1454[248].

Os mamposteiros-mores eram nomeados pelo esmoler-mor do reino, com o objectivo de, em cada bispado, recolherem o dinheiro destinado aos resgates e a outras obras de assistência. Segundo o Regimento, ao mamposteiro-mor do bispado cabia escolher os mamposteiros pequenos, seus dependentes e representantes nas freguesias, registando os seus nomes num livro de que seria entregue uma cópia ao esmoler-mor e outra ao tesoureiro da câmara.

Logo que fosse nomeado teria que dar conhecimento ao bispo e vigários locais, bem como aos funcionários da câmara[249].Teria também que lhes dar conhecimento das cartas e regimentos que possuía relativos à angariação de esmolas para resgates, providenciar a colocação nas igrejas de arcas ou cepos para donativos e distribuição das respectivas chaves, registar o número total de arcas distribuídas bem como o local onde se encontravam, para conhecimento do esmoler-mor do reino e do tesoureiro. Deveria controlar e assentar todas as esmolas que recebesse dos mamposteiros-pequenos e do quantitativo depositado nas arcas, que seria entregue ao tesoureiro, depois de o mamposteiro-mor tirar o seu salário, 2000 reais anuais, pagos por duas vezes.

---

[247] BEIRANTE, Maria Ângela – *O Resgate de Cativos nos Reinos de Portugal e Algarve (Séc. XII-XV)*, in "Actas das III Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia", Câmara Municipal de Loulé, 1989, pág. 274; ALBERTO, Edite – *Mamposteiros e Alfaqueques – Duas profissões fundamentais na sociedade do século XVI,* in "Encontro Sobre as Transformações na Sociedade Portuguesa 1480-1570", Fundação das Casa de Fronteira e Alorna, Lisboa 1996, págs. 1-11.

[248] *Idem. Ibidem.*

[249] *Idem. Ibidem.*

Os mamposteiros-pequenos encarregavam-se do peditório nas igrejas, capelas, mosteiros, ermidas, festas, romarias e povoados.

Em Junho de 1463, D. Afonso V outorga alguns privilégios aos mamposteiros, dispensando-os de todos os encargos impostos pelos concelhos, tanto em contribuições monetárias como no preenchimento de ofícios. Isenta-os de dar aposentadoria e, alguns anos mais tarde, são dispensados de contribuir com cavalos e armas em caso de guerra.

Pedidores oficialmente autorizados, algumas vezes, levados pela cobiça e pelas facilidades que os privilégios lhes concediam, praticavam abusos, apossando-se dos bens recebidos. Conhecidos os crimes, o acusado era suspenso ou degredado, conforme o grau do delito cometido.

Com o passar do tempo, é de tal maneira grande o número de homens que exercem o cargo, que provocou uma onda de descontentamento, originando protestos por todo o país.

No ano de 1559 são nomeados vários mamposteiros, principalmente para fazerem peditórios pelo termo. Na cidade apenas são referidos para, o Mosteiro de São Domingos e para a Ermida de S. Lázaro. Diz-se também que um deles, nomeado para Entre-os- Rios, faz o peditório pela Misericórdia. Todos os outros esmolam em localidades do alfoz, tendo, geralmente, como "*privilégio*" os santos seus oragos. Nada nos é dito sobre quem os nomeava e por quanto tempo. Na fórmula utilizada para lhes dar posse, apenas se diz que "*apresentou*"[250], julgamos nós o documento que comprovava a sua escolha, "*o que elles vyrão*"[251], tendo o juiz e vereadores mandado "*comprir e guardar*" e "*registar primeiro*"[252].

[250] Ver *L. V.* 21, fl. 207v..
[251] Ver *L. V.* 21, fl. 227.
[252] Ver *L. V.* 21, fl. 207v..

Mamposteiros nomeados para o ano de 1559

NOME	MORADA	JULGADO	PRIVILÉGIO	FONTE
António Gonçalves	S.Lourenço de Azemes	Maia	S. Gonçalo	Fl. 207 v
João Pires	Santo André e Santo Isidro	Gondomar	Cativos	Fl. 224
Gonçalo Fernandes	Entre-Ambos-os-Rios		Misericórdia	Fl. 224 v.
Pedro Fernandes	Santa Ana do Vale do Couto de Leça		Cativos	Fl. 227
Pedro Gonçalves	S. Lázaro do Porto		S. Gonçalo da Ermida de S. Lázaro	Fl. 228 v.
Frutuoso Dias	Santa Maria de Estromil	Aguiar	Cativos	Fl. 229
João Jácome	Lada		Mosteiro de S. Bento	Fl. 231
Francisco Gonçalves	Fonte Aurina		Nossa Senhora da Ribeira	Fl. 232
João Gonçalves	S. Salvador da Folgosa		Cativos	Fl. 235 v.
Gonçalo Anes	Santa Eulália de Canelas	Refojos	S. Gonçalo	Fl. 238 v.
António Pires	Alvarelhos		Igreja Alvarelhos	Fl. 240 v.
Jorge Gonçalves	Santa Eulália de Canelas	Refojos	Cativos	Fl. 241 v.

João Martins	Santa Maria de Nogueira	Maia	Cativos	Fl. 248
Francisco Anes	S. Pedro do Paraíso		Cativos	Fl. 252
Gabriel Pires	S. Pedro de Fajozes	Maia	S. Gonçalo	Fl. 253
Jorge Gonçalves	Porto		S. Gonçalo do Mosteiro de São Domingos	Fl. 260
Afonso Gonçalves	Vila Nova		Igreja do Viveiro	Fl. 260 v.
Gonçalo Gonçalves	Santa Maria Madalena		S. Gonçalo	Fl. 261

Quadro 23.

5. A festa e a religiosidade

A exaltação do sofrimento de Cristo e a veneração aos Santos aliadas ao gosto pelo maravilhoso e pelo fantástico, faziam com que a ritualização do sagrado estivesse intimamente ligada a manifestações profanas, juntando assim a religiosidade às festividades populares.

A procissão constituía o ponto alto da festa. Aberta a todos os quadrantes da sociedade e envolvendo toda a comunidade, existia, na sua organização, alguma ostentação do poder. Pelo lugar que cada um ocupava na procissão, percebia-se a classe social à qual estava ligado ou o poder que detinha.

A par de todo o cerimonial litúrgico do desfile dos andores, bandeiras e figuras alegóricas, fazia-se representações de pequenos autos que aliavam o religioso ao pagão, deleitando os assistentes.

Mas a festa, para além de toda a expressão da religiosidade, era também uma pausa na azáfama diária. Era um momento de encontro de toda a comunidade, onde se passeavam os fatos novos e coloridos, onde o vinho e a comida corriam com abundância e onde o extravasar da alegria se manifestava de uma forma mais solta e espontânea.

5.1. As festividades religiosas no Porto de 1559

Pelas actas de vereação de 1559 temos conhecimento de algumas das festas religiosas que se realizaram no Porto, nesse ano. Como geralmente estavam associadas a dias Santos de guarda, não havia reuniões camarárias nesses dias.

O primeiro dia Santo referido nas actas é 8 de Fevereiro, em que não houve reunião na câmara por ser quarta-feira de Cinzas[253].

A 3 de Maio festejava-se o dia da Vera Cruz (ou Santa Cruz)[254]. Neste dia eram expostas na Igreja de S. Lázaro o Santo Lenho e uma imagem em prata de meio corpo de S. Lázaro, que guardava como relíquia um espinho da coroa de Jesus Cristo. O cabido, a vereação e o povo da cidade partiam em procissão da Sé até à Igreja de S. Lázaro, onde eram beijadas as relíquias[255].

Na acta de 4 de Maio refere-se que os vereadores distribuíram as tochas. Pensamos tratar-se das tochas que eram levadas nas procissões e que a câmara custeava, mas não há qualquer referência a que evento se destinam[256].

No dia 26 de Julho, a vereação não se reuniu por ser dia da Madalena[257]. Nas nossas pesquisas não encontrámos qualquer referência a esta festividade; contudo apurámos que neste dia também se festejava as vésperas do dia de S. Pantaleão, fazendo-se uma procissão no interior da Sé, levando os homens da vereação as varas do pálio[258].

A 4 de Outubro, apesar de não ser dia Santo de guarda, a vereação não se reúne por ser dia de S. Francisco[259], assim acontecendo também a 19 do mesmo mês por ser dia de S. Lucas[260] e a 29 por ser dia Santo de guarda em memória de S. Simão e S. Judas[261].

No dia 1 de Novembro festejava-se, como hoje, o dia de todos os Santos[262]. No dia 4 não houve reunião da câmara por ser dia de S.

---

[253] Ver *L. V.* 21, fl. 8v..
[254] Ver *L. V.* 21, fl. 30.
[255] COUTO, P. Luís de Sousa – *Origem das Procissões da cidade do Porto*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto, C. M. P., págs. 78-79.
[256] Ver *L. V.* 21, fl. 34v..
[257] Ver *L. V.* 21, fl. 57.
[258] COUTO, P. Luís de Sousa, *obra cit.*, págs. 54-55.
[259] Ver *L. V.* 21, fl. 83v..
[260] Ver *L. V.* 21, fl. 91v..
[261] Ver *L. V.* 21, fl. 93v..
[262] Ver *L. V.* 21, fl. 94.

Martinho[263]. O mesmo aconteceu a 25 de Novembro por ser dia de Santa Maria[264].

Em Dezembro, no dia 13, festejava-se o dia de Santa Luzia[265]. A 27 era também guardado dia Santo por ser a última oitava do Natal e dia dos Santos Inocentes[266].

Festejados com grande pompa e circunstância, os eventos religiosos contavam sempre com a participação da edilidade.

Muitas vezes, em reuniões camarárias eram tomadas disposições relacionados com a participação nos actos litúrgicos. Assim, como a bandeira da cidade andasse muito "*desacompanhada*" nos dias das ladainhas e procissões, a vereação decide, na reunião de 18 de Fevereiro, que a pessoa nomeada pela câmara para a acompanhar, caso não apareça, pagará uma pena de 20 cruzados para a cidade e para quem a acusar[267].

5.2. A confraria de Jesus

No século XV existia no Mosteiro de S. Domingos uma confraria denominada do Senhor Jesus Crucificado. No altar pertencente à confraria existia um Crucifixo a que se atribuíam grandes milagres[268].

Com grande afluência de confrades e devotos, cresciam diariamente as riquezas da confraria, pelas esmolas dos fiéis que, na água benzida pelos frades e na toalha que envolvia o Cristo na Cruz, entendiam encontrar remédio para os seus males.

---

[263] Ver *L. V.* 21, fl. 94v.. Pensamos haver algum engano na data, pois já nesta altura o S. Martinho era festejado a 11 de Novembro.
[264] Ver *L. V.* 21, fl. 100.
[265] Ver *L. V.* 21, fl. 105.
[266] Ver *L. V.* 21, fl. 109v..
[267] Ver *L. V.* 21, fls. 1ov. e 11.
[268] COUTO, P. Luís de Sousa, *obra cit.*, pág. 81-84.

O Cabido da Sé do Porto, fundamentando serem baseados na superstição os rituais praticados, apresenta uma demanda contra os frades dominicanos e os confrades, o que lhes valeu a extinção da confraria e dos seus ritos, e a condenação por bula papal.

Em 1448, a câmara pede ao cabido que conserve no altar o Crucifixo do Senhor Jesus de S. Domingos, com a ressalva de não consentir aos frades ou a qualquer outra pessoa a renovação da confraria, ficando o altar a pertencer à vereação.

Em 1452 o papa, publicando uma nova bula, modifica a sentença. D. Afonso V, em carta dirigida aos cidadãos e povo do Porto, comunica o restabelecimento da Confraria de Nosso Senhor Jesus Cristo, no Mosteiro de S. Domingos. Depois de apregoada a carta régia, ficou assente em câmara que os oficiais da confraria fossem eleitos pelos cidadãos e povo. Eram eleitos para exercer o cargo, pelo período de um ano, dois mordomos e um escrivão.

Em 21 de Janeiro de 1559, foram eleitos para mordomos da confraria Rui Brandão e Gaspar Pamplona, "*fidallguos da Casa d'Ell-Rey*", que exerciam ao longo do ano o cargo de vereadores. Para escrivão da confraria é eleito Afonso Pires Lourenço, que ocupava cumulativamente o cargo de escrivão dos órfãos[269].

[269] Ver *L. V.* 21, fls. 4v. e 5.

5.3. A procissão do Corpo de Deus

A festa do Corpo de Deus foi instituída pelo Papa Urbano IV em 1264, através da publicação da bula "Transiturus". A sua celebração foi fixada para a primeira quinta-feira depois da oitava do Pentecostes[270]. Só depois do Concílio de Viena, em 1311, sob o pontificado de Clemente V, foi oficialmente decretada a sua celebração em toda a Cristandade, tornando-se a festa do Corpo de Deus numa das manifestações religiosas mais ricas e esplendorosas.

O Papa João XXII, em 1316, aliou à festa a realização da procissão, sendo a Hóstia Consagrada transportada em cortejo triunfal, permitindo a todos manifestar-lhe o seu culto e adoração[271].

Em Portugal celebrava-se a festa do Corpo de Deus desde D. Afonso III, realizando-se a procissão só a partir do reinado de D. João I[272].

Sendo a procissão o momento alto da festa, cada vez se tornava mais concorrida e exuberante. Pela publicação de vários regulamentos, tentava-se ordená-la e uniformizá-la em todo o país[273].

Desconhecem-se documentos que comprovem a data exacta em que a procissão se começou a realizar na cidade do Porto. Numa sentença proferida por D. João I, em 1417, é referida a procissão e o rei determina que nela participem "*todollos honrados da dicta cidade*". É do reinado de D. João II o primeiro regulamento que se conhece, estabelecendo o cerimonial da procissão, para o Porto[274].

---

[270] GONÇALVES, Iria – *As festas do Corpus Christi do Porto na Segunda metade do século XV: A participação do Concelho* in "Um olhar sobre a cidade medieval", Patrimonia Histórica, Série: Estudos, Cascais 1996, ISBN 972-744-019-3, pág. 153.
[271] COUTO, P. Luís de Sousa, *obra cit.*, pág. 17.
[272] BARROS, Amândio Jorge Morais – *A Procissão do Corpo de Deus do Porto nos séculos XV e XVI: A Participação de uma Confraria* in "Revista da Faculdade de Letras – História", II série, Vol. X, Porto 1993, pág. 118; COUTO, P. Luís de Sousa, *obra cit*, págs. 19-20.
[273] GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais...*, pág. 95.
[274] COUTO, P. Luís de Sousa, *obra cit.*, pág. 19.

Era tal a importância da procissão do Corpo de Deus, para as gentes da cidade e do termo, que D. Manuel, por carta régia de 5 de Junho de 1500, ordena aos moradores de Vila Nova que transfiram a realização da sua procissão para o domingo seguinte, participando na quinta-feira dos festejos da cidade[275].

D. João III, em carta enviada à vereação do Porto datada de 18 de Agosto de 1535, mandou que nenhum oficial mecânico "*fosse escusd*" de servir na festa do Corpo de Deus "*no carrego e officio em que fosse emleito, posto que privilegio tivesse*". Abria apenas excepção para os besteiros e espingardeiros, que podiam optar por levar as suas armas como adereço ou "*servirem em outro qualquer officio, sem embargo dos seus privilegios*"[276].

Um evento com esta grandiosidade necessitava da participação de todos, quer comparecendo nas celebrações religiosas quer na ajuda dos preparativos e comparticipação das despesas.

A edilidade portuense tinha uma acção muito importante na preparação e no desenrolar das cerimónias, sendo a maior parte das despesas suportadas pelo erário municipal. As várias confrarias de mesteres e os cidadãos mais ricos da cidade também eram chamados a comparticipar nas despesas da festa.

Na reunião de 6 de Maio, a vereação discute alguns dos problemas surgidos, no percurso da procissão, nos anos anteriores. Alegando que a cidade era já muito grande, chegando o cortejo às igrejas fora de muros por volta das 2 horas, não era possível dizer missa porque era a hora de os clérigos e fiéis comerem. Isto dava aso a que surgissem "*grandes emcovyniemtes*", porque depois de "*jantados*" havia "*allguã gente baixa com vinho demasyado pola qual causa fazião arroidos*" e não se conseguiam meter na ordem.

---

[275] *Idem. Ibidem.*

[276] SOUTO, A Meyrelles do – *Em Redor do Corpus Christi no Porto* in " Boletim Cultural" da C. M.P., vol. XXX, Março – Junho de 1967, Fasc. 1-2, págs. 282-283.

Assim, deliberaram que daí em diante o percurso da procissão seria o seguinte: sairia da Sé, iria pela rua dos Chãos direita a S. Bento, seguiria pela rua das Flores abaixo até à rua Nova, Devesa, praça da Reboleira e daí pela rua dos Mercadores, voltaria novamente à Sé onde era dita missa com sermão. Contudo, o percurso da procissão não era igual todos os anos, pois é referido que no ano em que ia a S. Pedro de Miragaia o percurso seria diferente, saindo da Sé, seguindo pela rua Escura, rua dos Mercadores abaixo e daí para a praça da Reboleira, rua dos Chãos, chegando à Sé onde teria lugar a pregação[277].

Efectivamente a procissão deslocava-se de dois em dois anos à Igreja de S. Pedro de Miragaia, sendo muito importante a participação que a confraria dos Mareantes do lugar tinha nos festejos[278].

Os preparativos para a procissão começavam muito tempo antes. Escolhia-se os figurantes e preparava-se o vestuário e adornos que haviam de levar. Ensaiava-se os autos. Na rua Nova construía-se os palanques, onde as personalidades mais importantes da cidade e os visitantes ilustres, assistiam comodamente aos festejos e à representação dos autos[279].

Dos vários figurantes que participavam na procissão, a escolha mais difícil era certamente a de Santa Maria, Santa Catarina, Santa Clara e todo o seu séquito de donzelas. Deveriam ser as raparigas mais bonitas da cidade, escolhidas entre as filhas dos oficiais mecânicos. Com vestidos de seda e carregadas de jóias de ouro, cuidadosamente renovam todos os anos os seus atavios, sobretudo as luvas, botinas e toucados, de modo a embelezá-las ainda mais.

Mais simples seria a escolha dos Apóstolos que, vestidos com alvas sacerdotais, tinham por ornamentos simples cabeleiras e barbas de linho[280].

---

[277] Ver *L. V.* 21, fls. 30v., 31, 31v. e 32.
[278] BARROS, Amândio Jorge Morais, *obra cit.*, pág.122.
[279] GONÇALVES, Iria – " *Um olhar sobre a cidade Medieval*", pág. 160.
[280] *Idem. Ibidem.*

As ornamentações das ruas estariam a cargo dos seus moradores, que se afanavam cobrindo-as com juncos e espadanas, transformando aquelas ruas sempre tão sujas e escuras em tapetes de verdura. Nas janelas penduravam vistosas colgaduras e das varandas pendiam as colchas mais ricas[281].

Os templos enchiam-se de esplendor e riqueza. Adornados de veludos e damascos, ostentavam as suas mais ricas alfaias e resplandeciam do brilho e luz que irradiavam dos castiças e lampadários de prata.

No dia anterior à festa, realizava-se, no interior da Sé, uma pequena procissão a que assistiam os oficiais da governança. Figurantes vestidos de "*Reis*" e "*Imperadores*" e ornamentados com grande profusão de jóias, abrilhantavam o desfile. O povo tomava parte no cortejo, cantando e dançando ao som de pandeiros.

Com o começo da reza das vésperas, todos se calavam, tomando os lugares que previamente lhes tinham sido destinados dentro do templo. No final organizava-se uma procissão que dava uma volta pelas naves da Sé, saindo depois o povo com grande alegria, visitando algumas das outras igrejas da cidade[282].

Chegava finalmente o dia grande da festa. Os sinos repicavam por toda a cidade. O velho burgo vestia as suas galas. As ruas apinhavam-se de gente, sendo necessário o alcaide e os seus homens abrirem alas para passar o cortejo. No ar misturam-se os aromas do incenso e das verduras pisadas. Ecoavam os clamores, as charamelas e trombetas. A procissão organizava-se.

Abriam o cortejo os representantes das várias corporações dos mesteres com as suas bandeiras e figurantes e carregando os andores dos santos da sua devoção. Eram muitas as imagens que seguiam na procissão, destacando-se a de S. Cristóvão, Santo Estêvão, S. Tiago, S. Francisco, S.

---

[281] BASTOS, Artur de Magalhães – *Moralidade e Costumes Portuenses no Século XVI* in "Estudos Portuenses", vol. I, C.M.P., Porto 1962, págs. 104-105.
[282] *Idem. Ibidem.*

Pedro, S. Sebastião e um Menino Jesus em charola[283]. Tudo isto se misturava com grandes danças e folias.

As trombetas e charamelas antecediam a passagem dos tabeliães, escrivães e dos cidadãos que levavam as tochas da cidade.

Surgia então a charola[284] com a custódia do Santíssimo, transportada por 6 clérigos, que eram revezados ao longo do percurso. Constituía o ponto alto de toda a procissão, ajoelhando-se respeitosamente o povo à sua passagem.

Atrás vinha o guião e a bandeira da cidade, transportados respectivamente pelo procurador e por um dos vereadores, acompanhados pela vereação, cidadãos e letrados. Fechava o cortejo a representação do rei David com os seus pagens, todos ricamente vestidos[285].

A procissão era forçada a contínuas paragens porque as folias demoravam-se em longas exibições, defronte de certas casas particulares.

Chegado à rua Nova, o cortejo parava e tinha lugar a representação do auto. O Santíssimo era levado para debaixo de um dossel, em volta do qual se agrupavam os cónegos da Sé, os frades de S. Domingos e das outras ordens religiosas, os corregedores, meirinhos, alcaide e cidadãos com as tochas acesas[286]. No final da representação o préstito prosseguia, terminando na Sé onde era rezada missa com sermão.

A festa continuava o resto do dia espalhando-se o povo pela cidade em grande folia. Os festejos terminavam com banquetes na câmara e em outros locais da cidade[287].

---

[283] *Idem. Ibidem.*

[284] Também designada por "*gaiola*" ou " *arca*". Ver GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais do Porto...*, pág. 96.

[285] BASTOS, Artur de Magalhães – "*Moralidade e Costumes...*", pág. 106.

[286] D. João III ordenou que o tradicional auto da rua Nova tivesse por tema alguma história devota e breve, devendo todos os assistentes estar de pé e sem barretes. Ver BASTOS, Artur de Magalhães – "*Moralidade e Costumes...*", pág. 104.

[287] GONÇALVES, Iria – *As Finanças Municipais ...*, pág. 100.

Conclusão

Falar da vida da gente da cidade do Porto no ano de 1559, através da imagem transmitida pelas actas da vereação em estudo, terá que passar também por um exercício de imaginação, conjecturando sobre tudo o que já foi escrito sobre o tema, tentando fazer a aproximação, o mais fidedigna possível, do dia a dia dos seus habitantes.

Tentemos pois fechar os olhos por alguns momentos, situar-nos nas vielas estreitas da Ribeira, escutar as vozes alteradas das "*regateiras*", sentir os cheiros (ou maus cheiros), tão peculiares da cidade e viver um dia num Porto de outros tempos.

O dia começava cedo. Antes mesmo do sol nascer já se ouvia nas lajes das calçadas (nas pouca ruas que estavam calcetadas) o barulho dos socos dos que saíam para as hortas e pomares, aproveitando a fresca da manhã para realizar os trabalhos mais pesados, mas não sem antes entrar na igreja mais próxima e acompanhar a reza das matinas.

Logo que o sol nascia a cidade acordava. As portas da cidade abriam-se. Os almocreves chegavam com as suas bestas carregadas de mercadorias. Os lavradores dos arrabaldes traziam os seus produtos para venda no mercado e os animais para abate no açougue da cidade.

Na Ribeira principiava a azáfama da montagem das bancas de venda. Nas ruas e largos por onde se espalhavam as "*boticas*", abriam-se as portas, montavam-se as tendas, punham-se os toldos e os artesãos começavam a trabalhar. Era necessário ter tudo pronto para a chegada dos primeiros clientes.

No cais a descarga dos barcos tinha começado logo ao amanhecer. Os mercadores discutiam os preços das cargas e faziam-nas transportar para os seus armazéns.

Um pouco mais tarde começavam a chegar os barcos de pescado e as "*regateiras*", sob o olhar atento dos almotacés, levavam o peixe para vender nas suas bancas.

Em pouco tempo as ruas e praças enchiam-se de movimento.

As mulheres com as suas saias coloridas, juntavam-se nas fontes, carregando a água para as lides domésticas. Depois era a ida aos mercados para as compras do dia à dia e as conversas sobre as novidades que iam passando de boca em boca.

A criançada corria pelas ruas inventando brincadeiras. Os pobres pediam esmola por amor de Deus e para salvação das almas, amontoando-se no portal dos conventos, esperando que por caridade lhes fosse distribuído um naco de pão.

Os doentes e aleijados juntavam-se à porta dos poucos hospitais e albergues, tentando encontrar algum alívio para os seus males.

A meio da manhã, depois de terem feito as suas rezas, as "*donas*", acompanhadas das suas serviçais, desfilavam pelas ruas o colorido dos seus vestidos "*redondos*", de ricas sedas, cobertas pelos mantos de "*estamenha*".

Nos dias em que se reunia a vereação, o clube privado dos homens da governança começava os trabalhos ao romper do dia.

Quando os assuntos a tratar necessitavam da opinião de "*mais*", os porteiros afadigavam-se pela cidade convocando os cidadãos para a reunião.

Ao longo do dia discutiam e deliberavam sobre os assuntos mais importantes para o que eles pensavam ser o bom funcionamento da cidade. Projectavam obras, estabeleciam tabelas de preços, lançavam fintas e organizavam o abastecimento da cidade. Ouviam todos os que se deslocavam

à câmara para apresentar os seus problemas e julgavam casos de injúrias verbais que lhes eram apresentados.

Depois de tomadas as decisões, quando o assunto assim o exigia, os pregoeiros espalhavam-se pelos locais mais movimentados da cidade e apregoavam as disposições tomadas pela vereação.

Ao fim da tarde, os homens regressados do trabalho juntavam-se nas tabernas para beber, jogar e conversar sobre os problemas da vida. Depois de algum vinho já ter corrido, surgiam desacatos que os quadrilheiros da zona tentavam acalmar.

Quando a tarde caía, as portas das tendas começavam a fechar-se, o buliço da cidade passava e os clérigos rezavam as últimas orações do dia.

O sino de correr tocava e depois de soarem as últimas badaladas fechavam-se as portas da cidade e todos recolhiam a suas casas.

Chegada a noite a cidade ficava mergulhada na maior escuridão, entrecortada de onde a onde pelo bruxulear das lamparinas que alumiavam os nichos dos santos.

O Porto adormecia e só os vagabundos e ladrões se aventuravam pelas ruas.

Depois do descanso merecido, no dia seguinte bem cedo, tudo recomeçava e a cidade acordava para um novo dia.

Mas muito ainda há para desvendar do quotidiano, dos sonhos, das paixões e dos mistérios das gentes desta cidade. Virámos só uma pequena página da sua história, com a esperança de mais tarde a podermos retomar, ou de que outros o façam. Acreditamos que a riqueza da sua memória é de tal maneira grande que nunca o esquecimento poderá triunfar.

Deixemos pois a última página por acabar à espera de que o silêncio que agora se segue deixe entrar o ruído da cidade.

Apêndice Documental

Algumas notas introdutórias

O original deste manuscrito faz parte da colecção de livros de Vereação da Câmara Municipal do Porto, que o Arquivo Histórico da cidade conserva no seu espólio.

Tendo como referência de arquivo o número 21, reúne as actas do ano de 1559.

Composto por 346 fólios, alguns dos quais em branco, o seu estado de conservação é bastante mau. O efeito causado pela humidade, ao longo dos séculos, provocou o aparecimento de manchas acastanhadas em quase todas as folhas, tendo feito desaparecer ou desvanecendo a tinta em alguns pontos. Por outro lado, os estragos provocados pelos roedores são também grandes, encontrando-se alguns fólios parcialmente destruídos. Tudo isto tornou a transcrição bastante difícil e a compreensão de alguns textos ficou por vezes um pouco comprometida.

Na transcrição seguimos as " *Normas gerais para Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*" do P. Avelino de Jesus da Costa[288], tentando ser o mais fiel possível ao texto original.

O manuscrito tem início no dia 1 de Janeiro de 1559 e termina no fim de Dezembro do mesmo ano[289]. Segundo o que nos é dito no último fólio compõem-no "*sete cadernos os quatro de L^ta folhas cada hum e os outros tres de XLVIII folhas cada hum e são em soma tresentas e XL^ta e quatro folhas*", tendo sido todos os fólios assinados no canto superior direito, em 2

[288] COSTA, P. Avelino de Jesus da – *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*", 5ª Ed., F.L.U.C., Instituto de Paleografia e Diplomática, Coimbra 1993, pág. 11-80.

de Janeiro de 1559, pelo doutor Dinis Pires Pinto que desempenhou as funções de vereador e de juiz.

Para além das actas das reuniões, na parte final do livro é feito o registo das nomeações dos oficiais para a cidade e termo e de algumas petições apresentadas à vereação.

Existe uma certa discrepância nas datas, quer no dia das reuniões, que algumas vezes não têm sequência, quer do próprio ano, encontrando-se em alguns fólios, principalmente na parte final, referido o ano de 1560, deixando-nos dúvidas se é um simples engano ou se efectivamente se refere a este ano.

[289] Ver *L. V.* 21, fl. 346v..

Livro 21 de Vereações (1559)

[*fl. 1*][290] Livro dos acordãos desta cyda[*de*][291] do anno de mill e qui[*nhentos*] [*cinqu*]emta e nove annos e [...] [*pri*]meiro dia do mes de Janey[*ro*] e acabara por Antonio [...] fim de Dezembro do [...].

[*fl. 2*] Quarta feria que forão quatro [*dias*] do mes de Janeyro forão [*jumtos*] na camara da vereaçaão desta c[*ydade*] os officyaaes seguimtes

Item. Dioguo Brandão Samches [*juiz*]
Item. O doutor Denis Pimto [*juiz*]
Item. Vasco Leyte [*vereador*]
Item. Gaspar Pamplona fora[292] [*vereador*]
Item. Costodio Corea procurador da cida[*de*]
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E semdo asy jumtos despacharão ouvidores e quadrilheiros e jurados. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 2 v.*] [...] forão sete de Janeyro do anno [*de mill*] quinhemtos e cinquemta [*e nove*] annos forão jumtos na camara [*da verea*]ção desta cydade do Porto [*os off*]icyaaes seguimtes

[*Item. Dio*]guo Brandão Samches juiz
[*Item. D*]outor Denis Pirez Pimto juiz

---

[290] Acima está escrito " 1559 " em tinta diferente.
[291] A parte do documento entre [ ] está rasgado ou manchado não se conseguindo ler.
[292] Julgamos que se refere ao facto de o vereador se encontrar ausente da cidade.

[*Item. V*]asco Leyte vereador

[*Item.*] Gaspar Pamplona vereador fora

Item. Costodio Corea procurador fora

Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão quadrilheiros e jurados par[*tes*]. Gaspar Riscado o es[*crevy*].

[*fl. 3*] Quarta feria que forão oi[*to dias do mês de*] Janeyro forão jumtos na [*camara*] da vereação desta cydade do [*Porto*] os oficyaaes seguimtes

Item. Dioguo Brandão [*juiz*]

Item. O doutor Denis Pirez [*juiz*]

Item. Vasco Leyte vereador

Item. Gaspar Pamplona vereador fora

Item. Costodio Corea procurador da cydade

Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão feitos ouvidores quadrilheiros e jurados. Gaspar Riscado escrevy.

[*fl. 3 v.*] [*Saba*]do que forão quatorze dias [*do me*]s de Janeyro forão jumtos [*na ca*]mara da vereação desta cydade [*do P*]orto os officyaaes seguimtes

[*Item. Di*]oguo Brandão juiz fora

[*Item. Dou*]tor Denis Pirez juiz
[*Item. Va*]sco Leyte vereador
[*Item. Ga*]spar Pamplona vereador
Item. Costodio Corea procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e feitos de imjuria. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 4*] Quarta feria que forão dez[*oito*] de Janeyro forão jumtos na [*cama*]ra da vereaçaão desta cyda[*de*] do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Dioguo Brandão juiz fora
Item. Doutor Denis Pirez Pimto juiz
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador
Item. Costodio Corea procurador da cydade
Item Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão nas cousas da governança da repubryca. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 4 v.*] [*Saba*]do que forão vymte e hum dias [*do*] mes de Janeyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos [*na*] camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O doutor Denis Pimto juiz

Item. Dioguo Brandão juiz fora

Item. Vasco Leyte vereador

Item. Gaspar Pamplona vereador

Item. Costodio Corea procurador

E sendo asy jumtos pratycarão como era neseçario emlegerem mordomos da Comffrarya de Jhesus do Mosteiro de São Domymguos desta cydade por este anno presemte de mill V^{c} L^{ta} e nove porquanto a emleição era da mesa e camara da dicta cydade ate ora servyo Pamtalião Carneiro da cydade e Bastião Fernandez estriveiro e loguo por eles [*fl. 5*] juizes vereadores e procurador foi emleyto pera servirem de mordomos da dicta Comffrarya a Ruy Brandão e a Gaspar Pamplona fidallguos da Casa d'El-Rey Noso Senhor e cydadãos da dicta cydade e lhe mamdaram que servysem o taall carguo de mordomos como confiavão que o eles faryão e eles o prometerão asy fazer e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy. E pera ser milhor a dicta Comffrarya servyda emlegeram pera a servyr d'escryvão Afonso Pirez Lourenço escryvão dos orffãos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]

GASPAR PAMPLONA

VASCO LEITE

Doutor DENIS PIREZ PIMTO

RUY BRANDÃO

COSTODIO COREA

[*fl. 5 v.*] Quarta feria que forão vymte e cimquo de Janeyro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto forão jumtos os oficyaaes seguimtes

Item. Dioguo Brandão vereador
Item. O doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador
Item. Costodio Corea procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores do povo

E sendo asy jumtos despacharaão partes e pratycarão nas cousas da governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 6*] Sabado que forão vymte e oito de Janeyro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os oficyaaes seguimtees

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Brandão vereador
Item. Doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador
Item. Costodio Corea procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores do povo

E sendo asy jumtos despacharão partes quadrilheiros e ouvidores. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 6 v.*] Quarta feria que foy o primeiro de Fevereyro forão jumtos os officyaaes seguimtees na casa da camara desta cydade do Porto

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Brandão vereador
Item. O doutor Denis Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador
Item. Costodio Corea procurador naom veo

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimemto e governamça da cydade e feitos de imjuria. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 7*] Sabado que forão quatro dias do mes de Fevereyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Brandão Samches vereador
Item. Doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador
Item. Costodio Corea procurador da cidade
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos pratycarão veo ter a dicta camara Francisquo Cardoso e requereo que per provisão de sua Allteza lhe erão tomadas huas casas da Capela dos Allvarynhos [*fl. 7 v.*] de que era amenistrador e que lhe avyão de

satisfazer outra tanta renda que lhe as casas que lhe asy derribarão ao seu comprido rendyão que erão mill e setecentos reaes cada anno e que os oficyaaes que ao tall tempo erão não fezerão nenhum comcerto com ele amenistrador sobre a dicta tera e pedia que lhe asy tomarão e se louvarão em Pamtalião Ferreira e Pero Jacome cydadãos da dicta cydade pera que avaleasem o que lhe fora tomado e avaliarão em seiscentos reaes e depois de feita a valeasão do que ficava ainda a capela da sua tera se metera hua escada pera serventya da dicta pomte pera o Rio da Villaa e por yso se não podia estar pola avaleação e semdo pasado polo que requerya que tomasem asemto com ele do que lhe avião de satisffazer e foy com ele tomado asemto [*fl. 8*] que ele tomase a tera que ainda ficava em caro preço pera a jumtar com as outras casas a saber: trezentos e cinquemta reaes querendo o morador sobreyro no tempo de Maria Gonçalves aremede a tomar pera a jumtar as outras suas pera chegar a pomte acima e em ela e querendo ysto aceitar pola sobredicta maneira que a cydade lhe satisffaça per proprades[293] setecentos reaes e não os querendo aceitar o dicto sobreyro em tall caso se tomara outro asemto amtre a capela e a cydade e pera lembrança de todos mamdarão fazer este asemto que asynarão com ele amenistrador. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
Ho licenciado NUNO REBELLO
DIOGUO BRANDÃO SAMCHES
GASPAR PAMPLONA
VASCO LEITE
Doutor DENIS PIREZ PIMTO
COSTODIO COREA
FRANCISCO CARDOSO

[293] A palavra que se encontra no texto original é "proprades". Pensámos que possivelmente

[*fl. 8 v.*] Quarta feria que forão oito de Fevereyro não ouve camara por ser dia de cimza.

[*fl. 9*] Sabado que forão onze de Fevereyro não ouve camara por falecer Gaspar Paaez e ser paremte de dous vereadores. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 9 v.*] Quarta feria que forão quimze de Fevereyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos na camara da vereação da cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Brandão Samches vereador
Item. O doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador fora
Item. Costodio Corea procurador da cydade

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão na governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

será uma gralha e o escrivão pretenderia escrever "propriedades".

[*fl. 10*] Sabado que forão dezoito de Fevereyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes e cydadãos abaixo asynados na camara da vereação da dicta cydade do Porto

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Brandão Samches vereador
Item. O doutor Denis Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Costodio Corea procurador da cydade
Item. Gonçalo Luis e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos pollos juiz e vereadores foy dicto a eles cidadãos e procuradores dos mesteres como Manuel Barbosa que ora amdava na Corte em negocios da cydade escrevera a eles juizes e vereadores como a Rainha Nosa Senhora tinha feito merçe a esta cydade a seu [*fl. 10 v.*] requerimemto de todo o paão que tevese Antonio do Soveraall comprado pera os lugares da Feira se vendese nesta cydade e todo pollos preços e estado da tera e o que mais respondese do que aquy custava posto fazya dele esmola a misyrycordya desta cydade e pratycando neste caso eles oficyaaes e cydadãos acordarão que se escrevese a Sua Alteza que o paão que mandava vender nesta cydade e de que não queryão o ganho e somemte que a camara lho fazia esmola a misyrycordya que Sua Alteza ouvesse por bem de se repartir pollo povo pobre por que ysto parecia mais serviço de Deuz e remedio do povo e mandaram fazer este asemto e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy. E asy acordarão que pourquamto a bandeyra da cydade e muito desacompanhada [*fl. 11*] nos dias das ladainhas e procições deles que fosem comstrangydos os cydadãos e pesoas que acompanhasem as quaes pesoas que os vereadores ordenasem emlegerem e a pesoa que for emleita e a não

acompanhar pagara de pena vymte cruzados pera a cydade e quem o acusar e o mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO BRANDÃO SAMCHEZ
Ho licenciado NUNO REBELLO
VASCO LEITE
Ho doutor DENIS PIREZ PIMTO
COSTODIO COREA
ALLVARO DE BOIM
AMTONIO SOVERALL
AMTONIO FARIA
JOAM AFONSO
DIOGUO [...]
FRANCISCO DOMINGUES
ANTONIO LEITE

[*fl. 11 v.*]
MANUEL SOUSA D'ALLMEYDA
[...] MACEDO
JOAM [...]
BASTIAM DA SILLVA
SIMÃO COREA
JOAM DE SOUSA
GASPAR COREA
JOAM DOMINGUES
ANTONIO DE SOUSA

[...] [...]

[*fl. 12*] Quarta feria que forão vymte e dous de Fevereyro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtees

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz naom veo
Item. Dioguo Brandão Samches vereador
Item. O doutor Denis Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Costodio Corea procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimemto e governança da cydade do Porto. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 12 v.*] Sabado que forão vymte e cimquo dias de Feveryro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes segimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello Juiz
Item. Dioguo Brandão vereador
Item. doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador fora
Item. Costodio Corea procurador
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharaão partes e feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 13*] Quarta feria que foy o primeiro de Março forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz ocupado
Item. Dioguo Brandão vereador
Item. O doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador fora
Item. Costodio Corea procurador

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão na governamça e do regimemto da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 13 v.*] Sabado quatro de Março do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos na camara da vereação da cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Dioguo Brandão vereador
Item. O doutor Denis Pirez Pimto vereador
Item. Vasco Leyte vereador
Item. Gaspar Pamplona vereador fora
Item. Costodio Corea procurador

Item. Gonçalo Luis procurador dos mesteres

E sendo jumtos pratycarão nas cousas da repubryca e despacharão feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 14*] Quarta feria que forão oito de Março forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Brandão juiz vereador
Item. O doutor Denis Pirez Pimto juiz vereador
Item. Vasco Leyte juiz vereador
Item. Gaspar Pamplona juiz vereador fora
Item. Costodio Corea procurador

E sendo asy jumtos despacharão partes e allgums feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 14 v.*][294] Aos quatorze dias do mes de Março de mill e quinhemtos L^ta^ e nove annos na cydade do Porto e camara da vereação da cydade foi aberta a emleição que veo da Corte d'Ell-Rey Noso Senhor pelo licenciado Nuno Rebello.

[294] O fólio está traçado e o texto incompleto.

[*fl. 15*] Aos quatorze dias do mes de Março de mill e quinhemtos L^ta^ e nove annos na cydade do Porto e camara da vereação dela honde se jumtou o licenciado Nuno Rebello juiz de fora da dicta cydade o doutor Denis Pirez e Vasco Leyte e Gaspar Pamplona vereadores e hy abryram a emlleiç[*ão*] dos officyaaes que veo da Corte d'Ell-Rey Noso Senhor e aberta em votos mamdarão vir a Antonio Rodriguez e Antonio Corea que nela vynhão e vem por vereadores do Porto e outros não estavão na cydade e a este e a quando for avistado o que nela vem per escrivão da camara ho dicto juiz a cada hum e por sy da juramemto dos Santos Avamgelhos e que puserão suas mãos neste livro e por ele lhe mande que o tempo da dicta emleição e asynão seus caregos bem e verdadeiramemte guardando o seu [*fl. 15 v.*] servyço que e de sua Alteza e as partes seu direito e eles e o juiz o que lerão e o asynarão o que o juiz Luis Gomez [...] em ele e o treslado dela he o seguimte.

Juiz e vereadores e procurador da cydade do Porto eu Ell-Rey vos emvio muito saudar vy os rooyes da emleyção que me emvyastes dos vereadores pelo escrivão da camara e tesoureiro desa cydade dos quanto tirei pera servyrem este anno presemte de quinhemtos L^ta^ e nove e seguimtes

Vereadores: Antonio de Sousa Dioguo Leyte Antonio Corea Antonio Rodriguez vereador Cosme Aranha escrivão da camara Gaspar Riscado thesoureiro Manuell Gonçallves da Ribeira nos fycaram asy todo qualquer os façaes logo chamar a camara segundo ordenamça e lhe deys juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvão hos dictos e logo ay ho escrevy [*fl. 16*] ho dicto anno como dicto he por que asy o ey per bem. Fernão da Costa o fez oyto dias de Janeiro de mill V^c^ L^ta^ IX.

Emleição dos vereadores e officyaaes da camara que este anno presemte hão de servyr na cydade do Porto.

E tresladada a dicta emleição asynarão aqui o dicto juiz e vereadores atras nomeados e escrivão da camara e eu não comtey com o escrivão em que emleição a vymte asynado. Luis Gomez o escrevy.

[*assinaturas:*]
O licenciado NUNO REBELLO
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
GASPAR RISCADO
[...] DOMINGUES tabelião
[...] [...]
[...] [...]
[...] [...]

E fecto esto veo Manoell Gonçallvez thesoureiro e o dicto juiz e o dicto Joham [...] dicta lhe deu juramemto que syrva verdadeiramemte e asy o prometeo e asynaram. Luis Gomes o escrevy.

[*assinaturas:*]
MANUELL GONÇALVEZ
REBELLO

[*fl. 16 v.*] Quymta feria que forão quimze dias de Março forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador

Item. Dioguo Leite digo Antonio Corea vereador

E sendo asy jumtos loguo per eles juizes foi pratycado como era neseçario emleger allmotace que aja de servyr o mes de Março com Tome da Costa porquamto Amtonio Rodriguez seu parceiro vyerão na emleição por vereador e por yso era neseçaryo emleger allmotace e loguo per eles foi emleito pera servyr d'allmotace veo licenciado Francisco Vieira ao quall mandarão chamar e per elles foy dado jura- [*fl. 17*]memto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva d'allmotace o presemte mes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
FRANCISCO VIEIRA
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ

[*fl. 17 v.*] Sabado que forão dezoito dias do mes de Março forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez vereador juiz
Item. Antonio Corea vereador juiz

E sendo asy jumtos vierão ter a dicta camara Dioguo Leyte d'Amaraall e vinha na emleyção por vereadores e Cosme Aranha outro sy vinha por procurador e loguo per eles Antonio Rodriguez e Antonio Corea juizes e vereadores e loguo por eles foy dado o juramemto dos Samtos Avamgelhos

aos sobredictos pera que bem e verdadeiramemte syrvão os seus carguos guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e eles sob carguo do dicto juramemto que tomarão o prometerão asy fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
COSME ARANHA

[*fl. 18*] Quarta feria que forão vymte e dois de Março forão jumtos os officyaaes seguimtees

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cidade
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharaão partees e allgums feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 19 v.*][295] Quinta feira que forão XXX de Março do ano de mill V^{c} L^{ta} e nove anos forão jumtos os officyaaes seguimtees

[295] Os fólios 18 v. e 19 estão em branco.

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos veo ter a dicta camara Antonio de Sousa Allcofforado que Ell-Rey Noso Senhor manda por vereador o quall eles tinham mandado chamar e loguo per eles juiz e vereadores lhe deram juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeira-[*fl. 20*]memte syrva de vereador o tempo comforme a dicta provisão guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo asy fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
ALLCOFORADO

E loguo pollo juiz e vereadores e procurador foy lyda huã carta de Sua Allteza que lhes dera o Corregedor desta comarca em que mandava Sua Allteza que elle Corregedor pratycase com eles juiz e vereadores que era provimemto da repubryca cryarse de novo deposytareo e por eles foy acordado depois de pratycado o caso que era escusado cryarse de novo taall oficio de deposytareo por numca nesta cydade ja ouve e por outras razões que per aviso deraão e os procuradores dos mesteres [*fl. 20 v.*] asy o regeram por sua cryação de taall officio novo em perjoizo da repubryca da dicta cydade e mamdarão asynarem e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]

Licenciado NUNO REBELLO

DIOGUO LEITE AMARALL

ALLCOFORADO

ANTONIO COSTA

ANTONIO COREA

COSMO ARANHA

AFONSO [...]

MANUELL BARBOSA

[...] [...]

[...] MACEDO

FRANCISCO VIEIRA

MANUELL GONÇALVEZ

[...] [...]

MELLCHIOR RODRIGUEZ

GONÇALO LUIS

GONÇALO ANNES

[*fl. 21*] Sabado que forão primeiro d'Abrill do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz

Item. Antonio Rodriguez vereador

Item. Antonio de Sousa vereador

Item. Dioguo Leyte vereador

Item. Antonio Corea vereador

Item. Cosme Aranha procurador

Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos por acabado o mes de Março e ser neseçaryo emlegerem allmotaces emlegerão comfforme a provisão de Sua Allteza a Costodio Corea procurador pasado e a Francisquo Tavares cydadão da dicta cydade aos quaes o dicto [*fl. 21 v.*] juiz em camara deu juramemto dos Samtos Avamgelhos em que eles poserão suas mãos e lhes emcaregou e mamdou que bem e verdadeiramemte servysem o dicto officio d'allmotaces guardando o servyço d'Ell-Rey e jumtas as partes polo tempo que Sua Allteza ouver por [*seu*] servyço e eles o prometerão fazer e asynarão aquy. Gaspar Riscado o escrevy. Antrelynhey: seu.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
Ho licenciado NUNO REBELLO
COSME ARANHA
ALLCOFORADO
FRANCISCO TAVARES
COSTODIO COREA

[*fl. 22*] Quarta feria que forão cimquo dias do mes d'Abrill forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Dioguo Leyte vereador

Item. Antonio Corea vereador doemte

Item. Cosme Aranha procurador fora

Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres e Gaspar Gonçalves

E sendo asy jumtos todos os cydadãos abaixo asynados que forão chamados loguo por o juiz e vereadores foy dicto a elles cydadãos e mesteres que na Rua que vay pera São Bento estavão as paredes pera cahir alem de estar muito estreyta [*fl. 22 v.*] por que hião por ella muitas procições que lhes parecia bem fazerse mayor e de maneira que ficase nobre e bem como era rezão que se fizese e por todos os cydadãos e mesteres que huã vooz diserão que era bem feito fazerse a dicta Rua e como lhes a eles juizes e vereadores bem parece e quanto que niso fizese fose a custa das rendas da dicta cydade e o mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]

ALLCOFORADO

DIOGUO LEITE AMARALL

ANTONIO RODRIGUEZ

[...] [...]

[...] [...]

[...] DE MACEDO

BASTIAM ALLVAREZ

FRANCISCO DE LEMOS

[...] [...]

MANUELL BARBOSA

[*fl. 23*]

[*assinaturas:*]

[...] [...]

MANUELL GONÇALVEZ

GASPAR GONÇALVEZ

GONÇALO ANNES

[*fl. 23 v.*] Sabado oito dias d'Abril forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz e vereador

Item. Antonio de Sousa juiz e vereador

Item. Dioguo Leyte vereador fora

Item. Antonio Corea vereador doemte

Item. Cosme Aranha procurador

Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos pratycarão nas cousas da governamça da cydade e repubryca. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 24*] Quarta feria que forão doze d'Abrill do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na camara da vereaçaão desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz

Item. Antonio de Sousa juiz
Item. Dioguo Leyte vereador fora
Item. Antonio Corea vereador doemte
Item. Cosme Aranha procurador

E sendo asy jumtos despacharão allguas partes que vierão a dicta camara. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 24 v.*] Sabado quimze d'Abrill do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador doemte
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão feitos e partes. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 25*] Segunda feria que forão dezassete d'Abrill de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes e cydadãos abayxo asynados

Item. Antonio Rodriguez juiz

Item. Dioguo Leyte juiz

Item. Antonio de Sousa vereador

Item. Cosme Aranha procurador

Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres e dos vymte e quatro

E sendo asy jumtos com os cydadãos abayxo asynados que forão chamados por pregaão segumdo diso deu requerimemto Gill pregoeiro que os chamara e loguo pollos juizes e vereadores foy dicto a elles cydadãos e mesteres como Manoel Bemtalhado tinha cartas de certas mamdas de [...] dous navyos de pão que estava na franquia e que seguya [*fl. 25 v.*] rio acyma e dese a regatar tall pão na cydade fazendo-lhe [...] nos dinheiros e a cydade pagar e dese algu e logo que pera yso erão chamados que disesem seu parecer e tomadas as vozes por todos foy acordado que se lhe fezese que [...] a bem diso falasem eles juizes e vereadores [...] da [...] ao [...] das rendas da cydade lhe pagase [...] pera elas [...] e o mandarão pera escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy[296].

[*assinaturas:*]

DIOGO LEITE AMARALL

ALLCOFORADO

ANTONIO RODRIGUEZ

[...] [...]

BASTIAM ALLVAREZ

[...] [...]

[...] [...]

JORGE LUIS

FERNÃO [...]

[296] O texto está praticamente ilegível.

[...] [...]

JOÃO DOMINGUES

[...] SILVA

[...] [...]

[*fl. 26*]

[*assinaturas:*]

Doutor DENIS PIREZ PIMTO

[...] [...][297]

MANUELL GONÇALVEZ

MANUEL [...]

BERTOLAMEU D' ARAUJO

AFONSO DE BARROS

JOÃO BRAZ

COSTODIO COREA

GONÇALLO LUIS

GASPAR GOMEZ

ALLVARO DE BOIM

E loguo por elles juizes e vereadores foy posto em pratica como o [...] que cada pipa de vinho pagase setenta reaes d'entrada e o rendeiro levava de todos os vinhos que [...] pera Lysboa e pera outras partes não o [...] o foram pollo que acordarão que se não vendese senão comforme ao forall e asy acordarão que portanto [...] estava [*fl. 26 v.*] e ora quanto pagava que portamto não se posese nenhuã pipa de vinho e quem a poser pagara de pena mill reaes pagos de cadea pera a cydade e cativos e mamdarão

asynarem. Gaspar Riscado o escrevy o que ora quem poser pipa de vinho na rua pera vemder.

[*assinaturas*:]
DIOGO LEITE AMARALL
ALLCOFORADO
ANTONIO RODRIGUEZ
COSTODIO COREA
COSME ARANHA
[...] [...]
AFONSO DE BARROS
BERTOLAMEU D'ARAUJO
[...] [...]
FERNÃO [...]
ALLVARO DE BOIM
[...] [...]
[...] [...]
BASTIÃO DA SILVA
[...] [...]

[*fl. 27*]
[*assinaturas:*]
[...] [...]
[...] [...]
GONÇALLO LUIS
MANUEL GONÇALVEZ

[297] A seguir está escrito "1559".

GASPAR GOMEZ

[...] [...]

Aos [*dez*]oito d'Abrill de mill V^{c} L^{ta} nove annos foy apregoado o acordo atras das pipas que não estevesem na rua conforme ao dicto acordo per Gonçalo Fernandez pregoeiro na rua peramte muita gente em voz alta peramte mym escrivão e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 27 v.*] Quarta feria que foram dezanove d'Abrill forão jumtos na casa da camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador doemte
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Luis procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e feitos de imjuria. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 28*] Sabado vymte e dous d'Abrill do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes na camara da vereação desta cydade do Porto

Item. Antonio Rodriguez juiz vereador
Item. Dioguo Leyte juiz vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Cosme Aranha procurador de fora
Item. Gonçalo Annes procurador da cydade

E sendo asy jumtos por elles juizes e vereadores foy pratycado como Bras Pereira o afirme [...] que era tempo de guardas mores era neseçario emleger guardas mores e por eles loguo foy loguo emleitos pera servirem por tempo de hum ano e eles vereadores guardas mores da saude a [*fl. 28 v.*] Afonso de Barros e a Pedro Jacome de Bentancor cydadãos da dicta cydade aos quaaes mandarão chamar e per eles juizes e vereadores a eles foy dado juramemto das Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvão taall cargo guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e eles sob carguo do dicto juramemto o que tomarão e prometerão asy fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
PEDRO JACOME DE BENTACOR
AFONSO DE BARROS

[*fl. 29*] Quarta feria que forão vymte e seis dias do mes d'Abrill do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na casa da camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora

Item. Antonio Rodriguez
Item. Dioguo Leyte
Item. Antonio de Sousa
Item. Antonio Corea doemte
Item. Cosme Aranha
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo despacharão allguas partes e se forão cedo da camara pera repartir paão que Ell-Rey Noso Senhor manda dar a cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 29 v.*] Sabado que forão vymte e oito dias do mes d'Abrill forão jumtos os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Luis e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão as partes que vierão adiante muitos vierão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 30*] Quarta feria que foraão tres de Mayo não ouve camara por ser dia da Vera Cruz e era procição a Vera Cruz. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 30 v.*] Sabado que forão seis de Mayo do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes e cydadãos abaixo asynados

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos pollo juiz e vereadores foy posto em pratyca estando na dicta camara ouve presente que as procições do Corpo de Deus herão fora dos muros della sendo a cydade muito grande de que se seguia [*fl. 31*] muito grandes emcovyniemtes prymcipaallmemte porque hia nela o Samto Sacramemto e que quamdo chegavão ora as Igrejas fora da cydade hera as duas horas depois de meo dia a tempo que jaa a mysa se não podia dizer e os cleriguos se hião a comer e leixavão a dicta procição e asy a gemte toda se hia dela e se hião a comer de que se seguyão grandes emcovyniemtes porque vinhaão jaa depois de jantados e allguã gente baixa com vinho demasyado pola quall causa fazião arroidos na dicta procição e não se podião meter em ordem depois que vem asy jantados e quando a isto atalhar aprovese pera evitar emcovyniemtes asyma dictos e outros muitos que se seguyryão

ordenacem e asemtarião que daquy [*fl. 31 v.*] em dyamte o dia de Corpo de Deus que a procição saya da See como he costume e vaa pola Rua Chaã dereyta a São Bemto e pola Rua das Flores abayxo a Rua Nova e a Duveza e pola Reboleira a praça e dahi pola Rua dos Mercadores a See outra vez [...] e na See se pregara e dira a mysaa e o anno que vay a São Pedro sahira da See e hira pola Rua Escura e dos Mercadores abayxo e dahi a praça Reboleira São Nycolao e Rua Nova e Camgostas e Rua das Flores e São Bemto e Rua Chaã outra vez a See onde se pregara e por asy o ordenarem e asentarem e mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy e por parecerer allgums cydadãos [*fl. 32*] que na dicta camara estavão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
Licenciado NUNO REBELLO
DIOGO LEITE AMARALL
[...] [...]
ANTONIO COREA
ALLCOFORADO
COSME ARANHA

[*fl. 32 v.*] Quarta feria que forão dez de Mayo não ouve camara por irem os vereadores repartir o pão d'Ell-Rey.

[*fl. 33*] Sabado que forão treze de Mayo forão jumtos na casa da camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador fora
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Luis e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e allgums feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 33 v.*] Quarta feria que forão dezasete de Mayo forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Antonio de Sousa vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e despacharão allgums feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 34*] Sabado que forão vymte de Mayo forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Antonio de Sousa vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Luis e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes que a dicta camara vierão e pratycarão no regimemto e governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 34 v.*] Quarta feria que forão vymte e quatro de Mayo forão jumtos na camara da vereação desta cydade os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Dioguo Leyte vereador anotado naom veo
Item. Cosme Aranha procurador

E sendo asy jumtos pratycarão na governamça da cydade e derão as tochas. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 35*] Sabado[298] que forão vymte e seis dias do mes de Mayo do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Francisquo Paiz corregedor
Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Dioguo Leyte vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos loguo pollo dicto corregedor foy dicto a elles vereadores como Tome da Costa avia falecydo que tinha o coffre dos orffaãos que por yso emlegerão tres[299] pessoas atraz mamdadas pera que tevesem o dicto coffre por eles vereadores forão emleitos pera ter o dicto coffre Antonio da Madureira e Belchior [*fl. 35 v.*] Rodriguez e Cosme Aranha cydadãos da dicta cydade os quaes avyão por abonadas pera terem o dicto coffre as sobredictas pesoas e asy loguo [...]do mais [...] nova e [...] Joam de [...]enos Antonio Leyte Antonio Leyte [*sic*] Ruy Brandão Antonyo Carneiro o que de elles todos elle Senhor tomase hum deles por que todos os sobredictos ora abonados e pertecentes pera ter a dicta arca e loguo o dicto corregedor lhe pareceo que a dicta arca estevese em poder d'Antonio da Madureira cydadão da dicta cydade e a todos pareceo ser asy bem e o mamdaram asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy e o virão por emleyto pera depositareo do dicto coffre. Gaspar Riscado o escrevy.

[298] Está escrita uma palavra por cima da outra e a dúvida parece ser entre Sábado e Segunda.

[*assinaturas:*]
COSME ARANHA
ANTONIO RODRIGUEZ
REBELLO
DIOGUO LEITE AMARALL
ALLCOFORADO
ANTONIO COREA

[*fl. 36*] Sabado que forão vymte e sete dias de Mayo do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os offyciaees seguimtes e cydadãos abaixo asynados

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Dioguo Leyte vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos os cydadãos abayxo asynados pollos juiz e vereadores foy dicto a elles cydadãos como esta cydade as pesoas que nela tinhão vinho requerião que lho levamtasem a mays a vemda [*fl. 36 v.*] respondo a como lhe custou caro e a perda era grande e que portamto faziam requerimemto que lho levamtasem e fazyão protestações e loguo foy posto em pratica com os dictos cydadãos e as mays vozes foy asemtado que se guardase o acordo

[299] A palavra está cortada.

feito acerca deste caso que era quatro reaes o quartilho e a este preço se mandase abrir e daquy para bayxo se allmotace e não se allterase o preço e taombem se pratycou sobre huã citação que fezera Fernão Vaaz Cernache a cydade pera falar hum feito que estava cerca dentro em que a cydade se oposera sobre os marinheiros do Julgado de Gaya a que avya muitos annos que se não falava e asemtarão que se fizesse procuração e se seguise a tall demanda a custa das rendas da dicta cydade e se mamdase laa hum omem a yso [*fl. 37*] e aos outros negoceos que a cydade tem na Corte e tambem asemtarão por asy parecer bem que fezese tombo de todos os papeis da cydade e das cousas della pera que tudo andase a boom recado e praticarão mays sobre as emtradas que estavam arrendadas em como o rendimemto dellas levavão emtradas de pesoas que as não devyão e se escusavão ao dizerem que estava em o costume levarem-se que era costume o foraall como era a levarem-se entradas as pesoas que levavam vinho pello Douro abayxo e as que hyão polla bara fora e tambem das pesoas que o metyam na cydade de seus cuytellos e outros pera suas despesas e o asentarão que o forall se guardase e se comprirse hum parecer [*fl. 37 v.*] de que muitos letrados que se ahy leo e o procurador da cydade dise que a renda da dicta cydade demenoya e que se nisto se devya tomar provisão e com rendimento das dictas emtradas e asentarão que a mesa fezese como elle a trasanção e comcerto que lhe bem parecese e mandarão asynarem e asynaram. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
Licenciado NUNO REBELLO
ANTONIO COREA
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO CODRIGUEZ
COSME ARANHA

ANTONIO DE SOUSA

ALLVARO DE BOIM

ALLVARO REBELLO

[...] GOMEZ

[...] MACEDO

[...] LOPEZ D'ALLBUQUERQUE

JOAM COREA

AFONSO DE BARROS

[*fl. 38*]

[*assinaturas:*]

[...] [...]

BASTIAM ALLVAREZ

FRANCISCO PIREZ

[...] [...]

Doutor DINIS PIREZ PIMTO

PAMTALYAM CARNEIRO

MANOELL NOVAES

FRANCISCO BOTELHO

GONÇALO ANNES

GONÇALLO LUIS

[*fl. 38 v.*] Quarta feria que forão derradeiro de Mayo forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora acupado
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçallo Luis procuradores do povo

E sendo asy jumtos loguo por os procuradores do povo foy dicto a elles vereadores como na Rua do Caes avya muitas pesoas que vendiam couvees e toda ortaliça e a compravão nas ortas e a tornavão a vender o que grande regatia e não se achava ortalyça polla taall regatia e valya quatro ceitis o molho das couves e mesturadas e huã allffaça vem-[*fl. 39*]dião por dous reaes e não se achava jaa menos as couves e ortalyça de quatro ceitis o molho e davão quatro couves por quatro ceitis o que era grande trabalho dos pobres e visto per eles vereadores acordaram que toda pesoa que vender ortalyça não sendo o dono della e sendo na segunda mão pague de cadea setecentos reaes pera a cydade e cativos e quem o acusar. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ALLCOFORADO
ANTONIO COREA
COSME ARANHA
GONÇALO ANNES

[*fl. 39 v.*] Sabado tres de Junho não ouve camara por fallecer Aires de Myramda paremte dos vereadores.

[*fl. 40*] Quarta feria que forão sete de Junho forão jumtos os officyaaes seguimtes na camara da vereação desta cydade do Porto

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos por eles juizes e vereadores foy dicto a eles cydadãos que pratycando o caso que nesta cydade se não pagase a sysa do paão e carne que serya causa de ser muito mays abastada que nenhuã outra d'Amtre Douro e Mynho prymcipallmemte sendo paão que nem pagase culheres e outros [*fl. 40 v.*] direitos e que parecia que se devya bastar allgua maneira donde esta sysa e direitos se pagasem pera a cydade lybertadas dellas e as mais vozes se asemtou que se pedise a Ell-Rey Nosso Senhor que ouvese por bem de se poor empocição no vinho que nesta cydade e arraballdes se vemdese a ceitill mays por quartilho e quem fezese contrato com Ell-Rey Noso Senhor pera que da dicta empocição se pagase a sysa do paão e carne e os mais direitos que do paão se pagava que ysto se fezese com muito grande seguramça e per maneira que a diante não trouxesem porjuizo a esta cydade pois se pedia pera provemto dellaa e que se ouvese de Sua Alteza que sendo caso que a dicta empocição rendese mais que paga a dicta sysa e direitos [...]

que aprovese a huã certa cousa proveytosa toda a cydade pera que adyante não ouvese mudamça [*fl. 41*] e se atalhase a emconvenyemtes e por todas as mais vozes como acordarão nyso mandarão fazer este acordo e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy. E ordenarão e asemtarão que mandase a cydade hum omem a yso. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
Licenciado NUNO REBELLO
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO COREA
COSME ARANHA
JORDÃO [...]
[...] CARDOSO
BRAS PEREIRA
ANTONIO CARNEIRO
[...] [...]
SIMOM COREA
ANTONIO DE SOUSA
[...] [...]
BALTAZAR [...]
JORGE [...]
PAULO PINTO DE SEQUEIRA

[*fl. 41 v.*]
[*assinaturas:*]
GONÇALO ANNES

BASTIÃO DE CASTRO

[...] DE MACEDO

[...] [...]

BASTIÃO DA SILVA

[...] [...]

ANTONIO BORGES

[...] D' ALLBUQUERQUE

MANUELL GONÇALVEZ

ANTONIO MONIZ

BRAS ANNES

[...] [...]

JORGE [...]

[...] [...]

[...] [...]

[...] DE FREITAS

[...] REIMÃO

[...] DE LEMOS

[...] BORGES

[...] [...]

[*fl. 42*]

[*assinaturas:*]

[...] MYGUEL [...]

VASCO ARAUJO

RODRIGO TAVARES

ANTONIO DE SOUSA

[...] [...]

COSTODIO COREA

Doutor DENIS PIREZ PIMTO

[...] [...]

GONÇALLVEZ

[...] [...]

PAMTALYAM [...]

[...] [...]

[...] [...]

[...] [...]

[...] [...]

[...] [...]

[...] [...]

[...] FIGUEIROA

GONÇALO LUIS

RUY BRANDÃO

LUIZ [...] [...]

GONÇALO ANNES

[*fl. 42 v.*] Aos sete de Junho do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estamdo hy Antonio Rodriguez e Dioguo Leyte juizes pela ordenação Antonio de Sousa e Antonio Corea vereadores e Cosme Aranha procurador da cydade peramte elles pareceo Framcisquo Tavares allmotacee pera deser a elles juizes e vereadores que elle avya dous meses e sete dias que servya d'allmotacee comtra sua vomtade forçado per penas que lhe pasarão por quamto perdia e tem perdido muito de sua fazenda pola não hyr arrecadar e porque elle tinha por muitas vezes pedido licença a eles vereadores para hyr arrecadar e porem sofreo sua

fazenda que era huã [*fl. 43*] quintaã que elle fazia per sua pesoa e huã Igreja arrendada e o que tendo se perdia sem elles quererem [...] a nada pollo que lhes requerya a suas merces que ouvesem respeito a ele ter servydo muito tempo e ter perdido muito de sua fazemda que ouvesem por bem que não acabase de perder todo e lhes requerya lhe desem licença pera o restante deste mes hyr fazer e gramgear sua quintaã e Igreja e per eles juizes e vereadores foy dicto que acabase o mes que inda poderya hyr arrecadar sua fazenda e pollo dicto Framcisquo Tavares foy respondido que agora hera tempo de segar o paão e de chachar pollo que perderya [*fl. 43 v.*] toda sua fazenda e a que emcaregaria a eles vereadores e por eles vereadores foy loguo tomada emfformação e acharão ser verdade o que elle allmotace dizia e portamto mamdarão que de todo o sobre dicto fezese este termo e o asynase e com yso lhe davão licença pera se hyr. Gaspar Riscado o escrevy. E porquanto não ficava allmotace pera servyr com Costodio Corea emlegerão a Pamtalyão Moreira pera o dicto tempo ate ao fim de Junho e lhe foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte [*servise*] o tall carguo guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
COSME ARANHA
PAMTALYAM MOREIRA
FRANCISCO TAVARES

[*fl. 44*] Aos dez dias do mes de Junho do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes na camara da vereação desta cydade do Porto que foy sabado

Item. Antonio Rodrguez juiz
Item. Antonio de Sousa juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Dioguo Leyte vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador

Item. E sendo asy jumtos perante elles pareceo Costodio Corea procurador que foy no anno pasado e allmotacee no presente mes e dise que ele tinha duas Igrejas arrendadas e se querya hyr arecadallas porque [*fl. 44 v.*] perderia muito de sua fazenda se não fose arrecadar que por yso lhe desem licença pera hyr per que loguo segunda feria se partya per as dictas Igrejas e visto por eles juizes e vereadores a razão que dava tendo tomado diso emformação lhe derão o juramemto dos Samtos Avamgelhos e se partya pera as dictas Igrejas segunda feria e por este juramento sy lhe derão licença pera se hyr e mamdaram fezer este termo e o asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
COSTODIO COREA

E loguo eles juizes e vereadores pratycarão que era neseçario emleger allmotace pera servyr o que faça deste mes de Junho com Pamtalyão Moreira [*fl. 45*] e por elles as vozes foy emleyto pera sevyr d'allmotacee a Bastião Gomçallves cydadão da dicta cydade ao quall mandarão chamar e lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva o dicto mes d'allmotace guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as

partes seu direito o que prometeo asy fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO COREA
ALLCOFORADO
ANTONIO RODRIGUEZ
BASTIÃO GARCEZ[300]
COSME ARANHA

[*fl. 45 v.*] Segunda feria que forão <doze>[301] dias do mes de Junho forão jumtos os officyaaes seguimtes e cydadãos abaixo asynados diz no mal escrito doze[302]

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Antonio Corea juiz
Item. Dioguo Leyte vereador fora
Item. Antonio de Sousa vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador de fora
Item. Gonçalo Luis e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos com os cydadãos abayxo asynados por Antonio Rodriguez e Antonio Corea vereadores foy dicto a eles cydadãos que Dioguo Leyte e Antonio de Sousa vereadores erão fora e Dioguo Leyte se dizia [*fl. 46*] ser ausemte e servya pela cadeia e estava na correyçaom de Lameguo e

[300] A seguir está escrito "1559".
[301] Está rasurado e escrito por cima a tinta mais escura.
[302] Está escrito em tinta mais escura.

avião de fazer muitas cousas que comprião todo regimemto da cydade era neseçaryo mandar hum omem a Corte como estava ordenado per eles o que eles não podião fazer pois que era grande perjuizo da cydade estar sem vereadores e avya paguo na tardança e portanto por todos os cydadãos e procuradores dos mesteres que forão chamados per pregão pera a dicta camara segundo dyso deu fee Pedro Goes porteiro que deu fee que o apregoara polla cydade e por todos foy dicto e acordado que se emlegese hum vereador que syrva na ausemcya dos dictos vereadores ate vir o que deles mays tardar e asy diserão que era neseçario [*fl. 46 v.*] emlegerse procurador por Cosme Aranha ser ausemte ate ele vir por quanto agora era neseçario aver procurador pera as cousas sobredictas e diserão que se emlegese durante as ausemcias dos dictos vereadores ou cada hum deles e mandarão fazer este termo e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy. E isto emquanto for fora ou não ouver na cydade cada hum dos dictos dous vereadores que ora são fora. E loguo fora tomado as vozes e pollo juramemto do Samtos Avamgelhos que a cada hum foy dado em segredo que avia por vereador Simão Corea cydadão da dicta e isto em todo o tempo que não ouver cada hum dos dictos [*vere*]adores na cydade. Asy sayo a vozes o procurador Duarte [...] [*cyda*]dão da dicta cydade e mandarão fazer este termo de emleição e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
SIMOM COREA
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
DUARTE [...]

[*fl. 47*]

[*assinaturas:*]

FRANCISCO LEMOS

JOAM [...]

BASTIAM [...]

MANUELL GONÇALVEZ

FRANCISCO VIEIRA

BASTIAM MOREIRA

BASTIAM VAZ

JOAM PIRES

BERTOLAMEU D'ARAUJO

PAIO DE [...]

GONÇALO ANNES

DIOGO FERNANDES

GONÇALO DA [...]

GONÇALLO LUIS

[*fl. 47 v.*] Quarta feria que forão vymte e hum de Junho forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes diguo quatorze de Junho

Item. Antonio Rodriguez juiz

Item. Symão Corea juiz

Item. Antonio Corea vereador

Item. Cosme Aranha procurador

Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão na governamça da repubrica. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 48*] Sabado que forão vymte e quatro de Junho não ouve camara por ser dia de São João Bautista digo que sabado que forão dezasete de Junho forão jumtos na camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Symão Corea juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador

E sendo asy despacharão partes e despacharão feitos de imjuria. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 48 v.*] Quarta feria que forão vymte e hum de Junho forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gonçalo Luis procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 49*] Quarta feria que forão vymte e oito de Junho forão juntos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes segimtees

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador da cydade e dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 49 v.*] Sabado primeiro de Julho digo que forão o quatro de Junho forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão nas cousas da governamça. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 50*] Sabado que forão primeiro de Julho do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na camara os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade

E sendo asy por <ser> acabado o mes de Junho e ser nesaçario pera estes meses que vem de Julho e Agosto e Setembro allmotaces comforme a provisam d'Ell-Rey Noso Senhor que ha os dous vereadores mais moços e por serem Vasco Leyte e Gaspar Pamplona os mamdaram chamar e por eles juiz e vereadores foy dado [*fl. 50 v.*] juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces os dictos tres meses guardando a Ell-Rey Noso Senhor e asy por seu direito o que prometeram fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
VASCO LEITE
GASPAR PAMPLONA

E sendo jumtos por elles juiz e vereadores pera bom despacho das partes asemtarão que d'oje por dyamte ate ate [*sic*] fim de Setembro deste anno presente fosem jumtos na camara a seis oras e do primeiro d'Outubro ate o primeiro de Março as oito oras e quamdo não viese elle juiz as dictas oras fezesem e despachasem as partes posto que elle juiz não viese e por asy asemtarem e ficarem asemtados comforme a provysão d'Ell-Rey Noso Senhor

que estava nesta camara e o mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy .

[*assinaturas:*]
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ

[*fl. 51*][303]

E sendo asy jumtos por eles vereadores foy posto em pratica como era neseçario aver hum letrado na camara pera despacho despacho [*sic*] dos negoceos por eles vereadores não são letrados e lhes ser muito neseçario pera os taaes negoceos e por asy praticarem e lhes parecer neseçario emlegerão pera letrado da dicta camara ao licenciado Framcisquo Vieira cydadão da dicta cydade por ser boom letrado e pesoa pera isso o que ordenarão dez cruzados [*fl. 51 v.*] por anno pollo trabalho de neguoceo que leva da cydade e pera lembrança o mandarão asy escrever e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy [...] por ter servydo todo tempo que elles o todo servem.

[*assinaturas:*]
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
[...] [...]

[303] O principio do fólio está inutilizado com riscos.

[*fl. 52*] Segunda feria que forão tres dias do mes de Julho a tarde forão jumtos os officyaaes seguimtes que sam os cydadãos abaixo asynados que forão chamados per pregão

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador de fora

E sendo asy jumtos pollo juiz e vereadores foy dicto a elles cidadãos como sempre se sumou e se daa a custa das rendas a Romão da Costa escryvão na camara d'Ell-Rey da dicta cydade e huã peça pello trabalho e negocios que faaz dellaa na Corte e todo a huã voz lhes pareceo bem dar-lhe e mamdar-lhe estas dictas rendas della algua comtya e preco que a eles bem lhe parecese e asy foy outro sy posto em pratyca [*fl. 52 v.*] como Manoel Barbosa cydadão da dicta cydade e nela morador pedyra a eles vereadores que lhe pagasem a custa das rendas da dicta cydade certo dinheiro dizendo que lhe era devydo por hyr por parte da cydade a Corte a negoceos da dicta cydade e que o corregedor lhe mandava pagar e mandava ao tesoureiro da cydade que lhe pagase do que eles vereadores e procurador da cydade apelarão asy por lhe mamdar pagar o dinheiro como pollo corregedor mandar[304] per seu mando ao thesoureiro da cydade que lhe pagase sendo a jurdição do taall mando de se pagar deles vereadores e por todos foy acordado que se seguise a dicta pelação prymcipall polla jurdição da cydade e asy foy dicto a eles cydadãos

[304] A palavra está rasurada.

como os procuradores dos mesteres tinhão feito requerymemto aos vereadores pasados e tynhão vyndo com embarguos a se merce [*fl. 53*] de fazer os allmotaces de tres em tres meses mas que se fezese cada mes como sempre fora costume e comforme a ordenação da quall mandarão daar conta ao procurador da cydade e elle requerya que se praticase com elles cydadãos e sendo com elles ora asy pratycado acordarão que se fezesem cada mes comfforme a ordenação e o mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy. Amtrelynhey Fernão da Costa escrivão da camara d'Ell-Rey.

[*assinaturas:*]
ANTONIO RODRIGUEZ
ALLCOFORADO
REBELLO
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO COREA
[...] MACHADO
BERLCHIOR GONÇALLVEZ
ANTONIO COUTINHO
MANUELL GONÇALVEZ
ALVARO DE BOIM
BASTIAM GONÇALVES
ANTONIO DE SOUSA
MELCHIOR RODRIGUEZ
GONÇALO GOMEZ DA COSTA
ANTONIO GOMEZ
GONÇALO DA RIBEIRA
BERTOLLAMEU D'AMARAL

[*fl. 53 v.*] Quarta feria que forão cimquo de Julho forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Antonio de Sousa vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador da cydade

E sendo asy jumtos despacharão partees e pratycarão no regimento e governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 54*] Sabado que forão oito de Julho forão jumtos na camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Antonio de Sousa fora
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos veo ter a dicta camara Gonçalo de Seabra cydadão dela que vay a corte a negoceos per seu mando e dise que lhe ordenasem quanto avya de levar por dia e loguo eles juiz e vereadores o poserão em pratyca e asem[*tarão*] que levase cada dia dozentos e noventa reaes do dia que partyr desta cydade ate chegar [*fl. 54 v.*] a ela avendo respeito a levar besta e dous

omes e o mandarão asynar e asy escrever e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGO LEITE AMARALL
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ

Partyo a dez de Julho Gonçalo de Seabra

[*fl. 55*] Sabado que forão oito de Julho diguo quarta feira que forão doze do mes de Julho forão na camara desta cydade do Porto ao officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 55 v.*] Quarta que forão doze dias de Julho forão jumtos na casa da camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtees

Item. O licenciado Nuno Rebello fora

Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Antonio de Sousa vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimento da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 56*] Sabado que forão quinze de Julho forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto ao officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Antonio de Sousa juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gregoreo Gonçalves procurador dos mesteres e seu parceiro

E sendo asy jumtos despacharaão partes e despacharão feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 56 v.*] [*Quarta feria*] que forão vymte [...] de [*Julho*] digo vymte e tres forão jumtos na casa da camara desta cydade do Porto os officyaes segimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz

Item. Antonio de Sousa juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalvez e seu parceiro procuradores dos mesteres

E sendo asy juntos despacharão partes e pratycarão na governança da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 57*] Sabado que forão vymte e VI de Julho não [*ouve*] camara por ser dia da Madanela diguo vymte e seis e não ouve camara por ser dia da Madanela.

[*fl. 57 v.*] Quarta feria que forão vymte e seis de Julho de mill V^{c} L^{ta} e nove diguo que forão trymta de Julho forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador fora

E sendo asy jumtos praticarão no regimento e governamça da cydade e repubryca. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 58*] Sabado que forão vymte e nove de Julho diguo que forão dous e dous torno a dizer dous d'Agosto forão jumtos na camara desta cydade os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Antonio de Sousa juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos pollo procurador da cydade foy dicto a eles vereadores como Gaspar Pamplona allmotace era hido desta cydade e oje era sabado e não avya quem repartyse a carne no açougue que lhes requerya que provesem nyso e por eles vereadores foy dicto que elles tinhaão mandado a mim escryvão que noteffi-[*fl. 58 v.*]case ao dicto Gaspar Pamplona que com pena de vymte cruzados se não fose e acabase a seu tempo por seu servyço e lhe dizer que elle Gaspar Pamplona lhe mandava pedyr licença porque se hya a negocear sua fazenda e outras cousas e mandarão que a delygencya que tem feyta dese mynha fee em comprimento do dicto mandado teudo e dey fee que eu noteffyquey ao dicto Gaspar Pamplona a mando dos vereadores acyma escrito e per elle me foy dicto que [...] na cydade que bespora de São Pamtalyão lhe emvyarão novas que sua sogra que era falecida que vivia jumto de Chaves e lhe era neseçario hyr fazer partylha e escrytura que sua sogra por todo lhe [*fl. 59*] pediu e requerya [...] e emlegesem outra pesoa empedindo que tenha e por ser tão fresca a nova não venha alegar a dicta rezão per causa em a pesoa e sem embarguo do tall e acyma dicto os dictos vereadores mandarão as pousadas do dicto Gaspar Pamplona e acharão seu partydo como lhe e feito e por asy ficar a cydade sem allmotacee a requerimento do procurador da cydade emlegerão loguo a

Bernaldo Pereira morador na dicta cydade ao quall mandarão chamar e lhe deram juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva d'allmotacee em lugar e tempo de Gaspar Pamplona que elle avya de servyr guardando a Ell-Rey seu sevyço e as partes seu direito o que ele asy prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
ALLCOFORADO
COSME ARANHA
BERNALDO PEREIRA

[*fl. 59 v*] Quarta feria que forão seis d'Agosto forão jumtos na casa da camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçallvez procurador dos mesteres

E sendo asy despacharão partes e feitos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 60*] Sabado nove d'Agosto forão jumtos na casa da camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gregoreo Gonçallves procurador dos mesteres

E sendo jumtos despacharão partes. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 60 v.*] Quarta feria que forão treze d'Agosto nam ouve camara por não aver vereadores na cydade.Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 61*] Sabado que forão dezasseys d'Agosto forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycaraão no regimemto e governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 61 v.*] Quarta feria que forão vymte dias do mes d'Agosto não ouve camara por não aver vereadores na cydade.

[*fl. 62*] Sabado que forão vymte tres dias d'Agosto forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Cosme Aranha procurador da cydade

E sendo asy jumtos pratycarão allguas cousas pera regimemto e boa governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 63*] Sabado que foram dous de Setembro forão jumtos os officyaaes seguimtes e cydadaos abaixo asynados

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea
Item. Gregoreo Gonçallvez e Bastiam procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos todos os cydadãos abaixo asynados que forão chamados per pregaão segumdo dyso deu fee Gonçalo Gill que os chamara e sendo

jumtos per eles foy dicto a eles cydadãos como os rendimentos da sysa do pão requerya e sytavão as pesoas que a esta cydade trazião pão de [*fl. 63 v.*] fora do reyno pola bara de Matosinhos pola sysa o que numca se demandou nem numca se pagou que era em grande dano e perjoyzo desta cydade por que ser a causa de não vyr nenhum pão a ela e portamto lhe fazyam saber pera no caso dyzerem seus pareceres e todos a huã vooz acordarão que na cydade se posese aviso e se fizese demanda a custa das rendas dela e mandarão asy escreverer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE DE AMARALL
NUNO REBELO
ANTONIO RODRIGUEZ
ALLCOFORADO
COUTINHO
GONÇALO DA COSTA
ANTONIO COREA
ANTONIO DE FREITAS
[...] PEDROSA
PEDRO DE SOUSA
FRANCISCO VIEIRA

[*fl. 64*]

[*assinaturas:*]
SIMÃO COREA
Doutor DINIS PIRES PINTO

[*fl. 64 v.*] Aos quatro dias do mes Setembro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara estamdo hy o licenciado Nuno Rebello juiz de fora Antonio Rodriguez Dioguo Leyte Antonio de Sousa e Antonio Corea vereadores loguo por elles foy emleito por ausemcia e empedimemto de Bernalldo Pereira por allmotace o presemte mes de Setembro o licenciado Pamtalyão das Santas morador nesta cydade ao quall cometiam que comsyguo syrvão quallquer deles vereadores dese juramemto que bem e verdadeiramemte syrva o dicto oficyo guardando o servyço d'Ell-Rey e justa as partes e deles se farya termo por ele asynado e mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
Ho licenciado NUNO REBELO
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO COREA

[*fl. 65*] Aos seys de Setembro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara desta cydade do Porto forão jumtos os os [*sic*] officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte do Amarall vereador
Item. Antonio de Sousa vereador nam veo
Item. Antonio Corea
Item.

E sendo asy jumtos mandarão fazer declaraçaão que o termo atras não ouvera emffeyto por Bernalldo Pereira não vyr e estar na cydade e loguo emlegerão por este mes de Setembro por allmotace a Jorge Coelho morador nesta cydade na ausencya de Vasco Leyte allmo-[*fl. 65 v.*]tacee por ser o dicto Vasco Leyte a negoceos de sua fazenda e mandar requerer que se emlegese allmotace e loguo mandarão chamar ao dicto Jorge Coelho e lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva d'allmotace neste presemte mes de[305] Setembro e ele sob carguo do dicto juramemto o prometeo asy fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
NUNO REBELLO
COUTINHO
ANTONIO COREA

E loguo na dicta camara eu escrivaão dise a eles juiz e vereadores como me revelava hyr fora por vymte dias ou trimta e que lho fazya saber pera emlegerem escrivão da camara e loguo eles juiz e vereadores [*fl. 66*] emlegerão durante ausencia de mym escrivão a Pamtalyão Carneiro cydadão da dicta cydade ao quall mandarão chamar e lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva o carguo de escrivão da camara durante ausemcia de mym escrivão e ele sob carguo do dicto juramemto o prometeo asy fazer. Gaspar Riscado o escrevy e asynou aquy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL

[305] Na margem direita do documento está escrito "Jorge Coelho".

ANTONIO RODRIGUEZ
NUNO REBELLO
PAMTALYÃO CARNEYRO
ANTONIO COREA

[*fl. 66 v.*] [*A*]os nove dias do mes de Setembro foy em sabado que forão nove dias do mes de Setembro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos não ouve camara por o juiz de fora ser fora da cydade e Antonio de Sousa e Antonio Corea vereadores e Antonio Rodriguez ser ocupado com devasas que fora de juiz e portanto não se fez camara. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*fl. 67*] Aos omze dias do mes de Setembro de mill e V^{c} e L^{ta} e nove annos forão juizes na camarada cydade do Porto Antonio Rodriguez e Diogo Leyte de Amarall juizes e vereadores pela ordenação e Simão Corea vereador e a dicta camara mamdarão elles juizes e vereadores pela ordenação e Simão Corea vereador e a dicta camara mamdarão elles juizes e vereadores chamar Antonio do Soverall cavaleiro Francisco Aleixo da Casa d'Ell-Rey Noso Senhor e estando elles Antonio de Soverall presente logo per[306] elles juizes e vereadores lhe diserão que elles queriam escrever a Ell-Rey Noso Senhor e lhe dar comta do pão que Sua Alteza fezera [*merce*] a esta cydade e povo della e lhe mamdaram que declarase se tynha comtrauto de Sua Alteza pera comprar ho dicto pão e asy o preço lhe custara <a que preços o

[306] A palavra "*per*" está cortada.

comprara>[307] e lhe dise que era feitor de Sua Alteza e nem tinha comtrauto nehum nem numqua ho teve somente era feitor e o comtava a Sua Alteza asy como lhe custava e que tynham escrito da dicta feitoria que era já na Corte com os lyvros pera dar as comtas e que sempre escrevya a Sua Alteza e aos vereadores de Sua Alteza a como lhe custara e elles lhes mamdarão que ho comprase e pera elle lhe mamdarão o dinheiro pera o dicto pão e que eles respomdião peramte a mesa e vereadores que estava e nem peramte Antonio Rodriguez juiz e vereador por [*fl. 67 v.*] que nem todos Antonio Rodriguez lhe era suspeito e ele Antonio de Soverall lhe dise que ele o comprara per <milhor> preços que lhe saya aqui nesta cydade o allqueire de trigo a mais de cento e dez e aceytou a oitenta e oyto reaes os custos e quebras e despesas e que quamdo as pesoas a que comprara o dicto pão lhe nem lembrava aos presemtes porque no lyvro da dicta compra estavam os nomes das pessoas a que comprara o dicto trigo e que o quall lyvro era na Corte e o escrivão o levara pera com elle dar sua comta e elles juizes e vereadores mamdarão que asy se escrevese e asynase o que dezya e resposta que dava [...] que pesoas comprara. Pamtalião Carneiro escrivão da camara o escrevy [...] o escrevy.

[a*ssinatura:*]
ANTONIO SOVERALL

Estamdo asy jumtos praticarão como na cydade não avia mais que hum allmotace que era Jorge Velho porquoamto Bernalldo Pereira que [...] allmotace nom saya avia quatro ou cimquo dias e portanto mamdarão a mym escrivão que fose a sua pousada e lhe noteficase que seria [...] e em comprimento do mando dos dictos juizes e vereadores eu foy a casa do dicto Bernalldo Pereira e me dise ser melhor e asy ser [*fl. 68*] agora que ele era

[307] Esta frase está entrelinhada.

fora da cydade a negocear a sua fazenda e a recolher suas rendas e cuydados e não poderia vyr neste mes e que pedia que o ouvesem por escuso e que pediam elle era outro allmotace se fose necesario o que visto per elles e fe de mym escrivão e se nesesario outro allmotace pera bem da governamça da dicta cydade e povo della emllegeram loguo por allmotace per servyr este mes de Setembro ate ho fym delle a Jorge Pereira e que loguo derão juramemto dos Samtos Avamgelhos em que elles e por sua mão direita e lhe mamdarão que se carego do dicto juramemto de servyr d'allmotace ate fym do dicto mes de Setembro guardando a Ell-Rey Noso Senhor o direito e as partes e elle prometeo o fazer asy e asynou com elles juizes e vereadores. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que o escrevy.

[a*ssinaturas:*]
DIOGUO LEYTE DO AMARALL
SIMÃO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
JORGE PEREIRA

[*fl. 68 v.*] Aos [*t*]reze digo treze dias do mes de Setembro do dicto anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos que foy em quarta feria forão juntos na camara da cydade do Porto os juizes e vereadores

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz era fora da cydade
Item. Antonio Rodriguez juiz e vereador

Item. Diogo Leyte do Amarall juiz e vereador

Item. Simão Corea vereador

Item. Cosme Aranha procurador da cydade

Item. Bastião Gonçalvez procurador dos mesteres

Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres

E semdo asy jumtos loguo Simão Corea vereador dise a elles juizes e vereadores que elle fora [...] honde se faz a telha a prover a olhar se as pesoas que fazem a dicta telha se a fazem comforme a gramdura e grusura da marqua que lhes era dada da camara desta cydade e que provemdo [*fl. 69*] a dicta telha achara que se não fazia pela marqua que lhes era dada pella cydade e por yso lhe mamdara que vyesem a esta camara e trouxessem as marquas que elle vereador lhes mamdara fazer pera serem vistas e olhadas em comarqua da dicta camara e loguo hahy parecerão na dicta camara peramte elles juizes e vereadores Pedr'Eannes meyrynho de Gomdomar Gonçalo de Vila Verde Pedro Gonçalvez da Collmeira Allvaro Duarte João Pirez de Sa'Miguell Jorge Gonçalvez de Sa'Miguell Antonio de Gonçalvez de Gomdomarinho Gonçalo Gonçalvez do Pinheiro Antonio Luis de Villa Verde e elles trouxeram loguo a dicta camara as marquas novas que lhes mamdarão fazer e asy hua marqua de fero que lhes foy dada desta camara que lhe elles tynhão no conselho de Gomdomar e semdo elles asy jumtos os nomeados acima pellos juizes e vereadores que em pena de dous mill reaes e da cadea fação a dicta telha pelo padrão e marqua que lhe forem dadas e sobre a dicta pena lhes mamdão que a fação a dicta telha bem fecta e bem cozida e da dicta marqua e sob a dicta pena lhes mamdão que cada anno venhão a esta comarqua amtes que comecem a fazer a dicta telha amostrar as bitollas per não desfazer a dicta telha e as grades per a que a fazem e pera maior provimento e os sobredictos se guarde por loguo elles juizes e vereadores juramemto [*fl. 69 v.*] dos Samtos Avamgelhos a João Pirez de Sa'Miguell da

freguesia de São Cosme que elle tenha careguo de olhar e prover as formas e telha que se faz no dicto comselho de Gondomar se he da marqua que lhes he dada e se he perfecta da maneira sobredicta o que asy cumpra da so a dicta pena de dous mill reaes e achamdo elle João Pirez que a telha não he da dicta marqua nem perfecta elle como vedor a podera logo quebrar e o fazer saber ao meyrynho do dicto comselho que penhore a tall pessoa que asy não fezer a dicta telha da dicta marqua por mill reaes e tanto que o tever penhorado o vyra fazer saber a esta camara e mamdarão a Pedr'Eannes meyrynho que noteficase a todas as pesoas que fazem a dicta telha venhão primeiro a camara pera lhes ser noteficado ho sobredicto pera se não poderem chamar [...] e asynou o dicto João Pirez com os juizes e vereadores. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy [...] [...] [...] na mão do dicto meyrynho e [...] allguem delle por verdade e o escrevy.

[*assinatura:*]
DIOGUO LEYTE DO AMARALL
SIMÃO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
COSME ARANHA

[*fl. 70*] E loguo elles juizes e vereadores diserão aos allmotaces Jorge Pereira e Jorge Coelho que elles erão muito fraco poder em outras cousas asy em tyrar devasas como em outras cousas por homde elles não podião prover as [...] comforme ordenarão que elles cometerão e mamdavão a elles allmotaces que elles a fosem ver e olhar se estavam provydas de todo ho neseçario per que elles lhes cometião suas vezes e mamdarão asy escrever. Pamtalião Carneiro escrivão da camara o escrevy.

[*fl. 70 v.*] Aos XVI dias do mes de Setembro de mill e quinhemtos e cimquemta e nove annos que foy em sabado forão jumtos na camara da vereação da dicta cydade do Porto os juizes e vereadores seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora era fora da cydade
Item. Antonio Rodrigez juiz vereador
Item. Diogo Leyte do Amarall juiz vereador
Item. Symão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos esteverão despachamdo partes que a dicta camara vyeram e pratycarão nas cousas que erão neseçarias a repubryca da dicta cydade.

[*fl. 71*] Aos vymte dias do mes de Setembro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos que foy em quarta feria forão jumtos na camara da vereação da dicta cydade do Porto os oficiais seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora era fora da cydade
Item. Antonio Rodrigez juiz vereador
Item. Diogo Leyte juiz vereador
Item. Symão Corea vereador
Item. Duarte Carneiro procurador da cydade
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres
Item. Bastião Gonçalvez procurador dos mesteres

E semdo asy jumtos a dicta camara veo Maria Fernandez e dise que os pregões eram pasados e que nehua pesoa lançava na barraqua que esta de baixo da nosa [...] de que ella tem prazo de tres vidas e que queria fazer fateosym comforme ao regimemto e ordenaçam d'Ell-Rey Noso Senhor e que pois os pregões eram pasados que lhe mamdase remeter pera se fazer prazo fateosym e logo Gonçalo Gill porteiro da camara tinha [...] a pregão pella dicta camara [*fl. 71 v.*] e por nehua pesoa mais lançar que a dicta Maria Fernandez que [...] mais lhe mamdarão dar o [...] e que lhe fosse fecto prazo fateosym comforme o autor dos pregões e o mamdarão escrever.

E asy a dicta camara veo Amtonio Jorge e dise que elle estava comcertado com Bramqua Teyxeira [*pera*] lhe comprar hua barraqua que esta de fora da Porta da Ribeira que vynha pedir licença pera comprar e elles juizes e vereadores lhe diserão que apresemtase o prazo que a dicta Bramqua Teyxeira tynha da cydade e elle dise que ho prazo se não achara mas que elle queria ora novamemte que lhe fose fecto prazo fateosym e que a Bramqua pagava novecemtos e vymte reaes que amdava o pregão e lhe parecia bem dar mais e elles mamdavão que amdase o pregão os dias da ordenação e no fim lhe fariam prazo e pagaria o dominio e o mamdarão asy escrever. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*fl. 72*] Aos vymte e tres dias do mes de Setembro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos que foy em sabado forão jumtos na camara da vereação da cydade do Porto os oficiaes segimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora era fora da cydade

Item. Antonio Rodrigez juiz e vereador

Item. Dioguo Leyte do Amarall juiz e vereador

Item. Symão Corea vereador

Item. Duarte Carneiro procurador da cydade

Item.

E semdo asy jumtos estamdo pratycamdo nas cousas da governamça e proveito da repubryca per Duarte Carneiro procurador da cydade dise a elles juizes e vereadores que pellas ruas da cydade os oficiaes que estavão trabalhando as portas e asy as regateiras que vendião fruyta e ortelliça punham bamquas e [...] na rua que a gemte que passava não podiam pasar [*fl. 72 v.*] com as bamquas e [...] que tynhão postas fora de porta nem na rua e estavão [...] e se aceitava algum caro de pasar a gemte nem podia pasar nem as dictas bamquas e [...] que lhe requeria que provesem nyso e elles juizes e veradores mamdarão a Gonçalo Gill porteiro da camara que elle tome hum porteiro que lance pregão per todas as ruas da cydade que nehua pesoa não ponha bamqua nem [...] na rua e que trabalhem de demtro das suas portas sob pena que o que for achado trabalhar na rua e o tomar com bamqua ou [...] pague quinhemtos reaes per a cydade e cativos os quaes pagara na cadea.

E asy requereu elle Duarte Carneiro a elles juizes e vereadores que os portageiros que arecadão a portaje se arecadão por moços que pedem mais do que se lhes deve e fazem muitas [...] e pesoas que [...] de pagar a dicta portaje que lhes requeria que mamdacem aos portageiros que não arecadem as dictas portages per moços que seja menores de idade maiores de quatorze annos o que vysto o que o procurador requeria mamdarão a mym escrivão que notefique aos dictos portageiros que não arrecadem as portajems per moços se não per pesoas já maiores de idade o qual lhe mamdou com pena de mill reaes para a cydade e cativos e o tall moço ser preso e da cadea os

pagar [*fl. 73*] e da noteficação que lhe asy fezer faça termo neste lyvro e o mamdarão asy escrever.

E asy foi requerido pello Duarte Carneiro procurador a elles juizes e vereadores que o porteiro [...] João Pirez que elle penhorava aos domingos dia de guarda e tomava penhoras as pesoas nem podendo somemte os cytar se as taes pesoas vendião amte d'apregação que o mamdasem chamar a dicta camara e o castegasem e logo foy o dicto João Pirez chamado per Gonçalo Gill porteiro e elle veo e os vereadores lhe mamdarão que com pena de dous mill reaes e da cadea que elle não penhorase mais nenhua pesoa e os que vemdese ou trabalhase comtra a defesa da Igreja e Costituições do Senhor Bispo que os cytase e fazemdo o comtrairo [...] a dicta pena nelle Joam Pirez e o mamdarão asy escrever. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy. Notificarão aos portageiros.

E loguo no dicto dia vymte e tres do dicto mes de de Setembro do dicto anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos eu escrivão na Rua dos [...] a porta das minhas pousadas achey João Pirez o cavaleiro que he hum dos portageyros e oje notefiquey ho asemto e mamdo dos juizes e vereadores que sob a dicta pena de mill reaes e da cadea elle he seu [...] e sem os moços que arecadão a portaje que foy em demamda e comforme por que se queixava o povo que os dictos moços levavão mais do que [*fl. 73 v.*] avyão de levar e o que fora elle lhe mamdava e dar mynha fe que lho notefiquey. Pamtalião Carneiro escrivão da camara ho escrevy.

Pregão que se lançou

Item. No dicto dia vymte e tres dias do dicto mes de Setembro do dicto anno deu fe a mym escrivão Gonçalo Fernandez porteiro que elle lançava

pellas ruas da cydade que nehum oficiall receba que nem trepase fora na rua nenhua regateira nem outra nehua pesoa sob a dicta pena de quinhemtos reaes e que todo apregoara comforme ao mando dos vereadores e asemto atraz e asynou. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*assinatura:*]
GONÇALO + FERNANDEZ

Item. Aos XXVI dias do dicto mes na Rua da Ribeira eu escrivão notefiquey a Francisquo Martins portageyro a mamdo dos vereadores atraz e lhe dise que ja ho noteficara ao cavaleiro seu porteiro e elle Francisquo Martinz dise que elle não era portageyro e que os moços que arecadavão a portage erão gramdes e não levavão mais que ho dinheiro que lhes dava o forall. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*fl. 74*] Aos XXVII dias do mes de Setembro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos que foy em quarta feria forão jumtos na camara da vereação da cydade do Porto os oficyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodrigez juiz e vereador
Item. Antonio Leyte do Amarall juiz e vereador
Item. Symão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres
Item. Bastiam Gonçalvez procurador dos mesteres
Item. O licenciado Jorge Machado Antonio de Freytas
Item. Jorge Pereira

Item. Bastião Afonso

Item. Manoell Gonçalvez tesoureiro

Item. Antonio Pirez

Item. Thome Afonso

Item. Bras Annes

Item. Jorge Luis todos cydadãos os quaes cydadãos forão chamados per pregão que diso dese Gonçalo Gill porteiro da camara que lançara Gonçalo Fernandez diguo João Nobaes.

[*fl. 74 v.*] E semdo asy todos jumtos pellos juizes e vereadores lhes foy dado comta como tambem per emformação como aviam muitos vinhos em Riba de Douro e asy avia muito nesta cydade que se lhes perecese bem se fazer acordo sobre o dicto vinho amtes que os regatães e outras pesoas o fosem comprar pera que depois não terem rezão de diserem que ho comprarão caro e asy tambem a que preço se devia de por o quartylho do vinho o mylhor e loguo forão tomadas as vozes de serem [*acordarem*] que era bem que se fezese e se posese o milhor vinho vermelho a tres reaes o quartilho e que dahy para baixo sera allmotaçado pellos allmotaces segumdo vyrem que ho vinho merecese ser gasto e que ho vemda a mais do dicto preço comtra forma do dicto acordo pagara de pena dous mill reaes e da cadea e a terça parte per o que o acusar e as duas partes per a cydade e cativos e asy acordarão que quallquer pesoa que [...] vinho que parte quatro mill reaes e da cadea e se amte dea o vinho novo dese anno de Sa'Miguell por diamte que a esta cydade vyer e quamto ao vinho velho se gardarão hos acordos sobre elle fectos ate dia de São Martynho e pasado o dicto dia de São [*fl. 75*] Martinho e emtemdera o dicto acordo em todo ho vinho que se vemder asy novo como velho e quanto ao vinho bramquo sera allmotaçado pellos

allmotaces e segumdo sera vemdido o abrirão e o que abrir o vinho bramquo sem os allmotaces o verem pagara a dicta pena de dous mill reaes e da cadea e madarão que fose apergoado o dicto acordo pera que nehua pesoa se podese chamar a inocemcia e asy acordarão por quamto avya ja annos que se não fazia correição no termo da dicta cydade por sempre os vereadores serem ocupados e ora serem Antonio Corea e Antonio de Sousa as suas vendimas e era neseçario se fazer a tall coreyção emlegeram que no Jullgado da Maya e Refoyos fara a tall coreyção Pero Jacome de Bemtemcor cydadão da dicta cydade e no Jullgado de Penafiell e [...] fazer coreição Cosme Aranha procurador da cydade e asy no Jullgado de Gomdomar e no Jullgado de Gaya o fara Symão Corea e no Jullgado de Boças fara a tall coreição Antonio Rodrigez e ysto acordarão asy elles juizes e vereadores com os dictos cydadãos por ser neseçario se fazer a tall coreição e proverem as desordem que se faziam pello dicto termo e Jullgado da dicta cydade e elles derão poder ao dicto Pero Jacome que elle posa fazer tall coreição e prover em todo o que for neseçario e as penas a que emcorrerem os culpados [*fl. 75 v.*] elles Pero Jacome os [...] comforme o ordenarão e tamto que dela vyra dar comta a esta camara e trara as penas dos dictos culpados e asy darão o mesmo poder derão ao dicto Cosme Aranha e asy elles como o dicto Antonio Rodriguez e Symão Corea vyrem e darão comta na dicta camara das penas que elles [...] e asy elles vereadores como o dicto Cosme Aranha e Pero Jacome de Bemtancor olharão e se emformarão nos dictos julgados e se alguãs pesoas tomão algums caminhos amtygos per fazerem canadas e rosyos e em todo elles proverão e o mamdarão asy escrever e que o dicto acordo dos dictos vinhos fose apergoado na dycta cidade e arrabaldes della pera que todo venha [...] pesoas que vemdão vinhos e asynarão. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*assinaturas:*]
SIMÃO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
COSME ARANHA

E asy [...] sobre [...] que as regateiras vemdião nesta cydade e acordarão que não podese o arratell de [...] as regateiras vemdesem a mais cimquo reaes o arratell de cimquo e a tres reaes o de molhos o pena [*fl. 76*] mill reaes e da cadea pera a cydade e cativos e ysto se emtemdera nas pesoas e regateiras que ho comprarem pera tornarem a vemder e quamto aos que o trazem de sua medyda ho vemderam pellos preços que quyseram comtamto que não aja nelles colloyo de ho comprarem hums aos outros e dyzerem que todo he de sua medyda e o que asy o fezer serão na mesma pena sobredicta e o mamdarão asy escrever e pregoar e asynarão. Pamtalião Carneiro escrivão da camara o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEYTE DO AMARALL
SIMÃO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
BASTYÃO ANNES
TOME AFONSO
ANTONIO PIRES
JORGE PEREIRA
JORGE MACHADO
BASTYÃO AFONSO
MANUELL GILL

[*fl. 77*][308] Aos XXX^ta^ dias do mes de Setembro de mill V^c^ L^ta^ e nove annos forão jumtos na camara da vereação da dicta cydade que foy em sabado os officyaes e cydadãos segimtes

Item. Antonio Rodrigez juiz e vereador
Item. Diogo Leyte do Amarall juiz e vereador
Item. Symão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres
Item. Bastãom Gonçalvez procurador dos mesteres
Item. Antonio de Madureira
Item. Allvaro de Boym
Item. Bastião Gonçalvez
Item. Jorge Pereira
Item. Jorge Coelho
Item. Manoell Gonçalvez
Item. O licenciado Francisquo Botelho
Item. Gonçalo da Costa
Item. Francisco de Sousa

E semdo asy jumtos na dicta camara loguo pellos juizes e vereadores foy [*fl. 77 v.*] pratycado com elles cydadãos que presemtes estavam dizem elles que os dias pasados se fezera nesta camara acordo que ho vinho novo ho milhor não pasase de tres reaes e dahy [...] e o fose allmotaçado pellos allmotaces e que per esquecimemto não fose posto preço do vinho somemte nesta cydade e que não se cumprindo o dicto acordo nos arrabaldes e seu termo desta cydade sera causa que todo o vinho se fose vender fora da cydade e que lhes parecera que o dicto acordo se devya de emtemder asy

[308] O fólio 76v. está riscado e em branco apenas assinado no canto superior direito pelo

nos arraballdes como no termo da dicta cydade e tomadas as vozes dos dictos cydadãos as mais vozes e acordarão que ho vinho novo daquy por diamte seja allmotaçado pellos allmotaces e o milhor vinho vermelho não pase de tres reaes o quartilho e dahy pera baixo elles allmotaces o allmotaçarão segumdo lhes parecer e asy se vemdera nos arraballdes e nos lugares do termo da dicta cydade e quamto o vinho velho se gardara o acordo atraz que ate dia de São Martynho não pase de quatro reaes o milhor e de dia de São Martynho per diante não pasara dos dictos tres reaes o cartilho asy e da maneira do novo e o vinho bramquo sera allmotaçado pellos allmotaces asy como no acordo esta asemtado o que asy acordarão que sendo caso que a pesoa que vender o dicto vinho asy novo como velho [*fl. 78*] e o vender as pypas per jumto que o vemda ao preço de tres reaes o quartilho e a mais preço não e mamdarão que fose apregoado pella cydade e ruas pubricas com as penas atraz comteudas no dicto acordo.

E asy foy pratycado peramte elles cydadãos como Manoell Lopez porteiro dante o juiz dos orfãos desta cydade tynha cada anno de ordem do que lhe a camara dava dous mill reaes por seu carego e cuydado dos emgeytados que se emgeytava nesta cydade e arrabaldes a saber se tynhão paees e maees e asy lhes buscar os mais que os crem que se lhes parecese bem elles aver os dictos dous mill reaes este anno que vem e a todos pareceo bem que elle tenha o mesmo carego e aja os dictos dous mill reaes e lhe mamdarão que elle tenha o dicto carego e fara diligemcya sobre os dictos emgeytados e por elle ter nyso muito trabalho e ocupação ouvera por bem os vereadores e cydadãos lhe acrecemtarão mais quimhemtos reaes que são dous mill e quimhemtos reaes que ele Manoell Lopez avera por asy parecer bem.

---

doutor Dinis Pires Pinto.

E asy acordarão que a galinha não pase de trymta reaes e os velhos de quymze reaes e não pasase de vymte e cimquo reaes e hum framgo dez reaes e os ovos a quatrocemtos cada ovo na cydade e fora [...] e mamdarão que fose apergoado e a pesoa que vemder as sobredictas cousas [*fl. 78 v.*] a mais preços dos atraz comteudos pagara de pena [q*ui*]nhemtos reaes e de cadea [*hua parte pera a*] pesoa que os acusar e as duas partes pera a cydade e cativos.

E asy praticarão que os allmocreves e pesoas que trazião mamtimemtos e outras cousas a esta cydade asy allmocreves [...] dos moradores delle recebyam opresam mamdarão em busca do escrivão da camara que lhe fara os lyvros per poderem tirar carego e as vezes o não achavão e outras vezes per as pesoas as não o poderem fazer e os allmocreves e caregos amdão perdendo seu tempo a leixarem de fazer suas jornadas e faziam grandes despesas e gastos com suas bestas e saião o que não era servyço de Deus em bem da repubryca e que a ysto se podia atalhar com os dictos allmotaces as fazer quallquer pesoa que soubese escrever e per asy parecer bem acordarão que os dictos allmotaces as fasa toda pesoa que os souber fazer e que sendo asynado per hum dos vereadores que servyr venha comtar e se como se fose fecto pello escrivão da camara asy ordenarão por atalhar a presões os quaes acordarão mamdarão que fosem apregoados pera bem de todos e o mamdarão asy escrever. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*fl. 79*] E os juizes e vereadores e cydadãos o asynarão e mamdarão que se cumprise. Pamtalião Carneiro o escrevy.

[*assinaturas:*]
SIMÃO COREA
DIOGUO LEYTE DO AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ALLVARO DE BOIM
COSME ARANHA
ANTONIO DE MADUREIRA
MANOELL GILL
TOME AFONSO
BASTYÃO GONÇALVES
JORGE PEREIRA
JORGE COELHO

E porem diserão elles juizes e vereadores e cydadãos que nehua pesoa que os taaes escritos fezer aos dictos allmocreves e [...] não levara dinheiro allgum sob pena de dez reaes pos quaes privados não poderem levar o dicto dinheiro [...] os dictos allmotaces parte que asy fesese o mamdarão asy escrever. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy e asynarão.

[*assinatiras:*]
SIMÃO COREA
DIOGUO LEYTE DO AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO DE MADUREIRA
JORGE COELHO
JORGE PEREIRA

[*fl. 79 v.*] E loguo nesta camara estamdo jumtos os dictos juizes e vereadores e cydadãos Cosme Aranha procurador da cydade requereo a elles juizes e vereadores que lhes requeria que olhasem que o muro que estava honde os barquos da Villa Nova desembarquavão estava muito aberto e ho lugar prigoso que podião cair e asy a Porta Nova estava muito prigoso ho dicto muro que caimdo seria gramde perda que lhes pedia e requeria que em tempo provesem nyso e asy olhasem pello que comprya ao proveito da repubryca da dicta cydade e que requeria a mym escrivão que asy o escrevese pera que em todo tempo se podese ver e a elle lhe não ser lançado a culpa dyso. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

Item. Em os acordos atraz escritos forão apregoados per Pedro Rodrigez porteiro na Praça da Ribeira e Rua do Caes e Rua da [...] e em [...] peramte muitas pesoas e per João Nobaaes porteiro na Pomte de São Domingos e Cruz do Souto e [...] e na Porta do Ollivall peramte muitas pesoas e asy verem os porteiros. Pamtalião Carneiro escrivão da camara escrevy.

[*fl. 80*][309][...] os juizes e vereadores desta cydade do Porto [...] que nehua pesoa que vemder vinho novo [...] cydade e araballdes e termo da dicta cydade [...] vemder a mais de tres reaes o quartilho do vinho [...] milhor e dahy pera bayxo lhes sera allmota[*çado pellos a*]llmotaces segumdo o vinho for o vinho vermelho [...] a quatro reaes o quartilho ate dia de São [*Martinho*] pasado o dia de São Martynho velho e [...] não valera a mais de tres reaes o quartilho [... *vem*]der a mais dos preços sobredictos pagara [...] reaes e da cadea a terça parte pera quem [*o acusar*] e as duas partes pera a cydade e cativos [*o vinho*] bramquo sera allmotaçado pellos allmotaces [...] se os

[309] A margem direita do documento está manchada, tornando-se o que aí está escrito ilegível.

dictos allmotaces pagara [...] a canada dicta e quem vemder o vinho vermelho [...] não pasara dos dictos tres reaes o cartilho [...] e quem calabrear o vinho pagara [...] repartido. Pamtalião Carneiro [...].

[...] regateira nem regatão nesta cydade e arabaldes [...] bacalhaao a mais preço de cimquo reaes [...] do bacalhaao sequo e o molhado a tres reaes [...] sob pena de quinhemtos[310] mill reaes e da cadea [... *ve*]mder nas pesoas que ho tem de sua [...] que estes taaes vemdião como que serem [...] que o que sempre pera o tomarem os [...] dicto preço.

[...] não pasarem de XXX reaes e coelho a quimze reaes [...] a vymte e cymquo reaes e o framgo ate [...] quatro reaes e ysto se emtemde se demtro [...] e arraballdes e a pesoa que a mais [*fl. 80 v.*] preço vemderem as sobredictas cosas pagarão quinhemtos reaes da cadea repartydos pella mesma maneira acima dicta.

Item. Toda pesoa que sobreescrever [...] o levara aos allmocreves e [...] que levarem caregos sem lhes [...] levarem nhum dinheiro por lhes fazerem os taaes [...] e o que fezer per dinheiro pagara dez cruzados da cadea repartidos pela maneira acima dicta.

Pregoes

Aos tres dias do mes de Outubro do dicto anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos na Praça da Ribeira Pero Rodriguez porteiro da cydade apregoou os acordos acima dictos peramte Gonçalo Gill porteiro da camara e presemte mym escrivão que lho ly estamdo muitas pesoas

[310] A palavra "*quinhentos*" está cortada.

presemtes e asy os apregoei no terreo e Rua do Caaes e Rua dos Banhos em Riba Gaya e eu escrivão lhos ly e amtre nem ele Pero Rodrigez e a todo presemte ho dicto Gonçalo Gill porteiro da camara. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*fl. 81*] Aos cimquo dias do dicto mes de Outubro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos João Nobaes porteiro da dicta cydade deu fee a mim escrivão como elle apregoara os acordos atraaz escitos na Pomte de São Domingos e Cruz do Souto e [...] e Porta do Ollival peramte muitas pesoas que estavam presemtes e asynou este pregão e fee que deu a mim escrivão. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*fl. 82*][311] E loguo na dicta camara estamdo presemtes os dictos juizes e vereadores e cydadãos Cosme Aranha procurador da cydade requereo a elles e vereadores que lhes requeria que olhasem que o muro que estava homde os barquos de Villa Nova desmbarquavão estava muito aberto e em logares prigoso que podese cair e asy a Porta Nova estava muito prigoso ho dicto muro que caimdo seria gramde perda que lhes pedia e requeria que em tempo provesem nyso e asy olhasem pello que compria ao proveito da repubryca da dicta cydade e que requeria a mym escrivão que asy escrevese pera que em todo o tempo se podese ver e a elle não ser lavrada culpa diso. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

Item. Os acordos atraaz escritos forom apregoados per Pero Rodrigez porteiro na Praça da Ribeira e Rua do Caaes e Rua do [...] [...] peramte muitas pesoas e per João Nobaes porteiro na Pomte de São Domingos e Cruz do Souto e [...] e na Porta do Ollivall peramte muitas pesoas e asynarão os porteiros. Pamtalião Carneiro escrivão da camara o escrevy.

[*fl. 82 v.*] Aos dous dias do mes de Outubro do dicto anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na camara da dicta cydade Antonio Rodrigez juiz e vereador Symão Corea vereador e Cosmo Aranha procurador da dicta cydade e loguo a dicta camara per Gonçalo Gill porteiro da camara mamdarão chamar a Diogo Bramdão Samchez e a João Pedrosa vereadores do anno pasado pera servyrem d'allmotaces comforme a provysam d'Ell-Rey Noso Senhor e loguo pareceo Diogo Brandão e dise aos dictos vereadores que elle tynha muitas[312] cousas pera não poder servyr d'allmotace e porem sem embarguo dellas pellos dictos vereadores lhe mamdarão que tomase juramemto dos Samtos Avamgelhos e elle o tomou e sob carego do dicto juramento lhe mamdarão que servise d'allmotace estes tres novos pregões seguimtes comforme a provysão de Sua Alteza comvyndo outra outra [*sic*] provysão que elles vereadores tinham per noticia ser despachada por que vymdo não servyra mais que dous meses emferior a ella e lhe mamdarão que sob carego do dicto juramemto servyse o dicto carego de allmotace bem e verdadeiramemte guardando o servyço [*fl. 83*] d'Ell-Rey Noso Senhor e o direito das partes e elle asy o prometeo fazer e loguo a dicta camara veo João de Pedrosa a que foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que elle syrva bem e verdadeiramemte de allmotace na dicta cydade pella maneira

[311] O fólio 81v. está em branco assinado no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.
[312] A seguir encontra-se uma palavra cortada.

sobredicta e elle asy o prometeo fazer e escrevy aquy e risquey elle asy o prometeo. Pamtalião Carneiro escrivão da camara que ho escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO BRAMDÃO SAMCHEZ
JOÃO DE PEDROSA

[*fl. 83 v.*] Aos quatro dias do mes de Outubro de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos que foy quarta feria não se fez camara por ser dia de São Francisquo que posto que não era dia de guarda por ser o dicto dia de São Francisquo não se fez camara. Pamtalião Carneiro escrivão da camara ho escrevy.

[*fl. 84*] Sabado que forão sete d'Outubro forão jumtos na camara desta cydade do Porto os officyaaes seguymtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Simão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalvez e Bastião Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimento da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 84 v.*] Aos nove d'Outubro de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara dellaa estando hy o licenciado Nuno Rebello juiz de fora e Antonio Rodriguez e Simão Corea vereadores e loguo per eles e por mym escryvão foy dicto que Dioguo Brandão allmotacee era fora negociar sua fazenda avia quatro ou cimquo dias e que tambem João de Pedrosa não servya e que a cydade estava sem allmotace que a camara posa dar o procurador da cydade requerera que se fezesem allmotaces cada lhe apresemtava na dicta camara apresemtada hua carta de Dioguo Brandão pera que se mandava asemtar e por que eles juiz e vereadores se emfforma-[*fl. 85*]rão das causas e rezoems do dicto Dioguo Brandão serem verdadeiras por que ora podia asegurar sua fazenda e a fazer huã casa na sua quimtãa de Losim e eles lhe não podião tolher e que portanto mandarão chamar perante [*eles*] a João de Pedrosa que viese a esta camara e por yso na camara pasada não proverão d'allmotaces e mandarão ao procurador da cydade repartir a carne no açougue por ser sabado ate vir o dicto João de Pedrosa pera daar as rezoems porque não servya e loguo ele pareceo e dise que ele não estava citado pera a tera da Feira pera huã demanda que mamdou lhe impor juramento como jaa escrevera na camara pasada pera onde estava loguo de [...] e tambem tinha d'arrecadar huã renda que tinha a camara e que não podia a tanto [*fl. 85 v.*] acudir e que a bem diso era direito sete annos e não podia sevyr o oficio d'allmotace como o dicto offycio requerya e portanto lhes requerya a sua causa não o emlegesem pera servyr e quanto por eles juiz vereadores [...] serem suas causas verdadeiras o asemtarão e por não aver allmotaces emlegerão per allmotaces no tempo e lugar dos sobredictos que eles ouverão de servyr a Baltazar Nogueira e a Manoel Soarez d'Albergarya cydadãos da dicta cydade os quaes mandarão chamar e lhe derão o juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces o tempo acyma declarado guardando a Ell-Rey seu servyço e as partes seu direito o que prometerão e asynarão com os dictos

vereadores. Gaspar Riscado o escrevy e por vir Antonio Corea vereador asyney.

[*assinaturas:*]
SIMÃO COREA
NUNO REBELLO
ANTONIO RODRIGUEZ
BALTAZAR NOGUEIRA

[*fl. 86*] Quarta feria que forão onze d'Outubro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos na camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes e cydadãos

Item. Antonio Rodriguez juiz e vereador
Item. Simão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos e loguo pollo procurador da cydade foy dicto que por Gonçalo Fernandez porteiro fora apregoado que se ajuntasem os cydadãos e omems de governamça pera se lerem certas provysões de Sua Allteza e pera tambem se pratycar em ausemcya d'Antonio de Sousa vereador que era ausemte [*fl. 86 v.*] avia meses e não se esperava de tornar atee o fim do anno por se dyzer ter negoceos na Corte e pera [...] ser cytado em cuja ausemcia estava emleito Simão Corea e erão chamados os dictos cydadãos para declararem se avyão a dicta emleiçaão por boaa ou fazerem emleiçaão de novo e pollo dicto Amtonio Rodriguez juiz foy mandado que ante de se

tomarem vozes sobre yso dos cydadãos que estavão presemtes e chamados por pregão fose Gonçalo Gyll pregoeiro da camara chamar Dioguo Leyte e Amtonio Corea vereadores onde o dicto pregoeiro foy e deu fee que notificara aos sobredictos que vyesem a camara e que Dioguo Leyte lhe dysera que estava ocupado que lhes pedya por merce o escusasem e Amtonio Corea lhe disera que estava mall desposto [*fl. 87*] e vysta a dicta fee loguo pollo dicto juiz foy mandado que poys oje dia de camara e se avyão de ler as dictas provesões e ausemcya d'Amtonio de Sousa era certa e notorea e os mays vereadores não vynhão mandava [*que os*] procuradores e os cydadãos que estavão presemtes votasem acerqua da emleyção do vereador e loguo todos os cydadãos que estavão presemtes abaixo asynados diserão que avyão a emleição per boa e o emlegyão por vereador ao dicto Simão durante ausemcia d'Antonio de Sousa e o diserão todos e contarão e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy e o emlegyão asy da maneira que estava feyta na emleyção atras pola maneira nela declarada.

[*assinaturas:*]
COSME ARANHA
ANTONIO RODRIGUEZ
GONÇALO [...]
GONÇALO [...]
JORGE COELHO
[...] GONÇALLVEZ

[*fl. 87 v.*]

[*assinaturas:*]
ANTONIO FERNANDEZ

ANTONIO DE FREITAS
PEDRO DE SOUSA
[...] [...]
FRANCISCO [...]
GREGOREO + GONÇALVEZ
GONÇALO ANNES

[*fl. 88*] Aos treze d'Outubro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estamdo hy Antonio Rodriguez Simão Corea Antonio Corea juizes e vereadores e Cosme Aranha procurador da cydade que vyerão a dicta camara pera proverem o allmotace por quamto Manoel Soarez que fora emleyto era fora da cydade com molher e casa e se dysera hyr a Coimbra de maneira que não podia resedir na cydade e [...] [...] que ora servya soo e portamto emlegerão loguo Afonso de Baros cydadão da dicta e ysto por os doys meses Outubro e Novembro e vyndo lhe derão o juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem verdadeiramemte syrva o carguo d'allmotace os dictos dous meses [*fl. 88 v.*] comforme a provisão e ele sob carguo do juramemto prometeo guardar o servyço d'Ell-Rey Noso Senhor e o direito as partes e o asynarão. Gaspar Riscado escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO RODRIGUEZ
SIMÃO COREA
ANTONIO COREA
AFONSO DE BARROS
COSME ARANHA

[*fl. 89*] Sabado que forão quatorze d'Outubro do anno de mill e quihemtos e cinquemta e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Simão Corea vereador
Item. Antonio Corea vereador fora
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regymemto e boa governamção da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 89 v.*] Segunda feria que forão dezaseys d'Outubro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes e cydadãos

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Simão Corea vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos os cydadãos abayxo asynados que forão chamados per sua pesoa e loguo pollos juizes e vereadores foy posto em pratyca como Ell-Rey Noso Senhor fezera merce a esta cydade de por a emposyção no vinho a

hum ceityll mais por hum quartilho se lhes parecya bem por se loguo na dicta emposy-[*fl. 90*][313]ção e o que devyão fazer sobre a dicta emposyção e todos a huã vooz asemtarão que a mesa chamasem os rendeiros da sysa do paão e carne e asemtarão eles que alargasem e do dya que se não pagase a sysa do paão a onerase a emposyção e eles juizes e vereadores a posesem e pera segurança da sysa obrygasem a Sua Alteza [*a pagar*] as rendas da cydade e da dicta emposycão e tão bem asemtarão que eles juizes e vereadores posesem per arrecadar a dicta renda e asynarão. Tão bem asemtarão escrevessem as suas vexacões que o feador dos rendimentos e officyaaes d'allfamdega desta cydade fazyão aos contadores levando mais do que se lhe devya e que se fose neçecaryo [*fl.90 v.*][314] mandasem hum omem a Corte a custas das rendas da cydade e mandarão asy escrever e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy e levavão direito das cousas que se não devya. Gaspar Riscado o escrevy e sendo neseçaryo fezer-se requerimentos ao juiz d'allffandega se lhe faça. Acrescentey dos rendimentos.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO COREA
SIMÃO COREA
[...] [...]
ANTONYO DE SOVERAL
GONÇALO DE SOUSA
FRANCISCO
GASPAR DE CHEISA
TOME AFONSO
BASTIÃO GONÇALVEZ

[313] O fólio está riscado de alto abaixo.

BASTIÃO [...]

ANTONIO FERNANDEZ GONÇALLO

[...] [...]

[...] [...]

[*fl. 91*]

[*assinaturas :*]

ANTONIO MARTINZ

MELCHIOR RODRIGUEZ

ALVARO DE BOIM

BALTAZAR NOGEIRA

AFONSO DE BARROS

PAMTALYÃO CARNEIRO

MANOELL DE MOURA

Doutor DENIS PIREZ PIMTO

VASCO LEYTE

GONÇALO ANNES

[*fl. 91 v.*] Quarta feria que forão dezanove d'Outubro não ouve camara por ser dia de São Lucas.

[314] O fólio está riscado de alto abaixo.

[*fl. 92*] Sabado que forão vymte e dous d'Outubro forão jumtos os officyaaes seguimtes

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Simão Corea vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalves procurador dos mesteres

E sendo asy jumtos por eu escrivão hyr e aver de hyr a vereação com os vereadores emlegerão e ouverão por emleyto pera servyr d'escrivão da camara durante a mynha ausemcya a Pamtalyão Carneiro cydadão da dicta cydade ao quall mamdarão chamar e lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verda-[*fl. 92 v.*]deiramemte syrva de escrivão da camara durante ausemcya de mym escrivão e ele sob carguo do juramemto que tomou o prometeo asy fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO COREA
SIMÃO COREA
COSME ARANHA
PAMTALYÃO CARNEIRO

[*fl. 93*] Quarta feria que forão vymte e seys d'Outubro não ouve camara por não aver vereadores na cydade.

[*fl. 93 v.*] Sabado que forão vymte e nove d'Outubro não ouve camara por ser dia de São Simão e Judas.

[*fl. 94*] Quarta feria que foy o primeiro de Novembro não ouve camara por ser dia de Todos os Samtos.

[*fl. 94 v.*] Sabado que forão quatro quatro [*sic*] dias do mes de Novembro não ouve camara por ser dia de São Martinho[315].

[*fl. 95*] Quarta feria que são oito de Novembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes e cydadãos abaixo asynados

[315] Julgamos haver erro na data.

Item. Antonio Rodriguez juiz
Item. Antonio de Sousa juiz
Item. Antonio Corea vereador
Item. Simão Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes procurador dos mesteres
Item. Gregoreo Gonçalvez procurador dos mesteres

Item. E sendo asy jumtos todos os cydadãos abayxo asynados que forão asy chamados per pregão per suas pesoas e por eles juizes e vereadores foy dicto que João Gonçalvez morador em Zurara era nesta cydade que era muito neseçaryo pera ajudar e emsynar aos mays trombetas por ser bom officyall e amdar [...] asy armados [...] se lhes parecya bem [...] dous mill reaes a custa das rendas da dicta cydade e pollos [*fl. 95 v.*] dictos cydadãos foy dicto a huã vooz que lhes parecerya bem dar-lhe dous mill reaes e que ele emsynase os outros trombetas e ele João Gonçalvez que preste estyma dyse que ele sobrygava a emsynar os dictos trombetas e asy foy pratycado como muitas pesoas queryão apremder chamavam elas pera servyr a cydade e todos acordarão que era bem e que a cydade lhes dese o que podese a custa das rendas dellaa e [...] e acordarão asy e mandarão asy escrever. Gaspar Riscado o escrevy os quaes dous mill reaes lhe dão por esta vez e emsynar suas [...] e s'obrygou aos [...] emsynados e servyra a cydade como os outros trombetas. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
SIMÃO COREA
ANTONIO COREA
ALLCOFORADO
ANTONIO RODRIGUEZ
COSME ARANHA

[...] [...]

FRANCISCO DE SOUSA

GONÇALO ALVARES

[...] [...]

GONÇALO AFONSO

[*fl. 96*]

[*assinaturas:*]

TOME AFONSO

MANUEL LEYTE

[...] [...]

BASTIÃO AFONSO

[*Um sinal*][316]

[*fl. 96 v.*] Sabado que forão onze de Novembro forão jumtos na casa da camara desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora nam veo a camara por ser fora da cydade

Item. Antonio Rodriguez juiz

Item. Dioguo Leyte do Amarall juiz

Item. Antonio de Sousa

Item. Antonio Corea

Item. Cosme Aranha procurador da cydade

[316] O sinal é um "x" com círculos nas pontas.

Item. Gonçalo Annes e Gregorio Gomçallves mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partees e pratycarão no regimento e governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 97*] Quarta feria que forão quinze de Novembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora nam veo
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Simão Corea vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçallvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão pitiçõees e partees e pratycarão no regimento e governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 97 v.*] Sabado que forão dezoyto de Novembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador

Item. Antonio Corea vereador
Item. Simão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos pratycarão na emposição do vinho e em outras cousas de proveyto da repubryca. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 98*] Quarta feria que forão vymte e dous dias do mes de Novembro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos os officyaaes seguimtes na camara desta cydade do Porto

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Simão Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalves procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pityções. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 98 v.*] Officyaes dão provisão

Quarta feria que forão vymte e cinquo de Novembro forão jumtos [...]

[...] juiz
[...]
[...] Dioguo Leyte d'Amarall vereador
[...]
[...] e Gregoreo Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos vyerão a pratycar o modo que teryão pera melhor arrecadação desta emposição do vinho de que Sua Allteza lhes fezera merce pera pagamento da sysa do pão e carne e asentarão que era neseçaryo aver oficyo do dicto carguo e [...] pera que quesesem myllhor arre-[*fl. 99*]cadarem o ceityll de cada quartilho que Sua Alteza mandara pagar ao comprador no quall não renderya o allmotace porque alem do preço em que fose allmotacado o dono do vinho arrecadarya o dicto ceityll da emposição de cada quartilho do comprador e asy mays emlegerão por recebedor da dicta emposição a Cosme Aranha cydadão da dicta cydade e por escryvão a Pantalyão d'Azevedo moradores nesta cydade os quaes deraão fiança a ter conta dos dictos carguos [...] de servyr a contemtamento da camara e servyrão bem e fyelmemte os dictos officyos e não o fazemdo bem a dicta [...] e officyaes dellaa os poder a render e prover os dictos officyos em quem lhe convem parecer quem pera elles os sobredictos serem cytados [...] não pola [...] re-[*fl. 99 v.*]movidos dos dictos carguos e que quamto ao regedor os conta e quatro dos mesteres o emlegerão em seu cabydo e [...] que a camara seja contente se dara fiança a sysa do paão e carne ao contador da comarca ou a quem pertencer comforme a provisão e mandarão fazer este asemto e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
REBELLO
ANTONIO COREA
SIMÃO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
GONÇALO ANNES
[*Um sinal*][317]

Sendo asy jumtos mandarão chamar Antonio Corea vereador asy pollo porteiro da camara e por mym escryvão e por vyr os dictos officyaes [...] o asyma dicto [...] pareceo [...] d'Ell-Rey Noso Senhor Bernardo [...]. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
SIMÃO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
REBELLO
DIOGUO LEITE AMARALL
GONÇALO ANNES

[*fl. 100*] Sabado que forão vymte e cimquo de Novembro não ouve camara por ser dia de Samta Maria.

[317] O sinal é uma cruz.

[*fl. 100 v.*] Segunda feria que forão vymte e sete de Novembro onde se ajumtaram em camara Antonio Rodriguez Dioguo Leyte d'Amarall Symão Corea vereadores per eles foi mandado a Crara Pirez moradora a Porta d'Olyvall que com pena de dez cruzados pera cydade e cativos não syrva de porteira da Porta d'Olivall mays nem use do tall officyo e ela prometeo asy fazer rogou a Gonçalo Pirez ferreiro morador nesta cydade que asynase per ela. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GONÇALO PIREZ[318]

[*fl. 101*] Quarta feria que forão vymte e nove de Novembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora doente
Item. Antonio Rodriguez juizs
Item. Dioguo Leyte juiz
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalves procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos por ser acabado o mes de Novembro e se acabara [...] [...] e era nesecaryo emleger allmotaces para este mes de Dezembro que vem e portamto emlegerão pera servyrem o mes de Dezembro a cydade a Eytor de Moura ao licenciado Pamtalyão das Samtas que syrvão [*este*] mes

[318] A seguir está escrito "1559".

somente pera que de Janeiro em dyante ora de guarda[...] e provisão d'Ell-Rey Noso Senhor os quaes mamdaram [...] [*fl. 101 v.*] lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte que bem e verdadeiramemte [*sic*] syrvão d'allmotaces o mes que vem de Dezembro guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e o prometerão asy fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
ALLCOFORADO
ANTONIO COREA
COSME ARANHA
PAMTALIÃO DAS SAMTAS
HEYTOR DE MOURA

[*fl. 102*] Sabado que forão dous dias do mes de Dezembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello nam veo
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa Allcofforado vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalves procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimemto e governamça da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 102 v.*] Segunda feria que forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto forão jumtos os officyaes seguimtes e os cydadãos abaixo asynados

Item. Dioguo Leite do Amarall vereador
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos pratycarão como querendo elles juizes e vereadores que elles por muitas vozes falarão Andre Goncalvez rendeiro da sysa do paão e carne que so esta e asy [...] a sysa do paão e carne de Janeyro em diante que elle tenha hum anno por [...] de seu arrendamemto [*fl. 103*] e que não poderão acabar com elle e lhe prometerem vymte myl reaes a custa das

rendas da cydade e lhes parecya bem se lhe daar e por todos a hua vooz <diseram> que lhes parecya bem a custa das rendas da dicta cydade se lhe dar os dictos vymte myl reaes[319] da [*renda da*] dicta cydade e com elle rendeiro fazendo comtrato o dicto com rendeiro e asy diserão todos asy cydadãos e procuradores dos mesteres que davão poder a eles vereadores pera hyrem segurar a sysa de Sua Allteza e com o contador da comarca e poderão obrigar a dicta emposição diguo a renda da dicta emposição e as mais rendas da dicta cydade e os dous procuradores de novo diseram que davão poder a eles juiz e vereadores para obrygarem [*fl.103 v.*] suas fazemdas deles procuradores e dos vynte e quatro do povo e asy de todo o povo por huã procuração que tem sua e declararão que pagarão os dictos vymte mill reaes a custa da emposição e mandarão asy escrever. Gaspar Riscado o escrevy. Não faria [...] no riscado que dizia e asy obrigarão a eles juiz e vereadores e procuradores as rendas da dicta cydade e na emtrelynha dyseram que tudo se fez por verdade.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGUEZ
NUNO REBELLO
ALLCOFORADO
ANTONIO COREA
COSME ARANHA
PAMTALYÃO DAS SAMTAS
SIMÃO COREA
FERNÃO [...]
BERNARDO PEREIRA
BASTYAM [...]

[319] A seguir há duas frases riscadas que dizem:"e asy obrigarão eles juiz e vereadores e

MANUELL GONÇALVEZ
GONÇALO ANNES
AMTONIO [...]
ALVARO DE BOIM

[*fl. 104*] Quarta feria que forão seis dyas do mes de Dezembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes seguimtees

Item. O licenciado Nuno Rebello nam veo juiz
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador
Item. Gregoreo Gonçalvez e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão [*com*] Andre Gonçalvez rendeiro da sysa da carne e paão acerqua da maneira que se avia de fazer [...] renda da cydade. Gaspar Riscado o escrevy.

---

procurador as rendas".

[*fl. 104 v.*] Sabado que forão nove de Dezembro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador de fora
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimento da cydade e despacharão feitos de imjurya. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 105*] Quarta feria que forão treze dias do mes de Dezembro não ouve camara por ser dia de Samta Luzia.

[*fl. 106*][320] Jurdão Fernandez lavrador na freyguesya de Famzeres e ouvydor de Gondomar

Aos dezaseis de Dezembro anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Jurdão Fernandez lavrador na freyguesya de Famzeres pera que bem e

verda[*deiramemte*] syrva d'ouvydor este anno que vem de mill quinhemtos e sesemta annos no jullgado de Gomdomar pera que foy emleito e elle sobcarguo do juramento que tomou prometeo fazer verdade e que guardava o servyço d'Ell-Rey Noso Senhor e justiça das partes e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 106 v.*] Quarta feria que forão [*vim*]te de Dezembro forão jumtos na camara da vereação desta cydade do Porto os officyaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora

Item. Antonio Rodriguez vereador

Item. Dioguo Leyte vereador

Item. Antonio de Sousa vereador

Item. Antonio Corea vereador

Item. Cosme Aranha procurador

Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalves procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos despacharão partes e pratycarão no regimento da cydade.

[320] O fólio 105 v. está em branco apenas assinado no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.

[*fl. 107*][321] Sabado que forão vymte e [*tre*]s de [*Dezembro*] de <1559> foram jumtos [*na camara*] desta cydade do Porto ao officyaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Simão Corea vereador
[*Item.*] Antonio Corea vereador
Item. Cosme Aranha procurador da cydade
Item. Gonçalo Annes e Gregoreo Gonçalvez procuradores dos mesteres

E sendo asy jumtos vierão a pratycar que lhes tinham feito contrato com o rendeiro das sysas do paão e carne porque lhes pagou a sysa do paão e carne o anno que vem de Janeyro em diante que ho anno de sessemta e acabam em [...] [*fl. 107 v.*] de que tenho [...] contrato dado sygam [...] foy asertado pollo comtador e portanto [...] que a empeça se apregoase o f[...] provisão e sera [...] de Janeyro [...] os tres anos e as partes com tall declaração que os [...] e procurador que emtrarem hão de segurar [...] que ahy ou [...] dous annos derradeiros [...] conforme a hum contrato que foy [...] desta maneira [...] os juizes emleytos per [...] trabalho [...] a saber: ao [...] dez mill reaes [...] outros dez e [...] e [...] cimquo mill e eles [*fl. 108*] officyaes que [...]arão o regimento que lhe sera dado e asent[*arão*] que[322] de todo o vinho que se vender atavernado nesta cydade e seus arabaldes se pague de emposição hum ceityll per quartilho per o tempo de tres annos e[323] o vendedor arrecadara do comprador pagara hum ceittyll por quartilho do preço que lhe for allmotaçado porque ele vendedor sera obrygado a pagar a dicta emposição ao recebedor della asentarão mais que toda pesoa que ouver

[321] Ao cimo da página está escrito com outra letra e outra tinta "emposição do vinho".
[322] A seguir está cortado: "*toda a pessoa que vender vinho atavernadd*".
[323] Por baixo da letra "*e*" está escrita a letra "*p*"

vinho nesta cydade e seus arrabaldes sera obrigado a o fazer ao escryvão [...] pera ser e pagar o dicto direito porem não pagara nada ao escri-[*fl. 108 v.*]vão nem aos mays oficyaes da emposição porque pagou trabalho lhe ordenarão o precyo acima dicto o quall lhe mandarão no presente anno prymeiro de Janeyro em dyante e nos outros dos annos derradeiros poderão os officyaes que entrar lhes ordenarem os mayores e menores precyos segundo o que entenderem que merece e quallquer pesoa que meter vinho em sua casa ou o vender sem ser escryto no lyvro da emposição perdera o vinho e por cada pesoa que lhe for achada ou quarto sem ser escrito e arrecadado alem de perder o vinho pagara por [...] hua pena de dous mill reaes e [...] da cadea pera a cydade e cativos e mays pagara a dicta [*fl. 109*] emposição e sobre a mesma pena asentarão que toda pessoa que tever vinho metido nesta cydade e arrabaldes o vira escrever ate dya de Janeyro com dous dyas mays pera se arrecadar a dicta emposição e asentarão que se apregoase que toda a pesoa que vender ou comprar paão na dicta cydade naão page sysa e que toda carne a saber: bois vaquas carneiros porquos cabraão cabra e ovelha que se cortar no açougue pubryco da dicta cydade naão pague sysa e quanto a venda do paão sera dos muros da cydade pera dentro e o que se cortar fora do açougue da cydade pagara a sysa a dicta cydade e o mandarão asy escrever e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE AMARAL
NUNO REBELLO
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO COREA
SIMÃO COREA

[*fl. 109 v.*] Quarta feria vymte e sete de Dezembro do anno de mill e quinhemtos e sessenta[324] annos não ouve camara por ser dia dos inocemtes e derradeira oytava do Natall.

[*fl. 110*] Aos vymte e tres do mes de Dezembro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto per João Novaes pregoeyro e Pero da Devesa outro pregoeyro foy em alta vooz apregoado o pregaão seguimte

Ouvy o mandado d'Ell-Rey Noso Senhor em que mandou que de todo o vinho que se vender atavernado nesta cydade e seus araballdes se page de emposiçaão hum ceityll por quartilho por tempo de tres annos pera pagamento da sysa do paão e carne e pera outras cousas dictas em sua provysão a quall de dya de Janeiro em dyante se pagara a saber: o vendedor arrecadara do comprador hum ceityll por cada quartilho alem do preço que lhe for allmotaçado e o vendedor sera obrygado a pagar a dicta emposição ao recebedor della a toda pesoa que trouxer vinho a esta cydade e a seus arraballdes sera obrygado ao fazer saber ao escryvão ou procurador[*fl. 110 v.*] pera ser escrito e pagar o dicto direito porem não pagara cousa allgua ao escryvão nem a nenhum outro officyall da emposição e quallquer pesoa que meter vinho em sua casa sem ser arrecadado [...] [...] perdera o vinho e por cada pesoa que lho for achada a quarto sem ser escryto alem de perder o vinho pagara de pena dous mil reaes de cadea pera a cydade e cativos e mays pagara a dicta emposição e toda pesoa de quallquer calydade e comdyção que seja que tever vinhos nesta cydade e arraballdes o fara saber aos officyaes da emposição pera ser escryto o que cumpryrão ate dya de

[324] Julgamos haver engano na data.

Janeyro este primeiro que vem de mill V^{c} L^{ta} e sesenta annos sob pena de perder o vinho e pagaraão a pena pola sobredicta maneyra pera que dahy em dyamte se arrecade a dicta emposiçaão e toda pesoa que quyser trazer paão a dicta cydade e nela o vender dos muros ademtro de quallquer maneyra não pagara [*fl. 111*] sysa allgua da compra nem venda e toda pesoa que quyser cortar carne de boys vaquas porquos carneiros ovelha cabra e estão nos açouguees pubrycos desta cydade não pagara sysa por tempo de tres annos.

[*fl. 111 v.*] Sabado que forão trymta dias do mes de Dezembro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos dygo e sesenta annos[325] forão jumtos os officyaes seguimtes

Item. O licenciado Nuno Rebello juiz de fora
Item. Antonio Rodriguez vereador
Item. Dioguo Leyte vereador
Item. Antonio de Sousa vereador
Item. Antonio Corea vereador
Item. Cosmo Aranha procurador

E sendo asy jumtos p[*erante*] eles pareceu Cristovão de Memdoça e lhes apresentou huã certydão de João Roiz de Sa allcayde mor que aqui vay [...] que presenta pera [...] estes tres annos que de sesenta e sesenta e hum e sesenta e dous e sesenta e tres a Cristovão de Memdoça e a Pedro Ferreira e a Bertolameu d'Arouca cydadãos em esta cydade e loguo eles [*fl. 112*] juiz e vereadores tomarão e escolherão pera sevyr estes tres annos seguimtes dos sobredictos a Cristovão de Memdoça e lhes derão juramemto dos Samtos

[325] Julgamos haver engano na data.

Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvam o carguo d'allcayde no dicto tempo guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e acresentou por sentir a [...] conforme o ordenara Antonio Coutynho allcayde o quall dyce que conffiava conforme a ordenação e que o dicto Cristovão de Memdoça prometeo guardar o servyço d'Ell-Rey Noso Senhor e o direito das partes e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
O licenciado NUNO REBELLO
ANTONIO COUTINHO
CRISTOVÃO MEMDOÇA

[*fl. 112 v.*] Francisquo Goncalvez meyrynho de Matosynhos

Aos XXX de Dezembro do anno de mill e quinhemtos e sessemta annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisquo Goncalvez morador no lugar de Matosynhos que bem e verdadeiramemte syrva de meyrymho este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha dyguo que asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][326]

[326] O sinal é uma cruz

[*fl. 113*] Antonyo Pirez morador na freyguesya de Vall Pedra meyrynho de Penaffiel

Aos XXX de Dzembro do anno de mill V^{c} sesemta annos nesta cydade do Porto camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Antonyo Pirez morador na freyguesya de Vall Pedra que bem e verdadeiramemte syrva de meyrymho no jullgado de Penaffiel este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][327]

[*fl. 113 v.*] Tomas Fernandez morador em a freyguesya de Rans ouvydor de Penaffiel

Aos XXX de Dezembro do anno de mill V^{c} sesemta annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per eles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Tomas Fernandez morador na freyguesya de Rans que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor em Penaffiel este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[327] O sinal é uma tesoura

[*fl. 114*] Belchior Nogueira e Duarte Goncalvez oryves e juizes do officyo e mercadores oryves do Porto.

Aos trynta dyas do mes de Dezembro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta digo e sesemta annos foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Belchior Nogueira e a Duarte Gonçalvez oryves pera que syrvão estes annos a saber anno de sessemta annos e anno de sessemta e hum comforme o seu regimento e ordenamça de antyga de mercadores e juizes do officyo de oryves de prata e elles sob carguo do juramemto que tomarão o prometerão servyr o dicto carguo bem e verdadeiramemte fi[*el*]mente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e asynarão com o juiz e vereadores. Gaspar Riscado o escrevy [*fl. 114 v.*] e loguo na dicta camara parecerão Bernaldo Gonçalvez e Afonso Martinz oryves da prata e diserão que elles tinhão embarguos a servyr os sobredictos porquanto avya nesta cydade dezanove ou vymte oryves de prata e não forão juntos com os oryves como deve de ser a primeira camara com seus embarguos e faryão justiça e mandarão que devya os sobredictos. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 115*] Artur Eannes morador na freyguesya de Lordello ouvydor de Reffoyos

Aos XXX de Dezembro do anno de mill V^{c} L^{ta} e sesemta annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Artur Eannes morador na freyguesya de Lordello que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor no jullgado de Reffoyos este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor

seu servyço e as partes seu direito o que prometeu fazer[328] e asynou. Gaspar Riscado o escrevy. Risquey os de sua quadrilha.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][329]

[*fl. 115 v.*] Manoel Gonçalvez morador na freyguesya de Lordello de Reffoyos meyrynho de Reffoyos

Aos XXX de Dezembro do anno de mill V^{c} e sesemta annos foy nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Manoel Gonçalvez morador na freyguesya de Lordello que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho este anno presente no jullgado de Reffoyos guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][330]

[328] A seguir há uma frase riscada que diz: *e os de sua quadrilha.*
[329] O sinal é uma cruz.
[330] O sinal é uma cruz.

[*fl. 116*] Bemto Goncallvez çapateiro morador em Vallonguo allmotace

Aos XXX de Dezembro do anno de mill V^{c} e sesemta annos nesta cydade do Porto e casa da camara dellaa pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bemto Gonçalvez çapateiro morador em Vallonguo que bem e verdadeiramemte syrva de allmotace este anno presente no burguo de Vallonguo guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 116 v.*] Domynguo que forão trynta e hum de Dezembro [...]

[...][331]

E sendo asy jumtos mandarão vyr a dicta camara Cosme Aranha e Pamtalyão d'Azevedo e Gonçalo Annes officyaes da emposicão do vinho os quaes vyndos per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a cada hum por sy dos sobredictos e que bem e verdadeiramemte [*fl. 117*] syrvão seus carguos e officyos guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e elles e eles e eles [*sic*] sob carguo do juramemto que tomarão e prometerão asy fazer e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[331] O documento está ilegível.

[*assinaturas:*]
PAMTALYÃO D'AZEVEDO
GONÇALO ANNES

E prometerão de guardar o regimemto escryto neste lyvro e o que adiante lhe for dado. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
PAMTALYÃO D'AZEVEDO
GONÇALO ANNES
COSME ARANHA[332]

E por ser acabado o mes de Dezembro e ser necesaryo allmotaces pera os outros meses que vynhão de Janeyro e Fevereiro emlegerão loguo por allmotaces pera servyr em os dictos outros meses a Duarte Cerqueira e ao licenciado Jorge Machado cydadãos da dicta aos quaes mandarão chamar e lhes foy da juramemto dos Samtos [*fl. 117 v.*] Avamgelhos e que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces estes dous meses guardando a Ell-Rey Noso Senhor e as partes seu direito e elles sob carguo do juramemto que tomarão o prometerão asy fazer e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
[...] [...]
DIOGUO LEITE AMARALL
ANTONIO RODRIGEZ

[332] A seguir está escrito "15560".

ANTONIO COREA
COSME ARANHA
JORGE MACHADO
[...] [...]

[*fl. 198 v.*][333] Gonçalo Martinz e Manoel Diaz juizes do offiçio de carpimteiro

Ao IIII^{o} de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Martinz e a Manoel Diaz carpinteiros mesteres nesta cydade pera que bem e verdadeiramemte syrvão de vedores do officyo neste anno presente de carpintarya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e elles o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
GONÇALO MARTINZ
MANOEL + DIAZ

[*fl. 199*] Pedro Dominguez meyrynho

Ao IIII^{o} de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Dominguez pera que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho no jullgado da Maya este anno presente pera o que o enlegerão guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as

[333] Os fólios entre 118 e o 198 inclusive estão todos em branco só assinados no canto superior direito pelo doutorDinis Pires Pinto.

partes seu direito e ele sob carguo do juramemto que tomou asy o prometeo fazer e asynou aquy. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
PEDRO + DOMINGUEZ

[*fl. 199 v.*] Joane Annes morador na freyguesya de Ballbo ouvydor de Gom[*domar*]

Aos IIII^{o} de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joane Annes lavrador morador na freyguesya de Ballbo que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor no julgado de Gomdomar neste anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e ele sob carguo do dicto juramemto que tomou asy o prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][334]

[334] O sinal é uma enchada.

[*fl. 200*] Domynguos Jorge ouvydor de Gaya

Aos IIIIº de Janeyro nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy emleyto pera servyr este anno presente d'ouvydor no jullgado de Gaya a Domynguos Jorge ao quall foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos no carguo d'ouvydor guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e elle o prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 200 v.*] Rodrigo Annes morador em Samta Ovaya de Reffoys ouvydor

Aos IIIIº de Janeyro pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor no julgado de Reffoyos este anno presente a Rodrigo Annes morador na freyguesya de Samta Ovaya pera o que o emlegerão y guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e elle sob carguo do juramemto que tomou o prometeo asy fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 201*] Antonyo Pirez morador na freyguesya de Alldirãos meyrynho de Penaffiel

Ao IIIIº de Janeyro do anno de milll quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e na casa da camara della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos pera que bem e verdadeiramemte syrva neste anno presente Amtonyo Pirez morador na

freyguesya de Alldirãos do julgado de Penaffiel de meyrynho guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][335]

[*fl. 201 v.*] Pedro Annes meyrynho de Gondomar e morador em Ballbo

Ao IIII^{o} de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto do Samtos Avamgelhos a Pedro Annes morador na freyguesya de Ballbo pera que bem e verdadeiramemte syrva este anno presemte de meyrynho no jullgado de Gondomar e ele sob carguo do juramemto que tomou asy o prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][336]

[335] O sinal é uma tesoura.
[336] O sinal é uma enchada.

[*fl. 202*] Pedro Fernandez almotace da povoação Nova e Rodrigo Allvarez almotace

Aos XXX de Janeyro pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Fernandez e a Rodrigo Allvarez pera que syrvão nestes dous meses de Janeyro e Fevereiro d'allmotaces na Povoacão Nova e em Gaya e elles sob carguo do juramemto que tomarão prometerão guardar o seu servyço a Ell-Rey Nosso Senhor e o direito das partes e ysso por serem emleitos pera ysso e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[...] [...]

[*fl. 202 v.*] [...] João Bras meyrynho de Gaia

Aos onze de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Bras pera que bem e verdadeiramemte syrva este anno presente de meyrynho no jullgado d'Aguyar pera o que o emlegerão e elle sob carguo do juramento que tomou prometeo fazer verdade e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 203*] Fernão Pirez moradores no lugar de Arrifana ouvydor do julgado de Penafyel

Aos onze de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereacão della pellos vereadores foy dado juramemto dos Samtos

Avamgelhos a Fernão Pirez morador no lugar d'Aryffana que bem e verdadeirameмte syrva d'ouvydor no jullgado de Penaffiel este anno presente guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e elle sob carguo do juramemto dysse que guardarya a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que me prometeo o fazer. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][337]

[*fl. 203 v.*] Bertollameu Gonçalvez morador em Valadares meyrynho de Gaya

Aos sete de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos pera que bem e verdadeirameмte syrva de meyrynho no jullgado de Gaya este anno presente a Bertollameu Gonçallvez morador na freyguesya de Valadares guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][338]

[337] O sinal é uma cruz.
[338] O sinal é uma cruz.

[*fl. 204*] Cristovão Afonso morador em Gemunde [*quad*]relheiro

Aos sete de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Cristovão Afonso morador na freyguesya de Gemunde pera que bem e verdadeiramemte syrva de quadrilheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

Item. Dioguo Pirez/ Item. Francisquo Afonso/ Item. Antonio Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Bento Gonçalvez/ Item. Lopo Annes/ Item. Dioguo Lopez/Item. João Pirez/ Item. Pedro Pirez/ Item. Graviel Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gomes/ Item. Pedro Annes/ Item. Francisquo Pirez/ Item. Jacome Pirez/ Item. Francisquo Annes/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Symão Pirez/ Item. [...] [...]/ Item. João Pirez/ Item. Pedro Gomez.

[*fl. 204 v.*] João Pirez e Domynguos Afonso juizes do ofycio de pedreiros

Aos XI de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Pirez e Domynguos Afonso pedreiros pera que syrvão este anno presente de vedores do officyo de pedreiros e eles sob carguo do juramemto que tomaraão e receberão o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]

[...] [...]

[*fl. 205*] Gonçalo Annes da Madanela juiz de Matosynhos

Aos onze de Janeyro de mill V^c^ L^ta^ e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Annes da Madanela que bem e verdadeiramemte syrva de juiz este anno presente no lugar de Matosinhos guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e ele o prometeo asy fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][339]

[*fl. 205 v.*] Francisquo Gonçalvez meyrynho de Matosynhos

Aos XI de Janeyro do anno de mill V^c^ L^ta^ e nove annos pollos juizes e vereadores em camara foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisquo Goncalvez pera que bem e verdadeiramemte syrva este anno presente de meyrynho no lugar de Matosynhos guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e elle sob carguo do juramemto que tomou prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][340]

[339] O sinal é em forna de um "A", mas en tamanho grande, simbolizando, julgamos nós, uma espécie de compasso utilizado no fabrico das pedras das mós.
[340] O sinal é uma cruz.

[*fl. 206*] João Gonçalvez meyrynho de Reffoyos

Aos XI de Janeyro de mill V^c^ L^ta^ e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos pera que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho este anno presente no jullgado de Reffoyos guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][341]

[*fl. 206 v.*] Francisquo Ferreira ouvydor de Zurara

Aos XI de Janeyro de mill V^c^ L^ta^ e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisquo Ferreira pera que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor no lugar de Zurara este anno presente guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou.

[*assinatura:*]
FRANCISCO FERREIRA

[341] O sinal é uma cruz.

[*fl. 207*] Antonio Neto ouvydor d'Aguiar

Aos [...] de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Antonio Neto pera que syrva este anno presente d'ouvydor no jullgado d'Aguiar guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
ANTONIO NETO

[*fl. 207 v.*] Antonio Gonçalvez memposteiro de São Gonçalo de São Lourenço d'Azemes

Aos onze de Janeiro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos apresentou aos juizes e vereadores Antonio Gonçalvez morador em São Lourenço d'Azemes do jullgado da Maya hum prevylegyo de São Gonçalo e elles o mandarão comprir e guardar e o mandarão registar primeiro.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 208*] Afonso Gonçalvez quadrelheiro d'Avyntes da Igreja pera Baixo

Aos onze de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Afonso Gonçalvez morador no couto d'Avyntes e freyguesya Igreja pera Baixo que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrilha são os que se seguem:

Item. Domynguos Pirez/ Item. Manoel Diaz/ Item. Bertolameu Diaz/ Item. Pedro Rodrigez/ Item. Adão Allvarez/ Item. Pedro Allvarez/ Item. João Rodrigez/ Item. Gonçalo Bras/ Item. Gonçalo Diaz/ Item. Joane Annes/ Item. Martinz Annes/ Item. Bastião Bras/ Item. Pedro Annes/ Item. Manoel Diaz outro/ Item. Bento Diaz/ Item. Antonio Bras/ Item. João Gonçalvez/ Item. Jorge Diaz/ Item. Gregoreo Pirez/ Item. outro João Gonçallvez.

[*fl. 208 v.*] Bras Eannes quadrelheiro de Samto Estevão da Maya

Ao XIIII^{o} de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bras Eannes morador na freyguesya de Samto Eatevão da Maya pera que bem e verdadeiramemte syrva estes tres annos seguimtees de quadrelheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrilha são os segimtes:

Item. Amdre Fernandez/ Item. Domingos Afonso/ Item. Fruytoso Fernandez/ Item. João Allvarez/ Item. João Allvarez/ Item. Amdre Martinz/ Idem. João

Martinz/ Idem. Joane Annes/ Item. Pedro Bras/ Item. João Afonso/ Item. João Gonçallvez/ Item. Martyne Ennes/ Item. Antonyo Luis/ Item. Antonio Annes/ Item. Adão Gonçalvez/ Item. Domimguos Martinz/ Item. Bento Allvarez/ Item. Antonio Pirez.

[*fl. 209*] João da Maya ouvydor da Maya

Ao XIIII de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João da Maya pera que bem e verdadeiramemte syrva este anno presente de ouvydor no julgado da Maya pera que foi emleyto e ele sob carguo do juramemto que tomou prometeo fazer verdade e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
JOÃO DA MAYA

[*fl. 209 v.*] João Afonso morador d'Allfena d'allcunha Dellguado

Ao XIIII de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação della estando hy os juizes e vereadores foy per elles dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Afonso d'allcunha Dellguado pera que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor no burgo d'Allfena este anno presente guardando a Ell-Rey Nosso

senhor seu servyco e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][342]

[*fl. 210*] Allvar' Eannes quadrelheiro de Samto Estevão

Aos XIIIIº de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara delaa pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Allvar'Eannes que bem e verdadeiramemte syrva estes tres annos seguimtes de quadrelheiros da dycta freyguesya guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu s[*erv*]yço e as partes seu direito e os da sua quadrilha são os seguimtes:

Item. João Afonso/ Item. João Gonçallvez/ Item. Dominguos Afonso/ Item. Amador Andre/ Item. Bastião Gonçallvez/ Item. Manoel Gonçallvez/ Item. Nycollao Pirez/ Item. Duarte Pirez/ Item. Dominguos Pirez/ Item. Bastião Pirez/ Item. Fernamd' Eannes/ Item. Lourenço Martinz/ Item. Afonso Pirez/ Item. Ramos Afonso/ Item. Manoel Afonso/ Item. Francisquo Afonso/ Item. Amador Afonso/ Item. Gonçalo Annes/ Item. João Pirez/ Item. Bastyão Afonso.

[342] O sinal é uma cruz.

[*fl. 210 v.*] Dioguo Gonçallvez quadrelheiro do couto d'Avymtes

Aos XIIIIº de Janeyro de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação dellaa estando hy os juizes e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Dioguo Gonçallvez morador no couto d'Avymtes pera que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya e couto guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou e os da sua quadrilha sãos os seguimtes:

Item. Gonçalo Gonçallvez/ Item. Antonio Gonçallvez/ Item. João Gonçallvez/ Item. Ayres Fernandez/ Item. Sallvador Domingez/ Item. Mateus Fernandez/ Item. Roque Pirez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Bastião Gonçallvez/ Item. Domimguos Gonçallvez/ Item. Joane Annes/ Item. Heitor Afonso/ Item. Gonçalo Bras/ Item. Pedro Gonçallvez/ Item. Afonso Pirez/ Item. Duarte Allvarez/ Item. Manoell Pirez/ Item. Dioguo Annes/ Item. Antonio Gonçallvez/ Item. João Gonçallvez/ Item.Gregorio Martinz.

[*fl. 211*] João Pirez quadrelheiro de Baguym do Monte

Aos XIIIIº de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação della estando hy os juizes e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Pirez morador em Bagyum do Monte pera que syrva estes tres annos seguyntees de quadrelheiro guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha nomeados em este regimento são os que se seguem:

Item. Pedro Diaz/ Item. Afonso Annes/ Item. Fernand' Affonso/ Item. Bastyão Pirez/ Item. Lourenco Pirez/ Item. Gonçalo Mezdez/ Item. Gonçallo Pirez/ Item. Pedro Dominguez/ Item. Bento Pirez/ Item. Andre Gonçallvez/ Item. Pedro Luis/ Item. Fernão Domyngues/ Item. Joane Annes/ Item. Pedro Domimges.

[*fl. 211 v.*] João Pirez morador na freyguesya de São Sallvador de Ramallde ouvydor de Bouças

Aos XVII de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e [*no*]ve [*anno*]s pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos e camara a João Pirez morador na freyguesya de Saão Sallvador de Ramallde que bem e verdadeiramemte syrva este anno presente de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos d'ouvydor na dicta freyguesya digo no jullgado de Bouças e guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][343]

[*fl. 212*] João Andre Gramaxo juiz de Leça

Aos dezoyto de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos

[343] O sinal é uma cruz.

a João Andre Gramaxo que bem e verdadeiramemte syrva este anno presente de juiz no lugar de Leça de Matosynhos pera que foy emleyto guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][344]

[*fl. 212 v.*] Bastião Pirez quadrelheiro d'Arcuzelo

Aos dezoito de Janeyro do anno de myl e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bastião Pirez lavrador morador na freyguesya d'Arcuzelo pera que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya es[*te anno*] presente guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][345]

Item. João Afonso/ Item. Duarte Annes/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Manoel Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Francisquo Allvarez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Domyngos Annes/ Item. João Rodrigez/ Item. Pedro Rodrigez/ Item. Rodrigo Afonso/ Item. Gonçalo Annes/

[344] O sinal é um "x" com um traço em baixo.
[345] O sinal é uma cruz.

Item. Antonio Annes/ Item. Pedro Annes/ Item. outro Pedro Annes/ Item. Bras Pirez/ Item. João Pirez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gonçalo Gonçalvez.

[*fl. 213*] João Lopez quadrelheiro de Pedroso da juradya de Lavra

Ao XVIIIº de Janeyro do anno de myl quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Lopez quadrelheiro da juradya de Lavra do [...] de Pedroso que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrillha nomeados em este regimento são os segimtes:

Item. Amrique Fernandez/ Item. Joane Annes/ Item. João Fernandez/ Item. João Gonçalvez Item. Joane Annes outro/ Item. João Pirez/ Item. outro João Pirez/ Item. Joane Annes/ Item. João Diaz/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. João Andre/ Item. Domymguos Pirez/ Item. outro Domymguos Pirez/ Item. Jorge Gonçalvez/ Item. Pedro Annes/ Item. Francisquo Pirez/ Item. Luis Gonçalvez/ Item. Lourenço Annes/ Item. [...] Fernandez/ Item. Gonçalo Gonçalvez.

[*fl. 213 v.*] Antonio Gonçalvez quadrelheiro de Paradela do couto de Pedroso

Aos XVIIIº de Janeyro do anno de mill V^c L^{ta} e nove annos pollo juramemto dos Samtos Avamgelhos foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a

Antonio Gonçalvez do couto de Pedroso da juradya e quadrilha de Parada que bem e verdadeiramemte syrva estes tres annos seguimtes de quadrelheiro guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os de sua quadrilha nomeados em este regimento são os seguimtes:

Item. Duarte Annes/ Item. Antão Afonso/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Fernão Pirez/ Item. Joane Pirez/ Item. Pedro Annes/ Item. Francisquo Annes/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Manoel Gonçalvez/ Item. Pamtalyão Pirez/ Item. [...] Francisquo/ Item. Afonso Gill/ Item. Andre Rodrigez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Jorge Pirez/ Item. Joane Annes/ Item. Manoel Pirez/ Item. Symão Pirez/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. João Afonso.

[*fl. 214*] João Gonçalvez meyrynho de Bouças

Aos XXI de Janeyro do Anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Gonçalvez pera que syrva este anno presente de meyrynho no jullgado de Bouças guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][346]

[346] O sinal é uma cruz.

[*fl.214 v.*] João Diaz e Andre Afonso e Andre Afonso do Souto vedores do ofycio dos çapateiros

Aos XXI de Janeyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Diaz e Andre Afonso çapateiros moradores nas Cangostas e Andre Afonso do Souto pera que syrvão este anno presente de mill quinhemtos e cinquemta e nove de vedores do ofycio este anno presente de çapateiros guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
JOÃO DIAZ
ANDRE AFONSO
ANDRE + AFONSO

[*fl. 215*] Gonçalo Gonçalvez meyrynho d'Allffena

Aos XXI de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Gonçalvez morador em Allffena que bem e verdadeiramemte syrva este anno presente de meyrynho no burgo d'Allffena guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as parte seu direito e o prometeo asy fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 215 v.*] Gonçalo Afonso quadrelheiro de Samta Crestinha da Maya

Aos XXI de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Afonso morador na freyguesya de Samta Crestinha pera que syrva o carguo de quadrilheiro nos tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito que prometeo fazer e os da sua quadrilha nomeados aquy são os da sua quadrilha. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][347]

Item. Antonio Annes/ Item. Fernão Martinz/ Item. Afonso Pirez/ Item. Gonçalo Martinz/ Item. João Lopez/ Item. Myguel Ferreira/ Item. João Gonçalvez Gonçalvez [*sic*]/ Item. Andre Afonso/ Item. Jorge Annes/ Item. João Gonçalvez o pequeno/ Item. Seu filho Pero Gonçalvez/ Item. Gonçalo Lopez/ Item. Francisco Pirez/ Item. Domynguos Gonçalvez/ Item. João Bras/ Item. João Martinz/ Item. Andre Pirez/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. Martim Bras/ Item. Luis da Costa.

[*fl. 216*] Joane Annes morador em Samta Marynha da Retorta quadrelheiro

Aos XXI de Janeyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joane Annes morador na freyguesya de Samta Marynha da Retorta pera que syrva nestes tres annos seguimtees de quadrilheiro na dicta freyguesya guardando

[347] O sinal é uma cruz.

a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e elle o prometeo fazer e os da sua quadrilha saão os segimtees. Gaspar Riscado o escrevy

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][348]

Item. Mateus Bras/ Item. João Bras seu filho/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Pedro Martinz/ Item. João Bras/ Item. João Bras/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Bertalomeu Gonçalvez/ Item. Pedro Allvarez/ Item. Afonso Luis/ Item. Pedro Fernandez/ Item. Joanne Annes/ Item. João Fernandez/ Item. outro Joane Annes/ Item. Domymguos Afonso/ Item. Amador Domymguez/ Item. João Diaz/ Item. Antonio Afonso/ Item. Sallvador Bras/ Item. Item. [*sic*] Afonso Gonçalvez.

[*fl. 216 v.*] Andre Gonçalvez quadrelheiro de Oliveira

Aos XXI de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Andre Gonçalvez morador na freyguesya de Oliveira que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito nestes tres annos seguimtes o que ele prometeo fazer e os da sua quadrilha nomeados em este regimento são os que se seguem:

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][349]

[348] O sinal é uma cruz.

Item. Gomes Diaz/ Item Andre Gonçalvez/ Item. João Andre/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Manoel Bras/ Item. Gaspar Fernandez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Diaz/ Item. Antonio Dias/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Dominguos Andre/ Item. Bras Gonçalvez/ Item. Fernão Diaz/ Item. Baltasar Fernandez/ Item. Bras Gonçalvez/ Item. João Andre/ Item. Joan'Eannes/ Item. Pedr'Eannes/ Item. João Gonçalvez.

[*fl. 217*] Antonio Gonçalvez quadrelheiro de Paço de Sousa

Aos XXV de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Antonio Gonçalvez morador [*no*] couto de Paço de Sousa que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya estes tres annos seguimtees guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha nomeados em este regimento são os que se seguem:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][350]

Item. Bertollameu Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Muyguell Gonçalvez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Fernão Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Joam'Eannes/ Item. Pedro Rodriguez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item Pamtallyão Allvarez/ Item. Vicente Gonçalvez/ Item. Belltasar Gonçalvez/

[349] O sinal é uma cruz.
[350] O sinal é uma cruz.

Item. Fillipe Duarte/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gervaz Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Gonçalo Pirez.

[*fl. 217 v.*] João Gonçalvez quadrelheiro de Paçoo de Sousa da quadrilha de Bayros

Aos XXV de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Gonçalvez morador na freyguesya de Paço de Sousa que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][351]

Item. Santos de Bayros/ Item. Joannes/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Belchyor Gonçalvez/ Item. Pedro Annes/ Item. João Pirez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Joanes o moleyro/ Item. Andre Afonso/ Item. Gonçalo Andre/ Item. Muyguel Diaz/ Item. Bastião Diaz/ Item. Francisquo Vaaz/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Bastião Pirez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Domynguos Gonçalvez/ Item. Bastião Pirez/ Item. Joannes de Rouças/ Item. Antonio Pirez/ Item. Francisquo Gonçalves.

[351] O sinal é uma cruz.

[*fl. 218*] Meyrynho de Zurara Pedro Afonso

Aos XXV de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Afonso morador no lugar de Zurara que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho no dicto lugar pera que foy emleito este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][352]

[*fl. 218 v.*] João Gonçalvez quadrelheiro de Leça de Matosynhos do julgado da Foz

Aos XXV de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e sesenta annos nesta cydade do Porto e casa da camara della pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Gonçalvez quadrilheiro do couto de Leça que bem e verdadeiramemte syrva estes tres annos seguimtes de quadrilheiro na dicta freyguesya e lugar guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura:*]
JOÃO GONÇALVEZ

[352] O sinal é uma cruz.

Item. Pamtalyão Pirez/ Item. Luis Andre/ Item. Francisco Nunes/ Item. Bemto Gonçalvez/ Item. Joane Gonçalvez/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Clemente Pirez/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gonçalo Caão/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Aleyxo Pirez/ Item. Jorge de Trystaão/ Item. Luis Ferreira/ Item. Francisco Luis/ Item. Antonio Pirez/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Francisquo Jorge/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Myguel Pirez.

[*fl. 219*] Andre Afonso quadrelheiro Perosynho

Aos XXV de Janeyro do anno de mill V^{c} sesenta annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per eles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Andre Afonso morador na freyguesya de Villar d'Andorinho que bem e verdadeiramemte syrva nestes tres annos seguimtes de quadrelheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e o prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][353]

Item. João Gonçalvez/ Item. Afonso Gonçallvez/ Item. João Gonçallvez da Jgreja/ Item. João Gonçallvez/ Item. Gonçalo Gonçallvez/ Item. Andre Gonçalvez/ Item. Jorge Gonçallvez/ Item. Diogo Pirez/ Item. Andre Diaz/ Item. Symão Pirez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. João Rodriguez/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. João Fernandez/ Item. Joan'Eannes.

[353] O sinal é uma cruz.

[*fl. 219 v.*] Gonçalo Martimz quadrelheiro de Paço de Sousa do jullgado de Penaffyell

Aos XXX de Jneyro do anno de mill e quinhemtos e sesenta annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Martimz lavrador morador no couto de Paço de Sousa que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e o prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][354]

Item. Gregorio Diaz/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Bastião Diaz/ Item. Francisco Diaz/ Item. Balltasar Pirez/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. João Pirez/ Item. Symão Fernandez/ Item. Andre Gonçalvez/ Item. João Diaz/ Item. Antonio Pirez/ Item. Francisquo Martinz/ Item. Manoell Gonçalvez/ Item. Francisco Rodrigez/ Item. Bastyão Gonçalvez/ Item. Gaspar Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. outro Bastyão Gonçalvez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Duarte Allvarez.

[*fl. 220*] Affonso Bras quadrelheiro de São Martynho do jullgado da Maya

Aos vynte e seys dias do mes Janeyro do anno de mill e quinhemtos e sesenta hum annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foi dado juramemto dos Samtos Avamgelhos

[354] O sinal é uma cruz.

a Bras Afonso morador em Martynho da Maya que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e o prometeo fazer e os da sua quadrilha são os segimtes:

[*asinatura*:]
[*Um sinal*][355]

Item. Jorge Annes/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Joam'Eannes/ Item. João Gonçallvez/ Item. Afonso Gonçallvez/ Item. outro Joam'Eannes/ Item. Gonçallo Afonso/ Item. Antonio Pirez/ Item. Andre Afonso/ Item. outro Joam'Eannes/ Item. outro Gonçalo Fernandez/ Item. Manoel Martinz/ Item. Bras Gonçallvez/ Item. Bertolameu Gonçallvez/ Item. Joam'Eannes/ Item. João Martinz/ Item. Joan'Eannes/ Item. Andre Luis/ Item. João Gonçallvez/ Item. Afonso Annes.

[*fl. 220 v.*] Bastião Alvarez quadrelheiro de Pedroso da juradya da Venda Nova

Ao XXVI de Janeyro do anno de mill quinhemtos e sesenta e hum anos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bastião Allvarez que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no couto de Pedroso na Venda Nova guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os de sua quadrilha são os segimtes:

[355] O sinal é uma cruz.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][356]

Item. Francisquo Pirez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Joane Vaaz/ Item. Joane Annes/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gomez Gonçalvez/ Item. Jeronymo Pirez/ Item. Pamtalyão Allvarez/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Joam Jorge/ Item. Andre Pirez/ Item. Afonso Pirez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Antonio Afonso/ Item. Joam Pirez/ Item. Daryo Bras/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Pedr'Eannes.

[*fl. 221*] Joanes quadrelheiro da Retorta diguo Antonio Gonçalvez [...]

Ao XXVI de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e sesemta hum annos nesta cydade do Porto e casa da camara dela pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joanes morador na freyguesya da Retorta que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][357]

Iem. Antonio Gonçalvez/ Item. Bastião Pirez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. João Ribeyro/ Item. João Pirez/ Item. Pedro Lopez/ Item. Cristovão Pirez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Dinis Pirez/ Item. Bastião Diaz/ Item. Bras Gonçalvez/ Item. Gonçalo Pedro/ Item. Cristovão Gonçalvez/ Item. Joane

[356] O sinal é um círculo.

Annes/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Pedro Annes/ Item. Joane Annes/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Joam Martinz.

[*fl. 221 v.*] Baltasar Fernandez quadrelheiro do Souto

Aos XXVIII de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e sesemta e hum annos nesta cydade do Porto.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][358]

[*fl. 222*] Gonçalo Annes quadrelheiro do lugar d'Arryffana

Aos vymte e oito dias do mes de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Annes que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no lugar d'Ariffana guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fezer e os da sua quadrilha são os segimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][359]

---

[357] O sinal é uma cruz.
[358] O sinal é uma cruz com pequenos círculos nas pontas, colocada dentro de um círculo maior.

Item. Joam Afonso/ Item. Symão Ragal/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Cristovão Gonçalvez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Joam Pirez/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. outro Antonio Gonçalvez/ Item. Andre Tome/ Item. Pedro Annes/ Item. Sylvestre Vieira/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Afonso Diaz/ Item. Myguel Gonçalvez/ Item. Jorge Allvarez/ Item. Gaspar Rodriguez.

[*fl. 222 v.*] João Martinz quadrelheiros de São Sallvador d'Arvore

Aos XXVIII de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Martinz que bem e verdadeiramemte syrva estes tres annos seguimtes de quadrelheiro na freyguesya de São Sallvador d'Arvore guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrilha são os segimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][360]

Item. Antonio Pirez/ Item. Antonio Annes/ Item. Andre Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. João Rodriguez/ Item. Nycolao Rodriguez/ Item. João Fernandez/ Item. Salvador Pirez/ Item. João Allvarez/ Item. Francisquo Lopez/ Item. Manoel Lopez/ Item. Pedro Diaz/ Item. Allvaro Gill/ Item. Antonio Annes/ Item. Jorge Allvarez/ Item. Gill Bras/ Item. Afonso Fernandez/ Item. Afonso Martinz/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Pedro Pirez.

[360] O sinal é uma cruz.

[*fl. 223*] Pedr'Eannes quadrelheiro de Vayrão

Aos XXVIII de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foi dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedr'Eannes morador na freyguesya de Vayrão que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Nosso Senhor e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os segimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][361]

Item. Bento Andre/ Item. Andre Gonçalvez/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Allvaro Annes/ Item. Antonio Afonso/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Francisquo Pirez/ Item. Allvaro Annes/ Item. Allvaro Gonçalvez/ Item. Afonso Annes/ Item. Bras Gill/ Item. Joam Andre/ Item. Fernand' Annes/ Item. Gonçalo Martinz/ Item. Gonçalo Annes do Monte/ Item. João Gonçalvez/ Item. Bastião Allvarez/ Item. Pedro Afonso/ Item. João Gonçalvez/ Item. outro Pedro Afonso/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçalvez.

[*fl. 223 v.*] Pedr' Eannes quadrelheiro de Vyla Nova da Rua Dereyta

Aos vynte e oito de Janeyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove anos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e

[360] O sinal é uma cruz.

vereadores per eles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedr' Eannes que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no lugar de Vyla Nova na Rua Dereyta guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][362]

Item. Cristovão Gonçalvez/ Item. Antonio Leyte/ Item. Aleyxo [...]/ Item. Jorge Pirez/ Item. Miguell Pirez/ Item. Symão Gonçalvez/ Item. Gaspar Gonçallvez/ Item. Symão Pirez/ Item. Joam Eannes/ Item. Pamtallião Gonçalvez/ Item. João São Lucas/ Item. Pedro Vyderilles/ Item. Jorge Gonçalvez/ Item. Fernão Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Rodrigo Pirez/ Item. Gonçalo Mendez/ Item. Antonio Fernandez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Affonso Annes/ Item. Gonçalo Rodriguez.

[*fl. 224*] Joam Pirez memposteyro dos cativos de Samto Andre e de Samto Isydro de Gondomar

Aos XXVIII de Janeyro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della apresentou aos juiz e vereadores Joaom Pirez hum prevylegyo dos cativos e elles o mandarão guardar e cumprir como se nele entemde o quall fica registado per mim.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[361] O sinal é uma cruz.

[*fl. 224 v.*] Gonçalo Fernandez morador em Amtrambollos Rios memposteyro da mysirycordya

Aos vymte e oito de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos apresentou na camara ao juiz e vereadores Gonçalo Fernandez morador no burguo d'Amtrambollos Rios hum prevylegyo da mysirycordia o quall mandaram guardar e que se registase e fica registado per mym.

[*assiantura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 225*] Antonio Allvarez [...] e allmotace de Vallomguo

Ao primeiro de Fevereyro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto apresentou em camara ao juiz e vereadores Antonio Allvarez pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva de allmotace no burguo de Vallomguo este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e o prometeo fazer. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
ANTONIO ALLVAREZ

[362] O sinal é uma cruz.

[*fl. 225 v.*] Nycolau Gonçallvez quadrelheiro de São Fins de Gaya

Ao primeiro de Fevereyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Nycollau Gonçallvez que bem e verdadeiramemte syrva de quadrilheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][363]

Item. Gonçalo Afonso/ Item. Sallvador Gonçalvez/ Item. Afonso Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Symão Rodriguez/ Item. João Pirez/ Item. Pamtallyão Gonçalvez/ Item. Bartollameu Gonçalvez/ Item. Joane Eannes/ Item. João Pirez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Amrique Gonçalvez/ Item. Tomas Pirez/ Item. Fernão Rodriguez/ Item. Pedro Rodriguez/ Item. Afonso Pirez/ Item. Gonçalo Memdez/ Item. João Diaz/ Item. Jorge Diaz/ Item. Joane Eannes.

[*fl. 226*] Antonio Gonçalvez quadrelheiro do Parayso

Ao primeiro de Fevereyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[363] O sinal é uma cruz.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][364]

Item. João Fernandez/ Item. Antonio Gonçallvez/ Item. Manuel Pirez/ Item. Andre Gonçallvez/ Item. João Pirez/ Item. Gonçallo Afonso/ Item. Gonçallo Annes/ Item. Afonso Annes/ Item. Manuel Gonçalvez/ Item. Andre Allvarez/ Item. Francisco Eannes/ Item. [...] Ennes/ Item. Bras Gonçallvez/ Item. Manuel Rodriguez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Domimguos Gonçalvez/ Item. Cristovão Gonçalvez/ Item. Pedro Annes/ Item. Diogo Allvarez/ Item. Bastyão Gonçalvez/ Item. João Diaz.

[*fl. 226 v.*] Antonio Annes quadrelheiro de Leça de Matosynhos

Ao primeyro de Fevereiro do ano de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Antonio Annes que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no lugar de Leça de Matosynhos guardando a El Rey-Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][365]

[364] O sinal é uma cruz.
[365] O sinal é uma cruz com dois riscos paralelos em cada um dos braços,4 pequenos círculos entre os braços e meios círculos nas pontas.

Item. Antonio Pirez/ Item. Luis Pirez/ Item. Gaspar Tavares/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Miguel Gonçalvez/ Item. João Andre/ Item. Gonçalo Enes/ Item. Manoel Afonso/ Item. João Pirez/ Item. Pedro Afonso/ Item. Tome Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Pirez de Quardia/ Item. Sylveste Gonçalvez/ Item. Andre Afonso/ Item. Francisco Luis/ Item. Francisco Annes/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. João Martinz.

[*fl. 227*] Pedro Fernandez memposteiro dos cativos de Samta Maria do Vale do couto de Cete

Ao primeiro de Fevereiro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy o juiz e vereadores pera Pedro Fernandez morador em Samta Maria do Vale foy apresemtado em camara hum prevylegyo dos cativos que elles virão e mandarão aqui registar. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 227 v.*] Francisquo Gonçalvez quadrelheiro d'alldea de Parada de Guylhabeu

Aos III de Fevereiro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto

dos Samtos Avamgelhos a Francisquo Gonçalvez morador em Guylhabreu que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][366]

Item. João da Mota/ Item. Bastyão Martinz/ Item. Doming' Eanes/ Item. Eytor Annes/ Item. Francisco Annes/ Item. Pedr' Eannes/ Item. João Afonso/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. João de Matos/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Francisco Annes/ Item. Gonçal' Eannes/ Item. João Allvarez/ Item. Gonçalo Gomez/ Item. Pedro Afonso/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. João Martinz/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Bastião Afonso.

[*fl. 228*] João Luis ouvydor de Vallomguo

Ao IIIIº de Fevereiro de mill Vᶜ e sesemta[367] e nove annos nesta cydade do Porto e camara della per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Luis morador em Vallonguo que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[366] O sinal é composto por um traço horizontal, com dois traços verticais curtos, com outro traço horizontal e seguido de três traços verticais mais compridos.
[367] Julgamos haver um engano na data.

[*assinatura:*]
JOAM + LUIS

[*fl. 228 v.*] Pedro Gonçalvez cutileyro memposteiro de São Gonçalo de São Lazaro

Aos VIIIº de Fevereiro de mill Vᶜ cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy mandado a mym escryvão asy que registase hum prevylegyo de Pedro Goncalvez cutileyro da ermyda de São Lazaro desta cydade o qual eu escryvão regystey e mandarão guardar e fyca registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 229*] Fruytoso Diaz memposteiro da freyguesya de Samta Maria d'Estromyll do julgado d'Aguiar

Aos VIIIº de Fevereiro de mill Vᶜ e cinquemta e nove annos per Fruytoso Diaz morador na freyguesya d'Estromyll d'Aguiar foy apresentado hum prevyllegyo dos cativos o qual foy apresentado ao juiz e vereadores e elles o vyrão e mandarão que se guardase e se registase o qual fyca registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 229 v.*] Miguell Pirez quadrelheiro da freyguesya de Sa'Miguell da Pallmeira

Aos oito de Fevereyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Miguel Pirez morador na freyguesya de Sa'Miguel da Pallmeira que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

Item. Manoell Gonçalvez/ Item. Gaspar Pirez/ Item. Pedro Pirez/ Item. Martym Afonso/ Item. Pamtallião Afonso/ Item. Joane Annes/ Item. João Afonso/ Item. Domingos Gonçalvez/ Item. João Pirez/ Item. Bastyão Vazquez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Antonio Annes/ Item. Antonio Vaazquez/ Item. João Diaz/ Item. Francisco Allvarez/ Item. Clemente Fernandez/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Antonio Annes/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Bras Luis.

[*fl. 230*] Pedro Afonso quadrelheiro da freyguesya de Samta Maria d'Allvarelhos do jullgado da Maya

Aos oito de Fevereiro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Afonso morador na freyguesya d'Allvarelhos que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
PEDRO + AFONSO

Item. João Andre/ Item. João d'Outeyro/ Item. João de Villares/ Item. João Gonçalvez/ Item. Outro João Gonçalvez/ Item. Dioguo Gonçalvez/ Item. Roque Bras/ Item. Pedro Annes/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. João Pirez/ Item. Estevão Bras/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gonçalo Bras/ Item. Francisco Fernandez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Duarte Annes/ Item. Aleyxo Pirez/ Item. Bastião Pirez/ Item. João Bras/ Item. Jorge Pirez.

[*fl. 230 v.*] Afonso Gonçalvez morador em Vallonguo meyrynho

Aos XV de Fevereiro de mill V^{c} cinquemta e nove annos per Afonso Gonçalvez morador em Vallonguo foy dado juramemto a saber: foy dado ao juramemto [*sic*] Pedro Gonçalvez pollo juiz e vereadores que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho no burguo de Vallonguo este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
AFONSO GONÇALVEZ

[*fl. 231*] João Jacome çapateiro morador na Lada memposteiro dos cativos de São Bento

Aos dezoito de Fevereiro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della por João Jacome çapateiro morador na Lada foy apresentado ao juiz e vereadores em camara hum prevylegyo dos cativos do mosteiro de São Bento o qual vyrão e mandarão que registase e se cumprise o qual foi registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 231 v.*] Domymguos Afonso e João Pirez vedores dos predeiros

Aos dezoito de Fevereiro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos por o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Domymguos Afonso e João Pirez que bem e verdadeiramemte syrvão de vedores do officio dos pedreiros neste anno presente e elles o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
JOÃO PIRES
DOMINGOS AFONSO

[*fl. 232*] Francisquo Gonçalvez levreiro morador na Fonte de Auryna memposteiro dos cativos de Nosa Senhora da Rybeyra

Aos vynte e dous de Fevereyro de mill V^{c} cinquemta e nove pollo juiz a saber per Francisquo Goncalvez levreiro morador na Fonte de Auryna foy apresemtado ao juiz e vereadores hum prevylegyo dos cativos de Nosa Senhora da Rybeyra o qual eles vyrão e mandarão o registase e guardase o qual fyca registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 232 v.*] Antonio Fernandez d'allcunha o Frade e Gonçalo Gonçalvez ferreiros e juizes do oficyo dos feytos

Aos vynte e dous dias de Fevereiro do anno de mill V^{c} cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Antonio Fernandez d'allcunha o Frade e Gonçalo Gonçalvez seu vezinho ferreiros o que bem e verdadeiramemte syrvão de juizes dos feytos este anno presente e elles o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
ANTONIO FERNANDEZ

[*fl. 233*] Antonio Pirez quadrelheiro da freyguesya de Duas Igrejas d'Aguyar por hum anno

Aos vynte e hum dyas do mes de Fevereiro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Antonio Pirez morador na freyguesya de Duas Igrejas do julgado de Gaya pera que bem e verdadeiramemte syrva o tempo que fallta pera servyr a Symão Pirez quadrelheiro na dicta freyguesya que servyo dous annos e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][368]

[*fl. 233 v.*] Gonçalo Gonçalvez quadrelheiro da freyguesya de Tougees da Maya

Aos XXV de Fevereiro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Gonçalvez morador na freyguesya de Tougees que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GONÇALO + GONÇALVEZ

[368] O sinal é uma cruz.

Item. Fernão Gonçalvez/ Item. Antonio Domimguez/ Item. Pedro Martinz/ Item. João Martinz/ Item. Manoel Alvarez/ Item. Pedro Annes/ Item. Amador Pirez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Pedro Pirez/ Item. Jorge Pirez/ Item. Dioguo Bras/ Item. Antonio Ennes/ Item. João Andre/ Item. Allvaro da Costa/ Item. Allvaro Fernandez/ Item. Domimguos Fernandez/ Item. Pedro Bras/ Item. Amador Gonçalvez/ Item. Tome Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçallvez.

[*fl. 234*] Vicente Gonçalvez e Gregoreo Barbosa allmotaces d'Arriffana

Ao primeiro de Março de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Vicente Gonçalvez e Gregoreo Barbosa moradores no lugar d'Arriffana que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces estes dous meses de Março e Abryll guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito.

[*assinaturas:*]
VICENTE GONÇALVEZ
GREGOREO BARBOSA

[*fl. 234 v.*] Bastyão Gonçallvez quadrelheiros da freyguesya de Canellas do jullguado de Penaffyell

Aos quatro de Março de mill V^{c} L^{ta} e nove pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bastião Gonçalvez morador na

freyguesya de Canellas que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][369]

Item. Gonçalo Annes/ Item. Joane Annes/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Antonio Martinz/ Item. Pedro Annes/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Pedro Martinz/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Pascoall d'Azevedo/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Outro João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Domimguez/ Item. João Martinz/ Item. Outro João Martinz/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Bastyão Gonçalvez/ Item. Outro Antonio Gonçalvez.

[*fl. 235*] Cristovão Rodriguez allmotacé e Antonio Ramos da povoação Nova e Gaya

Aos quatro dias do mes de Março do anno de mill V^{c} cinquemta e nove annos per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Cristovão Rodriguez morador na povoação Nova e Antonyo Ramos que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces na povoação Nova e Gaya estes dous meses de Março e Abryll guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o promete fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[369] O sinal é uma cruz.

[*assinaturas:*]
CRISTOVÃO RODRIGUEZ[370]
[*Um sinal*][371]

[*fl. 235 v.*] João Gonçalvez memposteiro dos cativos de São Sallvador da Folgosa

Aos quatro de Março do anno de mill e quinhemtos e sesemta e quatro diguo cinquemta e nove annos morador em São Sallvador de Follgosas foy apresentado ao juiz e vereadores pera previlegio dos cativos o qual virão e mandarão registar e que se guardadase o qual fica registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 236*] João Pirez quadrelheiro do burgo e couto d'Antreambollos Rios

Aos oyto de Março do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos per João Pirez morador no couto d'Antreambollos Rios foy apresentado a saber: pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos ao dicto João Pirez que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito.

[370] Abaixo da assinatura aparece a data "1559".

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][372]

Item. Joan' Eannes/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Gonçalo da Costa/ Item. Antonio Afonso/ Item. Dioguo Pirez/ Item. Belchior Fernandez/ Item. Antonio Dominguez/ Item. Belchior Symão/ Item. Jorge Martinz/ Item. Gonçalo [...]/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gaspar Coelho/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Gaspar Afonso/ Item. Dioguo Velho/ Item. Francisquo Dominguez/ Item. João [...]/ Item. Bertolameu [...]/ Item. Fernão [...]/ Item. Francisquo Rodriguez.

[*fl. 236 v.*] Joam Gonçalvez qudrelheiro do centro d'Antreambolos Ryos

Aos oito de Março de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][373]

Item. João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Gaspar Gonçalvez/ Item. Sylvestre Gonçalvez/ Item. Joane Mendez/ Item. Gaspar Afonso/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Dioguo Annes/ Item.Gonçalo Martinz/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Nycolau Pirez/ Item. Gonçalo Diaz/ Item. Francisquo

[371] O sinal é um "x".
[372] O sinal é uma cruz.
[373] O sinal é um triângulo.

Afonso/ Item. Pedro Gonçalvez Coelho/ Item. Jeronymo Gonçalvez/ Item. Pedro Rodriguez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Joam Fernandez/ Item. Adão Antonio/ Item. Luis Eannes.

[*fl. 237*] Francisquo Pirez quadrelheiro da freyguesya de São Tiaguo da Carvalhosa d'Aguiar

Aos oito de Março do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisquo Pirez morador na freyguesya de São Tiaguo da Carvalhosa que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][374]

Item. Gonçalo Annes/ Item. Joam Bras/ Item. Gomez Eannes/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Outro Joam Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Gonçalo Anes de Peyas/ Item. Joan' Eannes o çapateiro/ Item. Mateus Bras/ Item. Antonyo Annes/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Gaspar Afonso/ Item. Antonio Annes da Fonte/ Item Pedr' Eannes/ Item. Alexandre Fernandez/ Item. Joam Allvarez/ Item. Gonçalo Annes de Sagulhães/ Item. Manoel Gonçalvez/ Item. Antonio Annes.

[374] O sinal é uma cruz.

[*fl. 237 v.*] Domymguos Pirez e Antonio Annes tanoeiros quytadores d'arcos

Aos XVIII de Março de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per o juiz e vereadores na camara foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Domymguos Pirez e Antonio Annes tanoeyros moradores nesta cydade que bem e verdadeiramemte syrvão de quitadores d'arcos este anno presente e o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO ANNES
[*Um sinal*][375]

[*fl. 238*] Dioguo Annes e Estevão Gonçalvez tanoeyros juizes de officio

Aos XVIII^{o} de Março de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvão de juizes de officios este anno presente Dioguo Annes e Estevão Gonçalvez de tanoeyros guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIO X GUO ANNES
ESTEVAM + GONÇALVEZ

[375] O sinal é um "M".

[*fl. 238 v.*] Gonçalo Annes memposteiro de São Gonçalo de Samta Ovaya de Canelas de Reffoyos

Aos XII de Março de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per Gonçalo Annes morador em Samta Ovaya de Canelas foy dado juramemto foy apresentado ao juiz e vereadores hum previlegyo de São Gonçalo que elles virão e mandarão guardar e que se cumprise o qual fica registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 239*] Bras Gonçalvez quadrelheiro da freyguesya de São Tiago da Capela quadrelheiro

Aos cinquo d'Abryll de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bras Gonçalvez morador na freyguesya da São Tiaguo da Capela que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
BRAS + GONÇALVEZ

Item. Bellchior Gonçalvez/ Item. Dioguo Diaz/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Joam Francisco/ Item. Joane Ennes/ Item. Pamtalião Gonçalvez/ Item.

Manoel Afonso/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gaspar Gonçalvez/ Item. Joam Afonso/ Item. Andre Pirez/ Item. Gaspar Gonçalvez/ Item. Antonio Jorge/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Rodrigo Gonçalvez/ Item. Pedro Afonso/ Item. Afonso Annes/ Item. Joam Annes/ Item. Bastião Gonçalvez.

[*fl. 239 v.*] Framcisquo Allvarez e Pamtalyão Fernandez juizes de oficyo d'allfaytes

Aos cinquo d'Abrill de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Framcisquo Allvarez e Pamtallyão Fernandez allfayates que bem e verdadeiramemte syrvão de juizes do offico d'allfaiates este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
PAMTALYÃO FERNANDEZ

[*fl. 240*] Manoel Gonçalvez ouvydor de Vyla Nova

Aos cinquo d'Abrill de mill V^{c} e sessemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Manoel Gonçalvez morador em Vila Nova que bem e verdadeiramemte syrva d'ouvydor este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
MANOELL GONÇALVEZ

[*fl. 240 v.*] Antonio Pirez memposteiro dos cativos da Igreja d'Allvarelhos

Aos XXIII d'Abryll de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per Antonio Pirez morador em Allvarelhos foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a saber: apresemtou ao juiz e vereadores per prevylegyo dos cativos e elles o mandarão registar e guardar o qual foi registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 241*] Domynguos Gonçalvez e Francisquo Pirez allmotaces d'Arriffana

Aos XXIII d'Abrill de mill V^{c} e cinquemta e nove per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Domynguos Gonçallvez e a Francisquo Pirez moradores no lugar d'Arriffana que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces estes dous meses de Maio e Junho guardando a Ell-Rey seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DOMINGUOS GONÇALVEZ
FRANCISQUO PIREZ

[*fl. 241 v.*] Jorge Gonçalvez memposteiro dos cativos de Samta Ovaya de Canelas de Reffoyos

Aos dous de Mayo de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per Jorge Gonçalvez morador na freyguesya de Samta Ovaya de Canelas foy apresemtado pera prevylegyo dos cativos o qual vyrão e mandarão registar e guardar o qual foy registado per mym.

[*assinatura*:]
GASPAR RISCADO

[*fl. 242*] Gaspar Gonçalvez morador na Rua da Banharya quadrelheiro da dicta rua

Aos dous dyas do mes de Mayo do anno de myl e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gaspar Gonçalvez que bem e verdadeiramemte syrva nestes tres annos seguimtes de quadrelheiro da dicta Rua guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e os da sua quadrilha nomeados em este regimento são os seguimtes:

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][376]

Item. Pedro Bras/ Item. Antonio Allvarez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Rodriguo Gonçalvez/ Item. Framcisquo Annes/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Allvaro

[376] O sinal é uma cruz.

Gonçalvez/ Item. Francisquo Gomez/ Item. Gaspar Gonçalvez/ Item. Dioguo Pirez/ Item. Bertolameu Fernandez/ Item. Lourenço Annes/ Item. João Gonçalvez/ Item. Manoel Gonçalvez/ Item. Baltasar Gonçalvez/ Item. Pedro Martinz/ Item. Bento Fernandez/ Item. Pamtalyão Rodriguez/ Item. Gonçalo Luis/ Item. Antonio Afonso.

[*fl. 242 v.*] Cristovão Rodriguez allmotace da Povoação Nova e Joam Gonçalvez de Gaya

Aos seys de Mayo do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos em camara a Cristovão Rodriguez e Joam Gonçalvez que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces em Gaya e na Povoação Nova nestes dous meses de Mayo e Junho guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
CRISTOVÃO RODRIGUEZ
JOAM + GONÇALVEZ

[*fl. 243*] João Allvarez quadrelheiro da freyguesya de São João de Losym de Penaffyel

Aos seys de Mayo do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos

Samtos Avamgelhos a João Allvarez morador em São João de Losym que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*É um sinal*:][377]

Item. Pedro Bras/ Item. Symão Carvalho/ Item. Fernão Pirez/ Item. Cirstovão Gonçalvez/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Jorge Gonçalvez/ Item. Joam Allvarez/ Item. Jorge Gonçalvez de Sea/ Item. Jorge Pirez/ Item. Joam Eannes/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Jorge Annes/ Item. Gaspar Teyxeira/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Antonio Allvarez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Allvaro Annes/ Item. Belchior Annes/ Item. Pedro Eannes do Outeiro.

[*fl. 243 v.*] Gregoreo Dellgado meyrynho d'Arryffana

Aos dezasete de Mayo de mill V^{c} e L^{ta} e nove de mill V^{c} e cinquemta e nove [*sic*] per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gregoreo Dellgado morador no lugar d'Arriffana que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho do lugar d'Arryffana este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer.

[*assinatura*:]
[*É um sinal*][378]

[377] O sinal é uma cruz no meio de um círculo.

[*fl. 244*] Vicente Gonçallvez çapateiro quadrelheiro das Camgostas

Aos dezasete de Mayo de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Vicente Gonçallvez morador nas Camgostas que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos na Rua das Camgostas guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
VICENTE GONÇALLVEZ

Item. Francisquo da Costa/ Item. Antonio Pirez/ Item. Afonso Annes/ Item. Pedro Martinz/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. João Afonso/ Item. Gaspar Gonçallvez/ Item. Manoel Gonçallvez/ Item. Bastião Gonçallvez/ Item. João Martinz/ Item. Duarte Annes/ Item. Dioguo Borges/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Bento Fernandez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Pedro Diaz/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Rodriguo Allvarez/ Item. Gaspar Gonçalvez/ Item. Tome Gonçallvez .

[*fl. 244 v.*] Gomez Annes e Pedro Tome barbeiros vedores do oficyo

Aos vynte de Maio de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per Gomez Annes a saber: pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gomez Annes e Pedro Tome barbeiros que bem e verdadeiramemte syrvão de

[378] O sinal é uma cruz.

vedores do officyo dos barbeiros este anno presemte e elles o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
GOMEZ EANNES
PEDRO TOME

[*fl. 245*] Sayavedra [...] do allcayde

Aos vynte e sete de Mayo do anno de mill e quimhetos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Sayavedra que bem e verdadeiramemte syrva [...] do allcayde o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
SAYA+VEDRA

[*fl. 245 v.*] Manoel Barbosa ouvydor d'Arryffana

Aos vynte e hum dyas do mes de Junho de mill V^{c} e L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva ouvydor no lugar d'Arriffana este anno presente o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][379]

[*fl. 246*] Antonio Pirez quadrelheiro de Zurara do Corpo Santo

Aos vynte e hum dias do mes de Junho do anno de mill V^c^ e cinquemta e nove pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Antonio Pirez morador em Zurara que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][380]

Item. [...] Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçallvez/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Joam Allvarez/ Item. Gonçalo Gonçallvez/ Item. Antonio Martinz/ Item Bertolameu Fernandez/ Item. Joam Fernandez/ Item. Joam Martinz/ Item. Joam Pirez/ Item. Manoel Rodriguez/ Item. Gonçalo Allvarez/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Outro Francisquo Gonçalvez/ Item. Antam Gonçalvez/ Item. Manoel Afonso/ Item. Pedr' Eannes.

[379] O sinal é uma cruz com traços nas pontas.

[*fl. 246 v.*] Gregoreo Gonçallvez e Gonçalo Annes procuradores dos mesteres

Aos vynte e oyto dyas do mes de Junho do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gregoreo Gonçallvez e Gonçalo Annes que bem e verdadeiramemte syrvão de procuradores dos mesteres o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
GONÇALO ANNES
GRE+GOREO GONÇALVEZ

[*fl. 247*] Afonso Fernandez e Gaspar Rodriguez allmotaces d'Ariffana

Ao primeiro de Junho do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Affonso Fernandez e Gaspar Rodriguez moradores no lugar d'Ariffana que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces os meses de Julho e Agosto deste anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou .

[*assinaturas:*]
GASPAR RODRIGUEZ
AFONSO FERNANDEZ

[380] O sinal é uma enxada.

[*fl. 247 v.*] Joam Martinz oleyro allmotace da Povoação Nova e Gonçalo Annes allmotace de Gaya

Ao primeiro de Julho de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Martinz e Gonçalo Annes que bem e verdadeiramemte syrvão estes dous meses de Julho e Agosto d'allmotaces na Povoação Nova e Gaya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as pertes seu direito o que prometeo fazer.

[*assinatura:*]
JOAM + MARTINZ
[*Um sinal*][381]

[*fl. 248*] João Martinz memposteiro dos cativos de Samta Maria de Nogueira da Maya

Ao primeiro de Julho de mill V^{c} e cinquemta e nove annos por João Martinz morador em Samta Maria da Nogueira da Maya foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a saber: apresentou ao juiz e vereadores pera prevylegyo dos cativos o qual virão e mandarão guardar e se registase e fica registado per mym.

[*assinatura*:]
GASPAR RISCADO

[381] O sinal é a representação de uma figura humana.

[*fl. 248 v.*] Domymgu' Eannes de Lordello quadrelheiro

Aos dezaseys de Julho do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Domymgu' Eannes morador em Lordello que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
DOMIN+GU' EANNES

Item. Pedro Pirez/ Item. Pedro Gonçalvez de Ryba/ Item. Afonso Andre/ Item. Gonçalo Andre/ Item. Andre Gonçallvez/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. Joam Gonçallvez/ Item. Manoel Gonçallvez/ Item. Pedr' Eannes/ Item. Seu genro Joam Goncallvez/ Item. Joam Pirez/ Item. Joane Annes Item. Joaom Martinz Item. Nuno Andre/ Item. Belchior Diaz/ Item. Diogo Fernandez/ Item. Pedro Gonçallvez/ Item. Domymguos Pirez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Pedro Martinz.

[*fl. 249*] Aos dous dias do mes de Julho de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto per os vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva da guarda dos cargos ate Janeiro deste anno que vem a Lourenço Nunez barbeiro e elle sobcarguo do dicto juramemto o prometeo asy fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevey.

[*assinatura:*]
LOURENÇO NUNEZ

[*fl. 249 v.*] [...] [...] Andre Gonçallvez [...]de Bertolameo Gonçallvez meyrynho [....] morador em Canelas

Aos dous d'Agosto do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Andre Gonçallvez [...] meyrynho do jullgado de Gaya [...] [...] sob carguo do juramemto que tomou o prometeo fazer e asynou Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
ANDRE + GONÇALVEZ

[*fl. 250*] Pedro Afonso allmotace d'Allffena e morador na freyguesya d'Allffena

Aos dous d'Agosto de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Afonso morador em Allffena que bem e verdadeiramemte syrva d'allmotace este anno presente o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
PEDRO + AFONSO

[*fl. 250 v.*] Joane Annes Lyado e Eitor do Couto allmotaces d'Ariffana

Aos II de Setembro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joannes Lyado Eitor do Couto moradores em o lugar d'Ariffana que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces estes dous meses de Setembro e Outubro guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
JOAM ANNES
[*Um sinal*][382]

[*fl. 251*] Francisquo Pirez de Gaya allmotace

Aos II de Setembro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisquo Pirez morador em Gaya que bem e verdadeiramemte syrva d'allmotace estes dous meses de Setembro e Outubro guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seus direitos o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
FRANCISQUO PIREZ

[382] O sinal é uma cruz.

[*fl 251 v.*] Joane Annes marynheiro quadrelheiro de Zurara

Aos sete de Outubro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joane Annes marynheiro pera que syrva estes tres annos seguimtes de quadrelheiro guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e os da sua quadrilha são os seguimtes:

[*assinatura:*]
JOANE ANES

Item. Francisquo [...]/ Item. Domymguos Pirez/ Item. Domymguos Gonçalvez/ Item. Joam Afonso/ Item. Francisquo Pirez/ Item. Manoel Bras/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. João Afonso/ Item. Andre Fernandez/ Item. Domymguos Andre/ Item. Sallvador Annes/ Item. Sallvador Gonçalvez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Francisquo Lopez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Antonio Rodriguez/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Antonio Afonso/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Pedr' Allvarez.

[*fl. 252*] Francisquo Annes memposteiro dos cativos de São Pedro de São Pedro [*sic*] do Parayso

Aos sete de Outubro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos por Franciquo Annes morador em São Pedro do Parayso foy apresemtado ao juiz e vereadores hum prevylegyo dos cativos qual virão e mandarão que se registase e se guardase o qual fica registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 252 v.*] Gonçalo Annes de Paramos e quadrelheiro da freyguesya de Vallboo

Aos sete d'Outubro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos per Gonçalo Annes a saber: pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Annes morador na freyguesya de Vallboo que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GONÇALO + ANNES

Item. Gonçalo Rodriguez/ Item. Joane Annes/ Item. Antonio Vaaz/ Item. Domymguos Gonçalvez/ Item. João Pirez/ Item. Pedro Annes/ Item. Antonio Pirez/ Item. Vicente Annes/ Item. Alvaro Duarte/ Item. Cristovão Gonçalvez/ Item. Outro Domimguos Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Gonçalo Affonso/ Item. Antonio Rodriguez/ Item. Pamtalyão Gonçalvez/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Allvaro Pirez/ Item. Framcisquo Pimto/ Item. Bastião Gonçalvez.

[*fl. 253*] Gavriel Pirez morador na freyguesya de São Pedro de Fajozes da Maya memposteiro de São Gonçalo

Aos sete d'Outubro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores a saber: por Gavriel Pirez morador na freyguesya de São Pedro de Fajozes foy apresentado per prevylegyo de São Gonçalo o qual mandarão registar e mandarão que se cumpryse o qual fica registado per mym.

[*assinatura*:]
GASPAR RISCADO

[*fl 253 v.*] Joam Affonso da freyguesya Gelhuffe quadrelheiro da dicta freyguesya

Aos dezoito dias do mes d'Outubro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto por o juiz e vereadores foy dado juramemte dos Samtos Avamgelhos a Joam Affonso morador na freyguesya de Gelhuffe que bem e verdadeiramemte syrva de quadrilheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou.

[*assinatura:*]
JOAM + AFONSO

Item. Gonçalo Pirez/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Nycolao Martinz/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Dioguo Diaz/ Item. Afonso Diaz/ Item. Joane Annes/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Gaspar Pirez/

Item. Joam Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Joam Diaz/ Item. Gonçalo Alvarez/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Joam Gonçalvez/ Item. Joam Afonso/ Item. Afonso Fernandez/ Item. Antonio Gonçalvez.

[*fl. 254*] Affonso Gonçalvez da freyguesya de Perosynho quadrelheiro da dicta freyguesya

Aos XXII dias d'Outubro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della per Afonso Gonçalvez morador em a freyguesya de Perosinho foy apresentado a saber: pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro na freyguesya de Perosynho guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o qual prometeo fazer e asynou .

[*assinatura:*]
AFFONSO + GONÇALVEZ

Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Domimguos Goncalvez/ Item. Francisco Gonçalvez/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Fernão Gonçalvez/ Item. Amtonio Afonso/ Item. Afonso Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gaspar Alvarez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Manoel Fernandez/ Item. Manoel Gonçalvez/ Item. Jorge Gonçalvez/ Item. Domimguos Pirez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Fernão Pirez.

[*fl. 254 v.*] Pedr'Eannes da freyguesya de Samt'Olaia de Oliveira quadrelheiro da dicta freyguesya

Aos XXII d'Outubro de mill V^{c} L^{ta} e nove pollo juiz e vereadores foy dado juramemte dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes a Pedr'Eannes morador na freyguesya d'Olyveira que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey seu servyço e as partes seu direito o qual prometeo fazer e asynou Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
PEDRO X ANNES

Item. Gonçalo Pirez/ Item. Vasco Eannes/ Item. Fernão Vasques/ Item. Antonio Fernandez/ Item. Alvaro Fernandez/ Item. João Gonçalvez/ Item. João Annes/ Item. João Gonçalvez/ Item. Jorge Annes/ Item. João Pirez/ Item. Domymguos Fernandez/ Item. Salvador Gonçalvez/ Item. Francisco Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Aleyxo Vazquez/ Item. Pero Vazquez/ Item. Bastião Afonso/ Item. João Fernandez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Belchior Fernandez.

[*fl. 255*] João Afonso Moinhos quadrelheiro da freyguesya Sanfins de Moinhos dos da Hordem

Aos XXVI dias do mes d'Outubro de mill de V^{c} L^{ta} e nove annos foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Afonso da freyguesya de Sanfins que ele syrva de quadrelheiro com os da Hordem que bem e

verdadeiramemte syrva estes tres annos seguimtes guardando o servyço de Deus e d'Ell-Rey Noso Senhor e o direito as partes e os da sua quadrilha que se nomea são os seguimtes e asynou o dicto juramemto. Pamtalião Carneiro que ho escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][383]

Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Afonso Annes do Juncall/ Item. Fruytoso Martinz/ Item. Bertolameu Fernandez/ Item. Joam Annes/ Item. Joam Annes d'Espynho/ Item. Dioguo Gonçalvez/ Item. Andre Gonçalvez/ Item. Bastião Gonçalvez de [...].

[*fl. 255 V.*] Antonio Gonçalvez quadrelheiro do couto de São João da Foz

Aos vynte e cimco dias do mes d'Outubro do anno de mill e V^{c} L^{ta} e nove annos foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Antonio Gonçalvez do couto de São João que ele bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no dicto couto de São João estes tres annos seguimtes guardando seu servyço a Ell-Rey Noso Senhor e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou e os da sua quadrilha aquy nomeados são os seguimtes. Pamtalyão Carneiro o escrevy.

[*assinatura*:]
[*Um sinal*][384]

[383] O sinal é uma cruz.
[384] O sinal é composto por duas pequenas cruzes com uma seta entre elas virada para a esquerda.

Item. Bento d'Abreu/ Item. Gonçalo Afonso/ Item. Francisco Pirez/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. [...] Pirez/ Item. Francisquo Gonçalvez/ Item. Francisquo Diaz/ Item. Bento Gonçalvez filho do carniceyro/ Item. Pamtalião Pirez/ Item. Francisquo de [...] Pirez/ Item. Afonso Diaz filho de Pero Andre/ Item. Alvaro Gonçalvez/ Item. Antonio Annes/ Item. Pedro Gonçalvez irmão do carniceyro/ Item. João Gonçalvez filho do Frade/ Item. Bartolomeu Diaz/ Item. Domingos Pereira filho de [...] Bras/ Item. João Annes filho do çapateiro.

[*fl. 256*] Gavryell Gonçalvez quadrelheiro de Monte Corrada

Aos quatro de Novembro de mil V^{c} e cinquemta e nove por o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gavryell Gonçalvez que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GAVRY + ELL GONÇALVEZ

Item. João Alvarez/ Item. Outro João Alvarez/ Item. Gonçalo Alvarez/ Item. Dioguo Gonçalvez/ Item. Jorge Gonçalvez/ Item. João Afonso/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Bastião Fernandez/ Item. Domymguos Gonçalvez/ Item. Bento Estevez/ Item. Gregoreo Afonso/ Item. Gonçalo Fernandez/ Item. Francisco Diaz/ Item. João Afonso/ Item. Pedro Gonçalvez Item. Outro Pedro Gonçalvez/ Item. Pedr' Eannes/ Item. João Annes/ Item. Jorge Annes/ Item. Pedro Estevez.

[*fl. 256 v.*] Francisco Rodriguez e Gaspar Fernandez allmotaces d'Arriffana

Aos IIIIº de Novembro de mill Vᶜ e cinquemta e nove annos per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisco Rodriguez e Gaspar Fernandez moradores no lugar d'Arriffana que bem e verdadeirameмte syrvão de allmotaces no dicto lugar estes dous meses de Novembro e Dezembro guardando a Ell-Rey seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
FRANCISCO RODRIGUEZ
GASPAR FERNANDEZ

[*fl. 257*] Pedro Gonçalvez quadrelheiro do couto de Leça da freyguesya de Sa'Myguel de Bareyros

Aos IIIIº de Novembro de mill Vᶜ e cinquemta e nove per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Gonçalvez morador na freyguesya de Sa' Myguel de Breyros do couto de Leça que bem e verdadeirameмte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
PEDRO + GONÇALVEZ

Item. João Afonso tendeyro/ Item. Jorge Gonçalvez/ Item. Francisco Martinz/ Item. João Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Andre Afonso/ Item. Francisco Annes/ Item. Outro Antonio Pirez/ Item. Francisco Gonçalvez/ Item. Duarte Pirez/ Item. Joane Annes/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Manoel Martinz/ Item. Mateus Gonçalvez/ Item. Pedro Pirez/ Item. João Diaz/ Item. Domymguos Annes/ Item. Bras Alvarez.

[*fl. 257 v.*] Jorge Afonso quadrelheiro de Sosyno de Leça

Aos IIIIº de Novembro de mill Vᶜ e cinquemta e nove annos por o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Jorge Afonso morador no Sosyno de Leça que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no dicto couto estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura :*]
JORGE + AFONSO

Item. Antonio Pirez/ Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Domimguos Annes/ Item. Martim Pirez/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Antonio Gonçalvez/ Item. Domymguos Gonçalvez/ Item. Gonçalo Pirez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Outro Pedro Gonçalvez/ Item. Francico Afonso/ Item. João Afonso/ Item. Francisco Annes/ Item. Antonio Pirez/ Item. João Afonso/ Item. Gonçalo Andre/ Item. Duarte Afonso/ Item. Antonio Fernandez/ Item. Francisco Annes/ Item. Gonçalo Annes.

[*fl. 258*] João Afonso quadrelheiro de Gatões do couto de Leça

Aos quatro de Novembro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos per o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Afonso morador na freyguesya de Gatões no couto de Leça que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
JOÃO + AFONSO

Item. João Martinz/ Item. Pedro Afonso/ Item. João Annes/ Item. João Gonçalvez/ Item. Bastião Luiz/ Item. João Annes/ Item. Outro João Annes/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. Andre Gaspar/ Item. Gaspar Luis/ Item. João Annes/ Item. Domimguos Annes/ Item. Gonçalo Annes/ Item. Francisco Annes/ Item. Pamtalyão Afonso/ Item. Pedro Afonso/ Item. Gonçalo Martinz/ Item. Domymguos Gonçalvez/ Item. João Pirez/ Item. Fernão Pirez.

[*fl. 258 v.*] Francisquo de Sousa quadrelheiro de Gueiffães do couto de Leça

Aos quatro de Novembro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos por os juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisquo de Sousa morador no couto de Leça de Gueiffães que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro no dicto couto estes tres annos seguimtes guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
FRANCISCO + DE SOUSA

Item. Gonçalo Annes/ Item. Palos Fernandez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Francisco Pirez/ Item. Antonio Pirez/ Item. Afonso Annes/ Item. Pedr'Eannes/ Item. Francisco Gonçalvez/ Item. Domymguos Annes/ Item. João da Guarda/ Item. Um João Martinz/ Item. João de Sousa/ Item. Baltasar Pirez/ Item. Fernão Goncalvez/ Item. Bastião Gonçalvez/ Item. Afonso Annes/ Item. João Pirez/ Item. Jorge Fernandez/ Item. João Luis/ Item. Amtonio Annes.

[*fl. 259*] Gonçalo Gonçalvez do Casall quadrelheiro de Resezunhos

Aos oito de Novembro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos por o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Gonçalvez morador na freyguesya de Resezunhos que bem e verdadeiramemte syrva de quadrelheiro estes tres annos seguimtes gaurdando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GONÇALO + GONÇALVEZ

Item. Gonçalo Gonçalvez/ Item. Baltazar Gonçalvez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. Francisco Afonso/ Item. Joane Annes/ Item. Baltazar Gonçalvez/ Item. Baltasar Fernandez/ Item. Belchior Gonçalvez/ Item. João Pirez/ Item. João Gonçalvez/ Item. Bastião Pirez/ Item. Joane Annes/ Item. Outro João Pirez/ Item. Joane Annes/ Item. Outro João Pirez/ Item. Joane Annes/ Item. Pedro

Annes/ Item. Afonso Gonçalvez/ Item. João Pirez/ Item. Pedro Gonçalvez/ Item. João Pirez.

[*fl 259 v.*] Antonio Ramos allmotace de Gaya e Crystovão Afonso da Po[*voação Nova*]

Aos oito de Novembro de mill V^{c} e cinquemta e nove por o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Antonio Ramos e Crystovão Afonso moradores na Povoação Nova e em Gaya que bem e verdadeiramemte syrvão d'allmotaces em Gaya e Povoação Nova e gardarão o servyço d'Ell-Rey e o direito das partes o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO RAMOS
CRISTOVÃO AFONSO

[*fl. 260*] Jorge Gonçalvez memposteiro de São Gonçalo de São Dominguos

Aos XIIII^{o} de Novembro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos por o juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos digo que apresentou ao juiz e vereadores Jorge Goncallvez morador nesta cydade ho prevylegyo de São Gonçalo do Mosteiro de São Dominguos o qual virão e mandarão que se cumprise o qual foy registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 260 v.*] Afonso Gonçallvez carpinteiro morador em Vyla Nova prevylegyo da Igreja do Viveiro

Aos quinze de Novembro de mill V^{c} e cinquemta e nove per Afonso Gonçallvez carpinteiro morador em Vila Nova foy apresentado hum prevylegyo da Igreja de Viveiro que elles juiz e vereadores virão e mandarão que se guardase e se registase o qual foi registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 261*] Gonçalo Gonçalvez [...]

Aos vynte de Dezembro de mill V^{c} e cinquemta e nove por Gonçalo Gonçalvez morador em Santa Maria da Madanela foy apresemtado per prevylegyo de São Gonçalo ao juiz e vereadores o qual virão e mandarão registar e guardar o qual fica registado per mym.

[*assinatura:*]
GASPAR RISCADO

[*fl. 262*] Pedr' Eannes meyrynho de Gomdomar

Aos vynte de Dezembro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedr' Eannes morador no jullgado de Gomdomar que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho no dicto jullgado guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o qual prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
PEDR'[*Um sinal*][385] EANNES

[*fl. 262 v.*] Gregoreo Delguado ferreiro meyrynho d'Arriffana

Aos vynte de Dezembro de mill V^{c} L^{ta} e nove pollo juiz e vereadores foy dado juramemte dos Samtos Avamgelhos a Gregoreo Dellgado morador no lugar d'Arriffana que bem e verdadeiramemte syrva de meyrynho neste lugar este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
GREGOREO + DELGUADO

[385] O sinal é uma enchada.

[*fl. 271*][386] Obrigação dos carnyceyros

Aos cinquo d'Abrill de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estando hy o licenciado Nuno Rebello juiz de fora Antonyo Rodriguez Antonio de Sousa e Dioguo Leyte vereadores vyeram atee a dicta camara Antonio Diaz Francisquo Fernandez Marcos Andre Bastyão Gonçalvez Andre Gonçalvez e Samtos Andre e Pero Diaz e Gaspar Gonçalvez e Eytor Gonçalvez e bem asy Francisquo Gonçalvez carnyceyros moradores nesta cydade e diserão que eles queryão daar a cydade e obrygar a dar ate dya de Pascoello do anno que vem de mill e quinhemtos e sessemta annos cada somana ao povo desta cydade e a dicta cydade vynte e sete [*fl. 271 v.*] boys cada somana boons e de receber a saber: ao sabado vynte e pola semana sete e diserão que daryão por este mês d'Abryll presente dous arrates e meo por hum vyntem e do primeiro de Mayo ate dya de Entruydo a tres arratees por hum vyntem e bespora de Pascoa que vem e Pascoello a dous arratees e meo e dyserão que esta obrygação fazyão desta maneira contamdo que não dando os dictos boys e falltando allgum de pagarem de pena a pena da obrigação do anno pasado e com as mesmas condições e obrigações sobrygavam a dar os dictos boys e nos tempos conteudos na dicta obrigação que lhes foy lyda e cortando carneyros crestões[387] e porque ella polo preço do anno pa-[*fl. 272*]sado e com estas condições sobrygaram a daar os dictos boys testemunhas que forão presentes João Diaz cydadão morador na Rua do Souto e Estevam Diaz mercador morador no Padrão de Belmonte e Gaspar Gonçalvez coreyro e mamdarão asy escrever e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[386] Os fólios entre o 263 e o 270 v. estão em branco apenas assinados no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.
[387] Um carneiro cresto ou castrado.

[*assinaturas:*]

ANTO+NYO DIAZ

MAR+COS ANDRE

BAS+TIÃO GONÇALVEZ

FRANCISCO [*Um sinal*][388] FERNANDEZ

[...] [...]

ESTEVAM DIAZ

CRISTOVÃO [*Um sinal*][389] GONÇALVEZ

AN+DRE GONÇALVEZ

GASPAR GONÇALVEZ

[...] [...]

FRANCISCO+GONÇALVEZ

[*fl. 272 v.*] E loguo o dicto Francisquo Gonçalvez requereo a eles juizes e vereadores da cydade que estava obrygado a ho cabido da See desta cydade em dous boys cada sabado e portanto ele sobrygava somente a tres boys a saber: dous ao cabydo ao sabado e outo pola cada somana a cydade desta maneira sobrygava e doutra nam. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 273*] Aos dezaseis dyas do mes de Dezembro do anno de mil e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da

[388] O sinal é uma espécie de "h" com um círculo na haste superior.

camara della estando em ela fazendo vereação e despachando partes o licenciado Nuno Rebello juiz de fora Antonio de Sousa Allcoforado Dioguo Leite d'Amarall e Antonio Corea vereadores e bem asy Cosme Aranha procurador da cydade e loguo ahy pareceo João Diaz morador polla escada da See e Filipa Diaz moradora a porta d'Olyvall Francisquo Lopez d' allcunha o Mostardeiro e Pamtalyão Allvarez outro sy digo e bem asy Bras Machucho e loguo por elles foy dicto que por cada hum delles que elles acharem na camara a pena dos que estavão pera saber a que eles juizes [*fl. 273 v.*] vereadores lhe mamdarão e loguo por eles juiz e vereadores foy dicto que elles nesta camara vyrão muitos antes que estão em poder de mym escryvão em que cada hua das pesoas acyma nomeadas forão condenadas tres e quatro vezes cada hua nas penas dos acordãos por venderem vinho a mays preço dos acordos e do que lhe era allmotaçado e que sem embarguo digo que não queryão emendar e portanto lhe mandavão em suas pesoas que d'oje em dyante não vendão vinho a mays preço do que lhe foy allmotaçado nem vendão sem ser allmotaçado nem pasem os acordos sobre o dicto vinho feitos nem o calabrem[390] sob pena de ser cada hua das dictas pesoas banydas [*fl. 274*] por a prymeira vez que cada hua das dictas pesoas forem comprendydas que pasão as dictas acordos a saber: em calabrear o vinho ou vender a mais preco do que lhe foy allmotaçado ou venderem sem ser allmotaçado alem de pagarem as penas dos acordos e pagar as penas não usarão mais de vender vinho sob pena de serem presos e de cadea pagarem vynte cruzados e asy estando presemtes os sobredictos diserão que asy o cumpryam o asynarão e pollo dicto Francisquo Lopez e Filipa Diaz asynou a seu rogo o licenciado Francisco Vieira cydadão da dicta cydade e estando fazendo este termo pareceo Pamtalyão Allvarez acyma nomeado e Antonio Lourenço morador na Rua da Porta [*fl. 274 v.*] d'Olyvall que tambem vendem

[389] O sinal é composto por quatro barras paralelas na horizontal, com duas barras verticais nas pontas e um traço para cima no meio da primeira barra horizontal e outro na última para baixo.

vinho aos quaes foy mandado da maneira sobredicta que não vendam vinho sem lhe ser almotaçado nem o calabrear nem pasem os acordos sob a pena acyma dicta de serem banydos que todo lhes foy lydo e declarado o que tão bem foy lydo a Cezylya Pirez que tão bem estava presente e prometeo asy cumpryr e rogou ao dicto licenciado que asynase per ela. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO LEITE DO AMARALL
ANTONIO COREA
ALLCOFORADO
ANTONIO LOURENÇO
COSME ARANHA
JOÃO DIAZ
FRANCISCO LOPEZ

Assino a roguo das sobredictas molherez Filipa Diaz e Cezylya Pirez

[*assinatura:*]
FRANCISCO VIEIRA

[*fl. 297*][391] João Fernandez jurado de Vilar d'Amdorinho

Aos quatro de Janeyro diguo aos quatro de Janeyro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a

[390] Calabrear ou adulterar
[391] Os fólios entre o 275 e o 296v. estão em branco apenas assinados no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto

João Fernandez morador em Vilar d'Amdorynho que syrva este anno presemte de jurado na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
JOÃO FERNANDEZ

Aos seys de Janeyro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pamtalyão Gonçalvez morador em Cedoffeita que bem e verdadeiramemte syrva de jurado na dicta freyguesya este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 297 v.*] Gonçalo Afonso morador em freyguesya de Serzedo e Allvaro Pirez outro sy de Serzedo de jurados

Aos seys de Janeyro diguo seys de Janeyro de mill V^{c} e sessenta diguo e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estando hy os vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Afonso e Allvaro Pirez pedreiros diguo lavradores que bem e verdadeiramemte syrva de jurado este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
GONÇALO + AFONSO
ALLVARO + PIREZ

[*fl. 298*] Domymgos Gonçalvez jurado da Madanela

Aos XII de Janeiro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto pollos oficyaes da camara della foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Domymguos Gonçalvez morador da freyguesya da Madanela que bem e verdadeiramemte syrva de jurado na dicta freyguesya guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 298 v.*] Gonçalo Gonçalvez do Agrello jurado da freyguesya de Parada da Castanheira Refoyos e asy Pedro Fernandez jurado de Rebordosa d' Aguiar e asy Francisco Diaz jurado de Samffins

Aos XIIII^{o} de Janeyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Gonçalvez do Agrello que bem e verdadeiramemte syrva de jurado na freyguesya de Parada da Castanheira e bem asy a Pedro Fernandez morador em Rebordosa e tambem asy a Francisco Diaz jurado em Samffins que bem e verdadeiramemte syrva de jurado na dicta freyguesya e jurarão aos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvam de jurados este anno presente guardando a Ell-Rey

Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
FRANCISCO DIAZ
GONÇALO + GONÇALVEZ
PEDRO + FERNANDEZ

[*fl. 299*] Domymguos Francisco jurado de Canydelo dos prevylegyados e Pedr'Eannes de Samffins outro sy da Maya

Aos XIIIIº de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade e camara della estando hy Domymguos Francisco morador em Canydello que bem e verdadeiramemte syrva de jurado dos prevylegyados e Pedr' Eannes de Samffins que syrvão de jurados guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DOMYM[*Um sinal*][392]GUOS FRANCISCO
PEDRO X ANNES

[392] O sinal é uma estrela.

[*fl. 299 v.*] João Domynguez jurado de Vougado e João Annes da mesma freyguesya

Aos dezoyto de Janeyro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeirameмte syrvão de jurados João Domynguez e Joannes da mesma freyguesya este anno presemte guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
JOÃO + ANNES
JOÃO X DOMINGUEZ

[*fl. 300*] João Afonso de Franquos jurado dos prevylygiados de São Sallvador de Ramallde

Aos dezoyto de Janeyro anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Afonso morador na freyguesya de São Sallvador de Ramallde que bem e verdadeirameмte syrva de jurado este anno presente guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][393]

[393] O sinal é uma cruz.

[*fl. 300 v.*] Afonso Gonçalvez jurado de Lordello e Gonçalo Gonçalvez jurado de Balbo e João Afonso jurado de Moreira e Dioguo Gonçalvez jurado outro sy de Moreira e João Gonçalvez jurado de Famzeres

Aos XVIIIº de Janeyro do anno de mill Vᶜ e cinquemta e nove annos pollos oficyaes da camara foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Afonso Gonçalvez morador em Lordello que bem e verdadeiramemte syrva de jurado e asy a Gonçalo Gonçalvez que outro sy syrva de Balbo e João Afonso que outro sy syrva de jurado de Moreira e Dioguo Gonçalvez jurado de Moreira e João Gonçalvez jurado de Famzeres e sobcarguo de juramemto que tomarão e prometerão fazer na cydade e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
[*Um sinal*][394]
JOÃO + AFONSO
GONÇALO + GONÇALVEZ
DIO+GUO GONÇALVEZ
JOÃO X GONÇALVEZ

[*fl. 301*] Bertolameo Gonçalvez jurado de Fornello e Duarte Pirez de Samto Estevão e Gonçalo Annes jurado de Covelo e Gonçalo Gonçalvez jurado de Vylar e Gonçalo Martinz jurado de Ramallde

Aos XVIIIº de Janeyro do anno de mill Vᶜ e cinquemta e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bertolameo Gonçalvez jurado de Fornello e Duarte Pirez jurado de Samto Estevão e

[394] O sinal é um quadrado com um traço no meio mais cumprido.

Gonçalo Annes jurado de Covello e Gonçalo Gonçalvez jurado de Vylar d'Andorinho e Gonçalo Martinz jurado de Ramallde pera que bem e verdadeiramemte syrvão de quadrelheiros estes tres annos seguimtes diguo de jurados o que prometerão fazer sob carguo do juramemto que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado escryvão da camara o escrevy.

[*assinaturas:*]
BERTO+LAMEO GONÇALVEZ
DUAR+TE PIREZ
GONÇALO X ANNES
GONÇALO + GONÇALVEZ

[*fl. 301 v.*] Francisco Afonso jurado de Samta Maria d'Avyoso digo Manoel Pirez jurado de Samta Maria d'Avyoso e Francisco Afonso jurado de Samtiaguo de Vougado de Cyday e João Pirez jurado dos prevylygyados do Couço e Pedro Dominguez jurado de São Pedro d'Avyoso dos prevylygyados

Aos XVIIIº de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estando hy os vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Francisco Afonso pera que syrva de jurado de Samta Maria d'Avioso diguo Manoel Pirez e Francisco Afonso jurado de Samtiaguo de Vougado da juradia de Cyday e João Pirez jurado do Couço dos prevylygyados e Pedro Dominguez jurado de São Pedro d'Avioso dos prevylygyados e sobcarguo do juramemto que prometerão fazer verdade e servyr de jurados. Gaspar Riscado escryvão o escrevy.

[*assinaturas:*]
JOÃO + PIREZ
FRANCISCO + AFONSO
MANOEL+ PIREZ
PEDRO + DOMINGUEZ

[*fl. 302*] Antonio Gonçalvez jurado de Nogueyra e Rodrigo Allvarez jurado de Mymdello Luis Marques outro sy jurado de Mymdello e João Dominguez jurado de Gondym de Callcym da Maya

Aos XVIII de Janeyro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Antonio Gonçalvez morador Nogueyra e Rodrigo Allvarez morador em Mymdello que bem e verdadeiramemte syrva de jurado na freyguesya de Nogueyra e a Rodrigo Allvarez que bem e verdadeiramemte syrva e a Luis Marques jurado em Mymdello e João Domingues jurado de Gondim de Callcym da Maya e sobcarguo do juramemto que tomarão e prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
RODRIGO ALLVAREZ
ANTONIO + GONÇALVEZ
LUIS + MARQUEZ
JOÃO + DOMINGUEZ

[*fl. 302 v.*] Domymguos Fernandez jurado de Guiffões dos pryvylygyados Antonyo Pirez jurado dos de Vagos e Gonçalo Pirez jurado de Sendym de Bouças e Gonçalo Pirez jurado de Novegyllde

Aos XVIII de Janeyro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Domymguos Fernandez pera que syrva de jurado de Guiffões dos prevylygyados e Antonio Pirez jurado dos de Vagos e Gonçalo Pirez jurado de Sendym de Bouças e Gonçalo Pirez jurado de Novegilde que bem e verdadeiramemte syrvão de jurados nas dictas freyguesyas guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO + PIREZ
GONÇALO X PIREZ
ANTONIO + GONÇALVEZ
DOMINGOS FERNANDEZ

[*fl. 303*] Symão Pirez jurado de Samtyago de Vougado e João não teve efeyto.

[*fl. 303 v.*] Jurados a saber: Pedro Gonçalvez da freyguesya de São Gonçalo de Mosteyro e Antonyo da Costa jurado de Samta Crestynha d'alldea de

Cornes e Pedr' Allvarez jurado de Samta Crestynha d'alldea de Cornes dos prevylygyados

Aos XXI de Janeyro de mill V^{c} e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara della estando hy os juizes e vereadores per elles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Gonçalvez morador na freyguesya de São Gonçalo de Mosteyro e bem asy Antonio da Costa que bem e verdadeiramemte syrva de jurado de Samta Crestynha d'alldea de Cornes e Pedr' Allvarez jurado de Samta Crestynha dos prevylygyados pera que bem e verdadeiramemte syrvão de jurados este anno presemte guardando a Ell-Rey Nosso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
PEDRO + GONÇALVEZ
ANTONIO + DA COSTA
PEDR' ALLVAREZ

[*fl. 304*] Pedro da Costa jurado d'Allvarelhos Duarte Pirez da mesma freyguesya e Antonio Pirez da mesma freyguesya e Antonio Afonso jurado de Modyvas e Bastião Gonçalvez e Gonçalo Martinz de São Pedro d'Avyoso e Afonso Annes jurado de Tras Leça e d'Allffena

Aos XXI de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro da Costa que bem e verdadeiramemte syrva de jurado na freyguesya d'Allvarelhos e asy a Duarte Pirez da mesma freyguesya e

Antonio Pirez da mesma freyguesya e Antonio Afonso jurado de Modyvas e Bastião Gonçalvez e Gonçalo Martinz jurado de São Pedro d'Avioso e Afonso Annes jurado de Tras Leça d'Allffena quaes jurados sob carguo do juramemnto que tomarão e prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DUARXTE PIREZ
ANTONIO + AFONSO
ANTO X NYO PIREZ
AFONSO + ANNES
GONÇALO [*Um sinal*][395] MARTINZ
PEDRO + DA COSTA
BAS[*Um* sinal][396]TYÃO GONÇALVEZ

[*fl. 304 v.*] Martim Luis jurado de São Pedro d'Avyoso e Symão Pirez de Perosynho e Andre diguo João Andre jurado de Vylar e Domymguos Gonçalvez de Samta Maria de Vylar e João Pirez jurado de Covelas da Maya

Aos XXI de Janeyro do anno de mill V^{c} e cinquemta e nove annos pollos juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Martym Luis morador em São Pedro d'Avioso que bem e verdadeiramemte syrva de jurado e asy a Simão Pirez de Perosynho e Andre dyguo a João Andre jurado de Vylar e Domimguos Gonçalvez de Samta Maria de Vylar e João Pirez jurado de Covelas da Maya e sob carguo do juramemto que prometerão fazer verdade

[395] O sinal é uma enchada.
[396] O sinal é uma estrela.

ao quall juramemto tomarão por este anno presente. Gaspar Riscado escrivão da camara o escrevy.

[*assinatura:*]
MAR[*Um sinal*][397]TIM LUIS
SYMÃO [*Um sinal*][398] PIREZ
DOMYN[*Um sinal*][399]GUOS GONÇALVEZ
JOÃO + PIREZ
JOÃO + ANDRE

[*fl. 305*] Jurados

Jurados dos termos a saber: João Gonçalvez jurado de Coreyças e Gonçalo Gonçalvez jurado de Vyla Verde Antonio Fernandez de Samto Andre de Sobrado e Manoel Afonso jurado de Samto Estevão da Maya e Gonçalo Annes jurado de Samffins de Fereyra e Francisco Pirez jurado de Mouriz e Dioguo Fernandez jurado de Duas Igrejas e Dioguo Diaz da fregesya de Vylela e Bastião Fernandez jurado de Samtiaguo de Figueira e Marcos Pirez jurado de Samta Meria de Codeços.

Aos XXV de Janeiro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto foy dado na camara juramemto dos Samtos Avamgelhos a João Gonçalvez jurado de Creyças e Gonçalo Gonçalvez jurado de Vila Verde.

[397] O sinal é uma enchada.
[398] O sinal é uma espécie de "T" grande.
[399] O sinal é um quadrado com dois traços verticais no meio.

[*fl. 305 v.*]

[*assinaturas:*]

FRANCISCO + PIREZ

BAS+TYÃO FERNANDEZ

MARCOS + PIREZ

DIOGUO + FERNANDEZ

DIOGUO + DIAZ

JOÃO + GOMÇALVEZ

GONÇALO + GONÇALVEZ

[*fl. 306*] Jurados

Aos XXV de Janeiro pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos Ambrosyo Denis jurado de São Payo de Gymarey e Gonçalo Domimguez jurado da freyguesya de Gemumde e Baltasar Gonçalvez jurado de Gemumde e Francisquo de Matos jurado de São Cristovão do Muro e Joane Annez jurado de São Payo de Casaes que bem e verdadeiramemte syrvão de jurados em suas freyguesyas cada hum e sobcarguo do juramemto que tomarão prometerão fazer verdade em seus officyos e ysto somemte por este anno presente ouvirão o dicto juramemto e pasado o dicto se emlegerão outros que syrvão nas dictas freyguesyas. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]

JOA+NE ANNEZ

GONÇALO + DOMIMGUEZ

BAL+TASAR GONÇALVEZ

AM--BROSIO DENIS

FRANCISCO MATOS

[*fl. 306 v.*] Jurados

Aos XXV de Janeyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação desta cydade do Porto pollos juizes e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joane Annes jurado de Samtiago da Careyra e João Gonçalvez da dicta freyguesya e Duarte Annes jurado d'Arcuzello e Cristovão Allvarez de Samta Maria das Neves e Andre Manoel jurado de Samtiaguo de [...] D'Aguyar aos quaes pollo dicto juramemto que tomarão e receberão da mão dos dictos offycyaes e eles sob carguo o prometerão asy fazer. Gaspar Riscado escryvão da camara e allmotaçarya o escrevy.

[*assinaturas:*]
JOÃO + GONÇALVEZ
JOANE X ANNES
AM+DRE MANOEL
CRISTOXVÃO ALLVAREZ
DUARTE + ANNES

[*fl. 307*] Jurados

Aos XXV de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e

verdadeiramemte syrvão de jurados Domymguos Gonçalvez na freyguesya de Samtyago de Lourosa e asy Ambrosio Denis aos quaes eles vereadores derão ao dicto juramemto dos Samtos Avamgelhos pera que syrvão de jurados nas dictas suas freyguesyas cada hum este presente anno presente de mill quinhemtos e sesemta e hum annos e eles sob carguo do dicto juramemto que tomarão asy fazer. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DENIS + GONÇALVEZ
AMBROSIO DENIZ

[*fl. 307 v.*] Jurados

Aos XVIII de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos nesta cydade do Porto e camara della estando hy o juiz e vereadores per eles foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Jorge Annes morador em Valomguo e Baltasar Gonçalvez jurado de Baguim d'Allffena e Antonyo Afonso de Samta Marya da Retorta e Gonçalo Martinz jurado de Novegillde e Antonyo Allvarez jurado de Vila Nova de Caros aos quaes pollo juramemto dos Samtos Avamgelhos que receberão prometerão de servyr o dicto anno guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTO+NYO ALLVAREZ
ANTONIO AFONSO
GONÇALO + MARTINZ

BAL[*Um sinal*][400]TASAR GONÇALVEZ

JORGE [*Um sinal*][401] Anes

[*fl. 308*] Aos vynte e oyto dyas do mes de Janeyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos ouve juramemto dos Samtos Avamgelhos a Jorge Allvarez jurado de São Sallvador d'Arvore e Antonio Gonçalvez jurado de Gydõeens e Gonçalo Pirez jurado de Folgosa e Symão Pirez jurado de Samtyago de Vougado e João Gaspar jurado de São Sallvador de Figueiras os mandarão que sob carguo do juramemto dos Samtos Avamgelhos que receberão e tomarão prometerão guardar os servyços d'Ell-Rey Noso Senhor e o direito as partes e ysto por este anno presemte de mill e quinhemtos e sessemta e hum annos somente. Gaspar Riscado escryvão da camara o escrevy.

[*assinaturas:*]

JOÃO + GASPAR

ANTONIO + GONÇALVEZ

GONÇALO + PIREZ

SYMÃO X PIREZ

[*Um sinal*][402]

[400] O sinal é uma círculo ovalado com um traço a meio.
[401] O sinal é um "A" grande simbolizando uma espécie de compassso utilizado para fazer mós.
[402] O sinal é uma cruz.

[*fl. 308 v.*] Jurados

Aos XXVIIIº de Janeyro de mill Vᶜ Lᵗᵃ e nove annos nesta cydade do Porto e camara della pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedr' Eannes pera que syrva de jurado o quall he morador em Valomguo Susão e Pedro Bras jurado de Cabeda e Gonçalo Annes jurado de Gilhabreu e Symão Afonso jurado de Ramallde e Bastião Afonso jurado de Vylar de Parayso pera que bem e verdadeiramemte syrvão de jurados este anno presente de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado escryvão da camara o escrevy.

[*assinaturas:*]
BAS+TIÃO AFONSO
PEDRO + ANNES
PEDRO [*Um sinal*][403] BRAS
SYMÃO [*Um sinal*][404] AFONSO
GONÇALO + ANES

[*fl. 309*] Jurados

Aos XXVIIIº de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte syrvão de jurados Andre Gonçalvez jurado de Sãoffins da Marynha e asy Allvaro Annes jurado de Varrão e Jurdão Pirez da dicta freyguesya aos quaes sobredictos sobcarguo do juramemto que tomarão em ho lyvro dos Samtos

[403] O sinal é um "A" grande simbolizando uma espécie de compasso para fazer mós.

Avamgelhos que tomarão e receberão que bem e verdadeiramemte syrvão este anno presente de mill e quinhemtos e sesemta hum annos de jurados nas sobredictas freyguesyas guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito e o prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado escryvão da camara o escrevy.

[*assinaturas:*]
ALLVA+RE ANNES
AN+DRE GONÇALVEZ
JUR[*Um sinal*][405] DÃO PIREZ

[*fl. 309 v.*] Jurados

Ao primeiro de Fevereyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joam Pirez morador na freyguesya de São Sallvador de Figueiras e a Bastião Gonçalvez jurado de Fajozes e João Allvarez outro sy jurado de Fajozes e Afonso Fernandez jurado de Fornello e Andre Nunez freyguesya de Ny[...] e Gonçalo Nunez jurado d'Agoas Samtas e Pedr' Eannes jurado de Folgosa e João Afonso jurado de Samta Cruis e Afonso Gonçalvez jurado da Madanela e Bras Gonçalvez jurado de Samffins d'Aguyar e Gonçcalo Fernandez jurado de São João d'Eyrys e Lourenço Fernandez jurado de Bitarães e Afonso Pirez jurado de Vyla Nova da Maya e Gravyel Gonçallvez jurado de São Muygel da Pallmeyra e Baltasar Diaz d'alldea de Quyrez jurado da freyguesya de Vyla Nova os quaes pollo juramemto que receberão prometerão fazer verdade e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[404] O sinal é um "A" grande invertido simbolizando uma espécie de compasso.

[*fl. 310*]

[*assinaturas:*]

GONÇALO + FERNANDEZ

BRAS + GONÇALVEZ

BAS+TIÃO GONÇALVEZ

GRA+VYEL GONÇALVEZ

JOÃO + ALLVAREZ

AFONSO + FERNANDEZ

JOÃO + PIREZ

JOÃO + AFONSO

AFONSO + GONÇALVEZ

AN+DRE NUNEZ

PEDRO + ANNES

GONÇALO X NUNEZ

AFONSO PIREZ

LOURENÇO + FERNANDEZ

BAL+TASAR DIAZ

[*fl. 310 v.*] Jurados

Aos quatro de Fevereyro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joam Annes pera que syrva de jurado este anno presente na freyguesya de Besteiros d'Aguyar e asy Myguel Diaz jurado da freyguesya da Parada d'Aguiar Luis Eannes jurado da freyguesya da Gandara aos quaes pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos em que poserão suas maãos e pera que bem e

[405] O sinal é um círculo.

verdadeiramemte syrvão de jurados nas dictas freyguesyas este anno presemte guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado escryvão da camara.

[*assinaturas:*]
LUIS + EANNES
MY+GUEL DIAZ
JOA[*Um sinal*][406]NE Annez

[*fl. 311*] Jurados

Aos quatro dias do mes de Janeyro do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Joam Annes morador em a freyguesya de Lavra pera que syrva de jurado este anno presemte e a João Gonçalvez de Cabanelas jurado de Cabanelas e João Afonso jurado de Candaall e Francisco Gonçalvez jurado de São Mamede de Coronado e João Pirez de Farancelos jurado da Ordem e Pedro Pirez jurado da freyguesya de São João de Reffoyos e João Gonçalvez jurado de Rebordosa e Domyngu' Eannes jurado da freyguesya de Peraffyta e Jorge Annes de Freyxeeyro jurado de Peraffita Domingu' Eannes e João Martinz jurados da freyguesya d'Aveleda e Pedro Pirez de Follgosa e Joannes Annes jurado de São Martinho [*fl. 311 v.*] de Covelas e João Pirez morador em Barros de Samta Maria de Vougado e os sobredictos prometerão fazer verdade em seus officyos e guardar o servyço d'Ell-Rey Noso Senhor e as

[406] O sinal é uma cruz no interior de um círculo.

partes seu direito o que prometerão fazer e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
JOÃO + ANNES
JO+ÃO GONÇALVEZ
PEDRO X PIREZ
JOA+M EANNES
JOA+M AFONSO
JOR+GE ANNES
DOMYM+GUOS EANNES
PEDRO X PIREZ
JOÃO + MARTINZ
FRANCISCO + GONÇALVEZ
JOÃO [*Um sinal*][407] GONÇALVEZ
JOÃO X PIREZ
BENTO + DIAZ
JOÃO + PIREZ

[*fl. 312*] Jurados

Aos quinze dyas do mes de Fevereyro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollos vereadores desta cydade do Porto em camara foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Afonso jurado de Vermoim e a Joaom Allvarez de Samta Luzia do Monte Corvo e Gonçalo Pirez jurado de Canelas de Gaya e João Allvarez jurado d'alldea da Lagoa de Samtiago de Vougado e Dioguo

[407] O sinal é uma tesoura.

Diaz de Paez jurado da Lavra e Antonio Annez jurado outro sy da Lavra e Sallvador Annes da mesma freyguesya Dioguo Lourenço jurado de Samta Maria de Lordello e Adão Rodrigez jurado dos pryvylegyados de Samffins e Jeronymo Jorge jurado de São João de Covas e Dioguo Pirez jurado de Mourys e asy João Fernandez jurado de Lordello e asy João Gonçalvez jurado dos pryvylegyos de Valadares e Gonçalo Martinz jurado de [...] jurado das [. ..]. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
JERONIMO JOR+GE
JOÃO + ALLVAREZ
JOÃO + FERNANDEZ
[...] [...]
GONÇALO + PIREZ
JOÃO ALLVAREZ
[...] [...]
PEDRO AFONSO
DIXOGUO DIAZ
[...] [...]

[*fl. 312 v.*] Pedro Gonçalvez jurado de Lordelo

Aos dezanove de Julho de mill V^{c} L^{ta} e nove annos pollo juiz e vereadores foy dado juramemto dos Samtos Avamgelhos a Pedro Gonçalvez morador em Lordello pera que syrva de jurado este anno presemte de jurado guardando a Ell-Rey Noso Senhor seu servyço e as partes seu direito o que prometeo fazer e asynou. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 316*][408] Obrigação de Gonçalo Pirez morador em Romariz da juraria da tera da Feyra de Carniceiros

Aos vynte e nove dias do mes de Novembro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e casa da camara dellaa estando hy Antonyo Rodrigez Dyoguo Leyte d'Amarall Antonyo de Sousa Allcofforado e Antonyo Corea vereadores e Cosme Aranha procurador da cydade perante elles pareceo Gonçalo Pirez morador em Romariz da tera da Feira merchante e dise a elles juiz e vereadores como querya trazer a cortar a esta cydade de certos porquos.

[*fl. 321 v.*][409] Conhecimento que derão o juiz e vereadores [...] Andrade na Rua de Sa' Myguel

Aos vynte e oito de Janeyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação dellaa estando hy o licenciado Nuno Rebello juiz de fora Dyoguo Brandão Sanches o doutor Denis Pirez Pinto Vasco Leyte Pamplona vereadores e bem asy Costodyo Corea procurador da cydade dehante eles pareceo Joam Fernandez calceteiro morador na Rua de Sa' Myguel e dise que ele estava aotorizado pera comprar a Francisquo Varela cydadão desta cydade e nela morador huas [*casas*] sytas na Rua de Sa' Myguel que parte da parte de bayxo com as casas de João Lopez callceteiro e de cima com as casas de Isabel [*fl. 322*] de Isabel [*sic*] Afonso veuva e estava concertado e dar por elas com seu enxydo de traz quinze myl reaes as quaes casas paguo de foro cada anno cinquemta reaes

[408] Os fólios entre o 313 e o 315v. estão em branco apenas assinada no canto superior direito pelo doutor Denis Pires Pinto.

[*per*]a cydade e loguo eles juiz e vereadores derão juramemto dos Samtos Avamgelhos ao dicto Joam Fernandez se deva polas casas que os dictos quinze mill reaes e ele dise pollo dicto juramemto que tomou dise que não dava mays que os dictos quinze mill reaes e loguo os dictos juiz e vereadores lhe cometeram a dicta compra contando que pagase a dominio ao tesoureiro da cydade que feyta mandou vyr ao domynio trezentos e setenta e cinquo reaes que loguo recebeo Joam Diaz cydadão ao tesoureiro della lhe forão carregados a receita pello escryvão da camara que este consentimento fez e pera a paga e foro da dicta cydade dise que renunciava todos os prevylegyos hy lyberdades que tevese e podese ter e que consente [*fl. 322 v.*] e queria ser apresentado pollos oficyaes da cydade e mamdarão fazer este acordo e o asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
JOÃO FERNANDES[410]

[*fl. 323*] Consentimemto que deraão os vereadores a Manoel Bentalhado pera comprar hums muitos pardyeiros na Rua de Sa' Myguel das trynta casas a Byatryz de Paaz filha de Dioguo de Paaz o Velho e da outra metade lhe fez seu pay Anrique Bentalhado doação.

Aos vynte e dous de Fevereyro do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação della estando hy Dioguo Brandão Sanches o doutor Denis Pirez Pinto Vasco Leyte vereadores e Costodio Corea procurador da cydade perante elle pareceo Manoel

[409] Os fólios entre 316v. e o 321 estão em branco apenas assinada no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.
[410] Por baixo da assinatura está escrito *"1559 annos"*.

Bentalhado morador nesta cydade ao pee das Alldas e dise a eles vereadores como ele esteva concertado a comprar huns muitos pardyeyros que estavão sitos na Rua de Sa' Myguel que de hua parte parte com as casas de Bastião Pirez mestre de ensynar moços e da outra com casa dos erdeyros de mestre Manoel [...] a cydade [...] todas trynta casas lhe deva o seu dono delas que era Byatryz de Paaz filha de Dyoguo de Paaz o Velho quatro myl reaes que lhes requerya lhe desem consentimento de ela e a dicta compra [...] [*fl. 323 v.*] per eles vereadores lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos se era verdade que as comprara por quatro mill reaes e se entrava outra cousa allgua he ele jurou que não dava mays que os quatro mill reaes de foro pera ellaa e que o outro meio pardyeiro era seu par lho dava lyvremente lhe fazia doação dele o que asy dezia pagar na verdade pollo juramemto que tynha recebido que outro sy requeria consentimemto as dictas tres pagaram e [...] por eles vereadores lhe derão a todo consentimento contando que pagase o domynyo ao procurador da cydade que feyta [...] os quaes loguo recebeo Joam Diaz procurador e lhe forão carregados [...] e o dicto Manoel Bemtalhado dise que pera a pagar da pensão dos dictos pardyeiros renunciava a todo o prevylegyo o tevese e podese ter e contente de ser penhorado polo procurador da cydade e o-[*fl. 324*]ficyaes Villaa e mandarão fazer asento de consentimento. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
DIOGUO BRANDÃO SANCHES
Doutor DINIS PIRES PINTO
VASCO LEITE
MANOEL BENTALHADO

[*fl. 324 v*] Consentimento que derão os vereadores a Brytez Lopez moradora em Lysboa veuva de Vasco Preto

Aos quatro dyas do mes de Março do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara delaa estando hy Dioguo Brandão Sanches o doutor Denis Pirez Pinto e Vasco Leyte vereadores perante elles pareceo Baltasar Lopez capelão d' Ell-Rey Noso Senhor abade de Burgães e dise a eles vereadores que sua irmãa Brytez Lopez veuva moradora em Lysboa estava concertada pera comprar a Isabel Nunez outra sy veuva molher de Jorge Garces moradora na Rua de Sa' Myguel hua morada de casas sytas na dicta Rua foreyras a cydade com foro em cada hum anno em cento e cinquo reaes as quaes casas comprava por preço de sesemta mill reaes de que apresentou hum estormento de carta de venda das dictas casas e parte de hua parte [*fl. 325*] d'Eytor Lopo organysta e da outa parte os pardyeiros de Ines Garces e por detras seu enxydo que vay emtestar nas bareyras e por adyante ser Rua pubryca pedindo a eles vereadores desem consentimemto a dicta venda e aceitasem per caseyra a dicta Brytez Lopez e vindo por eles vereadores lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos que syrva a venda em mays que nos dictos sesemta mill reaes e por ele jurar que não lhe derão consentimemto e não darão que pagase o dominio o quall loguo pagou ao procurador da cydade e foy sobre ele carregado em receita e o mandarão asy escrever e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 325 v.*] Consentimento que pedirão aos vereadores allvara pera comprar huas casas a Belmonte

Aos sete dyas do mes de Junho do anno de mill quinhemtos e cinquemta e nove anos nesta cydade do Porto e camara della estando hy Antonio

Rodriguez Dioguo Leyte juizes e vereadores Antonio de Sousa e Antonio Corea vereadores perante eles pareceo Allvar' Eannes morador ao Padrão de Belmonte e dyse que ele dava em estando concertado e comprara per arrematação huas casas he estando ao Padrão de Belmonte que partem de hua parte d' Anrique Bentalhado e da outra d'Anrique Gomez em que ora vyve Estevão Diaz que são de Maria de Sousa veuva molher que foy de Manoel Pero Bentalhado por [*fl. 326*] preço de sesemta mill reaes e os dictos juizes e vereadores lhe deraão juramemto dos Samtos Avamgelhos que declarase se dava allgum dinheiro mays e ele jurou aos Samtos Avamgelhos que não dava mais de sesemta mill reaes e [...] per eles juizes e vereadores lhe deraão consentymemto pera a dicta compra ao tanto que pagase o domynyo ao tesoureiro da cydade que loguo pagou e foy caregado sobre ele em receita mill e quinhemtos reaes e mandarão fazer este asento e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy o quall mostrou hua carta de venda.

[*assinaturas:*]
ANTONIO RODRIGUEZ
ANTONIO COREA
ANTONIO ALLCOFORADO

[*fl. 326 v.*] Consentimemto que derão os juizes e vereadores a Manoel Allvarez oryvez morador a Fonte Aurina

Aos vynte e hum dyas do mes de Junho do anno de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos nesta cydade do Porto e camara da vereação della estando hy Symão Corea e Antonio Rodrigez juizes e vereadores e Antonio Corea vereador perante eles pareceo Manoel Allvarez oryvez morador na Rua

da Fonte Aurina e dise a eles juizes e vereadores como ele comprara hua botyca em que ora vive pera seu lugar Jorge da Sylva que esta ao pee da escada que vay pera a Nosa Senhora da Rybeyra e da parte de bayxo das outras botycas pera com a botyca de Manoel Sanches a qual botyca tem parte pera a dicta e sai-[*fl. 327*]da do dicto muro e que ele a comprara a Manoel Cortes morador na Rua de São Nycolao e lhe dera por ela trynta mill reaes e pagara de domynyo setecentos e cinquemta ao tesoureiro pasado e sobre ele forão caregados em [...] peramte Gaspar Riscado escrivão da camara e por quanto ele depoys de ter consentimemto a taall compra dos vereadores pasados e ter pago o taall domynyo por negoceos que lhe [...] derão e ocupações e camynhos que fez a Lysboa e outras partes não requeira este termo de consentimemto por ter pago ao tesoureiro pasado seu domynyo como constava do lyvro da receyta do dicto tesoureiro pasado ter pago setecemtos e cinquemta reaes e loguo os dictos juizes virão per senso lhes a dicto termo e asento e vyrão como estava carregado sobre o tesoureiro do anno pasado [*fl. 327 v.*] [...] e fezerão pagar mym escryvão se lhe foy dado ao dicto Manoel Allvarez o tall consentimemto pollos vereadores pasados e por lhe ser dado foy que lhe fora dado lhe derão juramemto dos Samtos Avamgelhos de novo que quanto dera pola dicta botyca e ele jurou que trynta mill reaes e [...] todo por eles juizes e vreadores lhe derão o dicto consentimemto e mandaram fazer este termo e assento no quall o dicto Manoel Allvarez dise que pera a paga de mill e cem reaes que era obrygado pagar em foro a cydade no dicto anno de mill e cem reaes renuncyava todos e quaes prevylegyos que tevese e podese ter pera a paga dos dictos mill e cem reaes renuncyava todos e quaes prevylegyos que tevese e podese ter com todos [*fl. 328*] derão o dicto consentimemto ao dicto Manoel Allvarez por elle dizer que pera a paga do tall foro contente de ser penhorado e [...] pollos officyaes desta cydade e mandarão fazer este asento e asynarão com o dicto Manoel Allvarez. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinaturas:*]
ANTONIO COREA
ANTONIO RODRIGUEZ
MANOEL ALLVAREZ

[*fl. 328 v.*] Aos dous dias do mes de Outubro de mill V^{c} L^{ta} e nove annos estamdo na camara da vereação Antonio Rodrigez juiz e vereador e Symão Corea vereador Cosme Aranha procurador da cydade a dicta camara veo hem nome de Dona Jeronyma e a ella trouxe mill reaes do dominio da [...] que fez Dona Jeronyma de huas casas e emxido syto na Rua do Codesall no que compra a Pero de Salamamqua Maria [...] os quaaes mill reaes recebeo loguo Manoell Gonçalvez tesoureiro da dicta cydade e fiquam caregados sobre elle tesoureiro em receita per mym escrivão no lyvro de seu recebymemto porque elle me deram licemça a dicta Dona Jeronyma pera comprar a dicta e emxydo e asy jurou Pero de Salamamqua que não vemdera a dicta casa e emxydo por mais preço de quaremta mill reaes que em o dicto dominio mill reaes e mamdaram asy escrever e aceptase por caseira da dicta casa e emxydo a dicta Dona Jeronyma com foro de oyto reaes cada anno e o dicto Pero de Salamamqua pagara de hum pedaço do emxydo [...] que lhe ficou do dicto prazo e fez asy dise os que de toda a propryedade pagava e escreverão. Pamtalyam Carneiro escrivão da camara que ho escrevy risquey Dona Jeronyma.

[*assinaturas:*]
ANTONIO RODRIGEZ
SYMAM COREA

Aos sete de Outubro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos Antonio Rodrigez e Simão Corea vereadores deram comta a Dioguo Leyte vereador do comteudo acima a ser ysto e elle dise que não avya por boom e asynarão. Gaspar Riscado o escrevy.

[*assinatura:*]
DIOGO LEITE DO AMARALL

[*fl. 329*] Allmotace da Tera Nova e Povoaçam Nova de Gaya

Aos XVI dias do mes de Setembro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove annos estamdo na camara da vereação da cydade do Porto Antonio Rodrigez Diogo Leyte juizes e vereadores vem Symão Corea vereador peramte elles pareceu Gonçalo Martinz olleiro morador na povoaçam Nova de Gaya e dise que elle fora emlleito pellos moradores da dicta povoaçam Nova pera servyr d'allmotace os meses de Setembro presemte e o de Outubro que elle vynha tomar juramemto e elles lhe deram juramemto dos Samtos Avamgelhos que elle bem e verdadeiramemte servya d'allmotace estes dous meses guardando o servyço d'Ell-Rey Noso Senhor e o direito as partes e elle sob o dicto carego de juramemto o prometeo fazer asy e asynou e asy lhe mamdaram que acabamdo o seu tempo elle fara a emlleição dos allmotaces que hade servyr estamdo presemte escrivão que tome as vozes e o que ouver de servyr trara certidam fecta pello dicto escrivão como foi emlleito pellos moradores da dicta povoaçam Nova o que todo lhe mamdaram com pena [...] e daquy por diamte semper se fara estamdo eu escrivão nem que tome as vozes. Pamtalyam Carneiro escrivão da camara que o escrevy.

[*assinatura:*]
[*Um sinal*][411]

[*fl. 331*][412] Aos XXIII do mes de Setembro do anno de mill V^{c} L^{ta} e nove Diogo Leyte do Amarall juiz e vereador Symão Corea vereador queremdo elles prover como na cydade ouvese quadrelheiros nas ruas da dicta cydade pera que acodisem e prendesem os malfeitores loguo elles mamdaram chamar Francisco Allvarez allfaite e Antonio Pirez ambos moradores na rua Chaã e que deram juramemto dos Samtos Avamgelhos que bem e verdadeiramemte servyam de quadrelheiros a saber: Antonio Pirez da sua porta ate a de João Rodriguez dese e o dicto Francisco Allvarez da sua porta ate a Porta de Nosa Senhora de Bandoma guardando o servyço d'Ell-Rey Noso Senhor e seram estes tres annos porteiros seguimtes e asynarão. Pamtalyão Carneiro que ho escrevy e disem que Pedro Annes [*ha*] annos [*que*] serve de quadrelheiro da vyela da cadeia te porta de João Rodriguez desa e asynou e [...] de Francisco Pirez.

[*assinatura:*]
PEDR'EANNES
FRANCISCO ALLVAREZ

E loguo no dicto deram juramemto dos Samtos Avamgelhos com estes tres meses da Pomte Nova ate o Espitrall de Santa Crara e asynou Pamtalyão Carneiro que o escrevy.

---

[411] O sinal é uma cruz.
[412] Os fólios entre 329v. e o 330v, estão em branco apenas assinados no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.

[*fl. 331 v.*] E no dicto dia deram juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gaspar Gonçalvez çapateiro e Luis Pereira çapateiro que elles ambos foram quadrelheiros [...] da Rua Nova ate a Vyla do Forno da Ribeira e servyam estes annos e asynaram. Pamtalyam Carneiro que ho escrevy.

[*assinaturas:*]
GASPAR + GONÇALVES
LUIS PEREIRA

E no dicto dia deram juramemto dos Samtos Avamgelhos a Bertollameu Gonçalvez barbeiro que elle servya de quadrelheiro na Praça da Rybeyra estes tres annos e asynou. Pamtalyam Carneiro que ho escrevy.

[*assinatura:*]
BERTOLLAMEU + GONÇALVEZ

E no dicto dia deram juramemto dos Samtos Avamgelhos a Luis Gonçalvez barbeiro que elle servya de quadrelheiro na Praça da Rybeyra estes tres annos. Pamtalyam Carneiro que ho escrevy e elle asynou.

[*assinatura:*]
LUIS + GONÇALVEZ

E no dicto dia deram juramemto dos Samtos Avamgelhos a Manoell Lopez morador que elle servya de quadrelheiro na Rua da Pomta de Cyma estes tres annos presemtes seguimtes e asynou. Pamtalyam Carneiro escrivão que ho escrevy.

[*assinatura:*]
MANOELL LOPEZ

Em os XXVII dias do dicto mes de Setembro estamdo os juizes e vereadores em camara prometeo o dicto Manoell Lopez saber se avia [...] na rua outrosym mais velhos e elle o alliviaram e que não [...] a servyr e que [...]. Pamtalyam Carneiro o escrevy.

E no dicto dia deram juramemto dos Samtos Avamgelhos a Gonçalo Andre allfayte que elle dise a Pero Ferreira tanoeiro que elle servya de quadrelheiro na Rua de [...] estes tres annos seguimtes ate porta de Joam Fernandez e elle asynou. Pamtaliam Carneiro o escrevy.

[*assinatura:*]
PERO + FERREIRA

[*fl. 345 v.*][413] Aos dezoyto de Novembro de mill e quinhemtos e cinquemta e nove annos [...] Cosme Aranha procurador tanto que tomou o juramemto que desem juramemto a Costodyo Corea procurador que acabava que ela que antes tinha penas da cydade que ficase em aberto pera as rogar o que asy roguou aos vereadores e de como asy requereo regymento a mym escryvão que fezese este termo como ao dicto Costodio dezia que não tinha nada. Gaspar Riscado o escrevy.

[*fl. 346 v.*][414] Tem este livro tresentas e quarenta e seis folhas. Porto 7 de Maio de 1867[415]

Este livro he dos acordos desta cydade do Porto deste anno que começou o primeiro dia de Janeyro deste anno de L^ta^ IX e acabara per fim de Dezembro do anno de V^c^ L^ta^ IX annos e tem sete cadernos os quatro de L^ta^ folhas cada hum e os outros tres de XLVIII^o^ folhas cada hum e sam em soma tresentas e XL^ta^ e quatro folhas toda asynadas per mym doutor Denis Pirez Pinto vereador e juiz em ella qual asyney na dicta cydade a dous de Janeiro de mill V^c^ L^ta^ IX annos.

[*assinatura:*]

O doutor Denis Pirez Pinto

[413] Os fólios entre o 331v. o e 345 as folhas estam em branco apenas assinadas no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.
[414] Está escrito em letra diferente. O fólio 346 está em branco apenas assinado no canto superior direito pelo doutor Dinis Pires Pinto.
[415] Segue-se uma assinatura ilegível.

Índice de Gráficos e Quadros

Índice de Gráficos e Quadros

Gráficos

Gráfico 1 39
Gráfico 2 40

Quadros

Quadro 1 38
Quadro 2 40
Quadro 3 41
Quadro 4 48
Quadro 5 49
Quadro 6 55
Quadro 7 56
Quadro 8 57
Quadro 9 59
Quadro 10 68
Quadro 11 69
Quadro 12 71
Quadro 13 72
Quadro 14 77
Quadro 15 79
Quadro 16 80
Quadro 17 82
Quadro 18 83-88
Quadro 19 88-90
Quadro 20 93

Quadro 21 94-95
Quadro 22 118
Quadro 23 131

Fontes e Bibliografia

1. Fontes

1.1 Fontes Manuscritas

Livro 21 de Vereações (1559), Arquivo Histórico Municipal do Porto.

1.2. Fontes Impressas

DIAS, Francisco – *Memórias Quinhentistas dum Procurador Del-Rei no Pôrto*, prefácio e notas finais de Artur de Magalhães Bastos, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto IV, C.M.P., Porto 1937.

CRUZ, António Augusto Ferreira da - *Forais Manuelinos da Cidade e Termo do Porto Existentes no Arquivo Municipal*, G.H.C., Porto 1940.

Ordenações Afonsinas, reprodução fac-similada da edição feita na Real Imprensada da Universidade de Coimbra de 1792, Fundação Calouste Gulbenkian, 5 volumes, Lisboa 1984.

Ordenações Manuelinas, reprodução fac-similada da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra de 1792, Fundação Calouste Gulbenkian, 5 Vol., Lisboa 1992.

CASTRO, Armando de - *Privilégios dos Cidadãos da Cidade do Porto*, I.N.C.M., Lisboa 1987.

SOUSA, Frei Luís de – *Anais de D. João III*, prefácio e notas do prof. Rodrigues LAPA, Vol. II, 2ª Ed., Livraria Sá da Costa Editores, Lisboa 1954.

BASTO, Artur de Magalhães - *"Vereaçoens". Anos de 1390 – 1395. O mais antigo dos Livros de Vereações do Município do Pôrto existentes no seu Arquivo*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto II, C.M.P..

DUARTE, Luís Miguel; MACHADO, João Alberto - *"Vereaçoens" 1431-1432*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XLIV, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto 1985.

2. Bibliografia

2.1. Obras Auxiliares

COSTA, Padre Avelino de Jesus da – *Normas Gerais para Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 5ª Ed., F.L.U.C., Instituto de Paleografia e Diplomática, Coimbra 1993.

Dicionário Etymológico, Prosódico e Orthográphico da Língua Portuguesa, coord. de J. J. da Silva Bastos, 2ª Ed., Lisboa 1928.

Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel SERRÃO, Livraria Figuirinhas, Porto 1971.

Dicionário de Sinónimos, 2ª Ed., Porto Editora, 1977.

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Guia do Estudante de História Medieval*, 3ª Ed., Editorial Estampa, Lisboa 1988.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e hoje regularmente se ignoram*, 2 Vol., Livraria Civilização, Porto/ Lisboa 1962.

2.2. Estudos

ALBERTO, Edite – *Mamposteiros e Alfaqueques – Duas profissões fundamentais na sociedade do século XVI* in "Encontro Sobre as Transformações na Sociedade Portuguesa 1480-1570", Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, Lisboa 1996, págs. 1-11.

ALMEIDA, Fortunato – *História de Portugal*, Tomo III e VI, Coimbra 1925

ANDRADE, Amélia Aguiar – *Um Percurso Através da Paisagem Urbana Medieval*, (Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa) Universidade Católica, Lisboa 1987.

ARAÚJO, Jorge Filipe Pereira de – *Administração Municipal do Porto (1508-1511)*, dissertação de Mestrado, F.L.U.P., Porto 2001.

AZEVEDO, José Lúcio de – *Organização Económica* in "História de Portugal", Vol. III, dir. de Damião PERES, págs. 647-649.

BARROS, Amândio Jorge Morais – *A Procissão do Corpo de Deus do Porto nos séculos XV e XVI: A Participação de uma Confraria* in "Revista da Faculdades de Letras – História", II série, Vol. X, Porto 1993, pág. 118.

BASTOS, Artur de Magalhães – *Estudos Portugueses*, Vol. I, Biblioteca Municipal do Porto, Porto 1962.

-- *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Vol. I, Ed. da Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1934.

-- *Os Diversos Paços do Concelho da Cidade do Porto,* in "Vereaçoens – anos de 1390-1395", Col. Documentos e Memórias para a História do Porto II, C.M.P., págs. 247-267.

-- *Moralidades e Costumes Portuenses no Século XVI* in "Estudos Portuenses", Vol. I, C.M.P., Porto 1962, págs. 104-105.

BEIRANTE, Maria Ângela – *O Resgate de Cativos nos Reinos de Portugal e Algarve (Séc. XII-XV),* in " Actas das III Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia", Câmara Municipal de Loulé, 1989, pág. 274.

BRITO, Pedro – *Patriciado Urbano Quinhentista: As Famílias Dominantes do Porto (1500-1580)*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto L, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto 1997.

BORGES, Major António G.G. –*História da polícia do Porto*, Ed. do Autor, Porto 1980.

CARVALHO, Sérgio Luís – *Cidades Medievais Portuguesas. Uma introdução ao seu estudo*, Col. Perspectivas Históricas, Livros Horizonte Lda., Lisboa 1989.

COELHO, Maria Helena da Cruz; MAGALHÃES, Joaquim Romero de – *O Poder Concelhio: Das Origens às Cortes Constituintes. Notas da História Social*, Ed. da C.E.F.A., Coimbra 1986.

COSTA, Adelaide Lopes Pereira Millan da - «Vereação» e «Vereadores» O Governo do Porto en finais do século XV, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XLIX, Arquivo Histórico, C.M.P., 1993.

COUTO, P. Luís de Sousa – *Origem das Procissões da Cidade do Porto*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto, C.M.P..

CRUZ, António – *Evolução Topográfica da Cidade durante o século XVI* in "História da Cidade do Porto", Vol. II, Portucalense Editora, Porto 1965, pág. 147.

-- *Os Mesteres do Pôrto. Subsídios para a História das Antigas Corporações dos Ofícios Mecânicos*, Vol. I, Ed. do Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdência Social, Porto 1943.

-- *Actividade das instituições: a) A reforma do foral; b) A reorganização da Casa dos Vinte e Quatro* in "História da Cidade do Porto", Vol. II, Portucalense Editora, Porto 1965, págs. 208-209.

CRUZ, Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de Azevedo – *As Regências na menoridade de D. Sebastião. Elementos para a história estrutural*, Temas Portugueses, I.N.C.M., 1992, ISBN 972-27-0527-X.

DIAS, João José Alves – *Gentes e Espaços (em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI)*, Ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, ISBN 972-31-0710-4.

DIAS, Sebastião da Silva – *A política cultural da época de D. João III*, vol. I e II, Coimbra 1969.

DUARTE, Luís Miguel; Barros, Amâmdio Jorge Morais – *Corações aflitos: navegação e travessia do Douro na Idade Média e o início da Idade Moderna*, in "Douro – Estudo & Documentos", Vol. II (4), 1997 (2º), págs. 77-118.

-- *Um burgo medieval que muda de senhor. Episódios da vida do Porto medievo*, in "Ler História", nº 5, 1985, pág. 12.

FARINHA, António Dias – *A Política de D. João III em Marrocos* in "História da Expansão Portuguesa", dir. de Francisco BETHENCOUT e Kirti CHAUDHURI, Vol. I, Ed. do Círculo de Leitores, Navarra 1998, ISBN 972-42-1600-4, pág.131.

FERREIRA, J. A. Pinto – *O Porto e a Residência de Fidalgos*, in "Boletim Cultural", C.M.P, Vol. XI, fasc. 3-4, Setembro a Dezembro de 1948, pág. 272.

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão – *Gerir e julgar em Guimarães no século XV – Subsídios para o Estudo dos Ofícios Públicos*, A.M.G., Braga 1993.

GODINHO, Vitorino Magalhães – *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. III e IV, 2ª Ed., 1982.

GONÇALVES, Iria – *Para o estudo da área de influência do Porto nos fins do Século XIV* in "Um olhar sobre a cidade medieval", Patrimonia Hiatorica, Série: Estudos, Cascais 1996, ISBN 972-744-019-3, pág.145.

--As festas do Corpus Chisti do Porto na segunda metade do século XV: A participação do Concelho in "Um olhar sobre a cidade medieval", Patrimonia Histórica, Série: Estudos, Cascais 1996, ISBN 972-744-019-3, págs. 153-167.

-- *Defesa do consumidor na cidade medieval: Os produtos alimentares (Lisboa – séculos XIV-XV)* in "Um olhar sobre a cidade medieval", Patrimonia Histórica, Série: Estudos, Cascais 1996, ISBN 972-744-019-3, págs. 97-145.

-- *As Finanças Municipais do Porto na Segunda Metade do Século XV*, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XIV, Arquivo Histórico, C.M.P., Porto 1987.

GOUVEIA, António Camões – *Controlo do Tempo* in "História Religiosa de Portugal", coord. de João Francisco MARQUES e António Camões GOUVEIA, Vol. II, Ed. do Círculo de Leitores S.A. e Autores, Lisboa 2000, ISBN 972-42-2359-0, págs. 319-320.

HERCULANO, Alexandre – *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. 18, Ed. Círculo de Leitores, 1987.

JUNQUEIRO, Maria Clara – *Marrocos na política expansionista portuguesa (1481-1578)* in "História de Portugal", dir. de José Hermano SARAIVA, Publicações Alfa, Ed. das Selecções do Reader's Digest, 1983, págs. 517-525.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo Moderno*, Ed. fac-similada da Cota d'Armas Editores e Livreiros.

LOUREIRO, Francisco de Sales – *D. Sebastião e Alcácer Quibir* in "História de Portugal", dir. de José Hermano SARAIVA, Publicações Alfa, Ed. das selecções do Reader's Digest, 1983, págs. 532-534.

MACHADO, Maria de Fátima Pereia – *O Porto de D. Manuel a D. João III (1518-1530)*, dissertação de Mestrado, F.L.U.P., Porto 1997.

MAGALHÃES, Joaquim Romero de – *D. João III* in "História de Portugal", dir. José MATTOSO, Vol. III, Editorial Estampa, ISBN 972-0924-6, pág. 535.

-- *A Fazenda* in "História de Portugal", dir. de José MATTOSO, Vol. III, Editorial Estampa, ISBN 972-0924-6, págs. 94-98.

-- *Os Concelhos* in "História de Portugal", dir. de José MATTOSO, Vol. III, Editorial Estampa, ISBN 972-0924-6, pág. 176.

MARQUES, A. H. de Oliveira – *História de Portugal*, Vol. I, 12ª Ed., Lisboa 1985.

MARQUES, A. H. de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia Aguiar – *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas (Século XII-XV)*, Vol. I, 1ª Ed., Série: História Medieval-1, 1990, ISBN 972-667-111-6.

MARQUES, José – *A Assistência aos Peregrinos no Norte de Portugal, na Idade Média*, in "Revista de História", Centro de História da U.P., Vol. XI, I.N.I.C., Porto 1991, págs. 9-22.

MARTINS, Oliveira – *História da Civilização Ibérica*, Lisboa 1879.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *O central, o local e o inexistente regional* in "História dos Municípios e do Poder Local [Dos finais da Idade Média à União Europeia]", dir. de César de Oliveira, Ed. do Círculo de Leitores, 1996, ISBN 972-42-1300-5, págs. 84-85.

MORENO, Humberto Baquero – *A presença dos Corregedores nos Municípios e os conflitos de Competências (1332-1459)*, in "Revista de História", Vol. IX, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centros de Estudos da U.P., Porto 1989, págs. 77-79.

-- *A importância da Almocrevaria no Desenvolvimento dos Concelhos durante a Idade Média* in "Os Municípios Portugueses nos Séculos XIII a XVI – Estudos de História", 1ª Ed., Editorial Presença, Lisboa 1986, págs. 167-171.

-- *A Acção dos Almocreves no Desenvolvimento das Comunicações Inter-Regionais nos Fins da Idade Média*, Brasília Editora.

OLIVEIRA, Julieta Teixeira de – *Veneza e Portugal no séc. XVI. Susídios para a sua História*, C.N.C.D.P., I.N.C.M., Lisboa 2000, ISBN 972-27-10006-0.

PASSOS, Carlos de – *O Campo de Mijavelhas e a Quinta do Reimão*, in "Boletim Cultural" da C.M.P., Vol. XVIII, Março – Julho 1955, fasc. 1-2, pág. 85.

PEREIRA, Firmino – *O Porto d'outros tempos. Notas Históricas – Menórias – Recordações*, Livraria Chardron, Lelo e Irmão, Porto 1914.

SÁ, Isabel dos Guimarães – *Assistência – Época Moderna e Contemporânea* in "Dicionário de história Religiosa de Portugal", dir. de Carlos Moreira AZEVEDO, Ed. do Círculo de Leitores AS. e Centro de Estudos de História Religiosa da universidade Católica Portuguesa, 1ª Ed., 2000, ISBN 972-42-2313-2, págs. 140-141.

SANTOS, João Marinho dos – *A construção do Império* in "Memória de Portugal. O Milénio Português", (Centro de Estudos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa) coord. geral Roberto CARNEIRO, coord. científico Artur Teodoro de MATOS, Ed. do Círculo de Leitores, 2001, ISBN 972-42-2594-1, pág. 283.

-- *A cana e o Atlântico* in "Memória de Portugal. O Milénio Português", pág 286.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, Vol. III, 2ª Ed., Editorial Verbo, 1988.

SILVA, Francisco Ribeiro – *O Porto e o seu Termo (1580-1640). O Homens, as Instituições e o Poder*, Vol. I e II, Col. Documentos e Memórias para a História do Porto XLVI, Arquivo Histórico, C.M.P.,Porto 1988.

-- *Níveis de Alfabetização de Oficiais Administrativos e Judiciais dos Concelhos de Refojos de Riba d'Ave da Maia, na 1ª Metade do Séc. XVII*, in "Separata das Actas do Colóquio de História Local e Regional", Santo Tirso 1979, págs. 307-336.

--*A Alfabetização no Antigo Regime. O caso do Porto e da sua região (1580-1650)*, in "Revista da Faculdade de Letras – História", II série, Vol. III, Porto 1986, págs. 101-160.

-- *A Casa dos Vinte e Quatro* in "História do Porto", dir. de Oliveira RAMOS, 3ª Ed., Porto Editora, ISBN 972-0-06276-2, pág. 332.

SOARES, Torquato Brochado de Souza – *Subsídios para o Estudo da Organização Municipal da Cidade do Porto durante a Idade Média*, Ed. fac-similada (subsidiada pelo BPA), Livraria Civilização, Barcelos 1989.

SOUSA, Armindo de – *Tempos Medievais* in "História do Porto", dir. de Oliveira RAMOS, 3ª Ed., Porto Editora, ISBN 972-0-06276-2, págs. 122-187.

-- *Conflitos Entre o Bispo e a Câmara do Porto nos meados do século XV*, C.M.P., Porto 1983.

SOUTO, A. Meyrelles do – *Em Redor do Corpus Chisti no Porto* in "Boletim Cultural", C.M.P., Vol. XXX, Março - Junho 1967, fasc. 1-2, págs. 282-283 .

VELOSO, J. M. de Queiroz – *Na menoridade de D. Sebastião: regência de D. Catarina de Áustria*, in "História de Portugal", dir. de Damião Peres, Vol. V, págs. 26-27.